U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A Produção Moderna em Esposende

Viana de Lima e Sergio Fernandez na Urbanização das Dunas do Suave Mar

Jorge Daniel Gonçalves Carreiras

M

2023

U.PORTO

Jorge Daniel Gonçalves Carreiras. A Produção Moderna em Esposende: Viana de Lima e Sergio Fernandez na Urbanização das Dunas do Suave Mar

A Produção Moderna em Esposende: Viana de Lima e Sergio Fernandez na Urbanização das Dunas do Suave Mar

Jorge Daniel Gonçalves Carreiras

M.FAUP **2023**

FACULDADE DE ARQUITETURA

A PRODUÇÃO MODERNA EM ESPOSENDE

Viana de Lima e Sergio Fernandez na Urbanização das Dunas do Suave Mar

Jorge Daniel Gonçalves Carreiras

Orientação por

Prof. Doutor António Luís Pereira da Silva Neves

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – 2023

"Um dos passeios que mais gosto de dar é ir a Esposende ver desaguar o Cávado. Existe lá um bar apropriado para isso. Um rio é a infância da água. As margens, o leito, tudo a protege. Na foz é que há a aventura do mar largo."[1]

Fig. 1 - Suave Mar, vista do bar da praia para a foz do Rio Cávado. Postal de Esposende.

[1] BELO, Ruy *apud* NEIVA, Manuel Albino Penteado - Esposende: páginas de memórias, p. 10.

Nota prévia

O presente trabalho corresponde à Dissertação de Mestrado Integrado da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, foi utilizada a Norma Portuguesa (NP 405) para a referenciação bibliográfica e a escrita foi elaborada segundo o novo acordo ortográfico, com exceção às citações que se mantiveram segundo a escrita original.

Agradecimentos

Este trabalho contou com o apoio de várias pessoas e entidades que, pela sua fundamental contribuição, merecem os meus maiores agradecimentos:

Ao Professor Doutor António Neves, orientador da presente Dissertação, pela sua disponibilidade, acompanhamento e confiança que empenhou ao longo de todo o trabalho. Pela partilha de conhecimento, a par das reflexões e orientação criteriosa.

Aos professores que marcaram presença neste percurso, com especial destaque à Professora Doutora Teresa Fonseca e à Professora Doutora Carla Garrido pelos conhecimentos e indicações durante a aulas de apoio à Dissertação.

Ao Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitetura da FAUP, particularmente à Doutora Teresa Godinho pela sua disponibilidade e atenção durante a investigação.

Ao Arquivo Municipal de Esposende, nomeadamente à Doutora Marília Capitão, à Sr.ª Adélia Lemos e ao Sr. Ricardo Costa pela ajuda e que, prontamente disponíveis, contribuíram na consulta e cedência de documentação.

Ao Arquiteto Sergio Fernandez, pela prontidão na partilha de conhecimentos e pelo contributo neste trabalho, a partir do seu testemunho pessoal.

Aos vários arquitetos e gabinetes que, prontamente, facultaram a documentação solicitada. Sobretudo ao Arquiteto Tiago Filipe e ao Arquiteto Paulo Guerreiro, pelos esclarecimentos e simpatia no contacto estabelecido.

À minha família, pela confiança, ajuda e compreensão.

Especialmente, aos meus pais, Sandra e Vítor, pelo amor e dedicação incondicional, pela paciência e companhia que sempre me concederam. Obrigado pelos valores transmitidos e por me possibilitarem isto, com o maior empenho na realização dos meus sonhos e objetivos.

À minha irmã Flávia, por acreditar em mim. Pela partilha de momentos e pela sua dedicação e força, que emprega exemplarmente.

À Cecília, pelo amor, atenção e companheirismo. Por acreditar sempre no meu valor. Também, à sua família, pela amabilidade com que sempre me recebeu neste período.

Aos amigos e colegas que marcaram presença ao longo deste percurso.

A todos, um muito obrigado por fazerem parte desta conquista.

Resumo

Mencionar Viana de Lima é falar de Arquitetura, mas também, de Esposende. A sua obra, representativa do Movimento Moderno, reflete a sua importância neste período, com marcas indeléveis que se implantam pelos lugares de intervenção. O século XX demarca esta relação e o seu contexto sociopolítico é determinante para a História da Arquitetura.

Estabelece-se, a par desta época, a cidade de Esposende. Um lugar no Litoral Norte, de base subsistente ligada à agricultura e à pesca que vê, pela manifestação do veraneio, a prosperidade económica que vinha a ambicionar. Como resposta a essa necessidade, a possibilidade da sua expansão urbana, apresenta uma clara relação entre o seu valor paisagístico e a produção arquitetónica consequente. Num período marcado pelo ordenamento do território, o cuidado ao contexto é aliado ao funcionalismo e as valências naturais permitem intervenções que valorizam o ambiente.

O Moderno aplica-se e a liberdade criativa fomenta a contribuição que este período reflete em todo o país, mas nomeadamente em Esposende. Conquistado o afastamento político necessário no campo da arquitetura, a realidade portuguesa, a par da revisão da última fase dos CIAM, vai proporcionar a conjugação entre o rigor moderno e a subtileza vernacular, apropriando-se ao seu contexto.

Em suma, desponta a arte de construir, aqui reconhecida na habitação de veraneio em ambientes singulares, abraçados pelo rio e pelo mar, desde o pinhal à duna, originando o quadro urbano a intervir e valorizar. A urbanização dos terrenos situados nas dunas a Norte da foz do Rio Cávado, concilia estes aspetos e dá o mote para o trabalho. Aprofunda-se, assim, a produção Moderna em Esposende.

Palavras-chave: Arquitetura Portuguesa, Casas de férias, Evolução urbana, Movimento Moderno, Veraneio, Viana de Lima.

Abstract

Speaking of Viana de Lima would be incomplete without mentioning Esposende in addition to the Architecture. With permanent imprints implanted in the sites of intervention, his work, a representative of the Modern Movement, demonstrates the movement's significance during this time. This connection is defined by the 20th century, and the socio-political setting of that era is decisive for the architectural history.

Alongside this time, the city of Esposende is established. A community on the North Coast that relies on agriculture and fishing for a subsistence living and experiences the economic success it has long desired during the summer. In order to meet this demand, the potential for its urban growth illustrates a direct connection between the landscape value of the area and the resulting architectural output. In a time marked by territorial planning, care for the context and functionalism were merged, and natural valences permitted suitable interventions that valued the environment.

In Esposende, particularly, the Modern Movement is applied, and artistic freedom supports the contribution that this era embodies. The Portuguese reality will offer harmony between contemporary rigour and vernacular subtlety, in an appropriate connection to its setting, along with the review of the last phase of the CIAM. This is because it has achieved the requisite political distance in the area of architecture.

To put it briefly, the art of construction emerges, and is demonstrated in this instance by the summer house built in distinctive places, such as the pine forest, dune, river, and sea, which created the urban framework to intervene and value. The work's motto is provided by the urbanisation in the Suave Mar dunes, which are located in the area north of the Cávado River's mouth. Thus, the Modern production in Esposende is deepened.

Keywords: Modern Movement, Portuguese Architecture, Summer, Summer Houses, Urban evolution, Viana de Lima.

Lista de Abreviaturas

AME	Arquivo Municipal de Esposende
CDUA	Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitetura
CIAM	Congrès Internationaux d'Architecture Moderne
CMB	Câmara Municipal de Bragança
CME	Câmara Municipal de Esposende
CODA	Concurso de Obtenção para Diploma de Arquiteto
DGSH	Direção Geral dos Serviços Hidráulicos
DGSU	Direção Geral dos Serviços de Urbanização
EBAL/ESBAL	Escola (Superior) de Belas Artes de Lisboa
EBAP/ESBAP	Escola (Superior) de Belas Artes do Porto
EN	Estrada Nacional
FAUP	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
FVL	Fundo Viana de Lima
IARP	Inquérito à Arquitetura Popular
ICAT	Iniciativas Culturais Arte Técnica
MARS	Modern Architectural Research Group
MOP	Ministério das Obras Públicas
ODAM	Organização dos Arquitetos Modernos
PNLN	Parque Natural do Litoral Norte
POOC	Plano de Ordenamento da Orla Costeira
SNA	Sindicato Nacional de Arquitetos
SNI	Secretariado Nacional de Informação
SPN	Secretariado da Propaganda Nacional

Sumário

Nota prévia *4*

Agradecimentos *6*

RESUMO 8

ABSTRACT 10

LISTA DE ABREVIATURAS 12

INTRODUÇÃO 18

Motivação, Tema e Objeto 18

Estrutura e Metodologia 19

Objetivos gerais 21

1 LUGAR

ESPOSENDE 24

Caraterização geral 24

Estrutura viária principal 24

Natureza 26

Economia 26

Veraneio *28*

A construção de uma paisagem litoral atlântica. 28

Praias 30

Ofir 33

O Bairro dos Arquitetos em Sintra 36

Revista Panorama: o seu papel no turismo 39

Evolução urbana *41*

42

Planeamento 43

2 TEMPO

VIANA DE LIMA E O MOVIMENTO MODERNO 52

Percurso académico e profissional 52

Movimento Moderno em Portugal *57*

1º Congresso Nacional de Arquitetura 62

Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa 69

Movimento Moderno Internacional *72*

CIAM 8 76

CIAM 9 79

CIAM 10 81

CIAM '59 84

Viana de Lima a partir dos CIAM *86*

3 OBJETO

O PLANO DE URBANIZAÇÃO DAS DUNAS DO SUAVE MAR 96

Enquadramento *96*

O Anteplano Geral de Urbanização da vila de Esposende 96

O PLANO DE URBANIZAÇÃO DAS DUNAS DO SUAVE MAR: URBANIZAÇÃO DOS TERRENOS SITUADOS NAS DUNAS A NORTE DA FOZ DO RIO CÁVADO 105

Contextualização *105*

Proposta *109*

O Plano definido pelos Pareceres 114

A ideia de arquitetura a partir dos Pareceres 117

Concretização *125*

A Arquitetura de autor: Casos de destaque 127

Os anos 60 e 70 133

Os anos 80 e 90 136

Os anos iniciais do século XXI 139

A atualidade 139

NOTAS FINAIS 144

BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas *147*

Monografias 147

Teses e trabalhos académicos 148

Publicações em série 150

Fontes Bibliográficas *152*

Monografias 152

Teses e trabalhos académicos 153

Publicações em série 154

Webgrafia *155*

Documentos Legislativos *155*

Espólios e Arquivos *155*

Lista de Créditos de Figuras *156*

APÊNDICES 170

ANEXOS 191

Introdução

Motivação, Tema e Objeto

O presente trabalho parte do interesse pessoal pela arquitetura local de Esposende que, ao refletir a imagem contemporânea da cidade, se enquadra no contexto moderno da época e se conjuga com a vontade em estudar o Movimento associado a esse período.

Enquanto único concelho com frente marítima do distrito de Braga, Esposende é privilegiado pelas praias que servem as suas gentes, marcam a história de gerações e pelo ambiente natural, íntimo e fresco, que envolve os veraneantes.

Esta motivação decorre das frequentes utilizações dos espaços litorais que, não só a cidade com uma relação equilibrada com a paisagem, mas, todo o concelho permite pela sua extensa área costeira. Sendo assim, ainda que indiretamente, o mote é lançado por vivências pessoais que se aliam ao estudo da Arquitetura Moderna, exponenciado ao longo do percurso académico. É indubitável que este contexto regula a aproximação ao Arquiteto Viana de Lima, conterrâneo, ganhando maior significado ao se adquirir conhecimento pela sua vida e obra. O seu contributo profissional permite estabelecer a ligação entre a produção arquitetónica de Esposende e o contexto nacional do século XX.

Deste modo, o tema desenvolvido nesta Dissertação, tem como base a Arquitetura influenciada pelo Movimento Moderno, concretamente a diversidade de arquitetura (de autor) realizada em Esposende. Para orientar a pesquisa elege-se, de forma pertinente, um Caso de Estudo que possibilita a delimitação da circunstância, como aprimoramento da investigação desenvolvida. Este estudo é referente ao Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar, da autoria do Arquiteto Viana de Lima em colaboração com o Arquiteto Sergio Fernandez.

Assim, com a vontade de aprofundar o conhecimento pela arquitetura local enquanto se desenvolve o entendimento necessário sobre o Movimento Moderno (inter)nacional, o presente trabalho delimita-se num quadro temporal definido pela obra de Viana de Lima, destacando o período a partir dos anos 40, o início de uma época com pertinência relativamente aos conteúdos abrangidos pelo tema, que culmina com o Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar, e se prolonga, de certa forma, até à atualidade.

Estrutura e Metodologia

Deste modo, a presente Dissertação orienta-se numa estrutura tripartida seguindo uma definição lógica relativamente aos propósitos de estudo: o **lugar**, o **tempo** e o **objeto**. Esta organização associa-se a um esquema cronológico[2] que preconiza a base do estudo desenvolvido com destaque para os pontos essenciais abordados no trabalho. Inicialmente, permitiu perceber a orientação que o estudo deveria seguir com base no interesse da Arquitetura Moderna em Esposende e do Arquiteto Viana de Lima.

A Parte 1, o **lugar**, constitui-se pela abordagem ao enquadramento regional de Esposende e desenvolvimento do estudo dos princípios ligados à sua evolução enquanto vila que se define em cidade no final do século XX. A principal fase de expansão desponta associada ao veraneio e à construção de casas de férias, inserindo-se num contexto nacional ligado ao Movimento Moderno. Nesta lógica, justifica-se a abordagem em dois sentidos: primeiramente, com base no conhecimento pessoal adquirido aliado à pesquisa bibliográfica associada, o enquadramento permite fazer a ponte de ligação ao Bairro dos Arquitetos e à Revista Panorama; o segundo sentido, pretende, de forma resumida, caraterizar os planos urbanísticos que regularam a cidade de Esposende durante o século XX. Neste estudo revelaram-se importantes as diferentes contribuições presentes no livro "*Esposende: Ensaio Urbano de vila a cidade*"[3].

A Parte 2, o **tempo** organiza-se a partir da análise do esquema cronológico que orienta a investigação. Assim sendo, esta abordagem engloba o estudo da Arquitetura que se desenvolveu no século XX, enquadrada no percurso de Viana de Lima, permitindo, assim, a passagem necessária pelo Movimento Moderno, nacional e internacionalmente. A delimitação do estudo, nesta parte, define-se pela vida do arquiteto, com maior foco no período entre os anos 40 e 60. Portanto, destacam-se, ainda que ligados, três sentidos distintos: o primeiro, a base, refere-se a Viana de Lima e ao seu contributo profissional; o segundo e o terceiro, assentes no primeiro sentido, concernem ao estudo do panorama nacional e internacional, respetivamente. Neste sentido, destacam-se as suas obras importantes e a sua contribuição para o desenvolvimento da Arquitetura Moderna em Portugal, a sua ligação ao contexto internacional e aos CIAM. Quanto à revisão bibliográfica, permitindo adquirir o posicionamento necessário para abordar os assuntos enunciados, destaca-se o contributo das seguintes publicações: "*Percurso: arquitectura portuguesa:*

[2] Apêndice 1.
[3] GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade.

1930-1974"[4], "*História da Arte em Portugal: a arquitectura moderna*"[5], "*Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*"[6], a nível nacional; e "*História crítica da arquitetura moderna*"[7], "*The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*"[8], a nível internacional.

A Parte 3, o **objeto**, consiste na análise do Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar, de Viana de Lima com colaboração de Sergio Fernandez. Inicialmente, a abordagem estabelece a aproximação necessária ao Anteplano Geral de Esposende, com os elementos que o constituem, enquanto se indica a relação ao desenvolvimento urbano já analisado na parte 1 e o entendimento necessário do contributo de Viana de Lima como arquiteto consultor da Câmara Municipal de Esposende - CME. A partir daqui, desenvolve-se a questão central do trabalho referente ao plano parcial analisado que, de certa forma, vai culminar a abordagem adotada para o desenrolar do tema base. Nesta perspetiva, o período cronológico em que se insere esta parte da investigação delimita-se entre 1960, correspondendo à data inicial do Plano, e a atualidade, considerando a evolução do local em questão. Para esta parte da Dissertação, a metodologia estabelece-se pela consulta e interpretação da respetiva documentação e, por isso, demarca-se a importância do Fundo Viana de Lima - FVL[9] e do Arquivo Municipal de Esposende - AME. O primeiro disponibilizou o acesso ao espólio completo do arquiteto e o segundo permitiu, além da documentação histórica e correspondência encontrada, a apreciação aos processos de obra referentes às moradias inseridas na urbanização dos terrenos situados nas dunas a Norte da foz do Rio Cávado.

[4] FERNANDEZ, Sergio - Percurso, arquitectura portuguesa, 1930-1974.
[5] ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - A arquitectura moderna.
[6] TOSTÕES, Ana - Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50.
[7] FRAMPTON, Kenneth - História crítica da arquitetura moderna.
[8] MUMFORD, Eric - The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960.
[9] Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitetura - CDUA na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto - FAUP.

Objetivos gerais

Seguindo o raciocínio do presente trabalho, pretende-se, primeiramente, perceber a evolução urbana do **lugar**, aliada ao veraneio e à construção de casas de férias. Este estudo procura referenciar, de forma sucinta, elementos que possibilitam essa ligação e fundamentar o entendimento geral sobre a contextualização geográfica de Esposende.

Posteriormente, objetiva-se interpretar o **tempo** a partir da identificação do arquiteto, do seu percurso e a sua relação com o Movimento Moderno. Neste sentido, pretende-se enunciar os acontecimentos que marcam a história da arquitetura em Portugal, entender o seu posicionamento político e a sua valorização.

Em termos práticos, o **objeto** estabelecido pelo Caso de Estudo, visa a investigação acerca do Plano de Urbanização mencionado, o seu contexto e motivação. Por conseguinte, procura-se estudar o objetivo do plano, a contribuição para a realidade da época e aprofundar a sua evolução até à atualidade, com vista à perceção do que se manteve e do que se alterou.

Assim, pretende-se, de forma global, que a decorrente investigação resulte na compreensão e posicionamento adequado sobre um período importante na história de Esposende, bem como no contexto nacional da arquitetura, culminando com a análise do Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar que assinala, justamente, a representação do contributo de Viana de Lima e Sergio Fernandez.

1 lugar

Fig. 2 - Vista aérea de Esposende, para norte.

Esposende

"Não fosse a persistência da Nortada a varrer a praia pela tarde, o nevoeiro das manhãs de Verão e a moda dos Algarves e de outros destinos mais ou menos exóticos, e Esposende seria o que hoje não é."[10]

Caraterização geral

A cidade de Esposende insere-se como ponto central do município homólogo, localizada na margem direita do Rio Cávado e, envolvendo a sua foz. É caraterizada por uma "extensa planície balizada entre o mar e a magnitude da cordilheira, que se desenvolve a nascente e nos limita o horizonte, abraçada por uma veiga produtiva e por vastos pinhais."[11]. Este município pertence ao distrito de Braga, sendo o único situado na costa marítima e, por isso, a Norte, é limitado pelo distrito de Viana do Castelo e parcialmente pelo Rio Neiva, e a Sul, pelo distrito do Porto, mais concretamente pelo município da Póvoa de Varzim. Já na sua fronteira interior, a nascente, é limitado pelo concelho de Barcelos. Sendo assim, dispõe de uma localização interessante, relacionada com o Oceano Atlântico e mantendo uma relação de proximidade com centros urbanos de destaque (Porto, Braga, Barcelos, Viana do Castelo, Póvoa de Varzim).

O município de Esposende pertence à região Norte (NUTII) e sub-região do Cávado (NUTIII). Atualmente, este concelho abrange 9 freguesias[12], tem uma área de ocupação aproximada de 95km² e apresenta uma costa atlântica ao longo de 18km de extensão.

Estrutura viária principal

Relativamente à proximidade a grandes centros urbanos, é pertinente referir a sua estrutura viária principal, que permite essa ligação em tempos variáveis. Assim, destacam-se três eixos fundamentais: a EN13, que permite as distribuições intramunicipais e mantêm ligações para Norte e Sul, Caminha e Porto, respetivamente; a A28 que permite uma ligação mais rápida no seu eixo Norte/Sul; a A11 que possibilita a conexão com outras cidades no interior do distrito, Barcelos e Braga. Além destas, pode-se mencionar também a EN103 e EN103-1, que facilitam as relações entre os aglomerados mais interiores.

Desta estrutura mencionada, a EN13 representa maior influência na malha urbana (fig. 5), acabando por sofrer alterações do seu percurso no setor da cidade de Esposende, em consequência da sua expansão.

[10] DOMINGUES, Álvaro *in* GUERREIRO, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p.13.
[11] *Ibid.*, p.47.
[12] Atualmente, considerando reorganização administrativa: (de Norte para Sul, de Oeste para Este) Antas; Forjães; Belinho e Mar; Vila Chã; Esposende, Marinhas e Gandra; Palmeira de Faro e Curvos; Gemeses; Apúlia e Fão; Fonte Boa e Rio Tinto.

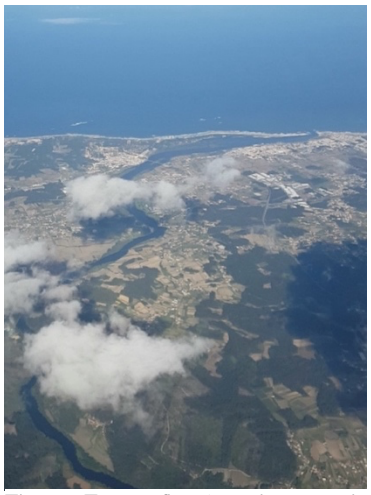


Fig. 3 - Fotografia aérea do curso do Rio Cávado, no concelho de Esposende. Fotografia de 2016.

Fig. 4 - Vista a partir do Monte de Faro. Enquadramento da cidade de Esposende. Fotografia de 2023.

Fig. 5 - Estrutura viária de Esposende, sede do concelho. À direita (Nascente), a EN13, e à esquerda (Poente), a Av. Marginal e o Rio Cávado, demarcam o limite urbano. Imagem satélite de 2021.

Estas acessibilidades vão se refletir na imagem de Esposende, que "ocupa como que o centro dum triângulo formado por Viana, Barcelos e a Póvoa de Varzim, cidades de que dista por igual cerca de 15 km"[13].

Natureza

Com uma "localização privilegiada no Litoral Atlântico"[14], Esposende carateriza-se pelas praias de areais extensos, que contrastam com paisagens rurais envolvidas por montes[15] ao longo do território, criando uma fronteira natural entre as freguesias de poente a nascente. Além disto, o concelho é marcado pelos rios Neiva e Cávado que, integrando todos os cursos de águas mais pequenos, foram determinantes para o seu desenvolvimento.

Isto define, em termos morfológicos, três realidades distintas que se complementam: uma faixa litoral plana, uma área planáltica no seu interior com encostas e pequenas elevações e uma zona marcada pelos vales do Neiva e do Cávado.

Economia

Com destaque no município, os maiores aglomerados apresentam a melhor relação com a costa, tanto pela qualidade das praias como para atividades marítimas. Ou seja, Esposende, Marinhas, Ofir (Fão), Apúlia são os casos com mais desenvolvimento e transparecem a relação com o mar e a importância que a pesca e agricultura tiveram na economia da população residente. Assim, com uma forte relação com o mar, o rio e o terreno cultivável, promovia-se uma base económica, algo circular, como, por exemplo pelo uso do sargaço, que seria recolhido do mar, e usado como fertilizante nos campos agrícolas[16].

Deste modo, será a partir do século XX, que Esposende, enquanto vila, vai participar num desenvolvimento mais rápido, tanto neste aglomerado como em todo o concelho, com o aparecimento do hábito do veraneio, que vai inserir o turismo como outro fator importante na base económica do local. Este fator estabelece um meio de subsistência sazonal, além da agricultura e pesca, que correspondiam ao modo de vida tradicional da população residente, e insere-se num grupo de potencialidades que possibilitam um desenvolvimento autónomo do local.

[13] GOMES, Paulino; SILVA, João Belmiro Pinto da - Esposende - A Terra e o Homem, p. 54.
[14] DOMINGUES, Álvaro *in* GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 13.
[15] Pertencentes à Arriba Fóssil de Esposende: desde o Monte da Guia até ao Monte de Faro.
[16] O maior exemplo disto é a tradição dos sargaceiros que, "além do peixe, o mar dava alimento fertilizante às terras de cultivo. O sargaço foi sempre um adubo muito apreciado (...) A actividade da apanha do sargaço, aliada também à pesca da lagosta, era significativa, quer em número de pessoas que a ela se dedicavam, quer mesmo à sua rentabilidade económica." In Esposende - A Terra e o Homem, p.100.

Fig. 6 - Praia de Cepães e praia do Suave Mar, ao fundo. Verificam-se as dunas que constituem a praia Suave Mar e protegem o aglomerado dos ventos de Norte. Fotografia de 2023.

Fig. 7 - Montes do concelho de Esposende, que estabelecem a barreira visual entre as freguesias. O Monte da Guia situa-se à esquerda e o Monte de Faro à direita. Composição de fotografias a partir da praia de Mar. Fotografia de 2023.

Fig. 8 – Apanha do sargaço. Fotografia de 1940.

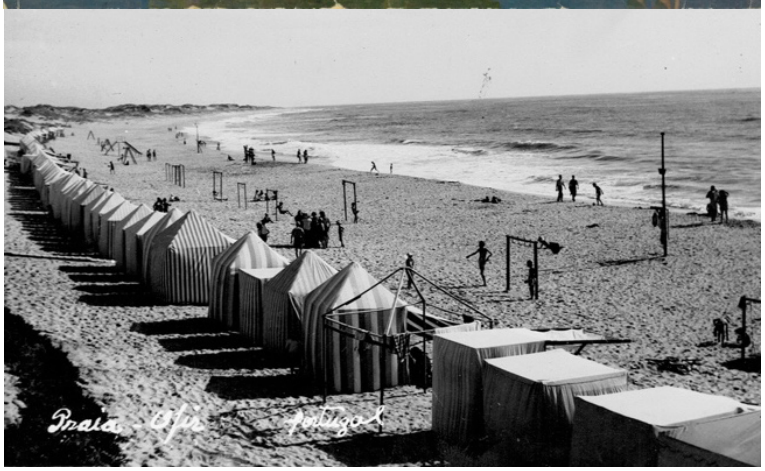


Fig. 9 - Praia de Ofir. Postal de 1948.

A construção de uma paisagem litoral atlântica.

É no final do século XX que Esposende conquista o estatuto de cidade, concretamente a 19 de Agosto de 1993. Para isso, contribuiu o seu forte crescimento durante esse século, destacando-se da evolução gradual que vinha a desenvolver desde o século XV, onde predominavam o comércio marítimo, a atividade piscatória e a agricultura, como principal modo de vida da população esposendense.

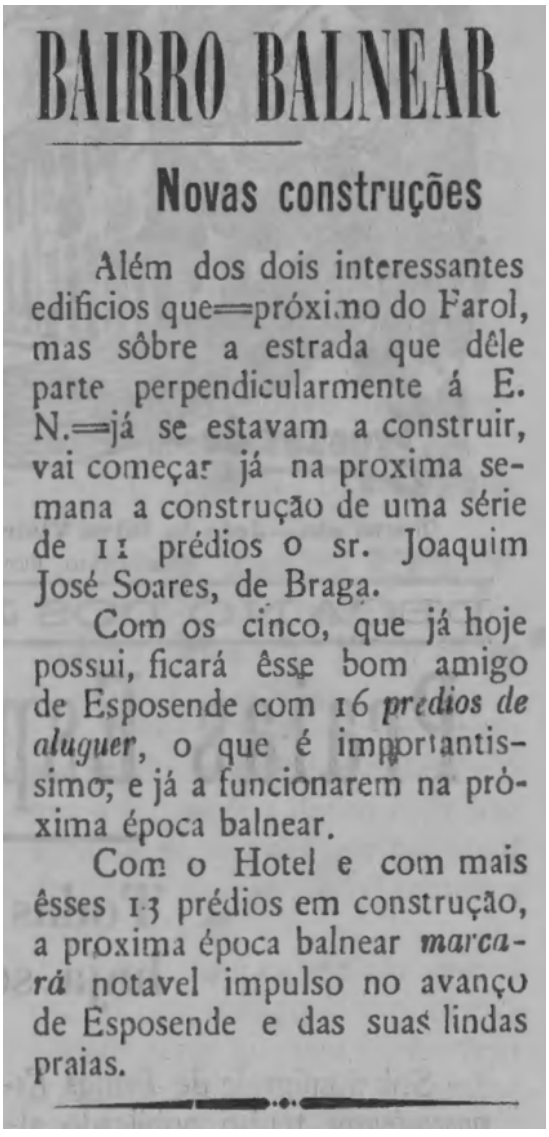
Em termos demográficos, o crescimento deste povoado iniciou-se, principalmente, a partir do século XVIII de forma progressiva e afirmou-se nas duas últimas décadas do século XX. Estes dados, de certa forma, não acompanham a evolução urbana de Esposende, que refletia um maior crescimento da população de forma sazonal e, não equilibrada, ao longo dos anos. Ou seja, é evidente um desfasamento do desenvolvimento e expansão da vila no século XX em relação ao crescimento demográfico, que se considerava distinto do aumento populacional na época de verão.

Ainda como vila, Esposende, pouco se desenvolveu. Até aos anos 40 era um pequeno aglomerado que se centrava na sua parte mais antiga. Será a partir desta época, especialmente após a 2ª Guerra Mundial, que com "o desabrochar da moda do veraneio"[17] por razões de saúde e recomendação médica, se desenvolve Esposende refletindo o interesse de famílias de estratos sociais mais altos que habitam e trabalham nos grandes centros urbanos, pelo contexto que este local oferece, num meio mais calmo e com praias de qualidade. Por outras palavras, como se refere em publicações municipais, trata-se do interesse da "elite cultural" em procurar "ambientes bucólicos e de bem-estar para construir habitações de férias, edificadas em franjas de terra e água no concelho de Esposende"[18].

Esta procura, aliada à posição geográfica, correspondendo à periferia de vários núcleos urbanos, tornou-se um ponto de interesse e consolidou um fator essencial no crescimento social e económico de Esposende. Além disto, em concordância com o contexto nacional desenhou-se a imagem deste ambiente com arquitetura de autor, alguma dela conotada com o Movimento Moderno [19].

[17] GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 56.
[18] Esposende: lugares de tempo e memória = places of time and memory.
[19] Como, por exemplo, projetos de: Viana de Lima, Arménio Losa, Alexandre A. Magalhães, Fernando Távora, Octávio Lixa Filgueiras, João Andresen, Pádua Ramos, entre outros.

Fig. 10 - Praia fluvial na barra de Esposende, junto à foz do Rio Cávado. Fotografia da década de 40.



BAIRRO BALNEAR

Novas construções

Além dos dois interessantes edificios que=próximo do Farol, mas sôbre a estrada que dêle parte perpendicularmente á E. N.=já se estavam a construir, vai começar já na proxima semana a construção de uma série de 11 prédios o sr. Joaquim José Soares, de Braga.

Com os cinco, que já hoje possui, ficará êsse bom amigo de Esposende com 16 *predios de aluguer*, o que é importantissimo; e já a funcionarem na próxima época balnear.

Com o Hotel e com mais êsses 13 prédios em construção, a proxima época balnear *marcará* notavel impulso no avanço de Esposende e das suas lindas praias.

Fig. 11 - Artigo sobre a construção para fins turísticos, em Esposende. Jornal Espozendense, 1945.

Fig. 12 - Arménio Losa e Ilse Losa na praia Suave Mar em Esposende. Fotografia de 1959.

Praias

Assim, a imagem deste concelho está, sem dúvida, ligada às praias que oferece e a todo o meio ambiente proporcionado pelo Parque Natural do Litoral Norte - PNLN. De certa forma, é um caso de destaque do habitual interesse pela relação com o Oceano Atlântico presente nos "cerca de 100 quilómetros de litoral do Noroeste de Portugal [que] constituem um motivo turístico com grande importância, apesar das baixas temperaturas da água do mar, do número de horas de insolação e sobretudo de um regime de ventos muitas vezes desfavorável"[20]. Acrescentando ainda, reflete-se numa zona cada vez mais privilegiada onde, como refere Joaquim Sampaio, "os recursos naturais que esta orla costeira (e não só) apresenta são cada vez mais raros no litoral Norte de Portugal"[21].

Neste concelho, "desde a foz do rio Neiva (que marca os limites de Viana do Castelo) até aos confins de Apúlia, são vinte quilómetros de praia, a areia sempre macia e dourada e um mar de águas imensas..."[22], que numa visão geral concretiza a imagem Esposende com as praias. No entanto, essa relação pode-se tornar algo subjetiva e não fazer justiça ao destaque que cada uma das praias do concelho representa na sua individualidade. As do norte do concelho (Antas, Belinho e Mar) apesar da sua qualidade apresentavam menos afluência, por questões naturais ou por falta de aproveitamento e planeamento. As do centro e sul do concelho, praias que despertavam mais interesse, estavam relacionadas com os aglomerados mais desenvolvidos - Suave Mar, Ofir e Apúlia.

Com o setor turístico a crescer, vem a necessidade de construções que acompanhem esse interesse e, não só os equipamentos hoteleiros, mas também as residências secundárias vão responder a esta procura. Difunde-se o veraneio[23] e, mais tarde, a vilegiatura[24] em Esposende e, a par disso, o alojamento sazonal, que se vai refletir, nesta época, em residências secundárias do tipo unifamiliar isoladas em terrenos individuais.

Ainda que em diferentes fases, a construção de residências secundárias em Esposende vai, genericamente, refletir o poder de classes mais altas sem prejuízo da variação do tipo de construção conforme o poder socio económico dos seus proprietários. Além disto, a sua posição político-cultural também se reflete num fator determinante face à construção de residências secundárias, dando origem a arquiteturas que tanto podem seguir a vertente mais nacional, mais

[20] MARTINS, Luís Paulo Saldanha - Lazer, Férias e Turismo na organização do espaço no Noroeste de Portugal, p. 161.
[21] SAMPAIO, Joaquim - Considerações sobre a residência secundária em Esposende, p. 136.
[22] VIEIRA, Alice - Praias de Portugal, p. 39.
[23] Definição de Veraneio: "s. m. acto de veranear"; que corresponde a "v. intr. Viajar ou permanecer em algures, no Verão". Dicionário da Língua Portuguesa: Dicionários do Estudante, p. 1025.
[24] Definição de Vilegiatura: "s. f. temporada que se passa fora de casa em digressão de recreio, principalmente na estação calmosa; tempo de descanso em praia, campo ou estância balnear." Ibid., p. 1035.

ligadas à ideologia do poder político, como, também, podem adotar novas convicções, antirregime, que o período em causa desenvolvia, ligadas ao Movimento Moderno.

Apesar de, atualmente, esses modelos ou tipos construtivos variarem e responderem às necessidades contemporâneas, no período em estudo, vão-se inserir num contexto de oposição e, por isso, as construções que merecem destaque tendem a aliar a representação moderna aos traços vernaculares e a adoção de materiais e técnicas locais. As residências secundárias, correspondentes a casas para férias, que se foram construindo, inserem-se em lotes isolados e relacionam-se com o contexto natural envolvente, quer seja num pinhal, em frente ao rio, ou até mesmo nas dunas, que, mesmo com variações entre o estilo nacionalista e o estilo moderno, vão-se refletir numa fase transitória de referências, priorizando e impulsionando este último. É neste enquadramento que a vila cresce além do seu centro antigo, maioritariamente para norte, em direção à foz do Rio Cávado e à praia adjacente.

Tal como afirma Joaquim Sampaio, "a construção de residências secundárias apresenta estilos que marcam épocas"[25] e neste caso funcionou como um impulso para o crescimento (moderno) de Esposende. Numa época em que a produção arquitetónica se começou a desenvolver contrariando os limites impostos pelo poder político, com uma preocupação maior com a arquitetura regional, aliada ao interesse turístico do veraneio e à necessidade de construção, vai colocar Esposende como um local de eleição de encomendas de arquitetura de autor. São, assim, projetadas residências secundárias, tanto para classes mais altas como para os próprios arquitetos que vão desenhar as suas casas de férias nesta frente litoral atlântica. É o caso de Arménio Losa (1958) e Viana de Lima (1953), dois arquitetos com raízes locais que contribuíram, também, para o interesse de outros arquitetos trabalharem cá e produzirem grande parte das obras modernas de autor, que impulsionaram o crescimento de Esposende ao longo do século XX.

Então, pode considerar-se que o "crescimento urbano de Esposende, [está] muito interligado com o desenvolvimento da residência secundária, reflete as suas potencialidades naturais, mas, também, o seu contexto urbano e regional"[26].

[25] SAMPAIO, Joaquim - Considerações sobre a residência secundária em Esposende, p. 133.
[26] *Ibid.*, p. 132.

Fig. 13 - Av. Marginal em Esposende. Elemento determinante para a expansão a norte da vila. Vista desde o Hotel Suave Mar em direção a sul, com moradias desenhadas por Jorge Manuel Viana à esquerda. Fotografia de 1958.

Fig. 14 - Casa das Marinhas, Viana de Lima, 1953. Fotografia de 1955.

Fig. 15 - Ilse Losa (esposa de Arménio Losa) na sua casa de férias, Esposende. Fotografia de 1967.

Fig. 16 - Casa de férias de Arménio Losa, Esposende. Fotografia de 2023.

Ofir

Ainda dentro do concelho de Esposende, também outro núcleo importante se desenvolveu com base na procura sazonal turística, mas consideravelmente mais cedo. Num contexto diferente, o desenvolvimento do aglomerado balnear em Ofir (Fão) ganhou destaque a partir do ano de 1945 pelo contributo do Arquiteto Alfredo Ângelo Magalhães (1919-1988), numa "iniciativa exclusivamente particular, levada a cabo com extraordinário entusiasmo, visando o aproveitamento de uma das melhores praias do País"[27].

"A história da nova zona de turismo"[28], como reconhece a Revista Arquitetura em 1950, desenvolve-se a partir da urbanização simples e natural dos terrenos, de pinhal e dunas, situados entre o rio e o mar. Como se confirma, "a antiga e desprezada praia de Ofir em breve se tornaria um centro de turismo com condições excepcionais"[29], pela valorização da área, fundamentada na construção de habitação que se complementa por equipamentos que ambicionam essa vertente turística, como, por exemplo, o restaurante implantado junto à praia (1945) e o hotel, inaugurado em 1948, da autoria de Alfredo A. Magalhães que vai desenhar grande parte das construções que desenvolveram este aglomerado.

Da produção arquitetónica realizada destacam-se, também de Alfredo A. Magalhães, o projeto para os "apartamentos gémeos"[30] (1946), que funcionavam com o Hotel de Ofir, e a casa de férias projetada pelos arquitetos João Andresen e Rogério Martins (1946). Ainda que sejam duas construções de custos diferentes, com observações à arquitetura internacional, aproximam-se pela utilização de materiais locais, numa abordagem moderna onde se consegue transmitir que "os caminhos, para uma nova e sã arquitectura, dependem mais do critério a seguir do que dos materiais empregados na construção"[31]. Já numa fase mais consolidada desta zona, destacam-se as casas desenhadas por A. Losa e C. Barbosa (1951), F. Távora (1956) e por V. de Lima (1964).

Assim sendo, este núcleo que aqui se desenvolve, com base no aproveitamento do seu enquadramento paisagístico, ainda que numa iniciativa privada, enquadra-se numa época em que o valor do setor turístico vai alavancar a produção arquitetónica. Neste sentido, numa abordagem que se adapta ao terreno, tanto ao pinhal como aos areais e dunas, a urbanização desenha-se "fugindo das soluções convencionais de régua e esquadro das nossas praias"[32]. Esta atitude, que vai antever a expansão urbana de Esposende, pode-se relacionar, pelo ambiente semelhante, à urbanização das dunas do Suave Mar, na década de 60.

[27] Ofir. Revista Arquitetura, Nº 33-34 1950.
[28] Ofir. Revista Arquitetura, Nº 33-34 1950.
[29] Ofir. Revista Arquitetura, Nº 33-34 1950.
[30] Ofir. Revista Arquitetura, Nº 33-34 1950.
[31] Ofir. Revista Arquitetura, Nº 33-34 1950.
[32] Ofir. Revista Arquitetura, Nº 33-34 1950.

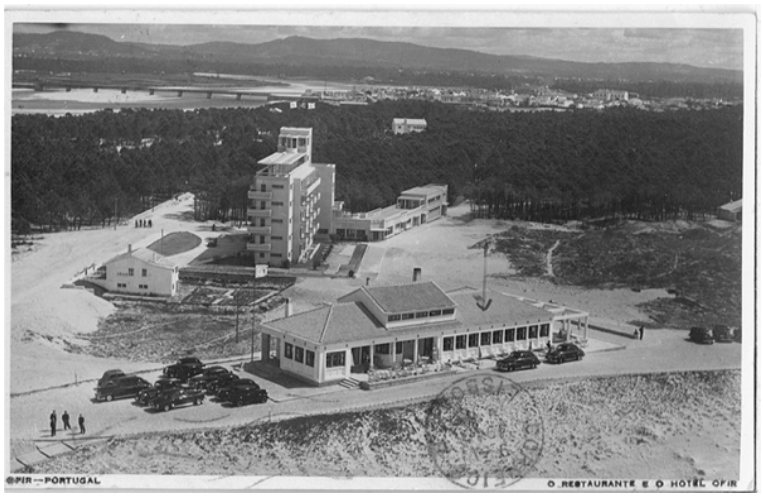


Fig. 17 - Ofir, Fão. Postal da década de 40.

Fig. 18 - Apartamentos gémeos em construção, Ofir, de Alfredo A. Magalhães. Fachada lateral Norte e Poente. Fotografia de 1946.

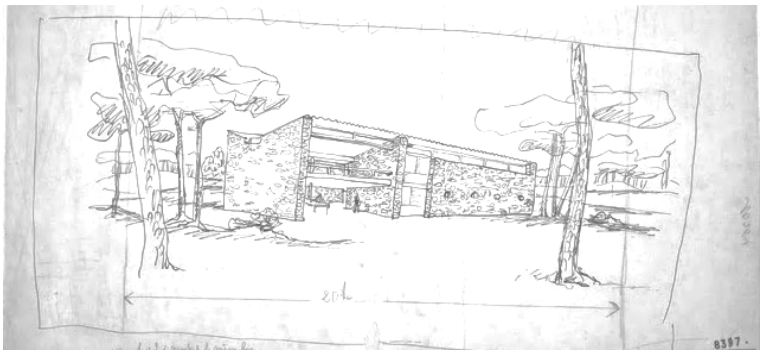


Fig. 19 - Ville "Le Sestant", Les Maths, França 1934-1938. Le Corbusier.

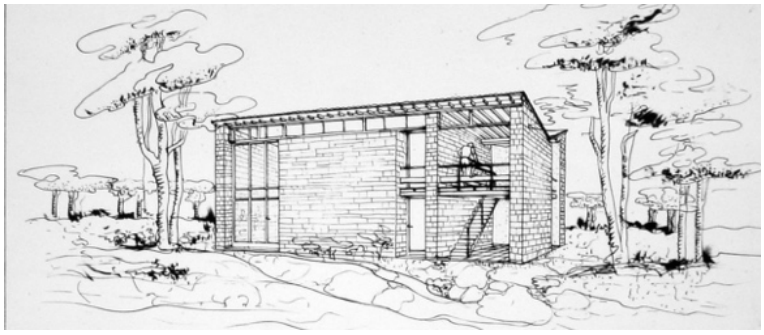


Fig. 20 - Casa per Artisti, Isola Comacina, 1933-1940. Pietro Lingeri.

Fig. 21 - Casa de férias, Ofir, João Andresen e Rogério Martins, 1946. Fachada Nascente e fachada lateral Norte. Fotografia de 2023.

Fig. 23 - Casa de férias, Ofir, Fernando Távora, 1956. Fachada Nascente e fachada lateral Norte. Fotografia de 2023.

Fig. 24 - Casa Rocha Gonçalves, Ofir, Viana de Lima, 1964. Fachada Nascente. Fotografia de 2023.

Fig. 25 - Casa Rocha Gonçalves, Ofir, Viana de Lima, 1964. Fachada Poente e fachada Sul. Fotografia de 2023.

O Bairro dos Arquitetos em Sintra

Neste sentido, é indubitável que, tal como em Esposende, "o turismo de veraneio tem reforçado a ocupação dos territórios do litoral"[33] ao longo do país e mostrou-se como uma forte dinâmica para a produção arquitetónica do século XX. Em contextos naturais privilegiados, servidos por acessibilidades cada vez melhores e com a vontade dos estratos sociais mais elevados, por questões de saúde e lazer, em adquirir e/ou construir casas de férias, esta produção arquitetónica veio possibilitar o desenvolvimento litoral.

Assim, se considerarmos que "a fisionomia da paisagem é uma realidade objectiva que identifica um território"[34], pode-se destacar, o caso de Sintra como um dos com mais importantes. Além de Caminha, Moledo, Póvoa de Varzim, São Pedro de Moel, entre outros que se foram estabelecendo como pontos de interesse para a construção de casas de férias ao longo do século XX.

A zona de Sintra, desde cedo, refletiu-se como uma zona de interesse para o alojamento nos períodos de férias e, inerente a essa vontade, o Bairro dos Arquitetos veio iniciar uma produção moderna, a partir dos anos 40, ainda que num contexto específico, naquela zona[35].

No contexto do presente trabalho, é pertinente uma aproximação ao Bairro dos Arquitetos que será, direta ou indiretamente, um momento de relação com o caso de Ofir, mas, também, de Esposende e da urbanização desenvolvida nas dunas da praia do Suave Mar.

Ora, de forma particular, a produção significativa entre Sintra e Colares, como refere Teresa Valsassina Heitor, resulta do trabalho de alguns arquitetos "implicados na renovação das linguagens e das convenções do seu tempo, e que passaram a fazer parte da história da arquitetura moderna portuguesa, reconhecidos pela atitude comprometida e postura autoral. Concebidas para uso próprio ou para clientes com condições culturais privilegiadas e acesso a um serviço especializado."[36]

O Bairro dos Arquitetos, que resultou como "uma espécie de chamariz"[37], surgiu, concretamente, no início dos anos 40, num terreno de forma triangular inserido no Pinhal da Nazaré. Este terreno foi subdivido em parcelas triangulares mais pequenas que, em função das posses dos proprietários, variam de tamanho. Segundo testemunho de Pitum Keil Amaral, filho de Francisco Keil do Amaral, "de Norte para Sul, a primeira casa (mas a última a ser construída) foi a de minha avó, com projecto de meu pai. A seguir está a de Raul Tojal. A terceira foi a de

[33] SAMPAIO, Joaquim - Considerações sobre a residência secundária em Esposende, p. 131.
[34] HEITOR, Teresa Valsassina *in* CARDIM, João - Casas de férias: Arquitectura de veraneio entre Sintra e Colares, p. 9.
[35] Sobre este assunto, salienta-se o trabalho desenvolvido por João Cardim, sobre "Casas de Férias – Arquitectura de Veraneio entre Sintra e Colares", que reúne, de forma contextualizada, o exemplo de 40 casas de férias produzidas no local.
[36] HEITOR, Teresa Valsassina - *op. cit.*, p. 9.
[37] AMARAL, Pitum Keil *in* CARDIM, João - Casas de férias: Arquitectura de veraneio entre Sintra e Colares, p. 17.

Adelino Nunes. E aqui foi decidido, em comum, fazer-se uma pequena habitação para uma espécie de guarda/caseiro, a meio do lote. Por fim, vinham as de Faria da Costa, à frente, e a de Keil do Amaral, mais atrás."[38]

Em termos nacionais, este Bairro vai-se contextualizar num momento de mudança na arquitetura, onde se sucedia uma transição entre uma produção ligada ao poder político e uma produção moderna mais liberta deste, como se verificará na segunda parte deste trabalho. Neste campo, destaque para o Arquiteto Keil do Amaral que, tanto no Bairro dos Arquitetos como a nível nacional, teve um papel determinante na divulgação dos valores modernos em Portugal.

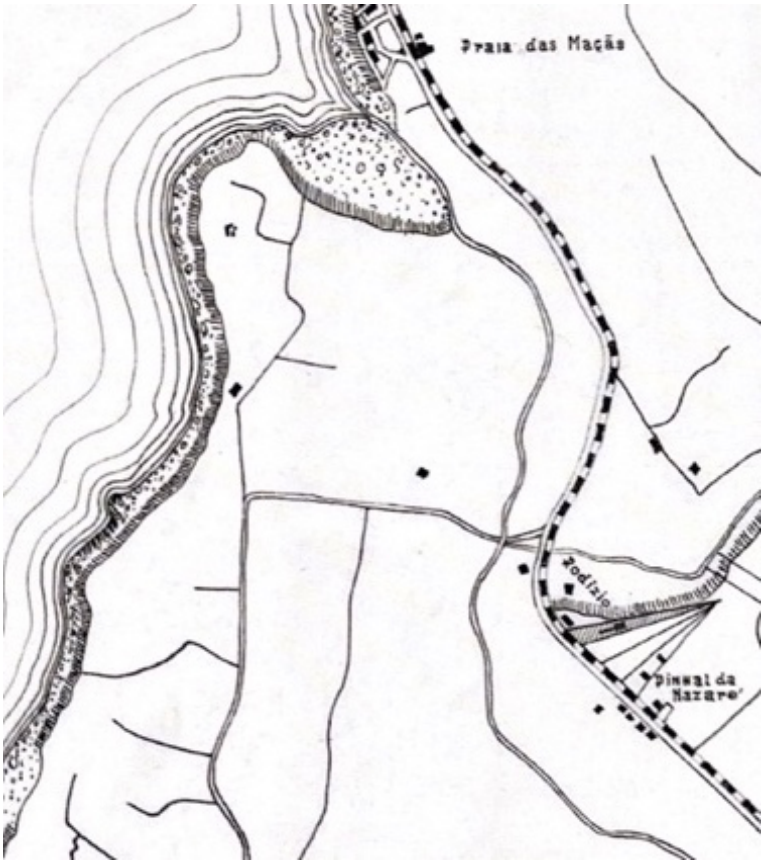


Fig. 26 - Localização do Bairro dos Arquitetos junto ao pinhal da Nazaré. Planta de 1946.

[38] AMARAL, Pitum Keil *in* CARDIM, João - Casas de férias: Arquitectura de veraneio entre Sintra e Colares, p. 16.

Fig. 27 - Casa no Bairro dos Arquitetos, Adelino Nunes, 1940. Fotografia de 2023.

Fig. 28 - Casa no Bairro dos Arquitetos, Raul Tojal, 1940. Fotografia de 2023.

Fig. 29 - Casa no Bairro dos Arquitetos, Faria da Costa, 1940. Fotografia de 2023.

Revista Panorama: o seu papel no turismo

Ainda relacionada com esta temática, destaca-se a Revista Panorama – Revista Portuguesa de Arte e Turismo, que publicará em 1943, um artigo sobre o Bairro dos Arquitetos. Esta revista, lançada em 1941 pelo Secretariado da Propaganda Nacional - SPN (liderado por António Ferro até 1949[39]), vai servir como propaganda política, abrangendo os temas ligados às artes e turismo, numa clara afirmação do Estado Novo que priorizava os meios de comunicação para a sua difusão ideológica. Como se verifica no seu primeiro número, a revista pretendia "ser um lugar onde possa evocar-se o que há de mais vivo e característico no País, e lhe imprime, por isso, fisionomia própria, expressão diferenciada"[40].

Assim, com a visão de que o turismo era "a arte de animar em nós próprios o orgulho de sermos nacionais"[41], será, também, pelos contributos da revista que este setor se vai desenvolver. Em 1943, é publicado um artigo referente ao recente Bairro dos Arquitetos que, já inserido numa fase de revisão da produção arquitetónica nacional, será apresentando de uma forma tendenciosa, a partir do ponto de vista do interesse político. Assim, verifica-se neste artigo a predominância de fotografias de interiores, em enquadramentos domésticos e regionais, que fazem lembrar, de certa forma, o ambiente retratado por Mendes Barata no cartaz "A Lição de Salazar" sobre a família típica do salazarismo. Desta forma, não é publicado nenhum desenho técnico para que "estas casas não fossem apreciadas pelo seu despojamento e aproveitamento racional do espaço, mas pelo carácter rústico que denotavam"[42].

Esta intencionalidade, pretendida pelo SPN, já se assumia, na Revista, a partir do Concurso da Casa "Panorama"[43] referente a uma casa de campo nos arredores de Lisboa ou Porto. Ou seja, como se verifica na publicação referente aos resultados deste concurso, esperava-se encontrar um "estilo próprio, absolutamente distinto, pelo menos um género de edificações que se harmonize com o clima, a paisagem, os costumes, a índole e, até, o nível económico normal das suas populações"[44]. E, numa crítica à produção de arquitetura moderna, escrevem que pretendiam, também, evitar "que se construam, nos locais de maior trânsito dos turistas, casinhas ou casarões inestéticos, nesse pseudo-estilo de 'chalé-bolo-de-noiva' que se usava nos começos do século, ou, mais modernamente, nesse ridículo e antipático híper-geometrismo dos caixotes 'standard'"[45].

[39] A revista Panorama foi publicada entre 1941 e 1974, ao longo de quatro edições. A primeira edição foi publicada até 1949, quando António Ferro se afastou do SPN.
[40] PANORAMA – Revista Portuguesa de Arte e Turismo. Nº1, Junho 1941, p. 1.
[41] PANORAMA – Revista Portuguesa de Arte e Turismo. Nº1, Junho 1941, p. 1.
[42] CARDIM, João - Casas de férias: Arquitectura de veraneio entre Sintra e Colares, p. 74.
[43] PANORAMA – Revista Portuguesa de Arte e Turismo. Nº14, Abril 1943, p. 28.
[44] PANORAMA – Revista Portuguesa de Arte e Turismo. Nº20, Abril 1944, p. 37.
[45] PANORAMA – Revista Portuguesa de Arte e Turismo. Nº20, Abril 1944, p. 37 e 38.

RODÍSIO

BAIRRO DOS ARQUITECTOS

JUNTO à estação de Sintra está aquêle carro-eléctrico que parece construído de propósito para uma excursão infantil. A linha termina nas Azenhas do Mar. O leitor sabe. Mas quem entra pela primeira vez nesse veículo, mal sonha o que lhe espera, ainda que o tenham prevenido.

O carrinho parte, rangendo alegremente. Atravessa a vila, ao longo de ruas estreitas, fazendo tim-tim, como os eléctricos das cidades. Às vezes parece que vai entrar, com a maior naturalidade, numa das lojas; mas não; faz uma curva rápida, entra num largo, atravessa mais uma pequena rua, e segue.

E segue por onde? — Pela estrada fora, através de uma paisagem lírica, entrecortada de arrobas românticas. Há de tudo, nesse inverosímil trajecto: —

Um ângulo do exterior da casa do arquitecto Raúl Tojal. Observe-se o respeito da Arquitectura pelos elementos vivos da paisagem, e a graciosidade do pequeno balcão, com vasos de plantas, junto da rústica e decorativa coluna de pedra. ★ Outro aspecto da mesma casa, sôbre a qual se debruça um frondoso pinheiro. ★ Em baixo: — Recanto da sala-comum da casa de Raúl Tojal. Note-se o aproveitamento racional do espaço, de harmonia com o arranjo do interior: confortável, simples e bem iluminado.

49

sólida contração: o do arquitecto Adelino Nunes.

Há outras casas, a pouca distância umas das outras: as dos arquitectos Raúl Tojal e Faria da Costa. Jardins minúsculos por tôda a parte, com plantas floridas, de chão e de vaso. E potes, cáritas potes de diversas formas, tamanhos e côres, ornamentando, como peças escultóricas, o ambiente campestre.

Decerto que vimos as casas por dentro; que nos demorámos na contemplação dos seus confortáveis recantos; que decorámos, numa delas, um delicioso almôço; que trouxemos comosco indeléveis recordações — e que teríamos muito que contar. Mas essa função compete ao fotógrafo Mário Novaes, que foi, como se calcula, de todos os visitantes, o único que trabalhou... Damos, portanto, a palavra às nítidas imagens que nestas páginas se reproduzem, e às respectivas legendas.

AMERICO NOGUEIRA

À esquerda: — Recanto da sala-comum da casa de Adelino Nunes, vendo-se o fogão de tijolo e o vigamento do tecto em pinho encerado. As paredes laterais estão decoradas com dois desenhos de Almada Negreiros. ★ Amplas janelas, cuja peitoril serve de prateleira, iluminam a mesma sala. Os móveis são de pinho envernizado, na côr natural. As cortinas foram estudadas de modo a poderem juntar-se, formando, quando necessário, uma grande cena. Ao fundo, sob uma natureza morta de Maria Keil, um aparador. ★ Outro aspecto da mesma divisão, vendo-se a passagem para a zona de serviço da casa. No chão, de tijolinhos encerados, uma grande esteira. ★ Em cima: — Interessante recanto da cozinha da casa de Adelino Nunes, racionalmente aparelhada para dispensa, garrafeira e arrecadação.

FOTOS DE MARIO NOVAES

53

Fig. 30 - Publicação do Bairro dos Arquitetos na Revista Panorama, 1943.

Fig. 31 - Cartaz "A lição de Salazar", 1938.

Fig. 32 - Bairro dos Arquitetos. Publicação da Revista Arquitectura.

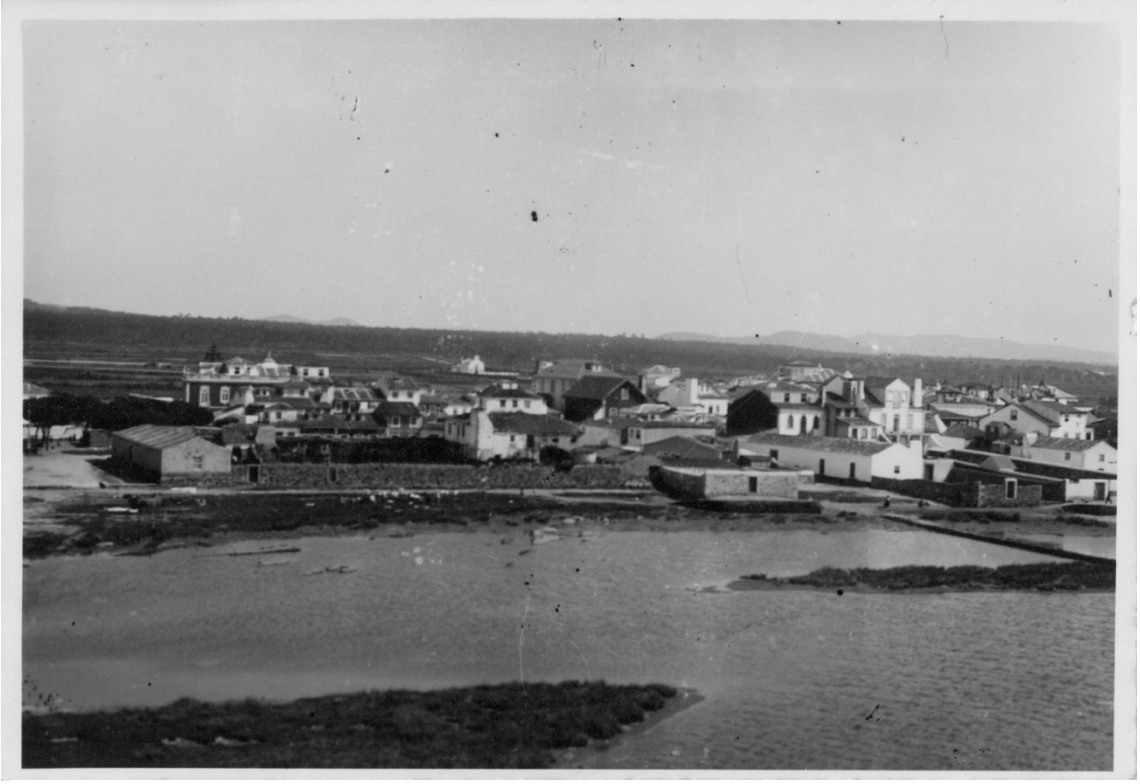


Fig. 33 - Frente ribeirinha de Esposende. Núcleo central antigo. Postal de 1910.

Evolução urbana

A vila de Esposende, a partir de 1940, desenvolveu-se de forma considerável o que refletir-se-á em 1993, na obtenção do estatuto de cidade. A anteceder este período, desenvolveu-se lentamente e de forma desorganizada, sem uma visão unitária clara quanto à sua morfologia.

A juntar o interesse turístico, a especulação imobiliária e uma vontade já estabelecida em tratar a ligação do centro ao Forte S. João Batista, a primeira zona de expansão vai se desenvolver para norte, a acompanhar o curso do rio e aumentar a proximidade à praia do Suave Mar. Assim, é desenvolvida a Avenida Marginal, uma via preponderante na malha urbana de Esposende, que teria sido desenhada, a primeira vez, em 1930, numa planta de José Vilaça (fig. 36) onde mostrava a preocupação em tratar esta zona ribeirinha.

Em termos cronológicos, o ano de 1934, marcou o desenvolvimento dos aglomerados ao obrigar por lei, "as câmaras municipais do continente e ilhas adjacentes a promover o levantamento de plantas topográficas e a elaboração de planos gerais de urbanização"[46] e isso refletiu-se no caso de Esposende. Com isto, entende-se a falta de documentos cartográficos relativos a esta vila (fig. 34 e 35), sendo que, apenas a partir desta data se tornou como um elemento necessário.

[46] DECRETO-LEI nº 24802, publicado em Dezembro de 1934.

Fig. 34 - Planta da costa entre Viana do Castelo e Esposende, séc. XVIII.

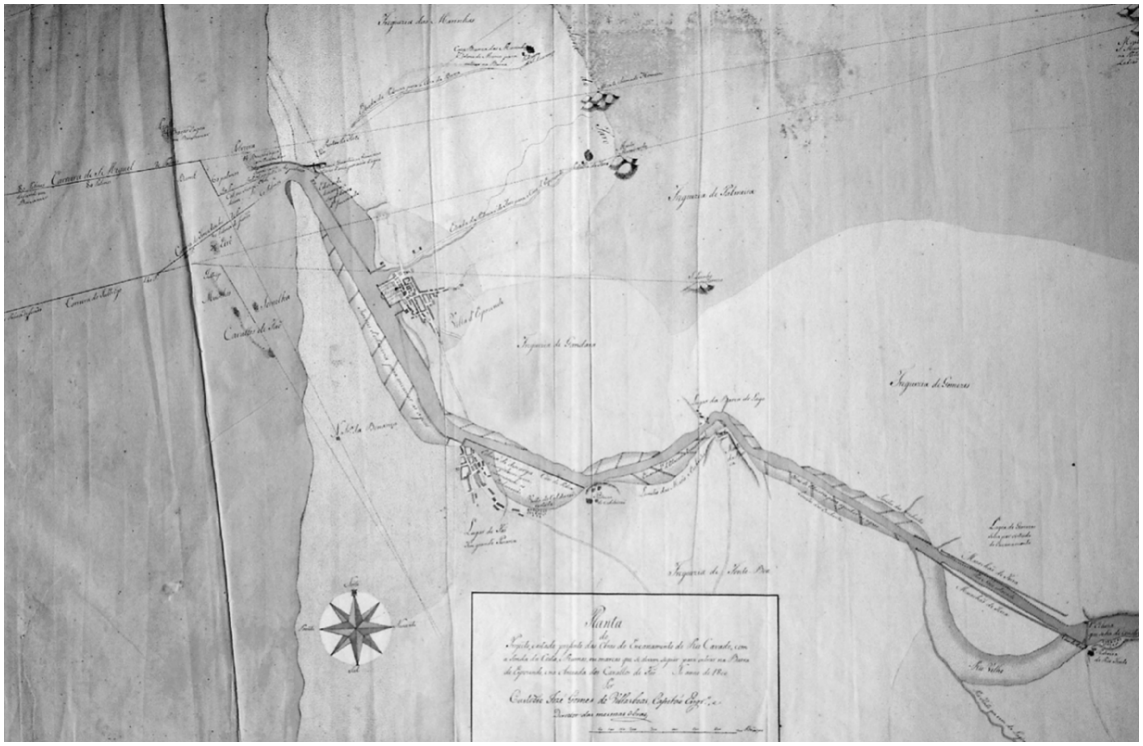


Fig. 35 - Planta do encanamento do rio Cávado, Custódio Vilas Boas, 1795.

Planeamento

Com esta necessidade de planeamento, começaram a desenvolver-se os primeiros levantamentos topográficos e o projeto desenhado pelo Arquiteto Arménio Losa, em 1936. Depois de ser contactado pela CME para efetuar os estudos urbanísticos necessários para ordenamento da vila e consequente expansão, o seu desenho focou-se numa área de interesse entre o antigo centro e a praia do Suave Mar. Este plano (fig. 37) correspondeu ao primeiro estudo efetuado numa zona que se desenvolveria com a importância que se esperava, constituindo-se como uma base para os planos seguintes. Este estudo mostra, claramente, "uma nova concepção morfológica para Esposende, onde propõe subdividir o aglomerado em "unidades residenciais"[47] e ao coincidir com ao início do percurso profissional do Arquiteto Arménio Losa, parece "muito mais próximo das propostas dos movimentos City Beautiful e da Cidade-Jardim e, por essa via, da experiência americana de Radburn"[48]. É visível que o trabalho de Losa, nesta câmara e depois na do Porto, ainda que num contexto diferente, "parece levar a uma evolução nos princípios de intervenção na cidade, provavelmente relacionada com o seu crescente domínio da informação sobre o assunto[49], como considera António Neves, ao comparar estes estudos de início de carreira de Arménio Losa aos que desenvolveu mais tarde no Porto, nos anos 40.

Ainda que o plano não se concretizasse, demarcou-se como um objeto importante no panorama descrito, ao testemunhar a primeira vontade de planeamento da vila de Esposende e permite equacionar a sua possível influência no "projectista que se seguiu, o Eng. José Miranda de Vasconcelos, uma vez que colaborava com o Arq. Arménio Losa quer na Câmara do Porto, quer em outros trabalhos particulares"[50].

Em termos práticos, o primeiro Anteplano Geral de Urbanização, vai ser desenvolvido em 1947 (fig. 38), pelo Eng. José Miranda de Vasconcelos, com uma base cartografada em 1942 (serviços da Comissão de Fiscalização dos Levantamentos Topográficos Urbanos) onde já se verificava que "os processos de produção de forma urbana resultavam como casos isolados e descoordenados, respondendo pontualmente às necessidades"[51]. Assim, o plano irá aparecer como resposta ao impulso que fez crescer a vila de Esposende.

Este plano definiu-se pela preocupação com o existente, de forma a ser adaptado para uma reestruturação da malha urbana. Ou seja, "as intervenções na estrutura antiga enquadram-se no tecido presente procurando, apenas, implementar as suas ideias nas zonas novas de expansão

[47] GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 98.
[48] NEVES, António Luís Pereira da Silva - Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Arquitectura no segundo Pós-Guerra. Arquitectura Moderna, Nacionalismo e Nacionalização, p. 141.
[49] *Ibid.*, p. 141.
[50] GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - *Op. cit.*, p. 98.
[51] *Ibid.*, p. 101.

possíveis a norte e a sul do aglomerado preexistente"[52]. Além desta preocupação, o Eng. José Miranda Vasconcelos, demonstrou interesse em melhorar as condições para a pesca e agricultura, que eram atividades importantes "para um desenvolvimento sustentável da localidade"[53].

Ao longo desta época, além das atividades relacionadas com agricultura e pesca, a vila de Esposende desenvolve-se, também, com base na atividade turística, com as caraterísticas naturais mencionadas anteriormente. A destacar, das realizações deste plano, a alteração do traçado da EN13, que até então atravessava o interior da vila, e desde aí, com uma posição mais a nascente, vai definir, juntamente com a Avenida Marginal, os limites de Esposende. Desenho esse que, mesmo atualmente, marca a cidade e permite uma clara divisão do núcleo urbano para a periferia.

Posteriormente, o segundo Anteplano de Urbanização da Vila de Esposende (fig., vai-se desenvolver pela equipa de arquitetos Viana de Lima, depois de se tornar consultor da CME, e o seu colaborador Sergio Fernandez, a partir de 1960. Ao contrário do caso de Arménio Losa e a CME, este estudo, desenvolve-se já numa fase mais avançada do percurso profissional do arquiteto responsável e num contexto nacional e internacional diferente, com maior inserção no Movimento Moderno.

Relativamente a este Anteplano, o seu ponto de partida será a revisão do Plano anterior, de 1947, e, por isso, terá a mesma delimitação. É, ainda, de salientar que será neste contexto que o Plano de Urbanização das dunas do Suave Mar será desenvolvido. Por isto, inserindo o Caso de Estudo trabalhado na Parte 3, este plano será analisado, de forma mais concreta, nesse mesmo capítulo e a sua referência, nesta parte, pretende apenas manter a evolução, cronologicamente coerente.

Portanto, a seguir a este plano, surge o trabalho da equipa de arquitetos Carlos Carvalho Dias e Lúcio Miranda, em 1967. O contributo destes arquitetos é concretizado num Esboceto do Anteplano de Urbanização da vila de Esposende (fig. 39), de forma a analisar o desenvolvimento que se estabelecia nos últimos 20 anos, desde o 1º Anteplano do Eng. José Vasconcelos.

[52] GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 106.
[53] *Ibid.*, p. 107.

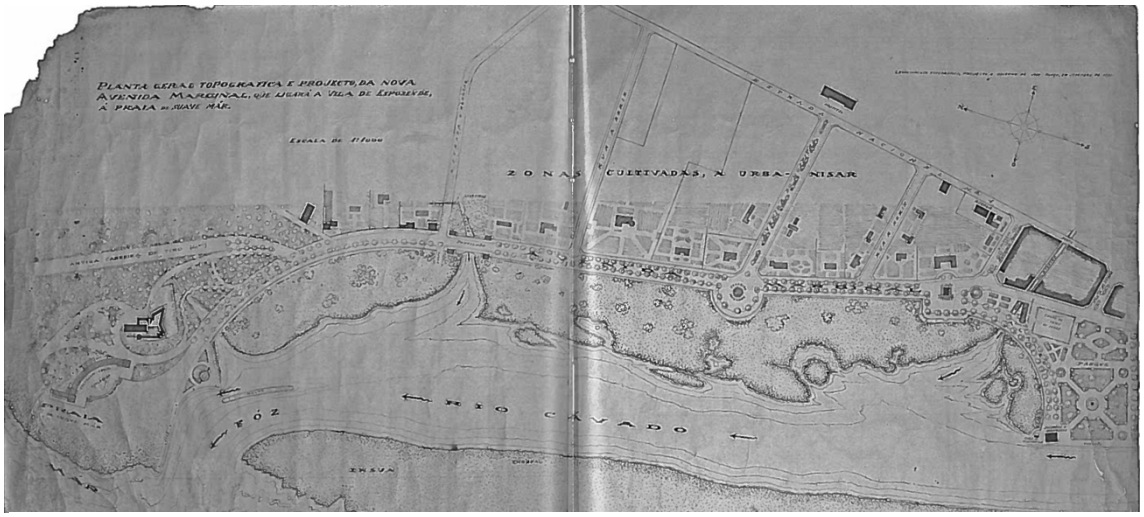


Fig. 36 - "Planta geral topográfica e projecto da nova Avenida Marginal, que ligará a vila de Espozende à praia do Suave Mar", José Vilaça, 1930.

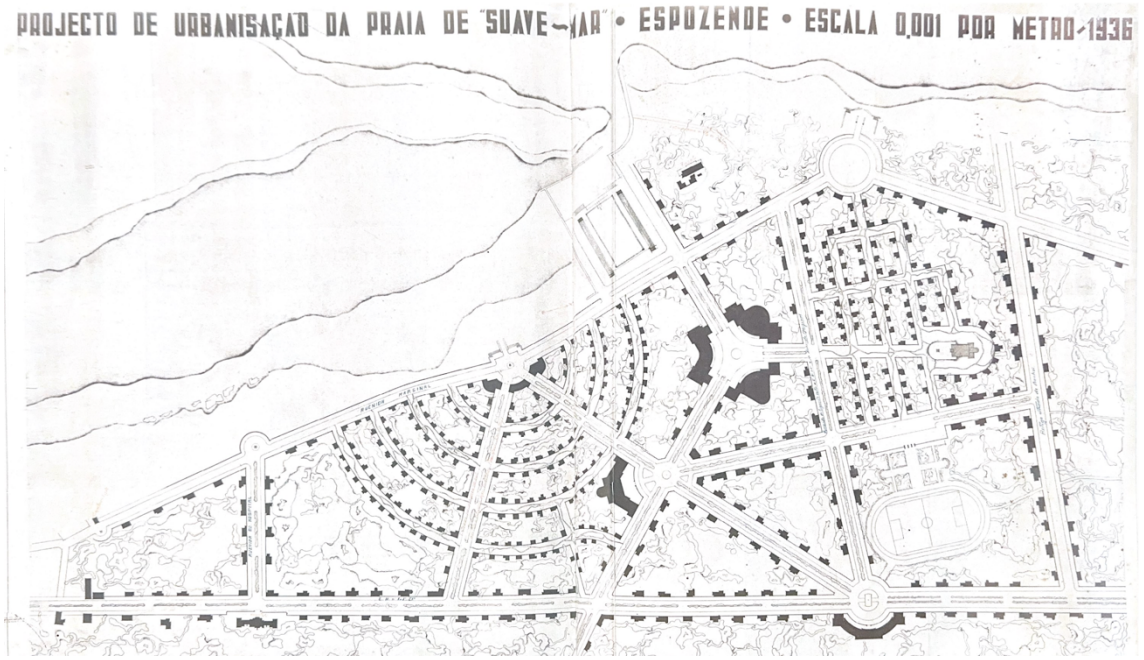


Fig. 37 - "Projecto de Urbanisação da praia de Suave-Mar", Arménio Losa, 1936.

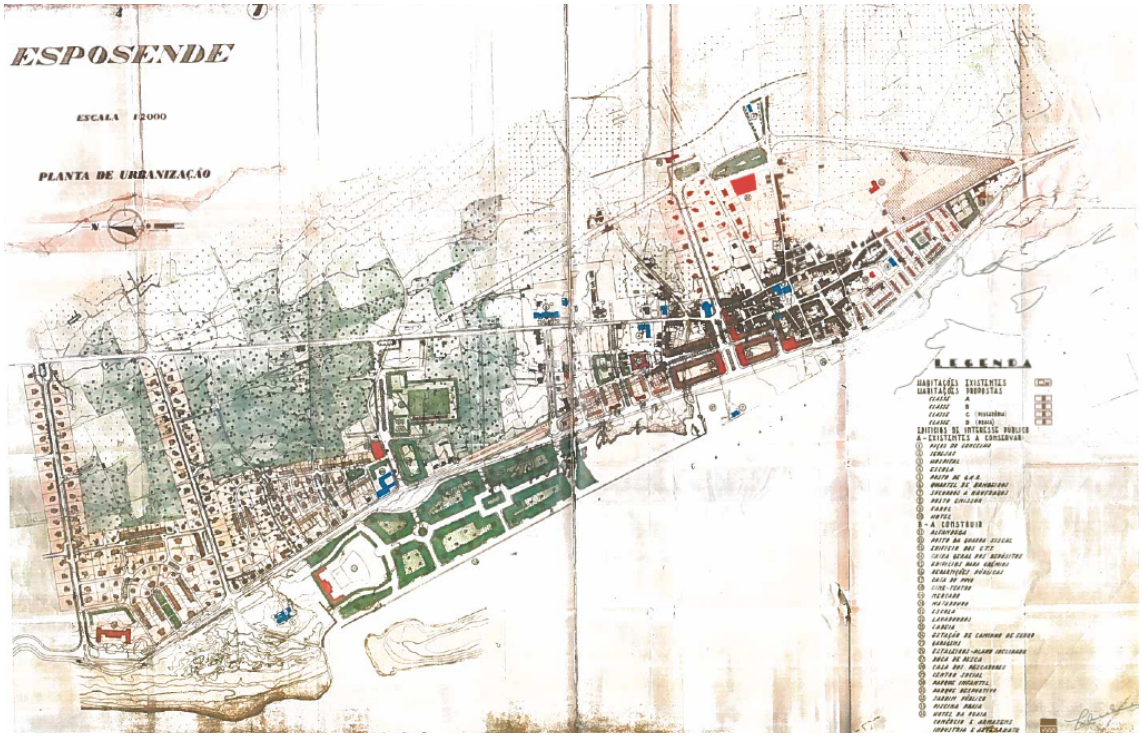


Fig. 38 - "Planta de Urbanização" de Esposende, José Miranda Vasconcelos, 1947

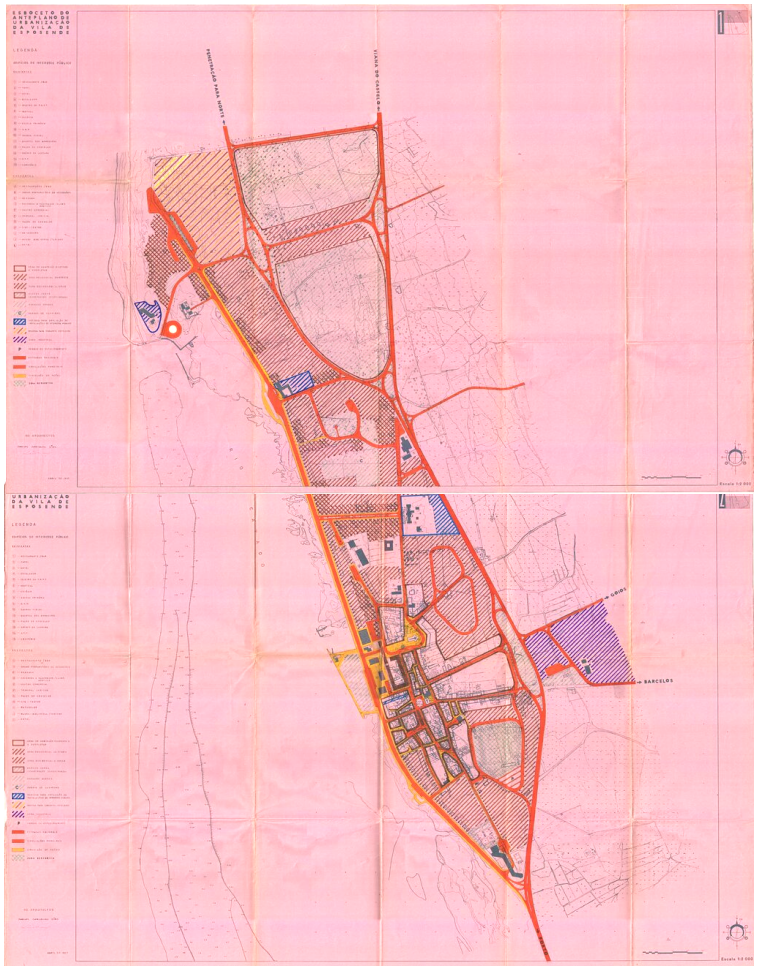


Fig. 39 - "Esboceto do Anteplano de Urbanização da vila de Esposende", Carlos Carvalho Dias, 1967.

Este Esboceto, que acabou por não se concretizar num Anteplano, veio dar origem a planos parciais, refletindo-se num crescimento destacável com o "aparecimento do 'Plano de Fomento' que veio introduzir uma novidade: Esposende deveria ser considerada 'Zona Turística'"[54]. É a partir deste ponto, que a CME vai realizar, objetivamente, estudos para promover esta vertente, agora consolidada.

A par disto, são desenvolvidos outros planos parciais para o sul da vila que pretendem responder à falta de habitação para famílias com menor poder económico, algo que carateriza a época. Neste campo, avança-se com dois planos parciais referentes à construção de blocos de habitação e equipamentos complementares, que vão assumir esse caráter mais social.

Sobre o planeamento da década de 60 na vila de Esposende, refere o Arquiteto Paulo Guerreiro, que se foi constituindo com "a introdução das formas orgânicas de Viana de Lima e a dinâmica das estruturas da mobilidade de Carvalho Dias"[55]. É nesta transição que a evolução e morfologia urbana de Esposende se vai desenvolver, com base na estrutura definida ao longo destes anos. A partir daqui o espaço da vila vai-se preenchendo conforme as suas necessidades, concretizando os princípios que se vinham a estabelecer em planos anteriores. Com isto, era pretendido "reduzir o ritmo de crescimento e privilegiar as actividades económicas"[56] e, também, estabelecer Esposende "como centro de apoio rural para as atividades piscatórias e para o desenvolvimento turístico – balnear"[57].

Estes pontos, a par do progresso mencionado, encaminharam o ordenamento da vila para o plano mais completo que se realizou para Esposende, tendo o seu devido valor e influência no desenvolvimento posterior para a concretização enquanto cidade. Neste sentido, depois de ser contratada pela CME, em 1978, a equipa de arquitetos José Bernardo Ferrão e Francisco Barata vai desenvolver o Plano de 1979, que vai formular os estudos para várias zonas com a distribuição de Planos de Pormenor. Assim, destaca-se, além da habitual zona de intervenção, a urbanização a nascente da EN13, numa área mais periférica, entre o centro e os terrenos agrícolas envolventes. No entanto, essa intenção não se concretizou com grande impacto, verificando-se que este plano "permaneceu na impossibilidade prática de traduzir o seu desenho em acções concretas"[58], algo que, atualmente, ainda se verifica.

A partir desta altura, o destaque vai para o trabalho que o Arquiteto Bernardo Ferrão, desenvolve ao longo das últimas décadas do século XX. Concluindo este capítulo, é pertinente reter a ligação de Esposende com arquitetos importantes vinculados ao Movimento Moderno. Destacam-se, principalmente, os que tinham as suas raízes ligadas ao local, o Arquiteto Arménio

[54] GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 137.
[55] *Ibid.*, p. 139.
[56] *Ibid.*, p. 141.
[57] *Ibid.*, p. 141.
[58] *Ibid.*, p. 173.

Losa e o Arquiteto Viana de Lima. Ambos com trabalhos consideráveis em Esposende, mas com maior protagonismo para o segundo, que, além de ser um nome de destaque no panorama nacional, desenvolveu, aqui, parte do seu percurso profissional, refletindo-se como um forte impulsionador da arquitetura de autor, moderna, neste contexto mais rural.

Em suma, podemos dizer que o "enquadramento natural de beleza 'estonteante', resultado da triangulação água, pinhal e montanha, (...), a proximidade com a cidade do Porto e a fronteira com Espanha"[59], tornou Esposende, uma vila humilde, com um pequeno aglomerado central, ligada à pesca e agricultura, num foco turístico para a prática do veraneio, que vai contribuir para o seu desenvolvimento e expansão urbana no decorrer do século XX.

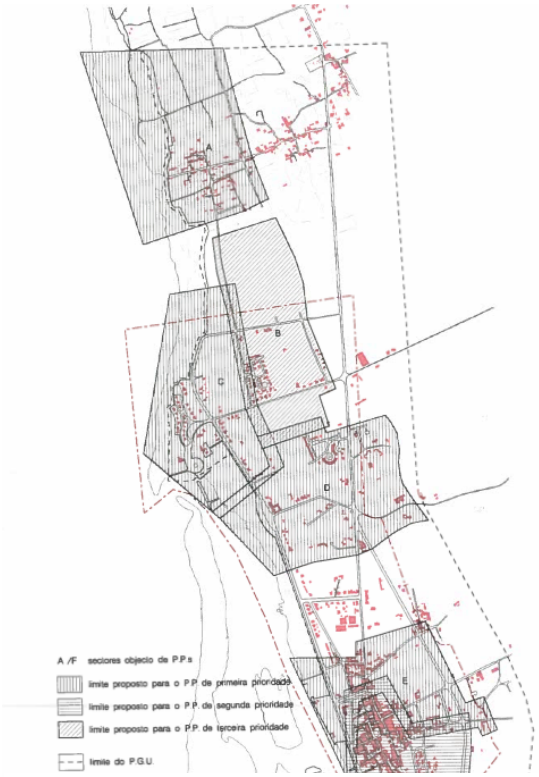


Fig. 40 - Plano de urbanização de Esposende, Bernardo Ferrão, 1979. Áreas para os planos pormenor.

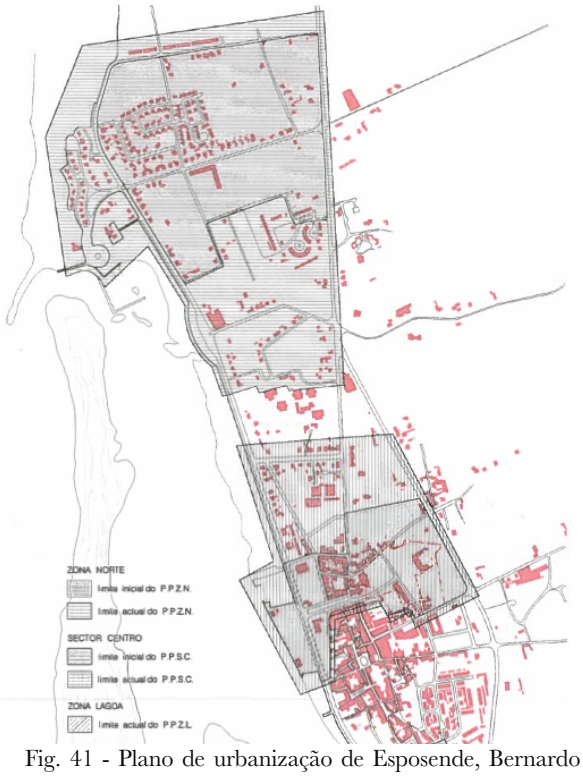


Fig. 41 - Plano de urbanização de Esposende, Bernardo Ferrão, 1984. Ampliação das áreas para os planos pormenor.

[59] GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p.131.

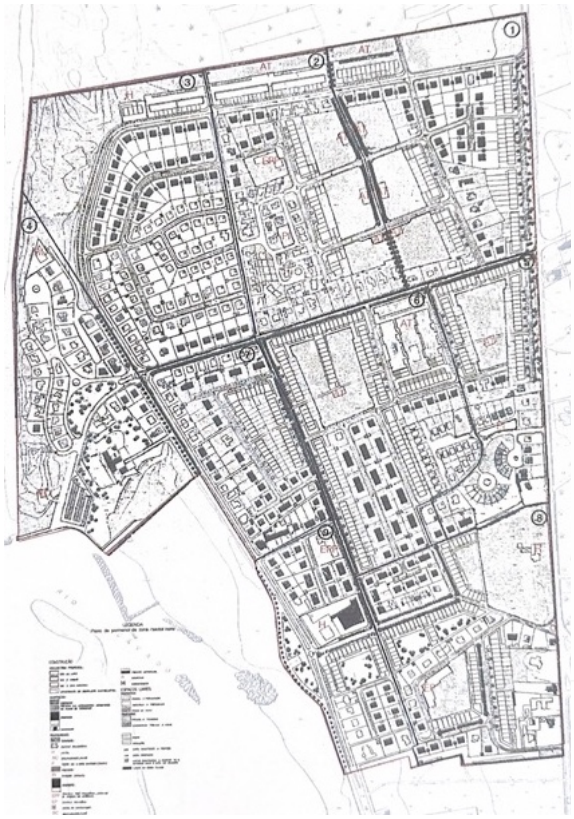


Fig. 42 - Plano de pormenor da zona Norte de Esposende, Bernardo Ferrão, 1985.

Fig. 43 - Desenvolvimento dos planos de pormenor de Esposende, 2001.

Fig. 44 - Esposende. Definição urbana do aglomerado no início do século. Imagem satélite de 2002.

2 tempo

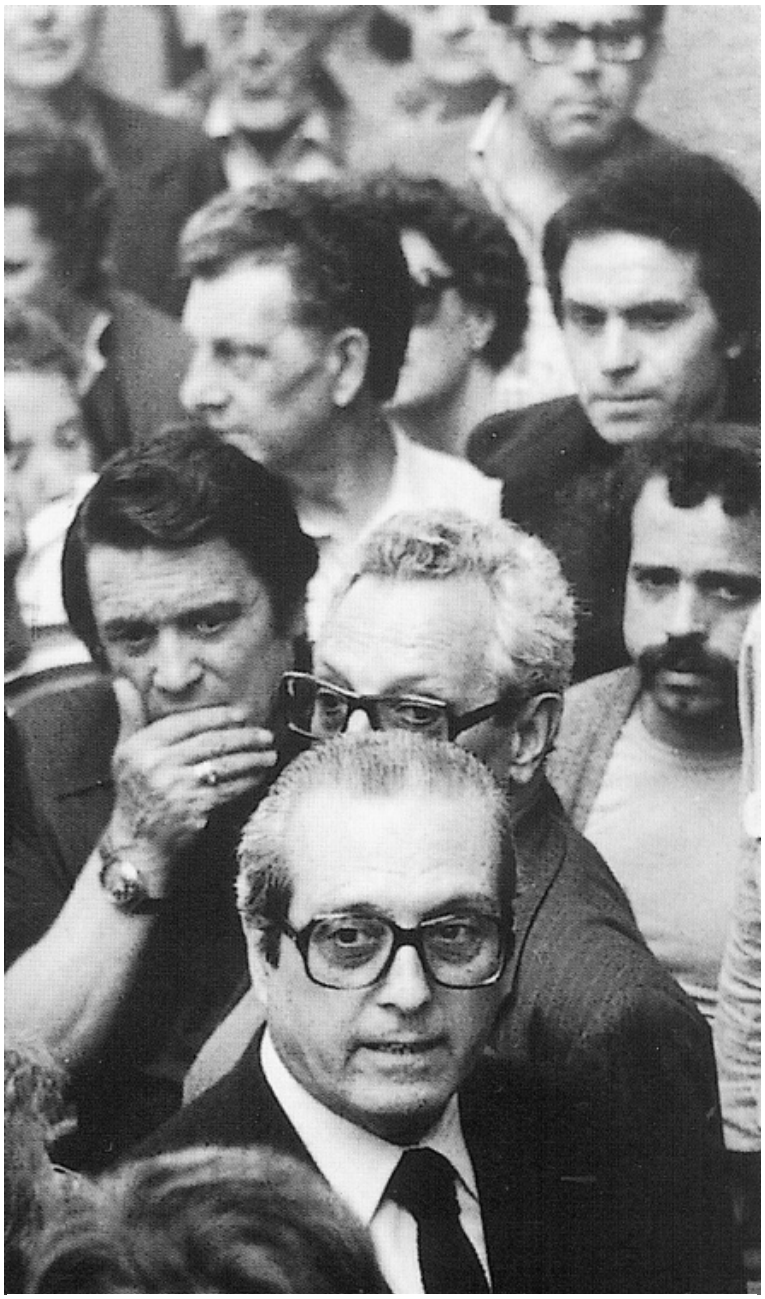


Fig. 45 - Arquiteto Alfredo E. Viana de Lima. Fotografia da década de 70.

Viana de Lima e o Movimento Moderno

Alfredo Evangelista Viana de Lima nasceu a 18 de Agosto de 1913, em Esposende e faleceu a 27 de Dezembro de 1991, no Porto. É filho de Alfredo Viana de Lima, professor do ensino oficial em Esposende, e de Joaquina de Campos Evangelista de Lima, doméstica. Viveu permanentemente em Esposende até ao ano de 1919, quando se mudou para Barcelos com o seu pai, já depois do falecimento da sua mãe em 1917, pouco tempo antes de Viana de Lima completar 4 anos de idade. O seu pai viria a falecer mais tarde no ano de 1937, ano em que nasce a sua primeira filha.

Percurso académico e profissional

O seu percurso académico, inicia-se com 17 anos, ao entrar no curso de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto - EBAP, no ano de 1929. Assim, começa a viver no Porto e durante o seu curso é colega de Mário Bonito, de Agostinho Ricca e de Cassiano Barbosa, sendo as primeiras relações pessoais que estabelece diretamente ligadas ao seu futuro profissional. É, também, durante o seu curso que conhece Iria Baudouin, natural do sul de França, com quem casa em 1936 e terá dois filhos nos anos seguintes.

Mais tarde, no ano de 1938, inicia um estágio, com a orientação dos Arquitetos Rogério de Azevedo e Marques da Silva, na Secção dos Monumentos Nacionais do Ministério das Obras Públicas - MOP. É neste cenário que Viana de Lima começa a desenvolver o seu percurso profissional e viaja pelo país para colaborar no processo de classificação e de restauro de vários edifícios, como por exemplo a Igreja de Serzedelo e o Paço dos Duques em Guimarães. Além disto, é também em 1938 que data a sua primeira obra documentada, relativa a uma reabilitação de um edifício de habitação na Rua Pinto Bessa no Porto.

Este estágio prolongou-se até 1941, ano em que finaliza o curso com a entrega do projeto "Biblioteca-Arquivo para o Ensino Universitário" para obtenção do diploma de arquiteto (CODA) com a classificação de 19 valores. É durante este período que percorre diferentes países, entre os quais a Bélgica, a Espanha, a França, a Holanda, a Inglaterra, a Jugoslávia, a Itália, a Suécia, a Suíça e o Brasil[60], para estudar e compreender da melhor forma os problemas da Arquitetura e do Urbanismo, algo que se mostrou pertinente para a preparação do seu trabalho final de curso.

[60] U. Porto - Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Alfredo Viana de Lima.

Fig. 46 - Casa na R. Honório de Lima, Porto, Viana de Lima, 1941. Demolida em 1971.

Fig. 47 - Villa Bianca, Seveso, Itália, Giuseppe Terragni, 1937.

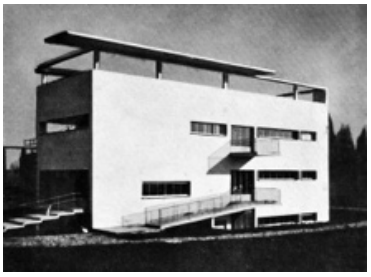


Fig. 48 - Casa del Fascio, Como, Itália, Giuseppe Terragni, 1936. Fachada posterior. Fotografia de 2014.

Fig. 49 - Casa del Fascio, Como, Itália, Giuseppe Terragni, 1936. Fachada principal. Fotografia da década de 50.

Deste modo, já é possível perceber algumas relações pessoais que se tornam importantes para o seu desenvolvimento enquanto arquiteto. Além da sua esposa, destacam-se os já mencionados Arquiteto Marques da Silva, que Viana de Lima reconhecia como seu mestre e, também, o Arquiteto Agostinho Ricca, que viria colaborar em vários trabalhos.

Em 1940, antes de acabar a sua formação académica, inicia os estudos para a Casa DRC, na Rua de Honório de Lima, no Porto. Neste trabalho é evidente a sua influência internacional, mais concretamente por Le Corbusier e os seus princípios para uma arquitetura moderna, sendo que terá sido o primeiro projeto nacional a demonstrar essa intenção. Esta obra que, segundo José Augusto França, espelha a "nova situação em que a arquitectura portuguesa procurava definir-se"[61], também demonstra alguma influência da arquitetura italiana[62], no seguimento da influência do racionalismo italiano, difundido pelas revistas e livros italianos que chegavam a Portugal.

Nestes anos iniciais também vai trabalhando com o Arquiteto Agostinho Ricca, tanto no estudo prévio do Bloco de habitação Sá da Bandeira (1943), como em vários projetos de habitação unifamiliar. Será com este colega que, em 1946, começa a desenvolver trabalhos em Esposende, mais concretamente a entrega do projeto para a Cooperativa "O Problema da Habitação" como lhe nomeou, referente ao conjunto de nove moradias na Avenida Marginal.

Em 1947, apresenta-se como um dos membros da Organização dos Arquitetos Modernos - ODAM, no Porto. Este grupo, dirigido por Arménio Losa e Cassiano Barbosa vai proporcionar a discussão sobre a produção arquitetónica em Portugal que começara a desenvolver-se com algum pendor moderno. Simultaneamente vai desenvolvendo os seus projetos e participando de forma ativa nos debates que procuravam introduzir a Arquitetura Moderna no país.

[61] FRANÇA, José Augusto - O modernismo na arte portuguesa, p. 64.
[62] No caso, do Arquiteto Giuseppe Terragni, com alguns traços similares tanto à Casa del Fascio (fig. 48 e 49) como à Villa Bianca (fig. 47).

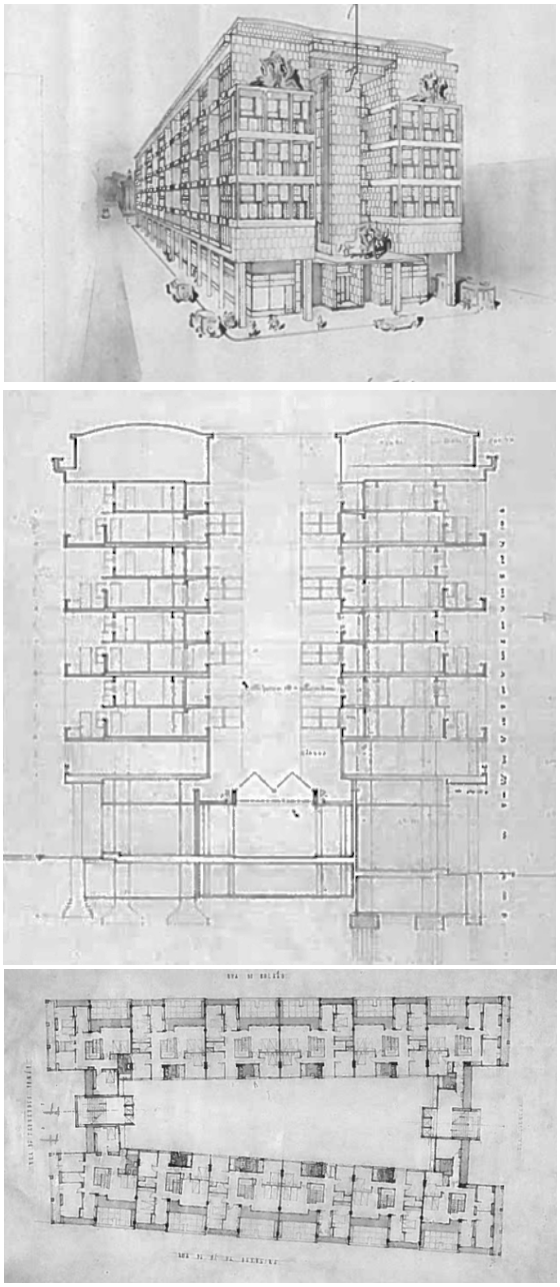


Fig. 50 - Projeto Bloco Sá da Bandeira, Porto, Viana de Lima, 1943.

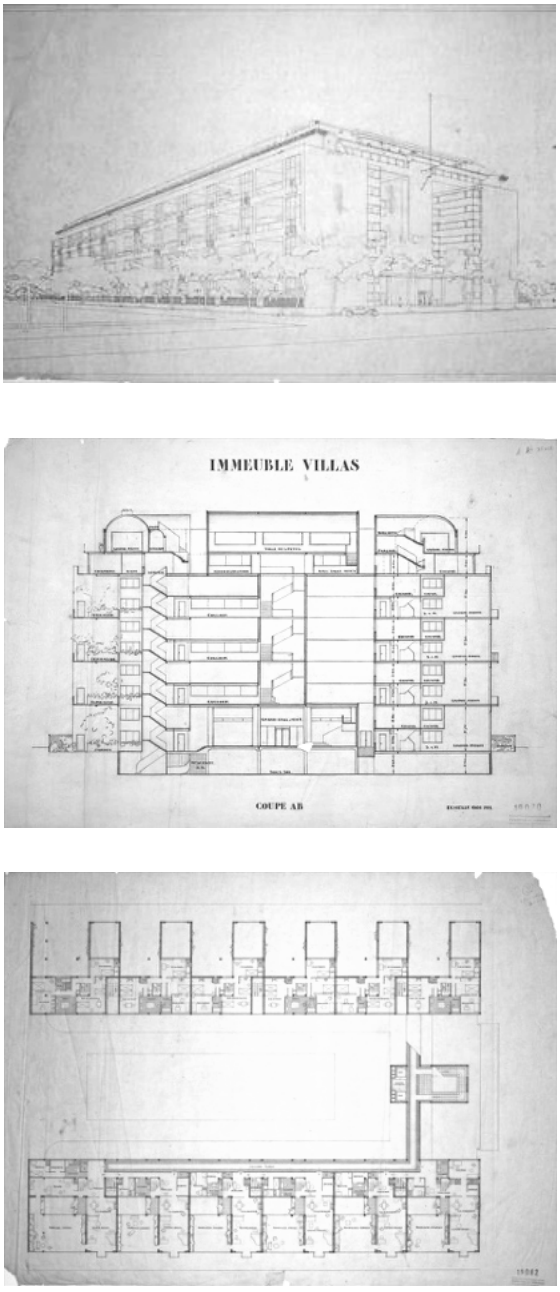


Fig. 51 - Projeto Immeubles-villas, Le Corbusier, 1922.

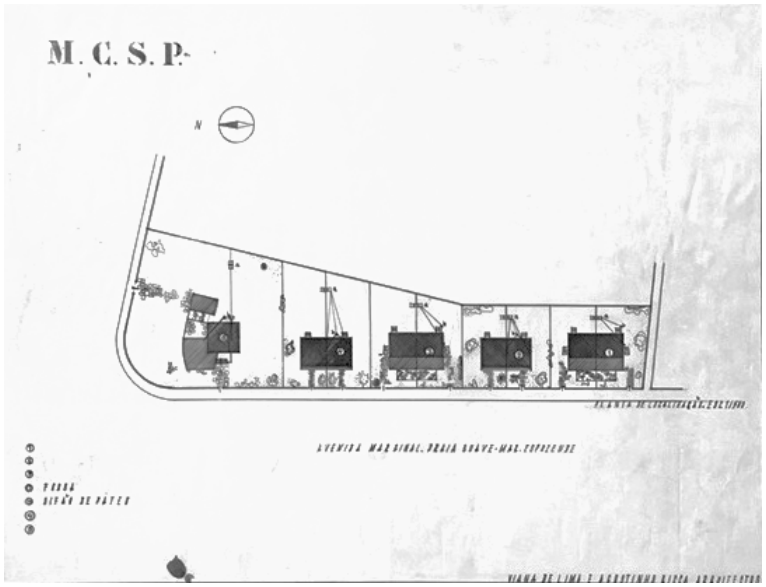


Fig. 52 - Casas para a Cooperativa "O problema da habitação", na Av. Marginal de Esposende, Viana de Lima e Agostinho Ricca, 1946. Planta do conjunto.

Fig. 53 - Casas para a Cooperativa "O problema da habitação", Av. Marginal de Esposende, Viana de Lima e Agostinho Ricca, 1946. Postal dos anos 40.

Fig. 54 - Casas, originalmente para a Cooperativa "O problema da habitação", na Av. Marginal de Esposende, Viana de Lima e Agostinho Ricca. Fotografia 2023.

Movimento Moderno em Portugal

De forma integral, o início do século XX ficou marcado pela Implantação da República, seguindo-se de instabilidade política e fragilidade económica que se vai refletir num período de crise, configurando o princípio para a ascensão da ditadura de Salazar, depois do golpe militar em Braga no ano de 1926.

No campo da arquitetura destaca-se, num primeiro momento, o trabalho do Arquiteto Ventura Terra (1866-1919), com formação em Beaux-Arts, sendo pertinente a referência das suas obras em Esposende: o Palacete Valentim Ribeiro (1909) (fig. 55), o Teatro Club (1911) (fig. 56) e o Hospital Valentim Ribeiro (inaugurado em 1916) (fig. 57). Posteriormente, Raul Lino (1879-1974), com formação alemã defendia um modelo culturalista, como refere Pedro Vieira de Almeida, sinalizado na "Casa Portuguesa" (ex: fig. 58) que acabaria por se enquadrar no tempo e objetivos da nova ditadura, desempenhando um papel fundamental na arquitetura tradicional alinhada pelas pretensões do regime.

É neste contexto que se vai desenvolver o período de ditadura com o poder absoluto do Estado, refletindo-se numa arquitetura utilizada como meio de propaganda ideológica. Por isso, como considera Sergio Fernandez, "formados no ambiente cultural da República, os primeiros arquitectos de expressão moderna exercerão a sua atividade em plena vigência do novo regime fascista; (...) produzirão em paralelas obras que se podem filiar nas raízes históricas evocadas na "Casa Portuguesa" e obras que adotam (...) o futurismo, o expressionismo ou o racionalismo"[63].

A partir dos anos 20 notou-se algum desenvolvimento no campo da arquitetura, devido ao contexto social e político associado à 1ª República. Mas, será a partir dos anos 30 que se nota a preponderância do Estado na produção arquitetónica, com a afirmação do salazarismo influenciado pelo panorama político europeu, em específico das ditaduras da Alemanha e Itália.

O financiamento do Estado na construção de obras públicas veio aumentar o volume de trabalho dos arquitetos, principalmente dos recém-formados[64] que seriam procurados pelo poder para "afirmar o mito da sua própria actualidade"[65]. Estes novos arquitetos modernos[66] ou a "geração do compromisso"[67], como designou Carlos Ramos, apesar do interesse na arquitetura moderna e da sua execução em Portugal, vão ser os responsáveis por maior parte dos trabalhos para o Estado, sendo obrigados a seguir o "estilo português suave".

[63] FERNANDEZ, Sergio - Percurso: arquitectura portuguesa: 1930/1974, p. 13.
[64] Esta geração de novos arquitetos, que já teriam realizado algumas intervenções importantes, será considerada como a primeira ligada ao Modernismo em Portugal. São eles: Cristino da Silva, Carlos Ramos, Pardal Monteiro, Cassiano Branco, em Lisboa; Rogério de Azevedo, Oliveira Ferreira, no Norte. *Ibid.*, p. 18.
[65] *Ibid.*, p. 17.
[66] A juntar aos mencionados anteriormente: Jorge Segurado, irmãos Rebelo de Andrade, Jacobetty Rosa, Paulino Montez e Keil do Amaral. *Ibid.*, p. 19.
[67] RAMOS, Carlos *apud* ALMEIDA, Pedro Vieira; FERNANDES, José Manuel - A arquitetura moderna, p.112.

Fig. 55 - Palacete Valentim Ribeiro, Esposende, Ventura Terra, 1909.

Fig. 56 - Teatro Club, Esposende, Ventura Terra, 1911. Fotografia de 1957.

Fig. 57 - Hospital Valentim Ribeiro, Esposende, Ventura Terra, 1916. Postal de 1929.

Fig. 58 - Casas na Av. Marginal, Esposende, Jorge Manuel Viana, 1943. Fotografia de 2023.

Sentiam-se limitados pela influência do regime e sem a liberdade criativa que procuravam. Isto notava-se em alguns arquitetos que cederam ao "abandono da linguagem moderna"[68] mas destacaram-se outros como, por exemplo, o Arquiteto Keil do Amaral que tentou "o compromisso entre a linguagem oficial, a modernidade e a procura de raízes verdadeiras da arquitetura tradicional portuguesa"[69]. Este será um dos arquitetos que se insere na transição das gerações, ao demonstrar o afastamento político necessário e reconhecer o papel social da arquitetura que vai marcar a geração seguinte.

A primeira geração, já mencionada, é relativa aos arquitetos formados por volta dos anos 20 e foi "aquela que apanha o primeiro embate da ordem imposta pelo Estado Novo"[70]. Já a segunda, que se pode definir como a geração moderna, é distinguida como a geração de 30 (década da sua formação) e terá um papel determinante na história da arquitetura nacional. Ao conseguir um afastamento necessário do poder político e divulgar os princípios para uma arquitetura moderna vão aproveitar o 1º Congresso, organizado pelo Estado Novo, para defender esses objetivos, servindo como a "passagem de testemunho" entre essa geração e a de 50, dos novos arquitetos Pós-Congresso.

Além dos motivos mencionados e a situação pós-guerra que se vivia, a formação de grupos de debate entre os arquitetos foi essencial para fortalecer esta vontade de alterar o rumo da produção arquitetónica nacional, criando um afastamento necessário com o Estado e permitir que fiquem mais livres enquanto artistas. Estas motivações terão sido incentivadas, também, pelo fim da 2ª Guerra Mundial e consequente derrota do fascismo na Europa, o que se mostrou como elemento de rutura mundial. Isto espelhou-se a nível nacional, assistindo-se à consolidação de grupos oponentes ao regime de Salazar e, de certo modo, a fragilização do Estado Novo que se manteve após a 2ª Guerra Mundial, mas sem o domínio presente anteriormente. Como nos explica Ana Tostões:

"O Estado Novo, que politicamente sobrevive à guerra, é não só uma realidade económica e social bem distinta da dos anos 30, como é também uma outra realidade política representando um novo equilíbrio entre as forças apoiantes do regime, substancialmente alterado sobre o impacto da guerra, abrindo a primeira crise grave e global, em que a questão do poder se coloca de alguma forma para as oposições."[71]

Neste enquadramento, considera-se que a produção moderna nacional se revelou, com mais intensidade, após a 2ª Guerra Mundial. A fase posterior à derrota das ditaduras na Europa, possibilitou que, "enquanto o Estado Novo procurava sobreviver, os arquitectos organizavam-se

[68] FERNANDEZ, Sergio - Percurso: arquitectura portuguesa: 1930/1974, p. 28.
[69] *Ibid.*, p. 28.
[70] ALMEIDA, Pedro Vieira; FERNANDES, José Manuel - A arquitetura moderna, p. 112.
[71] TOSTÕES, Ana - Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50, p. 21.

em torno dos novos ideais"[72]. De acordo com Manuel Botelho, "torna a década de 40 particularmente importante na reflexão da arquitectura moderna em Portugal"[73], ao relacionar-se com um problema político, naquilo que este autor designa como "ética da estética e estética da ética"[74].

Assim, esta vontade foi facilitada pelas motivações internas, mas também pelo contexto europeu com que os arquitetos nacionais se relacionavam cada vez mais. "As viagens tornam-se realidade para alguns e os livros vão chegando e com estes, novos modelos, a consciência de novos problemas, as hipóteses de soluções diferentes"[75]. Neste contexto, pode-se destacar o caso do Arquiteto Viana de Lima, sendo dos primeiros arquitetos nacionais conhecedores da obra de Le Corbusier e da arquitetura internacional, sobre a qual a partir de novo mostrou esse interesse, como se verifica já no Concurso de Obtenção para Diploma de Arquiteto - CODA, em 1941, ao referir que "os edifícios devem apresentar todas as condições das técnicas modernas"[76]. De facto, já nos seus primeiros projetos mostrava de forma intuitiva essas ideias numa "data muito precoce para o estado espírito do tempo"[77] já que "a divulgação (...) da obra de Le Corbusier começou em 1943, pelo menos, com a publicação por Nuno Teotónio Pereira na "Revista Técnica: Revista de engenharia dos Alunos do IST" de alguns textos traduzidos do arquiteto suíço"[78].

Com este enquadramento são criados grupos de debate entre os arquitetos. De Lisboa aparece o grupo Iniciativas Culturas Arte Técnica - ICAT, em 1946, coordenado pelo Arquiteto Keil do Amaral, "reunindo muitos arquitectos da nova geração[79] situados ideologicamente na área de esquerda"[80], com a intenção de comprar a revista Arquitetura. No Porto, ainda que com objetivos algo diferentes de Lisboa, é criada a ODAM, em 1947, através de um grupo de arquitetos fundadores, dirigidos por Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Neste grupo inseriam-se o Arquiteto Fernando Távora e o Arquiteto Viana de Lima que mais tarde se confirmam como os representantes portugueses nos CIAM. Com isto, o papel de Viana de Lima vai diferenciar-se dentro do grupo ao pretender transforma-lo no CIAM Porto para a representação nacional nos CIAM, originando algum conflito com os restantes membros do grupo.

[72] PEREIRA, Nuno Teotónio - O problema da habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura.
[73] BOTELHO, Manuel - Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética, p. 7.
[74] *Ibid.*, p. 7.
[75] FERNANDEZ, Sergio - Percurso, arquitectura portuguesa 1930/1974, p. 48.
[76] LIMA, Alfredo Evangelista Viana de - Uma biblioteca pública municipal [Uma biblioteca-arquivo], CODA, p. 1.
[77] PEREIRA, Paulo - Arquitetura portuguesa: História essencial, p. 560.
[78] *Ibid.*, p. 558.
[79] TOSTÕES, Ana - Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50, p. 24.
[80] *Ibid.*, p. 24.

Com maior destaque, o grupo ODAM, pretendia, de forma clara, divulgar e afirmar a Arquitetura Moderna com os seguintes objetivos:

"- Contribuir para a valorização do indivíduo e da sociedade portuguesa, estimular os técnicos e os leigos, arquitectos formados ou em formação, engenheiros e construtores no sentido de um eficiente e efectivo labor em prol do progresso do País.

- Obstar a que o amadorismo agressivo, perigoso e desonesto, alastre e lance a Arquitectura no caos."[81]

Estes dois grupos, ICAT e ODAM, dada também a sua localização em zonas distintas, apresentavam algumas diferenças que seriam trabalhadas nos vários encontros que se realizaram para debater a sua posição face à arquitetura nacional. É, também, pelos seus representantes que se percebe, através dos seus escritos, a sua reflexão e a tomada de consciência para a necessidade de mudança.

Neste período, com algumas semelhanças temáticas e com uma certa sensibilidade regional no contexto moderno, tanto Keil do Amaral em Lisboa como Fernando Távora no Porto, vão demonstrar a sua posição quanto ao panorama arquitetónico nacional. Quer o primeiro, com um texto titulado de "Uma Iniciativa Necessária"[82] (1948), quer o segundo com um ensaio sobre "O Problema da Casa Portuguesa"[83] (1947), vão "preconizando a modernidade [enquanto] se chama a atenção para a necessidade de relacionar a produção arquitetónica com a realidade portuguesa."[84]

[81] BARBOSA, Cassiano - ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos- Porto, p. 19.
[82] AMARAL, Francisco Keil - Uma Iniciativa Necessária.
[83] TÁVORA, Fernando - O Problema da Casa Portuguesa.
[84] FERNANDEZ, Sergio - Percurso, arquitectura portuguesa 1930/1974, p. 55.

1º Congresso Nacional de Arquitetura

É no ano de 1948, organizado pelo Estado Novo no seguimento do Congresso dos Engenheiros, que surge o 1º Congresso Nacional de Arquitetura. No desenvolvimento do evento, a partir da intervenção dos arquitetos modernos que surge com base numa moção de Artur Andrade, era pretendido "dar cabo do chamado estilo português suave"[85] e toda a arquitetura ligada ao regime. Realizado entre o dia 28 de Maio e o dia 4 de Junho, apresentando-se como o "grande debate interno da classe"[86], o Congresso deu voz aos arquitetos que procuravam o fim da ligação ao poder na produção arquitetónica portuguesa, enquanto defendiam a arquitetura moderna como a solução ideal para o país. Era o "momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos"[87] na "luta mais geral contra a ditadura"[88], onde se retrata o que refere Manuel Botelho, ao assumir que "falar da arquitetura moderna é inevitavelmente falar de um problema político"[89]. Defende-se, assim, uma arquitetura à imagem da situação internacional, moderna e racional, influenciada nos princípios divulgados por Le Corbusier.

Além disto, a par da arquitetura em Portugal ("Tema I"[90]), aborda-se o problema da habitação em Portugal ("Tema II"[91]), onde se pode exemplificar, o contributo do Arquiteto Viana de Lima que apresenta "O Problema Português da Habitação"[92]. Nesta sua tese, questiona as más condições das ilhas do Porto e defende, com base nos princípios da Carta de Atenas, que "a habitação, em virtude das novas técnicas, presta-se a ser integrada nos elementos de paisagem, ar e luz"[93], num sentido em que "a Arquitectura seria o espírito da Verdade"[94].

A Revista Arquitetura tornou-se, também, um importante instrumento de divulgação da arquitetura moderna e a partir de 1948, já depois de ser adquirida pelo grupo ICAT e dirigida por Keil do Amaral, "confirmando uma viragem na sua orientação, dá início à publicação da Carta de Atenas, documento que 'abre as portas ao urbanismo dos tempos modernos'"[95].

Além dos fatores mencionados, também se presenciou, na visão dos arquitetos modernos do Porto, alguma apreensão face ao Congresso por ser financiado pelo Governo e organizado pelo Sindicato, dirigido por Cottinelli Telmo. Já desde a Exposição do Mundo Português (1940), que estes eventos ambicionam servir de propaganda política, numa "grande manifestação de

85 PEREIRA, Nuno Teotónio - O problema da habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura.
86 TOSTÕES, Ana - Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50, p. 22.
87 PEREIRA, Nuno Teotónio *apud* TOSTÕES - Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50, p. 33.
88 PEREIRA, Nuno Teotónio - O problema da habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura.
89 BOTELHO, Manuel - Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética, p. 7.
90 1º Congresso Nacional de Arquitetura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso.
91 *Ibid*.
92 LIMA, Alfredo Evangelista Viana de - O Problema Português da Habitação *in* 1º Congresso Nacional de Arquitetura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso, p. 215.
93 BARBOSA - ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos- Porto, p. 26.
94 *Ibid.*, p. 30.
95 FERNANDEZ, Sergio - Percurso, arquitectura portuguesa, 1930/1974, p. 58.

apologia ao regime"[96], que, como refere Manuel Botelho, "assumia o carácter de símbolo surrealista do isolamento crescente do país"[97] num contexto mundial em guerra. Este Congresso, que pretendia seguir o caminho do 1º Congresso Nacional de Engenharia (1931) e numa clara intenção de se expor o "português suave", ao realizar-se à escala nacional, vai incluir, também, os arquitetos modernos, que não se reconheciam neste conteúdo nem mantinham ligação ao regime.

Assim, vai ser, principalmente, pelo contributo dos arquitetos de Porto, com o afastamento geográfico necessário, que se vão definir os objetivos principais pretendidos para a arquitetura nacional, resultando da decorrente ligação entre os grupos associados a cada cidade, ODAM e ICAT.

Isto vai-se refletir no papel do Estado que, mesmo sendo responsável pela organização, não se vai sobrepor aos objetivos traçados pela intervenção dos arquitetos modernos. Era pretendido utilizar este Congresso como propaganda exterior, internacionalmente, de forma a aproveitar a situação pós-guerra. Por outro lado, pelo seu desenvolvimento, ficou notável que "a transformação do mundo participada e conduzida pelos arquitectos parecia agora possível"[98]. Importante também referir que, de forma geral, o Congresso abrangia as diversas gerações de arquitetos e "na realidade, a geração mais velha, a dos pioneiros modernistas, (...), acusará um evidente desfasamento ideológico com as gerações seguintes"[99].

Com isto, a segunda geração, dos arquitetos com formação na década de 30[100], de caráter mais funcionalista, é que ganha maior destaque no Congresso. Com a sua forte vontade de mudança, refletindo um pensamento "aliando ao pragmatismo, que a prática profissional já ensinara, um desejo de profunda mutação"[101], vai rejeitar "a imposição, ou sequer a sugestão, de qualquer subordinação a estilos arquitectónicos"[102]. Neste grupo, destacam-se os arquitetos das associações que tinham sido formadas em Lisboa e no Porto, onde se incluía o Arquiteto Viana de Lima que defendeu que "sejam seguidos e adoptados os princípios orientadores expressos na Carta de Atenas"[103], como uma solução pertinente a adotar em Portugal.

Ao longo das teses apresentadas percebeu-se a vontade em realçar o sentido social da arquitetura, sublinhando como o arquiteto deve servir toda a população de forma igual, ao contrário do que se tinha feito, onde predominava o trabalho para o Estado e para as classes com maior poder. Neste sentido, "era urgente que os poderes públicos entendessem o potencial técnico

[96] BOTELHO, Manuel - Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética, p. 7.
[97] *Ibid.*, p. 7.
[98] TOSTÕES, Ana - Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50, p. 36.
[99] *Ibid.*, p. 34 e 35.
[100] Geração de 30 segundo Nuno Portas.
[101] TOSTÕES, Ana - *Op. cit.*, p. 35.
[102] PEREIRA, Nuno Teotónio - O problema da habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura.
[103] LIMA, Alfredo Evangelista Viana de - O Problema Português da Habitação *in* 1º Congresso Nacional de Arquitetura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso, p. 222.

que a classe poderia representar"[104] de forma a permitirem a sua autonomia e consequente resposta da produção arquitetónica para uma melhor abordagem às necessidades contemporâneas e, desse modo, "tornar efectivo para todos o direito à Arquitectura, mandando os amadores fazer outra coisa, apurando o desempenho profissional e dando trabalho a todos os arquitectos"[105].

Neste sentido, "pela primeira vez, o problema da habitação é analisado, sobretudo pelos do Norte, à escala territorial"[106], onde a sua preocupação insidia, também, no modo de vida rural e como o urbanismo deveria ter isso em conta. Além disto, a temática da pedagogia da arquitetura, sendo um ponto interessante de debate, foi pouco desenvolvida, ao contrário do que era pretendido, como se verifica pela tese "A Formação dos Arquitectos"[107], de Keil do Amaral ao colocar em dúvida o ensino da Arquitetura.

Finalizado o Congresso, é importante refletir se os resultados alcançados foram abaixo do esperado, tanto no ponto de vista político como da arquitetura. Como refere Cottinelli Telmo, no seu discurso, em forma de crítica global: a falha de "não termos sabido impor os nossos pontos de vista, a de não termos sabido lutar como devíamos"[108], demonstra a dificuldade em concretizar a orientação base deste Congresso para promover o "português suave" difundido pelo Estado Novo. Por outro lado, ainda que não resultassem em consequências diretas, os princípios defendidos pelos arquitetos modernos vão permitir alterações no paradigma nacional no pós-guerra e uma evolução gradual na implementação desta arquitetura. Deste modo, apesar de orientações semelhantes, estavam presentes diferenças entre os grupos de Lisboa e Porto e, principalmente, entre os arquitetos que serviam o Estado e os que demonstravam convicções de ideais modernos.

Fig. 59 - 1º Congresso Nacional de Arquitetura, em 1948. Auditório do IST.

[104] TOSTÕES, Ana - Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50, p. 36.
[105] PEREIRA, Nuno Teotónio - O problema da habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura.
[106] TOSTÕES, Ana - Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50, p. 36.
[107] AMARAL, Francisco Keil - A Formação dos Arquitectos *in* 1º Congresso Nacional de Arquitetura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso, p. 74.
[108] ALMEIDA, Pedro Vieira; FERNANDES, José Manuel - A arquitetura moderna, p. 142.

Assim, é evidente a importância do Congresso na História da Arquitetura em Portugal, pela forma que viabilizou o debate das questões ligadas à arquitetura e ao urbanismo, reforçada pela consciência social e moderna dos arquitetos.

Porém, considerando a posição de Pedro Vieira de Almeida, ao declarar que: " Sendo esta a primeira e tardia vez que os arquitectos se reuniam para discutir arquitectura, seria legítimo esperar aí um longo desabafo reflectindo a ansiosa necessidade de explodir com posições teóricas longamente recalcadas que, embora pudessem ser erradas no todo ou em parte tivessem o peso, se não de uma elaborada capacidade de resposta, certamente o de uma prolongada e exigente capacidade de interrogação"[109].

Mas, ainda assim, o Congresso de 48 destaca-se como uma afirmação pública da vontade dos arquitetos em acabarem com a união com o poder político, o seu principal encomendador, e, com isto, destacar este acontecimento como um ponto de viragem na produção arquitetónica em Portugal.

Apesar disto, a adoção dos princípios de Le Corbusier apenas se apresentou de forma superficial. Nem mesmo com o contributo do Arquiteto Viana de Lima, a sua argumentação a favor da Carta de Atenas e do Estilo Internacional, essa orientação ganhou protagonismo nos anos posteriores.

Neste enquadramento, o "português suave" desenvolve-se como tendência trabalhada pelos arquitetos portugueses, prevalecendo o gosto vernacular com subtis referências modernas. Por outras palavras, uma "tendência então explorada pelos arquitectos modernos em que uma linguagem vernácula surgia macia e brandamente condimentada com algumas referências à arquitectura moderna"[110]. Apesar da maior expressão em Lisboa, isto vai-se refletir na produção nacional e o seu crescimento foi consequente da constante divergência entre o poder político e os arquitetos modernos. Por outro lado, pode-se ponderar que esta resposta que encontramos na arquitetura que se construía no pós-Congresso, era uma solução plausível para os arquitetos que não se assumiam totalmente modernos ou totalmente regionais, num claro "desenquadrado fenómeno de timidez"[111], mas, também, uma forma de adaptar o produto numa configuração agradável a ambas ideologias presentes.

Ainda assim, segundo testemunha Nuno Teotónio Pereira, "com o impulso do Congresso e os novos ventos que sopravam no mundo, os arquitectos portugueses forjaram uma consciência profissional que inspirou a prática associativa e a sua própria intervenção cívica e cultural ao longo dos anos que se seguiram"[112] e será mais tarde, na transição da década, com a saída de António

[109] ALMEIDA, Pedro Vieira; FERNANDES, José Manuel - A arquitetura moderna, p. 142.
[110] *Ibid.*, p. 145.
[111] *Ibid.*, p. 145.
[112] PEREIRA, Nuno Teotónio - O problema da habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura.

Ferro do SPN/SNI que a ligação da arquitetura com o poder se afasta, permitindo reforçar os objetivos divulgados anteriormente. Ainda que indiretamente, a vontade dos arquitetos modernos em livrarem-se da influência do Estado, fica aproximadamente realizada.

No âmbito da pedagogia também se vai notando alguns esforços. Mais especificamente no Porto, em 1952, através de Carlos Ramos é organizada uma equipa de arquitetos, onde se inclui Viana de Lima, para estruturar o ensino oficial.

Apesar de ser visível uma certa continuidade na produção dos anos 40, será na década de 50 que se nota um maior desenvolvimento na arquitetura, pelas mãos das novas gerações de arquitetos[113], formados recentemente, que se afirmam baseados num modelo culturalista em conjunto com uma consolidação das tendências modernas, já pretendidas pelo Congresso, e da vertente historicista, que tinha sido rejeitada.

Já nestes anos desaparecem os grupos de arquitetos que permitiram este impulso na produção arquitetónica nacional. Em 1952 teria acabado o ODAM e em 1956 o ICAT. Em contextos diferentes, o grupo ODAM vai terminar a par do período da participação portuguesa nos CIAM, e isso refletiu-se, de certa forma, pela vontade do Arquiteto Viana de Lima em o transformar no grupo CIAM Porto sem a conformidade de todos os membros.

Fig. 60 - 1º Congresso Nacional de Arquitetura, em 1948. Fotografia de grupo.

[113] Geração de 50, segundo Nuno Portas.

Fig. 61 - Casa Aristides Ribeiro, Porto, Viana de Lima, 1949. Fachada principal e fachada lateral nascente. Fotografia de 2023.

Fig. 62 - Casa Aristides Ribeiro, Porto, Viana de Lima, 1949. Fachada principal e fachada poente. Fotografia de 2023.

Fig. 63 - Villa Bianca, Seveso, Itália, Giuseppe Terragni, 1937.

Fig. 64 - Casa Aristides Ribeiro, Porto, Viana de Lima, 1949. Fachada posterior e fachada nascente.

Fig 65 - Villa del floricultor Amadeo Bianchi, Como, Itália, Giuseppe Terragni, 1935-1937.

Fig. 66 - Villa Cook, Bolougne-Billancourt, França, Le Corbusier, 1926.

Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa

Além do Congresso de 1948, que definiu consequências fundamentais na arquitetura dos anos 50, outro acontecimento importante foi o Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa - IARP. Nomeado de Arquitetura Popular em Portugal aquando da sua primeira edição em 1961, tornou-se um marco importante no paradigma nacional, sendo o acontecimento que mais se destaca nesta década.

Assim, podem-se destacar estes dois momentos distintos e importantes para a arquitetura nacional, correspondentes às décadas de 40, 50 e 60.

O IARP realizou-se entre 1955, data em que foi iniciada a pesquisa, e 1961, data da sua publicação. Foi orientado pelo Arquiteto Keil do Amaral e veio, de certa forma, aprofundar alguns princípios e problemas expressos já no Congresso de 1948, ainda que não se relacionem diretamente. A vontade de Keil do Amaral era visível, já em anos anteriores, nas suas publicações da Revista Arquitetura e nas intenções do grupo ICAT que ainda se manteve até ao início deste Inquérito. Como nos testemunhou o Arquiteto Sergio Fernandez, este "Inquérito procurava demonstrar que as arquiteturas tinham a ver com os sítios, tinham a ver com as tecnologias tradicionais e, portanto, não era um modelo abstrato e estilo português suave como queria Salazar"[114].

Para a sua concretização organizaram-se várias equipas de arquitetos[115] distribuídos por seis (ou cinco como refere na edição publicada) zonas de trabalho, que eram classificadas por "idênticas formas de relevo, clima e revestimento vegetal"[116]. A investigação era feita para avaliar os tipos de povoamento, os arruamentos, os tipos de habitação, a arquitetura de produção e religiosa elementar e cores dominantes[117]. Esposende inseria-se na zona 1 e a equipa de trabalho foi liderada pelo Arquiteto Fernando Távora e contava com a colaboração dos Arquitetos Rui Pimentel e António Menéres.

Por várias razões, inclusive pela divisão por equipas, segundo Pedro Vieira de Almeida, este Inquérito demonstrou-se insuficiente por não se conseguir explorar ao máximo o que se pretendia, numa visível "ausência de um método comum, previamente aceite e estruturado entre todas as equipas, [que] vai permitir grandes disparidades de abordagem e de maneiras de olhar a arquitectura"[118]. As equipas da zona Porto e Norte destacaram-se com as suas vincadas

[114] Entrevista ao Arquiteto Sergio Fernandez, apêndice 11.
[115] Relativamente ao Arquiteto Viana de Lima, é apropriado salientar que não participou neste Inquérito. Apesar da sua intenção e preocupação pela arquitetura regional e pelos centros rurais, como se poderá verificar nos seus diferentes trabalhos dessa época e pela ligação aos CIAM, isto, também, permitirá ao Arquiteto um distanciamento adequado entre o Moderno e o Vernacular. Desta forma, permite-lhe conjugar as duas vertentes da melhor forma possível na sua obra e uma certa diferenciação relativamente aos colegas que desenvolviam soluções mais regionalistas.
[116] MOUTINHO, Mário- A Arquitetura Popular Portuguesa, p. 37.
[117] *Ibid.*, p. 38.
[118] ALMEIDA, Pedro Vieira; FERNANDES, José Manuel - A arquitetura moderna, p. 153.

preocupações sociais do habitat, que mais tarde inspiraram o trabalho apresentado no CIAM 10. No entanto, esses problemas não retiram o valor do Inquérito e, segundo Pedro Vieira de Almeida, funcionou como uma "coleção irrepetível de belíssimos dados brutos de manifestação de um vernáculo português"[119].

De certa forma, este Inquérito, também é influenciado pelos debates internacionais da altura e a participação portuguesa nos mesmos. Isto porque coincide com uma maior preocupação relativamente ao habitat e ao contexto rural, algo que, em Portugal, se viria a desenvolver como objeto de estudo. A motivação baseava-se no objetivo de mostrar as diferentes arquiteturas que, nacionalmente, se construíam e provar que não refletiam a reprodução de um estilo nacional proclamado pelo poder político.

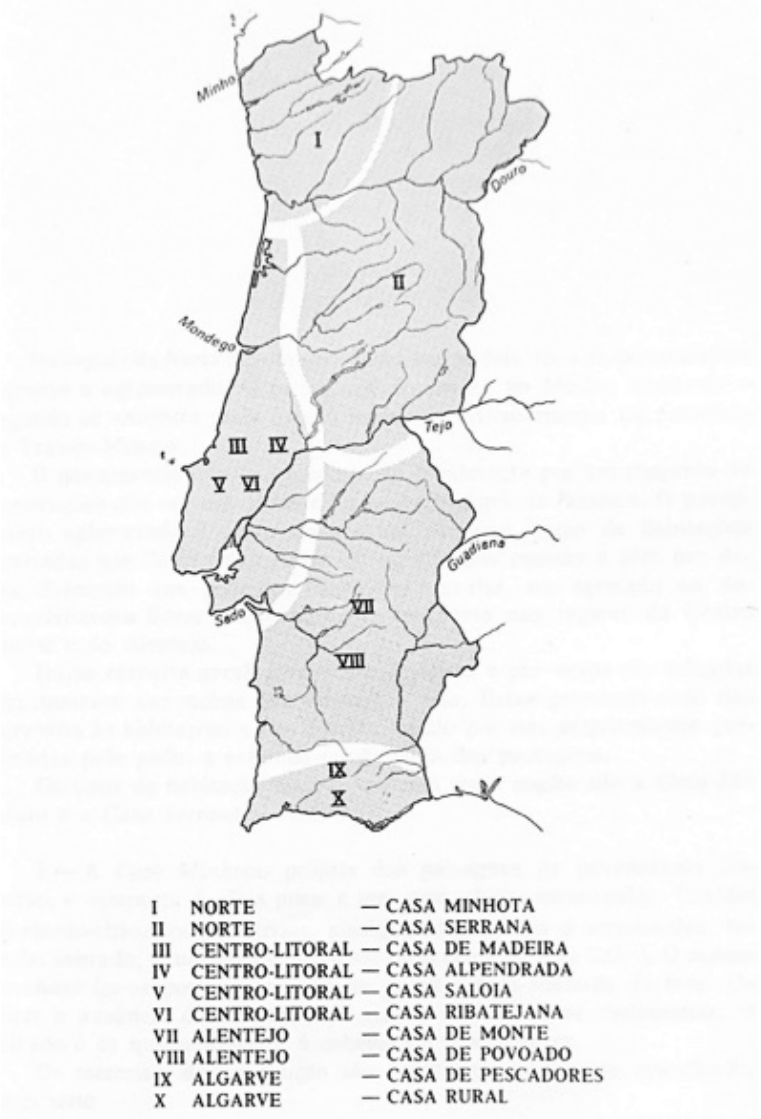


Fig. 67 - Localização das tipologias de casas, analisadas no IARP.

[119] ALMEIDA, Pedro Vieira; FERNANDES, José Manuel - A arquitetura moderna, p. 153.

No contexto nacional, principalmente a partir do oitavo congresso, com a participação portuguesa, os CIAM, mostram-se importantes no debate da Arquitetura Moderna. A importância destes congressos é, nas suas diferentes fases, indelével e, de certa forma, constituem-se como uma referência para Portugal, direta ou indiretamente.

Internacionalmente, a Arquitetura do Movimento Moderno, já se tinha desenvolvido bem mais cedo que em Portugal, devido ao contexto político, social e geográfico nacional. Apesar da primeira geração de arquitetos modernos demonstrarem o seu interesse, de forma superficial, na adoção desta arquitetura, será, por volta dos anos 40 que, em Portugal, a partir da segunda geração[120] de arquitetos modernos que o interesse nesta arquitetura se vai refletir de forma mais incisiva e atenta aos seus pressupostos teóricos. Para isto, o grupo ODAM, o grupo ICAT e, também, a Revista Arquitetura (pertencente a este último grupo) tiveram um papel determinante na sua divulgação e defesa. Inserido neste ambiente, destaca-se o Arquiteto Viana de Lima, que se mostrou como uma figura importante, tanto pelo seu conhecimento adquirido em revistas internacionais, como pelas suas viagens, onde nutriu a sua preferência pela arquitetura que se fazia noutros países, especificamente pelo trabalho de Le Corbusier.

Com isto e no seio do contexto nacional já referido, salientando o interesse dos arquitetos nacionais na produção moderna, Viana de Lima e Fernando Távora vão iniciar, no CIAM 8 (1951), a representação portuguesa nos congressos internacionais para debater a arquitetura moderna.

Inserida na cronologia moderna nacional, esta ligação portuguesa aos CIAM vai estabelecer-se nos anos após o 1º Congresso Nacional de Arquitetura, onde já se tinha debatido a arquitetura moderna, não só como solução, mas também, como um direito dos arquitetos. Além disto, presenciava-se uma reforma no ensino iniciada em 1950 pelo Arquiteto Carlos Ramos.

De forma a enquadrar a participação dos arquitetos portugueses nos CIAM, é pertinente uma abordagem que aponte e contextualize estes congressos e o seu contributo na história da arquitetura moderna internacional.

Os CIAM foram desenvolvidos para possibilitar um debate internacional sobre arquitetura e urbanismo num enquadramento social em constante mudança desde a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), com alterações sociais, políticas e económicas. Para a organização desses congressos, eram programadas reuniões de preparação, que definiam, antecipadamente, o programa e estruturação de cada CIAM.

[120] Geração dos arquitetos nascidos nos anos 10 e formados nos anos 30.

Compreendendo a duração útil dos CIAM, entre o primeiro em La Sarraz (1928) e o último em Dubrovnik (1956) foram realizados dez congressos, podendo-se repartir em três fases distintas que se organizam conforme questões programáticas e as suas resoluções. Ainda que com uma coerência semelhante esta divisão é feita de forma diferente entre Eric Mumford[121] e Kenneth Frampton[122].

Frampton divide o percurso dos CIAM em fases, de certa forma, temporais e inseridas num contexto social. Enquanto Mumford divide em partes/capítulos, numa abordagem mais programática, de forma estruturada e mais adequada no desenvolvimento da sua publicação. Neste sentido, a maior diferença está presente na última fase, que para Frampton engloba o período desde o fim da 2ª Guerra Mundial até ao fim dos congressos, enquanto Mumford, divide esta época em duas partes, considerando o período pós-guerra numa parte (CIAM 6 e 7) e a fase final em volta da temática "Hearth of the City", noutra. Esta divisão pode advir da falta de resultados dos CIAM 6 e 7, que segundo Mumford, não tiveram conclusões suficientes para um novo rumo[123].

Segundo Frampton, "os CIAM passaram por três etapas de desenvolvimento. A primeira, que foi de 1928 a 1933 e compreendeu os congressos de Frankfurt em 1929 e o de Bruxelas em 1930, foi, sob muitos aspectos a mais doutrinária"[124]. Foi após o CIAM 1, funcionando de forma preparatória, que se estabeleceram, segundo S. Giedion, os principais objetivos para os próximos congressos:

"a) Formular um programa contemporâneo de arquitetura.

b) Defender a ideia de Arquitetura Moderna.

c) Apresentar essas ideias a nível técnico, económico e social.

d) Visualizar a resolução de problemas arquitetónicos."[125]

"O segundo estágio dos CIAM, de 1933 a 1947, foi dominado pela personalidade de Le Corbusier"[126], com o urbanismo a ganhar destaque nas questões programáticas dos congressos, inclusive a elaboração da Carta de Atenas, no CIAM 4. Este estágio ficou marcado pela interrupção dos encontros devido à 2ª Guerra Mundial.

A terceira fase decorre, segundo Frampton, entre 1947 e 1959, desde o CIAM 6 ao CIAM 10, é marcada por divergências entre a nova geração de arquitetos e a anterior, responsável pelos

[121] MUMFORD, Eric - The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960.
Tendo em consideração a estruturação dos capítulos. Esta divisão é percetível, também, no discurso e estruturação da publicação de Eric Mumford sobre os CIAM. Além disso, a janela temporal, os temas abordados e as resoluções obtidas vão contribuir para a marcação dessas diferentes fases dos congressos.
[122] FRAMPTON, Kenneth - História crítica da arquitetura moderna.
[123] MUMFORD, Eric - *Op. cit.*, "The first two Congresses held after the Second World War, had produced enough consensus to provide a unifying new avant-gard direction for CIAM", p. 201.
[124] FRAMPTON, Kenneth - *Op. cit.*, p. 328.
[125] GIEDION, Sigfried apud MUMFORD, Eric- The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960, p.10.
[126] FRAMPTON, Kenneth - *Op. cit.*, p. 328.

congressos já realizados, o que se converte em dificuldades internas, além das questões externas que se debatem, num contexto pós-guerra. Em termos programáticos, vai resultar numa revisão crítica no papel do arquiteto, onde se considera o enquadramento regional além do urbano, demonstrando-se uma sensibilidade acrescida.

É nesta última fase, que se insere a participação de Portugal, a partir do CIAM 8, representada pelos Arquitetos Viana de Lima e Fernando Távora que, seriam acompanhados por outros participantes portugueses nos congressos seguintes.

A partir do CIAM 8 pode-se considerar como a parte 4 da história destes congressos, que Eric Mumford apelida "from the "Hearth of the City" to the End of CIAM"[127], e que acaba com o encontro em Otterlo, promovido pelo Team 10 em 1959.

Fig. 68 - Participantes do primeiro CIAM, La Sarraz, Suíça, 1928.

[127] MUMFORD, Eric - The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960, p. 201.

Fig. 69 - Casa Rocha Gonçalves, Porto, Viana de Lima, 1951. Fachada principal e fachada lateral nascente. Fotografia de 2023.

Fig. 70 - Casa Rocha Gonçalves, Porto, Viana de Lima, 1951. Fachada principal e fachada lateral poente. Fotografia de 2023.

Fig. 71 - Casa Rocha Gonçalves, Porto, Viana de Lima, 1951. Fachada lateral poente e fachada posterior.

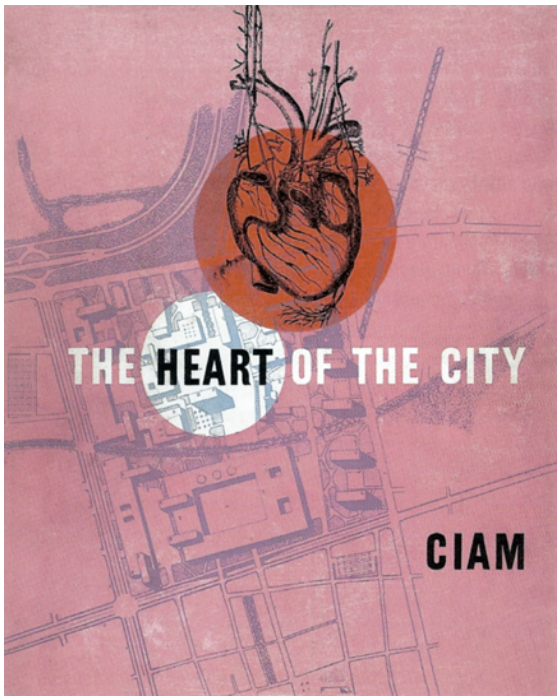


Fig. 72 - The heart of the city: toward the humanisation of urban life. CIAM 8. Publicação de 1952.

CIAM 8

É no CIAM 8 que se insere a temática do Habitat e do "Cuore", coração da casa e da cidade, com significado rural e urbano. Este CIAM, em Hoddesdon (7 a 14 de Julho de 1951), segundo Sergio Fernandez, "ao debruçar-se sobre os problemas dos núcleos cidades históricas, traduz uma importante viragem relativamente às matérias até então objeto de estudo"[128].

Este Congresso "foi muito importante na vida do CIAM porque foi, em certos aspectos, um congresso de reviravolta em relação ao pensamento anterior, clássico"[129]. Este testemunho de Fernando Távora recorda quando assistiu pela primeira vez a um congresso dos CIAM, onde salienta já um certo distanciamento entre gerações: "estiveram presentes os nomes mais famosos do organismo: Le Corbusier, Gropius, Giedion, Sert e depois gente mais nova como Kenzo Tange, Bakema, Rogers, e muitos arquitectos ingleses"[130].

Neste CIAM, ainda que se reconheça a importância de Le Corbusier na História da Arquitetura Moderna, vai-se admitir uma nova preocupação consciente das falhas dos Congressos anteriores, sendo sugerida a criação de uma Carta do Habitat como sucessão à Carta de Atenas. Apesar de essa ideia não se ter concretizado, o tema "Habitat" esteve presente nos debates do congresso. Sendo o grupo MARS, que tinha vindo a ganhar destaque desde o CIAM 6, a

[128] FERNANDEZ, Sergio - Percurso: arquitectura portuguesa 1930/1974, p. 93.
[129] CARDOSO, Mário - Entrevista com o arquitecto Fernando Távora, p. 152.
[130] *Ibid.*, p. 152.

estabelecer um papel determinante na organização do evento, considerando-se "o melhor e mais ativo grupo no Congresso atualmente"[131].

Foi a partir deste congresso, em Hoddesdon que o Arquiteto Viana de Lima, acompanhado pelo Arquiteto Fernando Távora, com a aprovação de Sigfried Giedion, formou um grupo português para participar nos congressos seguintes. É neste contexto que é criado o CIAM Porto, com o nome alusivo à localização dos seus arquitetos e surge como uma transição e substituição do grupo ODAM, algo que pode ter criado alguma tensão entre os membros, levando ao término desse mesmo grupo.

O Arquiteto Viana de Lima desempenhou um importante papel de comunicação entre os arquitetos portugueses, em concreto os da ODAM, e as equipas que organizavam os CIAM, especificamente com Sigfried Giedion. Significativamente, os primeiros contatos efetuados ocorreram simultaneamente ao 1º Congresso Nacional de Arquitetura de 1948 e à Exposição do Ateneu Comercial no Porto, efetuada pelo grupo ODAM em 1951. De forma exemplar e para compreender esta ligação portuguesa ao CIAM, é importante o trabalho de Pedro Baía desenvolvido na sua tese de doutoramento "Da Recepção à Transmissão: Reflexos do Team 10 na Cultura Arquitectónica Portuguesa 1951-1981"[132] onde se encontram as comunicações e relatórios destes Congressos, resultantes de um trabalho de pesquisa no Arquivo em Zurique.

Este grupo manteve-se ativo nos congressos seguintes e, também, nas reuniões que antecediam e preparavam esses encontros. É nesta época de ligação que a temática se vai desenvolver a partir do "Heart of the City", para o Habitat, para a consciência social do arquiteto e para a preocupação com o mundo rural além do urbano.

Já na reunião do concelho em Sigtuna, Suécia, em 1952, que previa a preparação do congresso seguinte e incidia no desenvolvimento da "Carta do Habitat", o grupo português[133] apresentou o seu contributo de forma a considerar cada país e as suas necessidades. A partir desta intervenção, o grupo de trabalho português foi-se mantendo ativo nos encontros (tanto reuniões como congressos), o que insere esta ligação na fase mais instável destes congressos internacionais e que demonstrará alguma desvalorização das propostas apresentadas, incluindo a portuguesa. Neste caso, segundo a correspondência enviada[134] relativa à "Carta do Habitat", que viria a ser o tema de debate no próximo congresso.

[131] MUMFORD, Eric - The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960, "The next Congress should be in England, to encourage the MARS group, "which, as you say, is the best and most active group in the Congress today.", p. 201.
[132] COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da - Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981.
[133] Grupo composto por Viana de Lima, António Matos Veloso e Luís Canossa. COSTA - Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981, p. 49.
[134] MAIA, Maria Helena; CARDOSO, Alexandra - Portugueses in CIAM X, p. 197.

Fig. 73 - Encontro de preparação no gabinete de Viana de Lima, para a reunião de Sigtuna. Porto, 1952.

Fig. 74 - Painéis apresentados pelo grupo português, Sigtuna, Suécia, 1952.

Fig. 75 - Viana de Lima e Fernando Távora, CIAM 9, Aix-en-Provence, França, 1953.

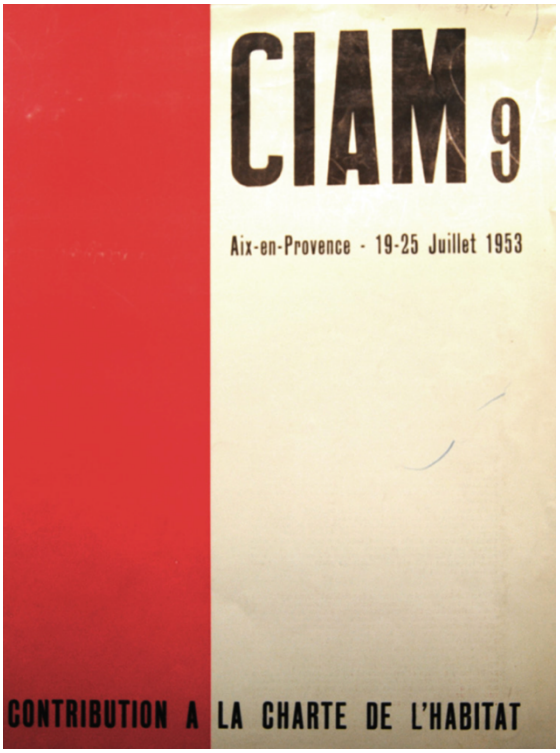


Fig. 76 - CIAM 9: Contribution à la charte de l'Habitat, Aix-en-Provence - 19-25 Julliet 1953.

CIAM 9

O CIAM 9 (1953), realizado em Aix-en-Provence, França, ficou marcado pela consolidação da divisão geracional[135]. Aqui marcaram presença grande parte dos membros que vão pertencer ao Team 10, incluindo Alison e Peter Smithson, que começam a ganhar destaque na sua posição contra a Carta de Atenas. Foi, de forma oficial, o primeiro congresso do grupo CIAM Porto que "contou com a presença de Viana de Lima, Fernando Távora, António Matos Veloso, Arménio Losa, Luís Praça e um elemento, (...) desconhecido, de nome [Vercingetorix] Abelha"[136]. Neste congresso o grupo português frequentou vários debates em torno de problemáticas sociais e presenciou uma nova abordagem ao moderno, com maior foco em preocupações que, até então, não se desenvolviam.

Apesar da intenção de criação da Carta do Habitat, esta, mesmo com as várias propostas dos grupos internacionais, não se concretizou. No entanto, este tema relacionado ao Habitat aparecerá, também, no CIAM 10.

[135] MUMFORD, Eric - The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960, "should "mark a frontier between two phases of the work of CIAM, and at the same time between two generations", p. 224.
[136] COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da - Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa 1951-1981, p. 58. Segundo constatado em alguns processos, o seu nome completo é Vercingetorix Francisco Fernando Abelha. É referido como autor de alguns projetos do Arquiteto Viana de Lima em Esposende, enquanto era consultor da CME.

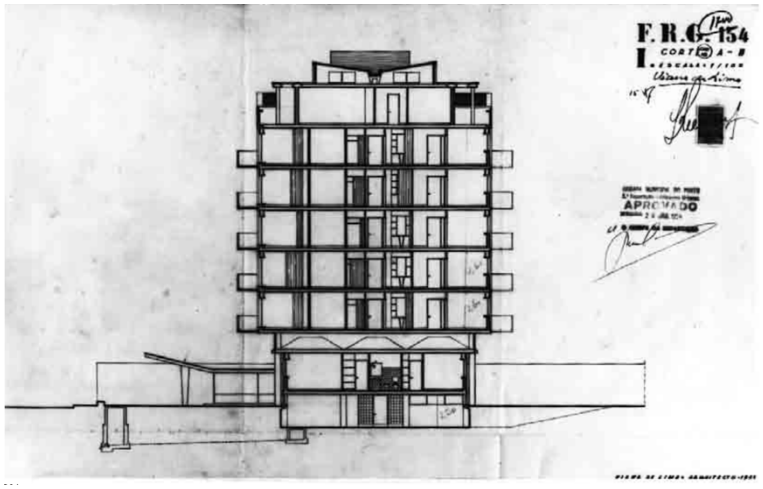


Fig. 77 - Bloco Costa Cabral, Porto, Viana de Lima, 1953. Corte transversal.
Este projeto surge no seguimento dos estudos realizados por Viana de Lima para o Plano do Conjunto de Blocos na Rua Costa Cabral, entre 1952 e 1953.

Fig. 78 - Bloco Costa Cabral, Porto, Viana de Lima, 1953. Fachada principal e fachada lateral nascente. Fotografia de 2023.
Este projeto é relativo ao único bloco residencial construído do Plano do Conjunto de Blocos na Rua Costa Cabral.

Fig. 79 - Bloco Costa Cabral, Porto, Viana de Lima, 1953. Fachada posterior. Fotografia de 2023.

CIAM 10

O CIAM 10 (1956), realizado em Dubrovnik, Jugoslávia[137], ficou marcado a nível internacional, pela consolidação do grupo Team 10 que assumiu a organização do congresso, depois de se concluir que "a falta de conclusões definitivas de Aix foram culpa da administração do CIAM"[138]. Por isto, este Congresso foi preparado com base nas propostas do Team 10, que questionam a Carta de Atenas e "põe em causa o funcionalismo, teoria tida como indiscutível"[139]. E, a nível nacional, ficou marcado pela exposição do projeto apresentado pelo CIAM Porto.

Numa das reuniões preparatórias (La Sarraz, 1955), o grupo português teria solicitado, através de Viana de Lima, que este congresso se realizasse em Portugal, no Bom Jesus do Monte em Braga. Esta vontade teria o apoio do governo de Salazar. "Em vez disso, depois de reconhecer o convite do grupo português do Porto, decidiu-se aceitar o convite do "Grupo Jugoslavo" para realizar o Congresso em Dubrovnik"[140].

Portugal esteve presente com um projeto apresentado pelo CIAM Porto, para uma comunidade em Trás-os-Montes, intitulada de "Habitat Rural, Nouvelle Communauté Agricole" e era referente à aldeia de Rio de Onor, "uma aldeia formada por dois focos populacionais- um espanhol, outro português- separados pela fronteira política, mas unidos pela mesma cultura e dialecto"[141]. Este trabalho desenvolveu-se a par do IARP (1955-1961) e consolidou a pesquisa desenvolvida na zona II (Trás-os-Montes), por uma equipa coordenada por Octávio Lixa Filgueiras[142]. Este mesmo grupo, além dos delegados habituais Viana de Lima, Fernando Távora, e Alberto Neves (estudante da Escola Superior de Belas Artes do Porto - ESBAP), formavam a representação portuguesa no CIAM 10[143].

Segundo a Revista Arquitectura, esta "Comunidade Rural com cerca de 40 habitações"[144], "serve de ponto de apoio a um grupo de pequenas outras comunidades existentes (...) e estabelece a ligação entre estas, distantes 4 km, em média, com o centro principal da região (cidade de Bragança)"[145]. Desta proposta transparece a ligação do panorama nacional, no decorrer do IARP, e ao que se debatia nos CIAM, com base num "trabalho extremamente referenciado, regionalizado, nada internacional"[146].

[137] Atualmente Croácia.
[138] MUMFORD, Eric - The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960, "The lack of definite conclusions from Aix was the fault of the administration of CIAM", p. 238.
[139] FERNANDEZ, Sergio - Percurso: arquitectura portuguesa 1930/1974, p. 93.
[140] MUMFORD, Eric - *Op. cit.*, "Instead, after acknowledging the invitation of the Porto Portuguese group, the decision was made to accept the invitation of the "Yugoslav Group-in-Formation" to hold the Congress in Dubrovnik.", p. 240.
[141] DIAS, Jorge - Rio de Onor: comunitarismo agro-pastoril, p. 47.
[142] Com os arquitetos estagiários Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias.
[143] X Congresso CIAM. Revista Arquitectura, Nº64, 1959, p. 21.
[144] X Congresso CIAM. Revista Arquitectura, Nº64, 1959, p. 23.
[145] X Congresso CIAM. Revista Arquitectura, Nº64, 1959, p. 23.
[146] CARDOSO, Mário - Entrevista com o arquitecto Fernando Távora, Nº123, 1971, p. 153.

Assim, esta proposta contribui para a Carta do Habitat, ao demonstrar "a importância do Habitat rural que os Ciam não podem ignorar se pretendem que as suas propostas sejam realmente universais"[147] e que expressem a integração de todas as formas de Habitat.

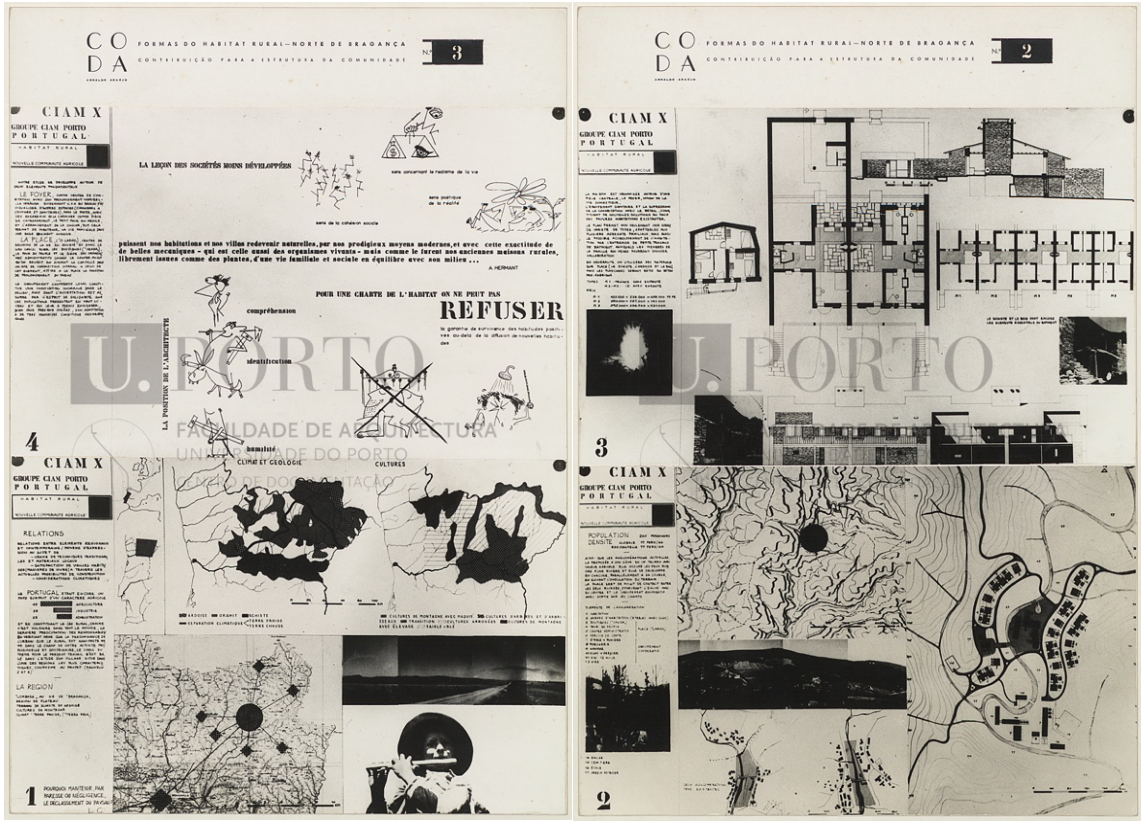


Fig. 80 - Painéis apresentados pelo grupo português no CIAM 10, Dubrovnik, 1956. Publicação no CODA de Arnaldo Araújo, que agrupa em duas folhas os quatro painéis.

[147] X Congresso CIAM. Revista Arquitectura, Nº64, 1959, p. 24.

Fig.81 - Hospital de Bragança, Viana de Lima, 1957. Planta de conjunto.

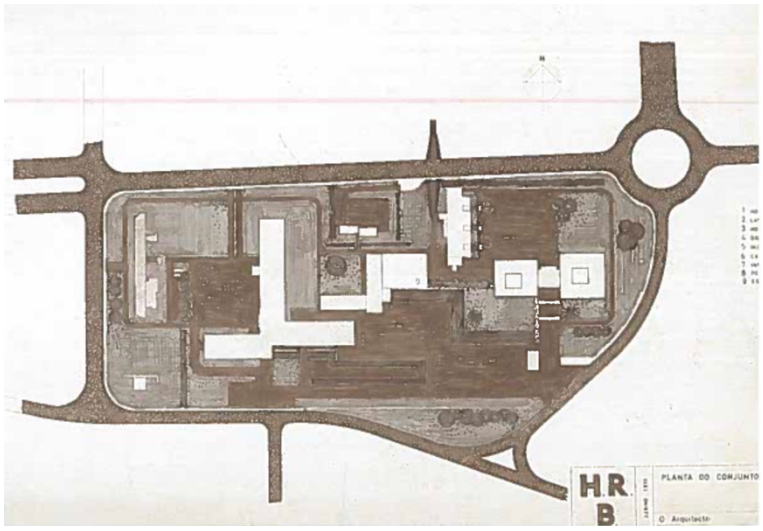


Fig. 82 - Hospital de Bragança, Viana de Lima, 1957. Alçados.

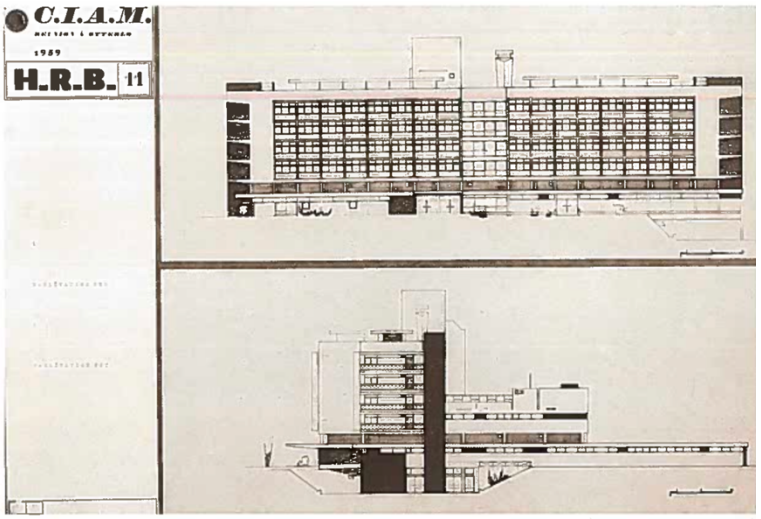


Fig. 83 - Hospital de Bragança, Viana de Lima, 1957. Acesso. Fotografia de 2011.

CIAM '59

A reunião de Otterloo (1959), Países Baixos, veio marcar o fim dos CIAM. Sendo considerado como CIAM '59[148], em vez de CIAM 11, onde a intenção seria "deixar claro que houve uma rutura com o antigo CIAM"[149]. Este evento contou com 43 participantes, com forte presença dos membros do Team 10 e, relativamente à representação nacional, com Viana de Lima, Fernando Távora e Sergio Fernandez, como estudante e colaborador de Viana de Lima.

Neste encontro, foram apresentados os projetos de forma individual e não se seguiu o antigo método de criação de grupos de trabalho. De Portugal, foram apresentados o projeto do Hospital de Bragança (1957) e o projeto do Mercado de Vila da Feira (1953/1959), por Viana de Lima e Fernando Távora, respetivamente.

Fig. 84 - CIAM 59, Otterlo, Países Baixos, 1959. Fotografia de grupo com Viana de Lima, Fernando Távora e Sergio Fernandez.

Fig. 85 - CIAM 59, Otterlo, Países Baixos, 1959. Fotografia com cartaz a anunciar a morte dos CIAM. Em cima: Peter Smithson, Alison Smithson, John Voelcker, Jaap Bakema, Sandy van Ginkel. Em baixo: Aldo van Eyc e Blanche Lemco.

[148] *Cf.* MUMFORD, Eric - The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960.
[149] MUMFORD, Eric - The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960, "make clear that there had been a break with the old CIAM", p. 260.

Viana de Lima a partir dos CIAM

Durante este período de oito anos de ligação entre os arquitetos portugueses e o contexto internacional, a produção em Portugal vai, em alguns casos, refletir esse caminho percorrido e a consciencialização do arquiteto irá ganhar maior destaque. A par disto, o "problema político"[150] referente à Arquitetura Moderna vai-se moderando e, tal como considera Sergio Fernandez, "a posição do poder perante um certo tipo de modernidade vai sendo cada vez mais flexível, designadamente no que respeita às operações de renovação urbana"[151]. Porém, não se pode simplificar esse avanço, pois o Estado nunca concedeu total liberdade e mesmo nos planos urbanísticos demonstrava o seu controlo.

Esses avanços resultaram, também, dos esforços consequentes do IARP, ao ficar patente que a arquitetura produzida em Portugal variava conforme a região e, por isso, era impossível a sua denominação num estilo único, tal como eram as pretensões do governo de Salazar. A acrescentar a isto, a coincidência temporal entre o IARP e a fase final dos CIAM pode, também, ter impulsionado o enquadramento nacional referido, ao permitir uma relação entre os temas abordados e o trabalho de campo desenvolvido. Este contexto com a preocupação social associada ao regional, vai valorizar a arquitetura vernacular e a vontade em trabalhar em centros rurais, que se devem mostrar tão importantes como centros urbanos. Como considera Sergio Fernandez, "a importância da sociologia, bem como o estudo da cidade, marcarão profundamente, a partir do fim dos anos cinquenta, os profissionais mais atentos às realidades do país"[152].

De certa forma, a década entre 50 e 60, em Portugal, que acompanha a última fase dos CIAM e o período de elaboração do IARP, vem demonstrar que a preocupação social desenvolvida no Movimento Moderno se pode articular com a tradição vernacular, com pendor regionalista. Ainda assim, é importante salientar que esta relação entre os momentos enunciados é aproximada pelo interesse em abordar contextos menos urbanos e não se reflete, concretamente, numa relação direta ou num sentido de consequência entre eles. Isto vai resultar num maior interesse, principalmente a nível urbanístico, para a realização de planos, tanto nas grandes cidades, como em aglomerados mais regionais.

Assim, esse interesse, como se verifica em alguns CODA dos arquitetos dessa geração, "em especial no Norte"[153] vai permitir uma "visão do habitat rural distanciada dos conceitos de mero tipicismo que interessavam às entidades oficiais"[154]. Exemplo disso são os CODA de Sergio

[150] BOTELHO, Manuel - Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética., p. 7.
[151] FERNANDEZ, Sergio - Percurso: arquitectura portuguesa 1930/1974, p. 106.
[152] *Ibid.*, p. 114.
[153] *Ibid.*, p. 108.
[154] *Ibid.*, p. 108.

Fernandez[155], Arnaldo Araújo[156] e Octávio Lixa Filgueiras[157] que vão demonstrar, também, a reformulação que se vai efetuando no ensino da arquitetura.

De modo simultâneo, a produção arquitetónica de Viana de Lima vai-se refletir, sobretudo, em projetos de moradias no Porto e em Esposende. Contemporâneas da primeira participação nos CIAM, destacam-se as moradias Aristides Ribeiro e Rocha Gonçalves, ambas no Porto. Já durante 1953, ano do CIAM 9, Viana de Lima inicia o projeto para o Bloco Costa Cabral no Porto, sendo o único construído no seguimento dos estudos para o Plano de Conjunto dos Blocos na Rua Costa Cabral desde 1952. Entre este congresso e o décimo, inicia o projeto da Casa das Marinhas, em Esposende e projeta o Bloco de Gaveto na Rua Rodrigues Sampaio, no Porto.

O seu trabalho urbanístico vai-se inserir numa fase em que os CIAM passavam por uma revisão crítica e as suas preocupações se voltam para fora dos centros urbanos, incidindo em aglomerados mais rurais. É neste contexto que elabora o Anteprojeto de Urbanização de Vila Verde, em 1955.

Nos anos seguintes desenvolve o projeto do Hospital de Bragança que vai apresentar em 1959, no Congresso de Otterlo. Já nesta época, o Arquiteto Sergio Fernandez, colaborava no escritório de Viana de Lima e participa em todos os projetos realizados entre 1958 e 1965, ainda que "a partir de 63 a [sua] colaboração foi já muito pontual"[158].

É, depois deste último congresso, no ano de 1960 que se vão refletir no seu percurso as preocupações do panorama da arquitetura ligada aos aglomerados rurais, tal como comprova Sergio Fernandez ao referir que "os planos do Viana de Lima começaram a ter cada vez mais atenção ao contexto e à realidade"[159]. Já como arquiteto e consultor da CME, entrega o estudo do Plano de Urbanização das dunas a Norte da foz do Rio Cávado, na zona do Suave Mar em Esposende.

[155] FERNANDEZ, Sergio - Recuperação de aldeias: Rio de Onor.
[156] ARAÚJO, Arnaldo - Formas do habitat rural - Norte de Bragança: contribuição para a estrutura da comunidade.
[157] FILGUEIRAS, Octávio Lixa - Urbanismo: um tema rural.
[158] Entrevista ao Arquiteto Sergio Fernandez, apêndice 11.
[159] *Ibid.*

Fig. 86 - Faculdade de Economia do Porto, Viana de Lima, 1961. Planta geral.

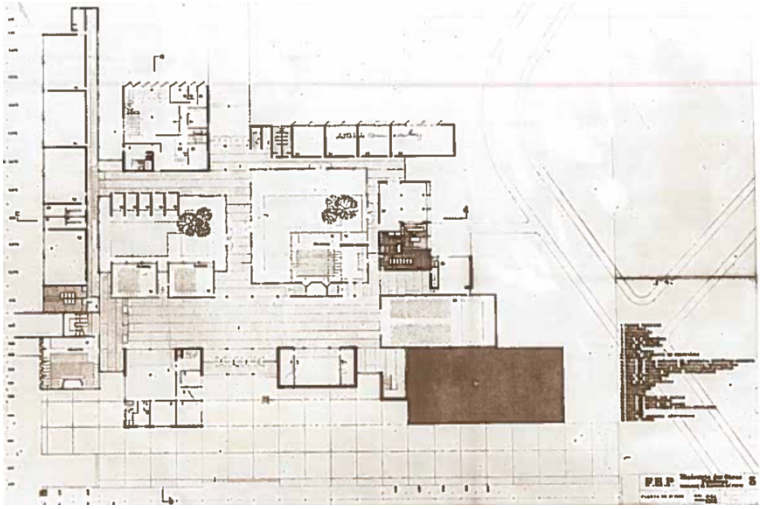


Fig. 87 - Faculdade de Economia do Porto, Viana de Lima, 1961. Exterior. Fotografia de 2023.

Fig. 88 - Faculdade de Economia do Porto, Viana de Lima, 1961. Interior, Biblioteca. Fotografia de 2023.

Além deste trabalho urbanístico, começa a trabalhar, também, para a Câmara Municipal de Bragança - CMB e elabora o Plano Regulador da cidade. E, ainda nesse campo, dá início ao Plano de Urbanização da cidade de Valença. Além destes trabalhos, desenvolve vários projetos de habitações em Bragança, Vila Nova de Famalicão e Esposende, incluindo os trabalhos de consultor para as respetivas câmaras. Ao analisar o percurso profissional de Viana de Lima, repara-se que a partir de 1960 o volume de trabalho aumentou, consideravelmente, em relação aos anos anteriores. Isto refletir-se-á nos anos seguintes também e deve-se, principalmente, a relações importantes que estabeleceu, onde se destaca o presidente da Gulbenkian[160].

Em 1961, ingressa no corpo docente do curso de Arquitetura da ESBAP onde ensinará até 1977. Além disto, destaca-se o projeto para a Faculdade de Economia do Porto, iniciado em 1961, com Júlio de Brito, num ano em que desenvolve, também, vários trabalhos em Esposende. Entre projetos de habitação a trabalhos urbanísticos, estes anos iniciais de década de 60 vão refletir, de certa forma, a inquietação pessoal e a relação com o contexto nacional, que se caraterizava com uma expansão demográfica significativa.

No ano de 1963, realiza os últimos desenhos para os planos dos aglomerados do concelho de Esposende (Esposende, Ofir-Fão, Apúlia) que vinham a ser estudados desde 1960 e não foram finalizados. No Anteplano de Urbanização de Esposende insere-se o Plano de Urbanização das dunas do Suave Mar, que será estudado na terceira parte desta Dissertação. A sua ligação à CME termina em 1965, após um período denso de trabalhos e sucessivos atrasos na entrega do Anteplano de Urbanização, prevista no seu contrato.

Nesta época, inicia a sua ligação ao Brasil, com viagens e algumas colaborações com o Arquiteto Óscar Niemeyer, de onde se destaca o projeto para o Hotel e Casino do Funchal (1966), Madeira. No campo do planeamento urbano, como consultor da UNESCO, desenvolve vários trabalhos para cidades brasileiras.

Além disto, retomará em 1983 o seu percurso enquanto professor, ao pertencer ao corpo docente da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa - ESBAL durante seis meses. Depois disto a sua ligação a Esposende continua a diminuir, não havendo nenhum projeto da sua autoria na parte final da sua carreira enquanto Arquiteto, além do jazigo que desenha para a sua família em 1987.

[160] Entrevista ao Arquiteto Sergio Fernandez, apêndice 11.

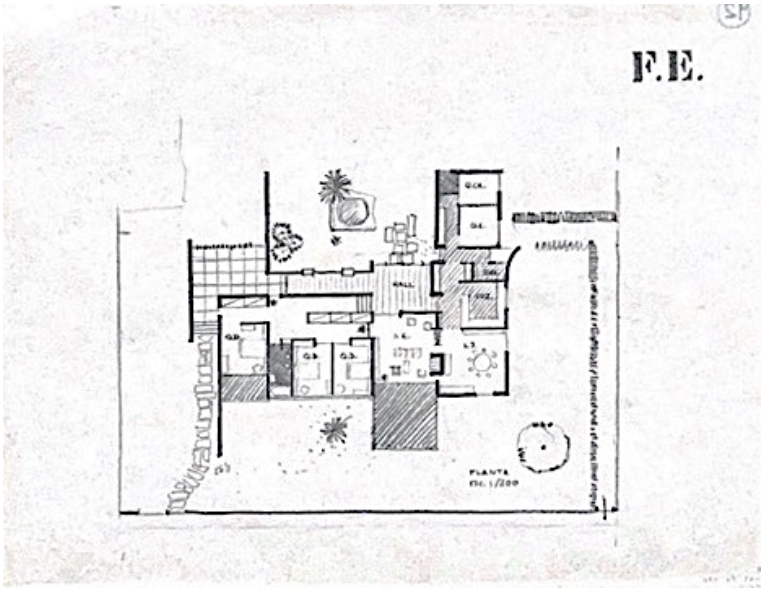


Fig. 89 - Casa Francisco Evangelista, Esposende, Viana de Lima, 1962. Desenho da planta. O projeto insere-se no período de Viana enquanto arquiteto consultor da CME e, por isso, aparece assinado pelo Eng. Vercingetorix Abelha.

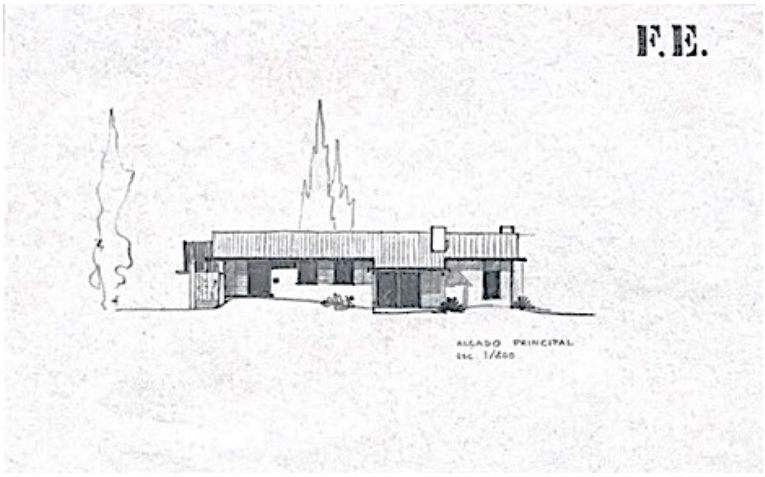


Fig. 90 - Casa Francisco Evangelista, Esposende, Viana de Lima, 1962. Desenho do alçado principal.

Fig. 91 - Casa Francisco Evangelista, Esposende, Viana de Lima, 1962. Fachada Poente e fachada lateral Norte. Fotografia de 2023.

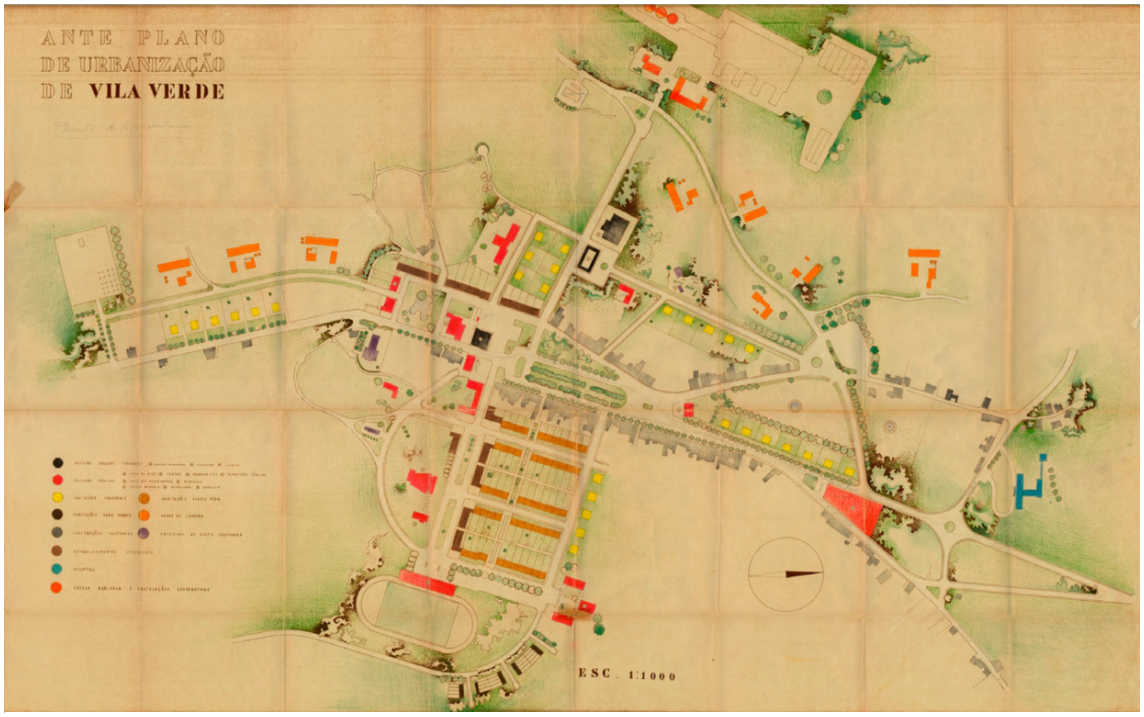


Fig. 92 - Anteplano de Urbanização de Vila Verde, Viana de Lima, 1955.

Fig. 93 - Anteplano de Urbanização de Valença, Viana de Lima, 1960.

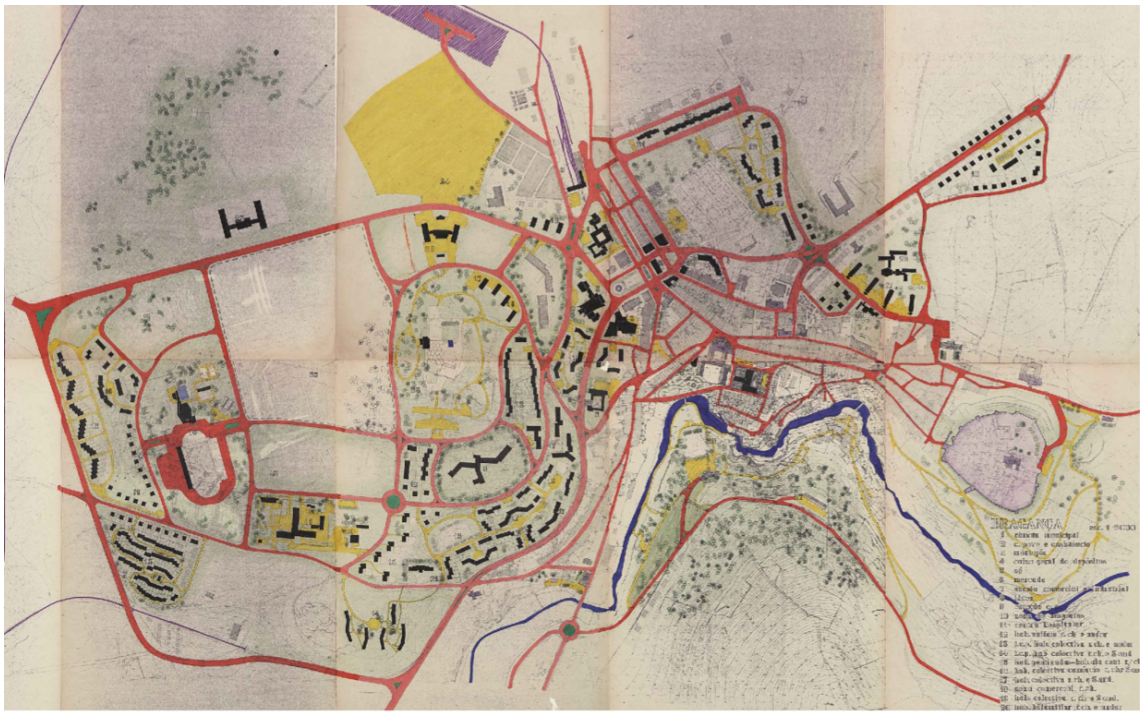


Fig. 94 - Anteplano de Urbanização de Bragança, Viana de Lima, 1963.

Fig. 95 - Anteplano de Urbanização de Vila da Feira, Viana de Lima, 1982.

3 objeto

Fig. 96 - Suave Mar, Esposende. Imagem satélite de 2021.

O Plano de Urbanização das dunas do Suave Mar

Enquadramento

O Anteplano Geral de Urbanização da vila de Esposende

No início dos anos 60, a estrutura urbana de Esposende era caraterizada por uma malha irregular, mais antiga, no centro e uma malha radial que se expandia, principalmente, para Norte, acompanhando o Rio Cávado. Isto veio traduzir a imagem de Esposende como um conjunto de núcleos isolados de expansão, implantados dispersamente ao mesmo tempo que se tentam unir ao centro antigo da vila pelos arruamentos que se vão criando. Desta forma, estes estudos realizados a pedido da CME, pretendem incentivar, não só, o setor económico e o turismo, aumentando a oferta de áreas úteis para construção de habitação, especialmente de casas de férias, e equipamentos relacionados; mas, também, melhorar as estruturas viárias e o apoio às moradias no centro antigo, que se encontravam em más condições.

No contexto nacional, como já mencionado, apesar de nesta década a arquitetura já ter conseguido alguma liberdade em relação às pretensões do regime, ainda se verificava algumas limitações, principalmente em questões urbanísticas. Tal como refere Paulo Guerreiro, o enquadramento temporal deste plano situa-se numa fase de "crescente desmotivação dos urbanistas nacionais para a realização de planos, devido à morosidade do seu processo de aprovação pelo Governo, com a constante introdução de alterações"[161], numa clara interferência do poder político neste campo. Ou seja, as intervenções urbanas e os seus planos antecedentes eram fiscalizados pelos órgãos do governo, para cumprir de forma exigente as regras nomeadas no D.L. n.º 33 921 de 1944[162]. Qualquer tipo de intervenção seria alvo de avaliação pelo Ministro das Obras Públicas e, neste sentido, o Estado, exigia as alterações conforme a sua vontade. Os terrenos urbanizados fora destes termos e que não correspondessem às intenções superiores não seriam comparticipados, o que resultava num processo lento e dependente do governo, que mantinha este controlo[163].

[161] GUERREIRO, Paulo A. Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 125.
[162] DECRETO-LEI nº 33921, publicado em Setembro de 1944.
[163] Correspondência entre MOP e CME sobre "Elaboração de planos de urbanização", Anexo 1.

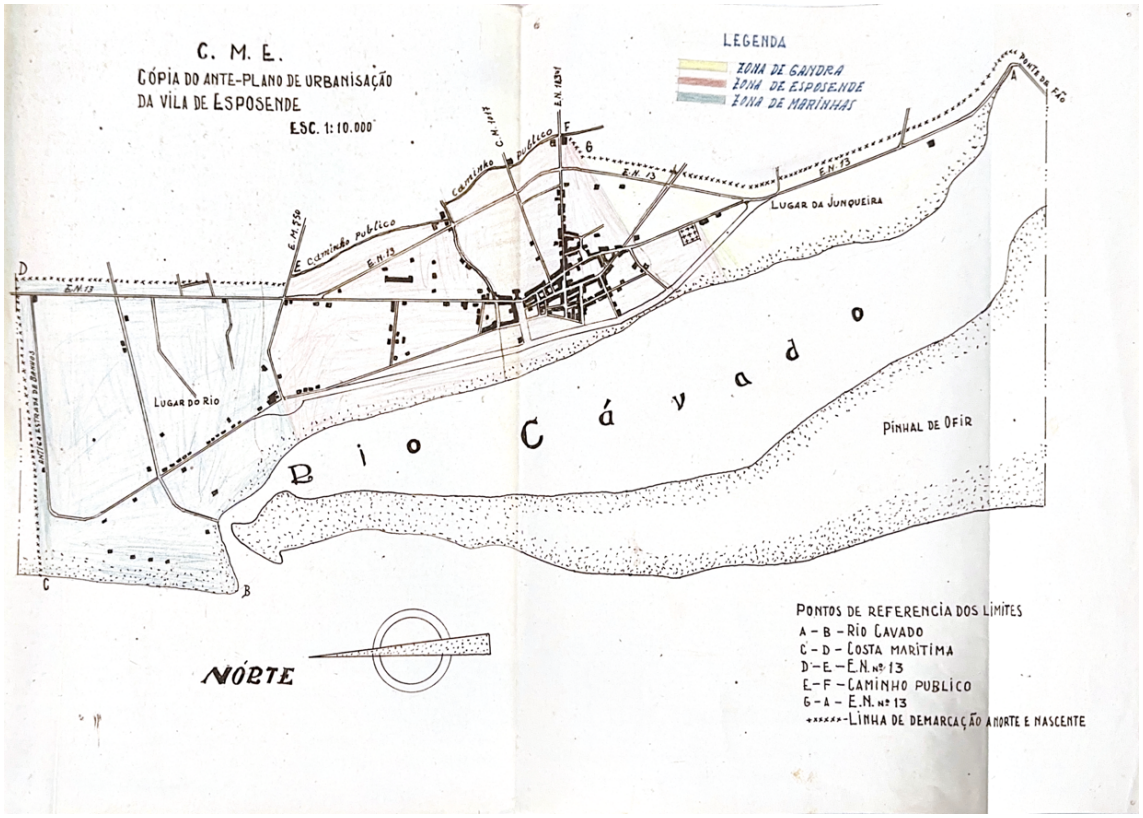


Fig. 97 - Cópia do Anteplano de Urbanização da Vila de Esposende, para base da revisão de Viana de Lima, cerca de 1960.

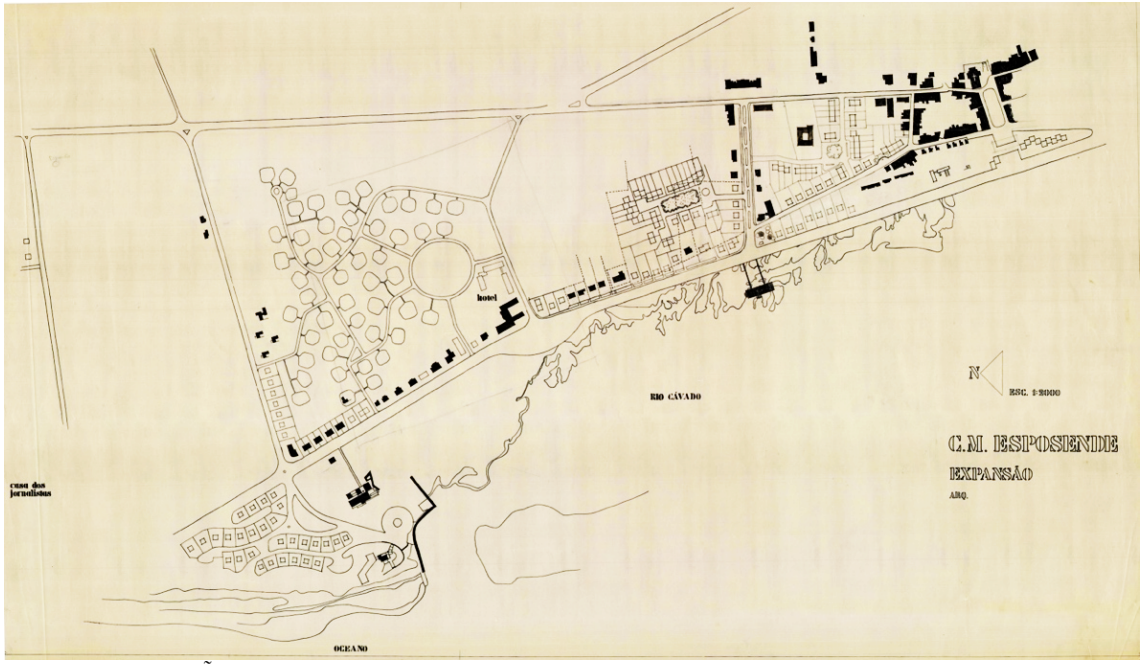


Fig. 98 - "EXPANSÃO" - Primeira planta desenhada por Viana de Lima para a urbanização de Esposende, referente à zona norte da vila, 1960.

A CME contacta o Arquiteto Viana de Lima, a partir de 1959[164], para efetuar a revisão do Anteplano Geral de Urbanização de 1947, mantendo a respetiva delimitação. Destacamos, ainda nesse ano, a correspondência da CME onde transcreve o texto recebido da Direção Geral dos Serviços Hidráulicos - DGSH[165] de forma que se tenha em conta "o encaminhamento das águas para os locais da costa e das praias que ofereçam maior resistência à erosão, e a eventual construção de obras complementares para a correção dos estragos causados pelas águas"[166], com vista a solucionar o problema da erosão da costa marítima que se vinha a agravar. Em termos práticos, Viana de Lima inicia o seu trabalho, para a CME, no ano de 1960[167] e a partir daí os termos do seu contrato[168] são debatidos até à sua assinatura em 1962[169]. Nesta mesma época, colaborava no seu escritório, ainda como aluno, o Arquiteto Sergio Fernandez, que iria participar nos trabalhos para Esposende.

Já em 1947, a CME demonstrava uma clara vontade em explorar o setor turístico, desenvolver mais habitação e melhorar a qualidade de vida da população em geral. Neste sentido, e para responder aos objetivos dos órgãos representantes do Estado, pretendia-se a construção de habitação ao definir-se, nos planos, áreas de expansão adequadas para tal. No caso de Esposende, verifica-se essa intenção na primeira planta desenhada por Viana de Lima, ao ser denominada pelo próprio como "EXPANSÃO" (fig. 98), onde representava a área adequada com maior destaque em relação ao centro da vila. Ainda noutro desenho, um esboço que antecedeu esta planta[170], percebe-se a intenção de trabalhar nos terrenos situados a norte do aglomerado, numa solução em que os lotes isolados se limitam por um perímetro circular, permitindo a sua inserção no pinhal existente e uma transição adequada em relação ao centro. Este contexto é importante, também, para o enquadramento do Plano de Urbanização das Dunas nos terrenos a Norte da foz do Rio Cávado, sendo que já aparece definido na primeira planta referida (fig. 98).

[164] A primeira correspondência encontrada no Arquivo Municipal da Câmara de Esposende relacionada com o plano é datada de 21 de Março de 1959 e é referente ao inquérito que serviu de base para esse trabalho, Anexo 2.
[165] Correspondência de 7/9/1959 entre a DGSH e a CME, relativa ao assunto "Erosão da Costa Marítima", Anexo 3.
[166] Correspondência de 10/09/1959 entre a CME e Viana de Lima. Anexo 4.
[167] Ainda que se possa considerar que a sua ligação à CME tivesse iniciado no ano de 1958 quando se tornou responsável pelas obras de remodelação e ampliação do Hotel Suave Mar.
[168] Já a 21/03/1960, a CME envia à Direção Geral dos Serviços de Urbanização - DGSU uma correspondência relativa às "Bases para o Contrato com o Arquitecto Viana de Lima, relativo à elaboração do Plano Regulador da Vila de Esposende." Anexo 5.
[169] O contrato data de 20/03/1962 e incluía o Anteplano de Urbanização da vila (Esposende), de Fão e de Apúlia.
[170] Consultado no Fundo de Viana de Lima, no CDUA da FAUP.

Fig. 99 - Anteplano de Urbanização de Esposende. Planta geral desenhada por Viana de Lima para os estudos de Esposende, com o centro antigo à direita, 1960-1963.

Fig. 100 - Anteplano de Urbanização de Esposende, Viana de Lima, 1963. Planta com utilização das cores para expressão gráfica.

Fig. 101 - Anteplano de Urbanização de Esposende, Viana de Lima, 1963. Correspondente à penúltima planta, sendo que é relativa à última que faz uso das cores para expressão gráfica.

Fig. 102 - Anteplano de Urbanização de Esposende, Viana de Lima, 1963. Correspondente à última planta elaborada pelo arquiteto, com destaque na urbanização da zona do Suave Mar e marcação do que se vinha a construir.

De facto, as várias plantas produzidas para o Anteplano de Urbanização pouco se diferenciam e inserem-se entre 1960, início dos estudos, e Agosto de 1963[171], data assinalada na última planta encontrada[172]. Nos seus estudos, Viana de Lima, apresenta alguns pontos importantes que se enquadram no contexto moderno da época. Destaca-se a vontade de responder à procura da habitação e, para isso, são definidas zonas, a sul e principalmente a norte, que se complementam com equipamentos implantados estrategicamente. Também na própria representação[173] e legenda, podemos encontrar esse enquadramento no percurso e influências de Viana de Lima, numa clara ligação, ainda que esquemática, aos princípios da Carta de Atenas, pela definição das zonas de habitação, trabalho, lazer e circulação, onde se destaca a hierarquização viária.

Além das plantas gerais, destacam-se os desenhos de Viana de Lima para o arranjo da Av. Marginal que era alvo de valorização já desde a proposta de José Vilaça de 1930. O percurso da Av. Marginal foi alterado e, por isso, era necessário desenvolver soluções para os lotes que se criaram entre o novo traçado, a Av. Rocha Gonçalves (Hospital) e a atual Av. S. João. Esta alteração resultou numa intenção de resolver a frente ribeirinha que ia ser rematada pelas traseiras das construções presentes na Av. S. João, onde percorria o antigo traçado da Av. Marginal e, assim, possibilitou uma nova frente da cidade para o Rio Cávado.

Viana de Lima apresenta, inicialmente, três soluções num desenho à escala 1/2000[174], enquadrando a Av. Marginal até ao seu limite norte (fig. 103). As suas sugestões variam entre comércio isolados, blocos de habitação e casas unifamiliares com dois pisos. A resposta da CME, em Maio de 1962[175], demonstra a sua desaprovação quanto a estas propostas, ao considerar que nenhuma se enquadrava com o existente, nem permitia o máximo aproveitamento dos terrenos.

Posteriormente, desenvolve a quarta e quinta solução[176] (fig. 104 e 105) que, também, não mereceram a aprovação da CME visto que, numa correspondência de Março de 1963, Viana de Lima envia a sexta solução (fig. 106) que poderia "corresponder aos interesses que concorrem para o progresso e desenvolvimento daquela zona"[177]. Atualmente, os lotes referentes a esses desenhos encontram-se devolutos.

[171] Com base na correspondência consultada entre Viana de Lima e a CME, julga-se que a última planta corresponda a uma cópia da anterior que foi utilizada para desenhar algumas anotações. Sendo assim, a data é a mesma, mas julga-se que seja posterior.
[172] Várias plantas foram datadas de Agosto de 1963. A planta, que se considera sendo a final, não se encontrava no FVL nem no Arquivo Municipal de Esposende - AME. A sua digitalização foi facultada pelo Arquiteto Tiago Filipe, tendo-a referenciado como estando na posse do Dr. Bernardino Amândio, dada por Viana de Lima.
[173] Ao utilizar as cores nos seus desenhos, Viana de Lima, utiliza a seguinte representação: vermelho para novas implantações, castanho para equipamentos, verde para parques e elementos naturais, amarelo para pavimentos destinados a estacionamento. Apenas a representação da estrutura viária se alterou nos diversos desenhos, sendo que tanto utiliza tons de cinza como tons de roxo.
[174] "Sugestões para o arranjo da Av. Marginal" – VL-ARQ-075_pd008 no FVL no Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitetura - CDUA da FAUP. Além deste exemplar, foi também consultado, no AME, o desenho entregue à CME que, sendo igual, apenas acrescenta uma representação gráfica com cores.
[175] Correspondência de 04/05/1962. Anexo 6.
[176] A solução 4 não consta no Arquivo Municipal de Esposende e o exemplar no Fundo de Viana de Lima não está assinado. Por isso, é possível que não tenha sido entregue e apenas servisse, tendo em conta as suas semelhanças, como uma ideia inicial da solução 5 (VL/ARQ_pd010 no CDUA) (P18-VL-314 no AME) que foi entregue e está presente nos dois arquivos consultados.
[177] Correspondência de 26/03/1963. Anexo 7.

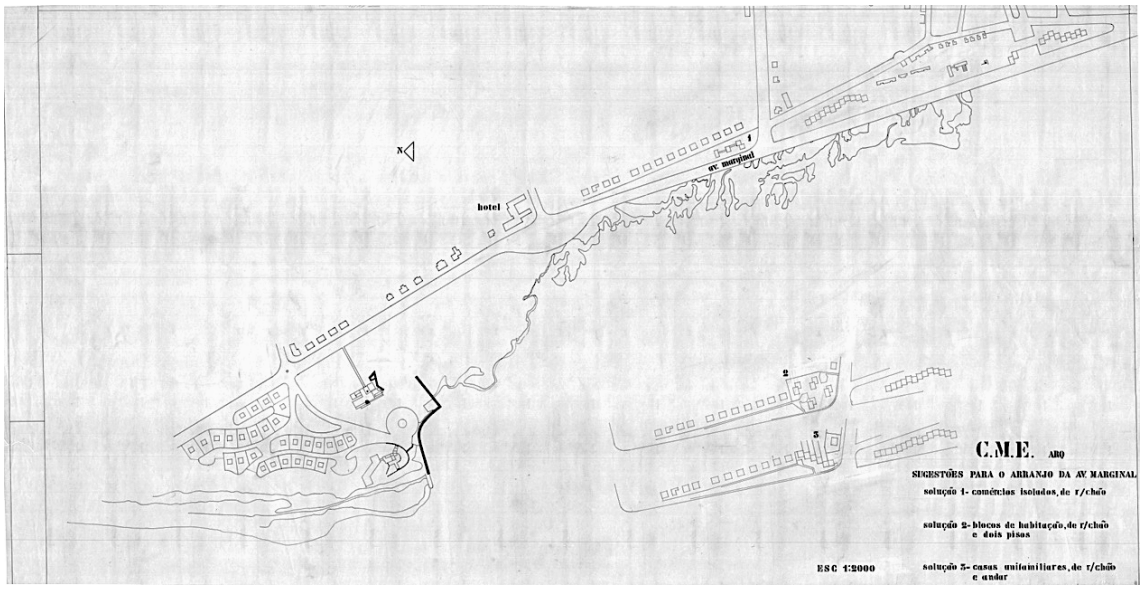


Fig. 103 - Planta das "Sugestões para o arranjo da Av. Marginal", com as primeiras três soluções, 1960-1962.

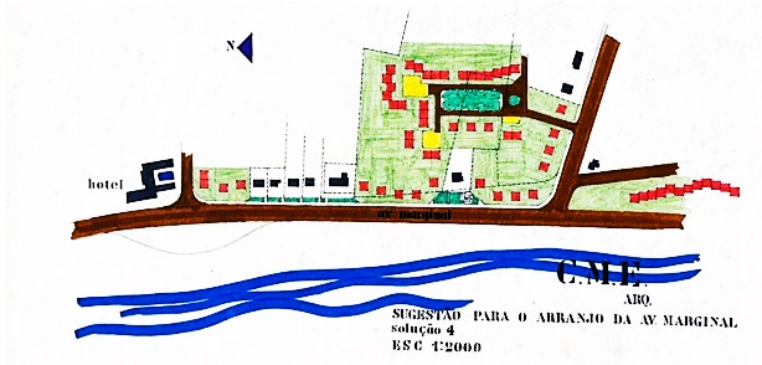


Fig. 104 - Solução 4 para o arranjo da Av. Marginal, 1962-1963.

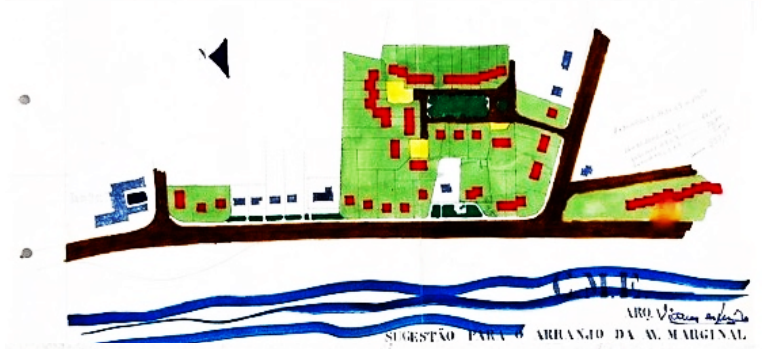


Fig. 105 - Solução 5 para o arranjo da Av. Marginal, 1962-1963.

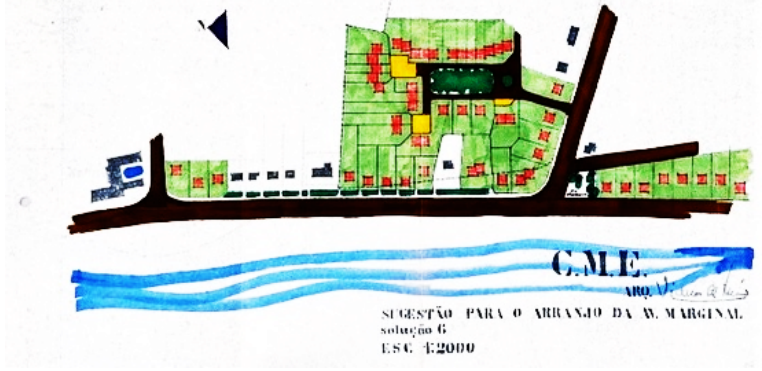


Fig. 106 - Solução 6 para o arranjo da Av. Marginal, 1963.

Considerando as duas últimas plantas gerais[178], de Agosto de 1963, é visível, além da habitação, a importância atribuída aos equipamentos planeados, bem como o melhoramento dos existentes. Assim, é possível observar o "1- HOTEL-EXPANSÃO" que, visto a sua localização, considera-se ser um novo acrescento para o Hotel Suave Mar, que o próprio Viana de Lima já teria renovado e ampliado, desde 1958. Relativamente ao ponto "2 – ESCOLA", além da existente perto de centro, sugere uma nova na parte sul da vila, numa zona de expansão onde se propunha, também, habitação. A criação de uma nova escola é um exemplo da análise feita aos dados estatísticos de Esposende[179], nos quais se verifica um crescimento considerável de alunos na década de 60. Já o ponto "3-CLUBE NAUTICO" foi mudando de sítio ao longo dos planos desenhados e teria sido, também, objeto de estudo por Viana de Lima. O ponto "4-MORADIAS UNIFAMILIARES" vai corresponder a grande parte do desenho, sendo que, era um dos pontos importantes a tratar e, assim, é proposto, ao longo da vila, um desenho de implantações que se vão inserir em lotes regulares. Ainda relativamente à habitação, o ponto "5-BLOCOS RESIDENCIAIS-COMERCIAIS" vem propor outra tipologia, principalmente junto ao centro da vila. Além destes pontos referidos, considerando o seu destaque no plano, evidencia-se a piscina que Viana de Lima propõe para a zona norte, no lado poente da Av. Marginal, rematada por uma doca para barcos de recreio.

Os estudos de Viana de Lima para o Anteplano de Urbanização de Esposende não se desenvolveram, em desenho, para além do ano de 1963. A partir desse ano, os atrasos para entrega de novos desenhos, originou algum descontentamento por parte da CME e, com isto, estabeleceu-se o término do contrato em Maio de 1965[180]. Assim, o Anteplano não se concretizou totalmente, sendo que não recebeu aprovação da CME e da DGSU. Contextualizando o trabalho enquanto consultor e urbanista da CME no percurso profissional de Viana de Lima, percebemos que estes atrasos podem resultar do seu volume de encomendas, quer a nível de projetos de arquitetura como de trabalhos urbanísticos. Nesse sentido, evidenciam-se os trabalhos realizados para a CMB, correspondendo a um concelho maior.

Sendo assim, pode-se considerar que o maior aproveitamento destes estudos de Viana de Lima, diz respeito à urbanização das dunas do Suave Mar. Esta orientação estaria relacionada ao maior interesse de desenvolvimento deste setor com potencial turístico e, também, como veremos, pelos termos impostos no contrato assinado entre a CME e a Fundação "Casa de Bragança", em 1948, para a urbanização destes terrenos.

[178] Considerando a planta final (fig. 102) e a uma das últimas que se encontra representada com cores, para melhor interpretação.
[179] "Dados estatísticos para os planos de urbanização". Anexo 8.
[180] 13/05/1965.

Fig. 107 - Hotel Suave Mar, Esposende, 1946. Postal de 1947.

Fig. 108 - Hotel Suave Mar, Esposende, 1946. Postal de 1966, depois da intervenção de Viana de Lima.

Fig. 109 - Hotel Suave Mar, Esposende, 1946. Postal de 1980.

Fig. 110 - Folheto turístico (frente e verso) de Esposende, 1959. "Praia de Suave-Mar: Rio, Campina, Pinhal e Montanha. Típico Hotel Regional na Foz do Cávado."

O Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar: Urbanização dos terrenos situados nas dunas a Norte da foz do Rio Cávado

Contextualização

Este Plano de Urbanização das dunas a norte da foz do Rio Cávado, na zona do Suave Mar, surge no enquadramento do Anteplano Geral de Urbanização para a Vila de Esposende, que Viana de Lima vinha a desenvolver a partir do início da década de 60, como arquiteto consultor da CME. Desde aí que os estudos para esta zona mereceram maior destaque por parte do arquiteto. Além disto, pode-se verificar na documentação consultada que este plano teve a sua concretização após a apresentação do primeiro desenho e logo no início da década foram construídas as primeiras moradias. De certa forma, podemos considerar que este plano parcial foi-se definindo primeiro que o Anteplano da vila, sendo que, como nos referiu Sergio Fernandez, "era um plano de execução imediata porque na prática era para vender terrenos para fazer casas"[181].

Para enquadramento, será importante perceber a sua inserção histórica e geográfica, que, de forma geral, se inclui na primeira parte deste trabalho. Como já mencionado, Esposende, elevada a lugar de vila no ano de 1572, era, até então, pertencente à vila de Barcelos, da jurisdição do Duque de Bragança, que, como se verifica ainda por alguns marcos ao longo do concelho[182], possuía grande parte destas terras litorais. Com esta base histórica, percebe-se a posse dos terrenos das dunas, incluindo a zona do Suave Mar, pertencer à "Casa de Bragança". É com esta Fundação que a CME vai realizar um acordo em 1948[183], depois de algumas divergências quanto à posse dos terrenos conhecidos por "Dunas de Esposende", correspondentes à faixa litoral compreendida entre a foz do Rio Cávado e a foz do Rio Neiva. De um lado, a CME irá reconhecer, à Fundação "Casa de Bragança", o direito de propriedade destes terrenos e, por outro lado, a Fundação "Casa de Bragança" terá de permitir a sua urbanização, após a aprovação de um plano referente a esse sítio. A escritura deste acordo define-se com doze parâmetros de transação que, de forma geral, previam a urbanização adequada dos terrenos, com vista à sua valorização e posterior venda. Estas dunas correspondiam ao "Baldio Suave Mar", designação para a "faixa de areias situada a oeste da freguesia e que estende desde o limite da freguesia de Mar até à margem direita do Cávado"[184].

[181] Entrevista ao Arquiteto Sergio Fernandez, apêndice 11.
[182] Atualmente encontram-se visíveis marcos em Antas e em Belinho, por exemplo.
[183] 02/02/1948. Documentação no AME. "Escritura de acordo entra a Câmara Municipal do concelho de Esposende e a Fundação "Casa de Bragança" sobre o uso e propriedade dos terrenos denominados "Dunas de Esposende". Anexo 9.
[184] Documentação arquivada sobre "Casa de Bragança". Anexo 9.1.

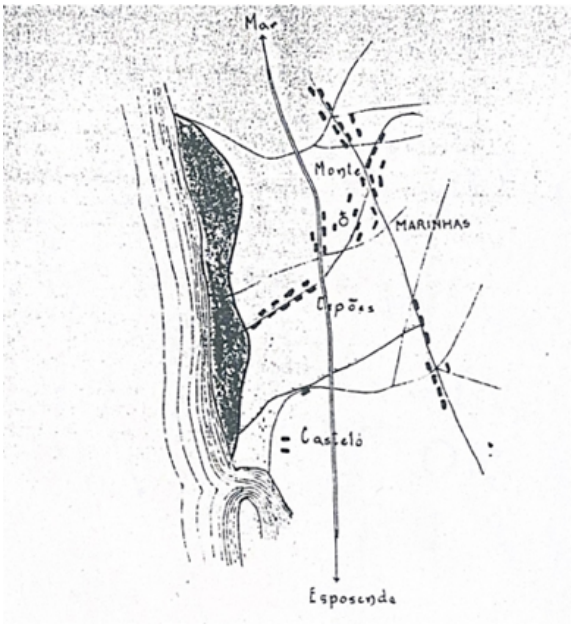


Fig. 111 - Baldio das Dunas de Esposende, desde a freguesia de Mar até à foz do Rio Cávado. Designado por "Baldio Suave Mar".

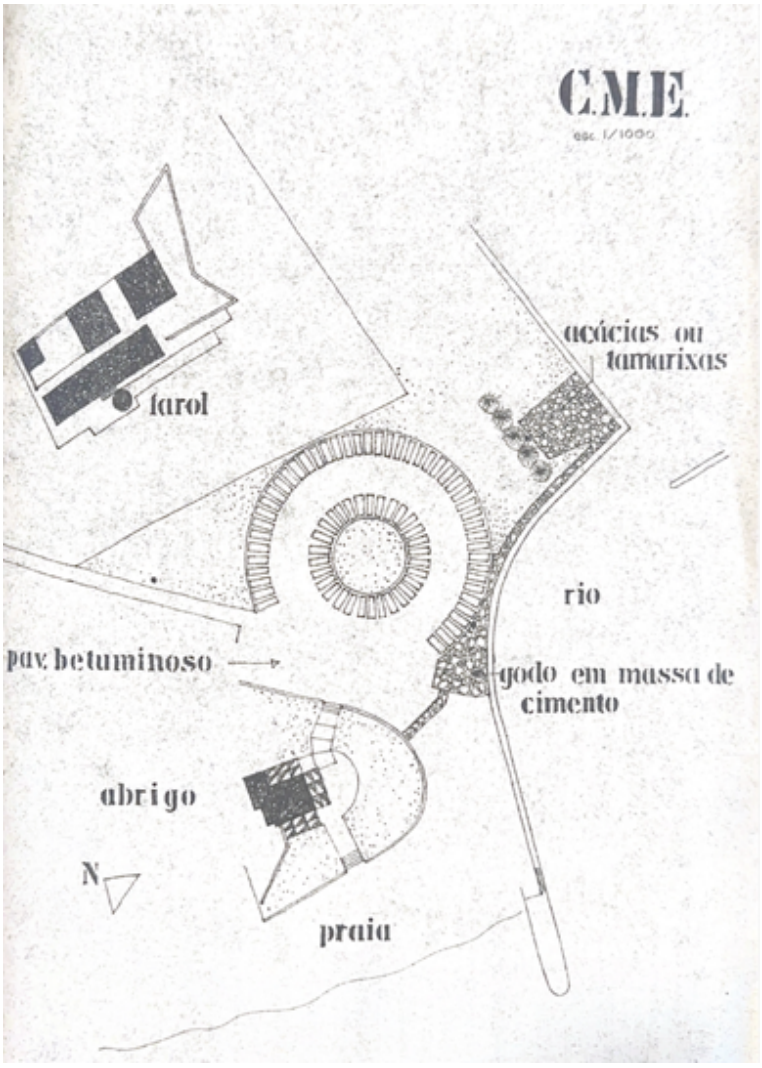


Fig. 112 - Planta da zona junto à foz do Rio Cávado, com Farol e bar da praia (abrigo de pesca desportiva). Desenho anterior aos estudos de Vianda de Lima, para este local.

Em Março de 1960, a CME deixa claro o seu interesse na urbanização desta área ao comunicar, à Fundação "Casa de Bragança", o arranque dos "estudos necessários, integrados no plano de urbanização de Esposende, que permitem abrir arruamentos nos terrenos pertencentes à Casa de Bragança, a norte da Foz do Cávado"[185]. Esta rápida ação era motivada pela venda dos terrenos que se pretendia fazer, dentro das condições assinadas em 1948.

Deste modo, os terrenos das dunas do "Baldio Suave Mar", precisamente no extremo sul dessa propriedade e, inserindo-se no aglomerado de Esposende, vão ser do maior interesse para a respetiva urbanização. Esta preocupação, por parte da CME, refletiu-se na concretização deste plano que se demonstrou como um exemplo do trabalho desenvolvido por Viana de Lima enquanto urbanista da CME, com maior aceitação que o Anteplano Geral.

Além disto, é pertinente referir o património existente que o local oferecia. Pode-se destacar os seguintes pontos: o Forte S. João Baptista, construído entre o século XVII e XVIII e que nesta data apresentava apenas dois vértices (a poente e sul) da sua muralha hexagonal original; o antigo abrigo de pesca desportiva e posterior bar da praia, que foi construído no início dos anos 50 e inaugurado a 1955; e, a Rua do Farol[186], que era rematada por uma zona chamada por "Cais Vílhano"[187] e fazia a ligação destes elementos à Avenida Marginal.

Relativamente à envolvente, também consideramos alguns elementos que se demarcam como um fator importante para o estudo em causa. Neste sentido, a Avenida Marginal confirma a sua importância com os vários projetos de arquitetura desenvolvidos ao longo do século. Além do Hotel Suave Mar (1946), que sofreu obras de conservação e ampliação por Viana de Lima a partir de 1958, destacam-se os projetos no setor norte da Avenida Marginal: a casa de férias do Arquiteto Arménio Losa e o conjunto de moradias projetadas pelo Arquiteto Viana de Lima para a Cooperativa "O Problema de Habitação". Este último, pode ter promovido uma base formal para a conceção do plano e isso é visível, pelo menos, no modo em que a moradia é implantada no lote e no afastamento que cria para a rua, algo que, para Viana de Lima, era um fator a ter em consideração nos restantes lotes dessa Avenida, bem como os que vai desenhar no Plano para as dunas. Dada a sua proximidade ao local em estudo, poder-se-ia considerar, este projeto, como parte integrante do Plano, do ponto de vista global. No entanto, o seu desfasamento cronológico (visto que já se encontravam construídas) apenas permite essa ligação de forma ligeira, ainda que, de certa forma, se possa considerar uma influência.

[185] Correspondência de 31/03/1960. Anexo 10.
[186] Denominação atual.
[187] Designação utilizada na legenda de um postal da época que ilustra esta parte. Arquivo Digital do Cávado.

Fig. 113 - Praia Suave Mar, bar da praia (abrigo de pesca desportiva), zona de estacionamento e chegada à praia. Postal de 1959.

Fig. 114 - Chegada à praia do Suave Mar dos convidados da iniciativa turística "Um dia feliz na zona de turismo de Esposende",1962. Nesta data a zona de estacionamento circular desenhada por Viana de Lima já se encontrava definida.

Fig. 115 - Primeiro comboio turístico de Esposende, na zona do Suave Mar, junto ao Farol e Forte de S. João Batista. Fotografia de 1969.

Fig. 116 - Farol e Forte de S. João Batista, Esposende. Fachada Nascente. Fotografia de 2023.

Proposta

Quanto aos elementos constituintes deste plano, foram consultados, em arquivos diferentes, dois desenhos semelhantes que contêm uma planta e dois cortes transversais à escala 1:1000. O primeiro[188] pode-se considerar como sendo o original e o segundo[189], considerando a sua representação gráfica, é possível que seja o final entregue à CME, visto estar assinada pelo Arquiteto Viana de Lima e pelo Arquiteto colaborador Sergio Fernandez. Além das peças desenhadas, o plano contava com uma breve memória descritiva. Como já explicitado, este plano surge como resposta ao "incremento turístico registado na Vila de Esposende"[190]. Este crescimento, como refere Viana de Lima, "criou a absoluta necessidade de aproveitamento de terrenos, cuja situação valorizasse ainda mais as condições naturais do local, sem contudo afectar o desenvolvimento do aglomerado existente"[191].

Analisando a planta, verifica-se que a proposta se desenvolve num desenho de formas sinuosas "que se desdobra e espreguiça no meio das dunas"[192], de forma a se adaptar aos terrenos existentes. São visíveis as linhas topográficas já presentes na proposta do Eng. José M. Vasconcelos, em 1947, e, neste sentido, parece confirmar o pressuposto do estudo para a vila se basear na revisão desse anteplano.

Assim, observa-se o cuidado em desenhar a estrutura viária ao longo das dunas, numa procura adequada da sua implantação. A importância dada ao terreno é indelével e a duna, como uma pré-existência, torna-se um elemento importante na idealização do plano, confirmando-se que "há um reconhecimento da necessidade de manter a escala modesta e há, realmente, uma interpretação das condições topográficas muito cuidada e muito sensível"[193]. Além disto, os caminhos marcados pela população para aceder às praias vão configurar, de certa forma, os alinhamentos das ruas que se desenham, pois ocupam os trajetos com menor variação de cota. Esta vontade é descrita por Viana de Lima que, ao desenhar estas ruas de forma subtil, pretende "dar aos arruamentos uma liberdade de traçado que permitisse simultaneamente servir a zona de modo conveniente e valorizá-la no aspecto paisagístico"[194]. Estes arruamentos, que penetram para o interior da duna, pretendem apresentar um "carácter rústico, afim de se poderem integrar no ambiente"[195], bem como um traçado sinuoso que impossibilita o excesso de velocidade da circulação automóvel.

[188] FAUP/CDUA/VL/ARQ/075_pd011.
[189] P18-VL-295, AME.
[190] Memória descritiva. Viana de Lima, Porto. 1962. Anexo 11.
[191] *Ibid.*
[192] Entrevista ao Arquiteto Sergio Fernandez, apêndice 11.
[193] *Ibid.*
[194] Memória descritiva. Viana de Lima, Porto. 1962. Anexo 11.
[195] *Ibid.*

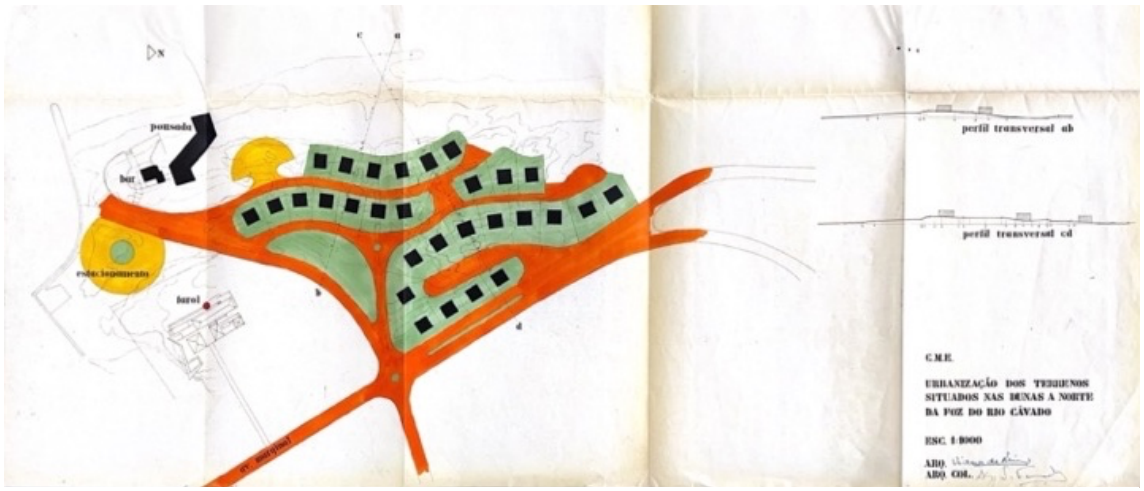


Fig. 117 - O Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar: Urbanização dos terrenos situados nas dunas a Norte da foz do Rio Cávado, Viana de Lima e Sergio Fernandez, 1960. Planta e cortes transversais. Desenho entregue à CME.

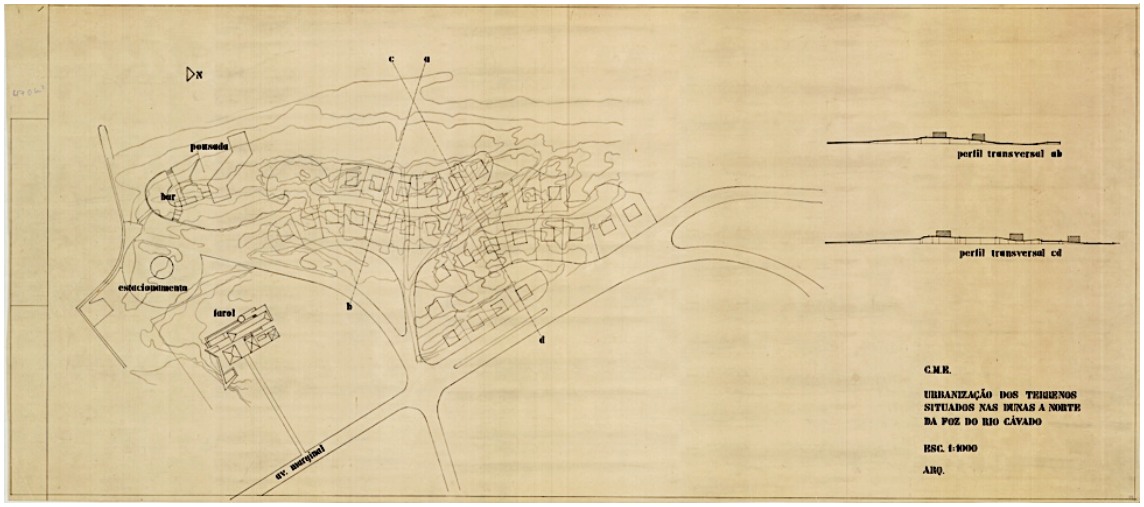


Fig. 118 - O Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar: Urbanização dos terrenos situados nas dunas a Norte da foz do Rio Cávado, Viana de Lima e Sergio Fernandez, 1960. Planta e cortes transversais. Desenho sem expressão gráfica.

Fig. 119 - Destaque das linhas topográficas e dos percursos pedestres existentes, representados por Viana de Lima como base do estudo.

Se o desenho das ruas, formalmente, não transmite a geometrização habitual do contexto da época, o mesmo não acontece com o loteamento definido no terreno em questão. Aliados à delicadeza com que se projetam as ruas, os lotes vão agrupar-se em quatro alinhamentos entre a linha costeira e a Av. Marginal, com áreas entre os 500 e 800 metros quadrados. Considera-se que para o perímetro dos lotes, pretendia-se que fossem definidos por muros baixos inseridos, sem grande impacto, no "carácter rústico" dos arruamentos. Esta postura vem reforçar o objetivo de "ordenar uma certa coerência a um espaço que ia ser vendido (...) dar-lhe uma certa ordem no sentido de não destruir o espírito que estava no resto da cidade"[196].

Relativamente às construções, Viana de Lima planeou que estes lotes fossem "destinados a moradias isoladas, afastadas entre si 10 metros"[197]. Neste enquadramento, as moradias usufruem, a nascente, "a vista de um rasgado panorama que engloba os montes de S. Lourenço e o de Faro. Do sul e poente divisa-se o rio e a foz do Cávado"[198]. Relativamente às moradias localizadas no primeiro alinhamento, a oeste, previa-se que fossem construções de um piso, para uma melhor inserção nos limites da praia. Já para as moradias nos restantes alinhamentos, pelo afastamento que têm à praia, pretende-se que sejam de rés do chão e andar. Esta organização permite, segundo se verifica nos perfis transversais, que, consoante a sua cota de implantação, o limite superior da cércea não seja demasiado variável, de forma a adequar-se na paisagem. Ainda neste ponto, fica claro que "no caso de existirem anexos exteriores, estes não poderão exceder a área de 20 metros quadrados"[199].

O plano, também, propunha a criação de uma pousada "com situação paisagística privilegiada"[200], junto ao bar da praia, que viria a tirar proveito do interesse turístico da zona. Essa proposta seria aprovada pelas entidades superiores, bem como a sua comparticipação a 50%. Ligado a este interesse, a CME teria criado uma iniciativa no verão de 1962 denominada de "Um dia feliz na zona de turismo em Esposende"[201], que incluía esta zona como primeira paragem da exposição. Segundo artigos publicados, esta iniciativa teve sucesso e transmitiu a imagem de Esposende como um exemplo quanto à valorização dos seus atributos e atração de investimentos e inovação. Esta iniciativa já tirava proveito de algumas construções que se desenvolviam a partir do plano estabelecido, mostrando a sua relevância, tal como afirmou Costa Leme[202], então Presidente da Câmara, no seu discurso: "Já possuímos o mínimo para que o mundo nos vá conhecendo melhor"[203].

[196] Entrevista ao Arquiteto Sergio Fernandez, apêndice 11.
[197] Memória descritiva. Viana de Lima, Porto. 1962. Anexo 11.
[198] Memória descritiva do projeto para as casas a construir nos lotes 19 e 22 da R. Praia de Suave Mar. Anexo 12.
[199] Memória descritiva. Viana de Lima, Porto. 1962. Anexo 11.
[200] *Ibid*.
[201] Com a Comissão de Turismo e colaboração da TAP (Transportes Aéreos Portugueses), SNI, da Rádio e Televisão.
[202] António da Costa Leme, enquanto Presidente da CME, na sua receção no Suave Mar.
[203] Publicação Diário do Norte, Porto, 19/06/1962. Anexo 13.

Além dos equipamentos presentes no plano, já mencionados, pode-se destacar o zonamento criado que, de certa forma, o relaciona com o contexto moderno atento a esses parâmetros. Como se verifica na planta entregue à CME, com a representação igual à do Anteplano, Viana de Lima, desenha um espaço verde, em meia-lua, que vai servir como frente da rua principal, que nasce do cruzamento com a Av. Marginal, e os arruamentos secundários que servem as moradias. Este espaço também permite fazer a diferenciação entre esses arruamentos e faculta uma entrada mais suave no acesso às moradias construídas.

A complementar isto, são desenhadas duas zonas de estacionamento na parte envolvente ao loteamento. A sul, no fim da rua que liga ao antigo Cais "Vílhano", desenha uma área circular para estacionamento que vai, além de servir esta área e o bar da praia, tentar resolver este espaço e permitir um melhor fluxo automóvel. A poente, mais próximo da praia, no fim da linha das moradias, desenha outra área de estacionamento que, dada a sua implantação, é definida por um semicírculo. Esta intenção de definir o estacionamento fora da zona da habitação é clara, sendo que era objetivo retirar o maior transito automóvel dos arruamentos que servem as moradias, bem como o estacionamento no seu trajeto que comprometeria o enquadramento rústico pretendido por Viana de Lima. Ainda que não seja destacada como tal no desenho, devido à sua forma, considera-se que a norte também é definida uma zona de estacionamento, ainda que menor.

Ainda no plano, é visível a indicação da ampliação da Av. Marginal que se sugeria por uma bifurcação da mesma, para possibilitar a ligação a zonas distintas. Isto demonstra já a vontade de expansão e, mais tarde, esse acrescento converteu-se na Av. de Banhos que, ao se desenvolver até à EN13, vai definir o limite urbano a Norte.

Além das referências diretas que se estabelecem com o contexto da Arquitetura associada ao Movimento Moderno e o percurso profissional de Viana de Lima, este plano, pode relacionar-se com proposta portuguesa no CIAM 10, dada a proximidade cronológica e o enquadramento local com algumas semelhanças que se refletem em propostas análogas. Em ambos os casos, o objetivo passa pela criação de habitação que, em Rio de Onor, parte do princípio do Habitat e, em Esposende, liga-se a esse fundamento ao ser projetado um aglomerado urbano numa nova área de expansão.

Numa análise mais formal, a delicadeza no tratamento da topografia expressa-se, em ambos os trabalhos, num desenho dos arruamentos liberto da rigidez geométrica, adaptando-se ao ambiente e topografia existente. Essa preocupação reflete-se, também, na implantação proposta para as moradias, mostrando o cuidado necessário para os terrenos a intervir, como elemento fundamental. Nestes casos, quer na encosta em Rio de Onor, quer na duna em Esposende, as habitações distribuem-se pela inclinação dos terrenos. Ainda que em contextos

paisagísticos diferentes, os dois estudos, aproximam-se pela abordagem e relações criadas "entre o volume das construções e o espaçamento destas"[204], conjugando "os elementos de carácter regional e os actuais meios de expressão"[205]. Numa composição equilibrada entre as "modernas possibilidades da arte de construir"[206] e o "uso das técnicas tradicionais e materiais locais"[207], a proposta portuguesa no CIAM 10, como um impulso, reflete-se nos trabalhos urbanísticos que se desenvolveram posteriormente sendo que, no caso do Plano para as dunas, podemos dizer que essa ligação torna-se factual e, tal como testemunha Sergio Fernandez, é clara a "semelhança de atitude que é a realidade sempre presente e a comandar o desenho e a solução"[208].

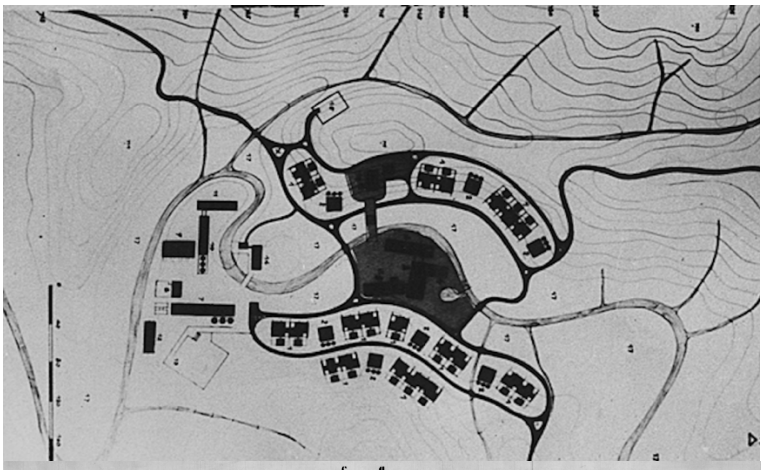


Fig. 120 - Planta da proposta portuguesa para a aldeia comunitária de Rio de Onor, apresentada no CIAM 10, 1956.

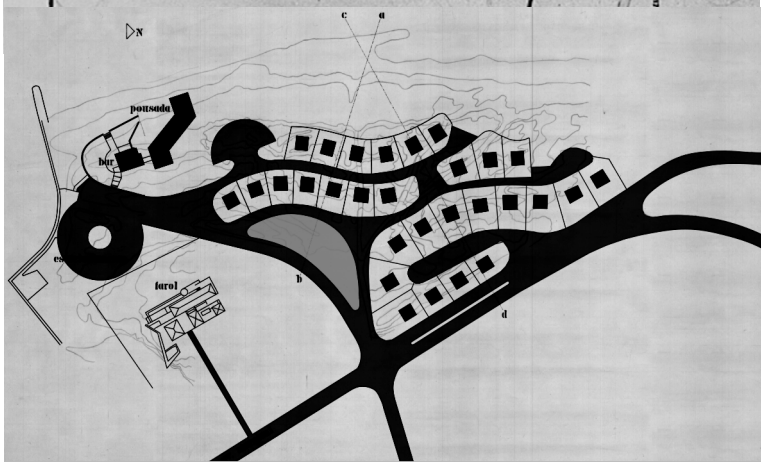


Fig. 121 - Planta do Plano de Urbanização das dunas na zona do Suave Mar, com representação semelhante à proposta de Rio de Onor.

[204] X Congresso CIAM. Revista Arquitectura, Nº64, 1959, p.23.
[205] X Congresso CIAM. Revista Arquitectura, Nº64, 1959, p.23.
[206] X Congresso CIAM. Revista Arquitectura, Nº64, 1959, p.23.
[207] X Congresso CIAM. Revista Arquitectura, Nº64, 1959, p.23.
[208] Entrevista ao Arquiteto Sergio Fernandez, apêndice 11.

O Plano definido pelos Pareceres

Além dos elementos desenhados e da breve memória descritiva, para perceber este plano de Viana de Lima é importante analisar os seus pareceres[209], referentes às construções efetuadas nesta área durante o seu período como consultor da CME. De forma geral, através destes pareceres, considera-se que o plano pretende, acima de tudo, harmonia entre os seus elementos, sendo que, como refere Viana de Lima, "a construção tem de integrar na própria duna"[210] e "deverá ser implantada de modo a deixar livre, de ambos os lados, uma faixa de 5,00m (cinco metros) até ao eixo dos muros limites"[211], algo já explícito na descrição do plano, mas que pelos pareceres se percebe ser algo não variável.

"Pelo plano aprovado, verifica-se que os lotes se destinam a moradias isoladas e dum único fogo"[212] e por isso, Viana de Lima acrescenta que "jamais se poderão construir moradias geminadas, visto que tal não foi previsto na planificação do local e fazê-lo seria destruir todo o espírito que presidiu no planeamento"[213]. Neste último ponto fica claro que, apesar da ligação ao projeto de Viana de Lima na Av. Marginal[214], era planeado que, para estes terrenos, dado a sua topografia, a melhor opção seriam construções isoladas que se implantassem de forma apropriada no terreno e refletisse o espírito ligado ao veraneio, sendo que "na altura férias era casinha e jardim"[215]. Assim, também não é permitida a construção de uma casa com mais de dois pisos e "mesmo assim só justificados pela ondulação do terreno"[216], tal como se verifica nos perfis transversais desenhados. Enquanto, para uma das moradias que se inserem no plano com frente para a Av. Marginal e seu prolongamento[217], Viana de Lima refere que a sua implantação deve ter em conta o futuro alargamento da avenida e "deve ser [executada] de acordo com os afastamentos indicados"[218], que são os mesmos utilizados no seu projeto para a Cooperativa "O Problema da Habitação" (1946) em frente e no plano para as dunas.

Ainda pela consulta dos pareceres, percebe-se o cuidado na cor, revestimento e desenho das fachadas, sendo que quando não era descrito nos projetos das moradias[219], Viana de Lima, deixava claro que as fachadas deveriam ser pintadas de branco[220] e, quando não correspondiam

[209] Foram consultados (no AME) catorze pareceres da autoria de Viana de Lima relativos a construções nestes terrenos.
[210] Parecer de Viana de Lima no Processo 152/61, relativo à moradia localizada no lote 19 da R. Praia do Suave Mar. Anexo 14.
[211] Parecer de Viana de Lima no Processo 569/61, relativo à moradia localizada no lote 5 da R. Praia do Suave Mar. Anexo 15.
[212] Parecer de Viana de Lima no Processo 457/64, relativo a um projeto que não foi construído. Anexo 16.
[213] *Ibid*.
[214] Projeto para a Cooperativa "O problema da Habitação", Viana de Lima, 1946.
[215] Entrevista ao Arquiteto Sergio Fernandez, apêndice 11.
[216] Parecer de Viana de Lima no Processo 457/64, relativo a um projeto que não foi construído. Anexo 16.
[217] Esse prolongamento é denominado de Av. de Banhos, atualmente. Será essa denominação utilizada no trabalho para diferenciar a Av. Marginal até ao cruzamento e a Avenida que se prolonga depois do mesmo.
[218] Parecer de Viana de Lima no Processo 93/61, relativo à moradia construída na Av. Marginal, nª 58. Anexo 17.
[219] Como, por exemplo, no parecer de Viana de Lima no Processo 141/62, relativo a um projeto que não foi construído. Anexo 18
[220] Como, por exemplo, no parecer de Viana de Lima no Processo 506/64, relativo à moradia construída no lote 6 da R. Praia do Suave Mar. Anexo 19.

ao pretendido, sugeria que "o aspecto exterior das fachadas [deveria] ser totalmente revisto"[221]. Em alguns pontos, rejeita elementos "exageradamente decorativos", ao referir, num caso específico, que "os prumos colocados no pórtico devem deixar de existir"[222]. Relativamente ao interior, os pareceres não demonstraram muitas restrições, apesar da proibição de paredes divisórias em madeira[223]. Esperava-se que a organização interna refletisse o tipo de utilização da moradia enquadrada na época: uma divisão funcional dos espaços, com áreas otimizadas e de proporções ajustadas para uma habitual casa de férias, aliando o conforto e versatilidade, enquanto permite a relação com o exterior.

Depois desta análise, também é pertinente a interpretação dos pareceres do Arquiteto Carlos Carvalho Dias[224], sucessor do cargo de Viana de Lima na CME e conhecedor do trabalho desenvolvido até então. Verifica-se assim, que se mantêm a atenção às condições do plano inicial como, por exemplo, a aprovação de moradias com apenas um fogo e de construções que a sua implantação "prejudique o menos possível a visibilidade das construções existentes, especialmente pelo poente"[225], nem ultrapasse as áreas estabelecidas nos princípios de densidade e construção. Este último, foi uma preocupação que se manteve em consideração, consequente das propostas exageradamente grandes em termos de áreas que ultrapassavam os 20% de implantação, como se pretendia. No seu parecer, explica: "se bem que nada esteja estipulado oficialmente quanto a áreas de ocupação mínimas a respeitar nesta zona, julga-se um pouco exagerado o valor de cerca de 22% a que se chega neste caso"[226].

Por outro lado, já nos lotes que fazem frente para a Av. de Banhos, possibilita a construção, tendo em conta as dimensões do terreno, de duas moradias geminadas em alternativa à solução proposta, sendo que "numa zona inteiramente consagrada a moradias individuais (a grande maioria das quais isoladas), [considera] inconveniente a construção dum bloco residencial com 4 fogos"[227]. Ao contrário do que já se referiu e das medidas propostas por Viana de Lima, entende-se que, neste caso, a possibilidade da construção de moradias geminadas não prejudica o panorama paisagístico do local, visto já se encontrar na área limite das dunas, com maior relação com a Av. de Banhos, num terreno apropriado para essa solução.

Tendo em conta a última planta de Viana de Lima para o Anteplano da vila, verifica-se que os terrenos a sul, entre a rua e o Farol, seriam destinados para a definição de um percurso, entre jardins, que ligaria, de forma mais íntima, a Av. Marginal, o Farol, a rua principal e consequente espaço verde em meia-lua e a urbanização, do outro lado da rua. Porém, esse desenho apenas

[221] Parecer de Viana de Lima no Processo 152/61, relativo à moradia construída no lote 19 da R. Praia do Suave Mar. Anexo 14.
[222] Parecer de Viana de Lima no Processo 93/61, relativo à moradia construída na Av. Marginal, nª 58. Anexo 17.
[223] Parecer de Viana de Lima no Processo 412/60, relativo à moradia construída no lote 22 da R. Praia do Suave Mar. Anexo 20.
[224] Juntamente com os pareceres do engenheiro consultor técnico da CME, que muitas vezes antecedia os do Arquiteto Carlos Carvalho Dias.
[225] Informação ao requerimento, 13/10/1967. Processo 734/67, relativo a um projeto não construído. Anexo 21.
[226] Parecer de Carlos Carvalho Dias no Processo 835/67, relativo a um projeto para o lote 12 da R. Praia do Suave Mar. Anexo 22.
[227] Parecer de Carlos Carvalho Dias no Processo 530/77, relativo a um projeto para um lote junto à Av. dos Banhos. AME. Anexo 23.

surge no desenvolvimento do Anteplano e não foi anotado neste plano parcial (terreno onde termina o corte ab), visto que o primeiro estudo teve uma rápida concretização. Neste ponto, ao verificar o trabalho posterior de Carvalho Dias, nota-se uma leitura diferente para estes terrenos, uma vez que, como o próprio refere: "não vejo inconveniente nas construções solicitadas, as quais formam um conjunto agradável, não demasiado alto, e que podem favorecer o local, uma vez que vêm preencher o espaço vazio entre o arruamento e o terreno do farol"[228].

Fig. 122 - R. Praia do Suave Mar, Setor Poente. Fotografia de 2023.

Fig. 123 - R. Praia do Suave Mar, Setor Nascente. Fotografia de 2023.

[228] Parecer de Carlos Carvalho Dias no Processo 542/67, relativo às moradias a construir nos lotes da R. do Farol. Anexo 24.

A ideia de arquitetura a partir dos Pareceres

É percetível a metodologia de Viana de Lima e o seu empenho ao realizar os pareceres, confirmando-se, como refere Sergio Fernandez, que "ele entregava-se, também, de uma forma muito intensa"[229] e "tinha uma relação muito íntima, uma ação direta no sítio"[230]. Também em Esposende, isto verifica-se e a documentação consultada retrata essa postura, com sugestões, desenhos, correções, entre outros elementos que demonstram o seu aprofundamento no trabalho de consultor. Destaca-se, por exemplo, o primeiro projeto que surgiu para este plano, para o qual Viana de Lima, depois da sua avaliação[231], vai corrigir e redesenhar duas propostas para essa moradia. Os seus desenhos surgem como correção aos desenhos originais do Eng. António Sá Pereira e a construção realiza-se através deles.

A solução de Viana de Lima, concretizada neste projeto, refletiu-se numa moradia que, segundo o seu propósito, poderia servir de inspiração para propostas posteriores. Porém, essa ligação não se deve limitar, no seu todo, como um exemplar fidedigno para aquele sítio. Isto porque, a juntar à sua idealização individual, é necessário ter em conta que a solução resulta, também, na procura do equilibro entre o projeto original, a vontade do cliente e o que se pretende para a estética e enquadramento do plano. De salientar que este projeto serviu de base para a construção de duas moradias no Suave Mar[232] o que, mesmo com as condições já referidas, veio afirmar a importância dos pareceres e correções de Viana de Lima no desenvolvimento urbano das dunas.

Este projeto iniciou a materialização do plano urbanístico e, tal como noutras obras posteriores, o requerente teve um papel importante no desenvolvimento local. Neste caso, fala-se de João Mota Pereira de Campos, um advogado que investiu na compra de vários terrenos em Esposende, concretamente nas dunas do Suave Mar. Utilizou o seu investimento para a construção de casas de férias, aproveitando o impulso turístico da zona. Percebe-se, assim, a utilização do mesmo projeto para várias moradias, com vista a uma maior rentabilização. Além disto, verifica-se que o próprio, depois de ter os projetos autorizados pela CME, efetuava algumas alterações que respondiam aos interesses dos futuros donos[233].

[229] FERNANDEZ, Sergio *apud* SOARES, Pedro Luís Pinho - Do moderno em Santa Maria da Feira: Viana de Lima, p. 106.
[230] *Ibid.*, p.106.
[231] Parecer de Viana de Lima no Processo 412/60, relativo à moradia construída no lote 22 da R. Praia do Suave Mar. Anexo 20.
[232] Também se verifica nos desenhos apresentados pela ausência de uma planta de implantação. As moradias foram construídas nos lotes 22 e 19 da R. Praia do Suave Mar e são relativas aos Processos 412/60 e 152/61, respetivamente.
[233] No caso das moradias referenciadas, é visível por não corresponderem fielmente aos desenhos propostos por Viana de Lima.

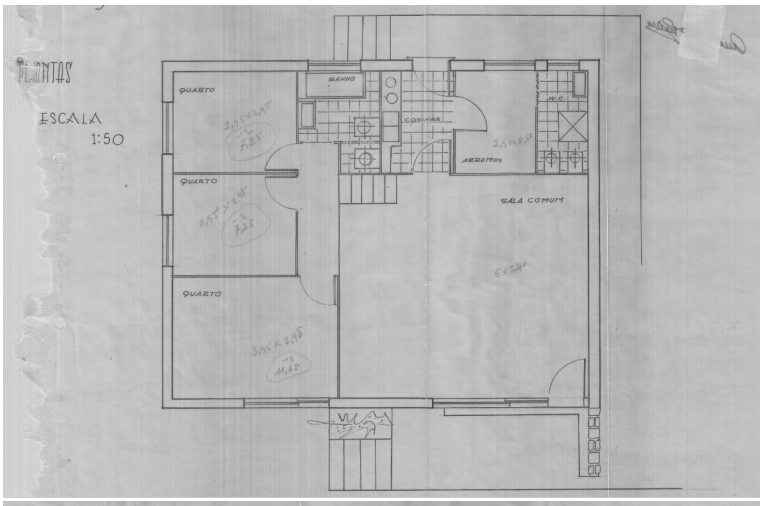


Fig. 124 - Planta do projeto para a casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Anexo 25.

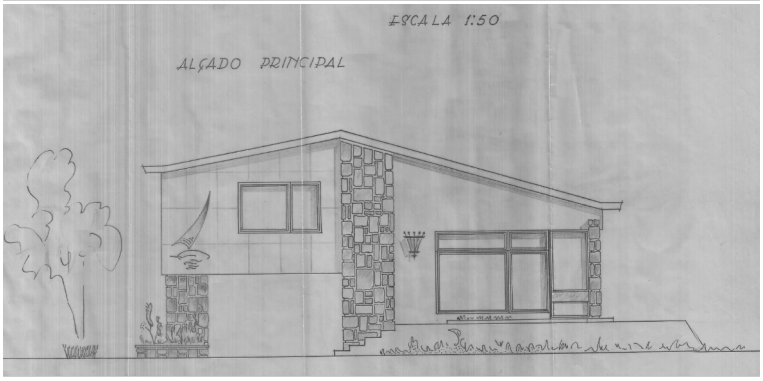


Fig. 125 - Alçado principal do projeto para a casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Anexo 25.

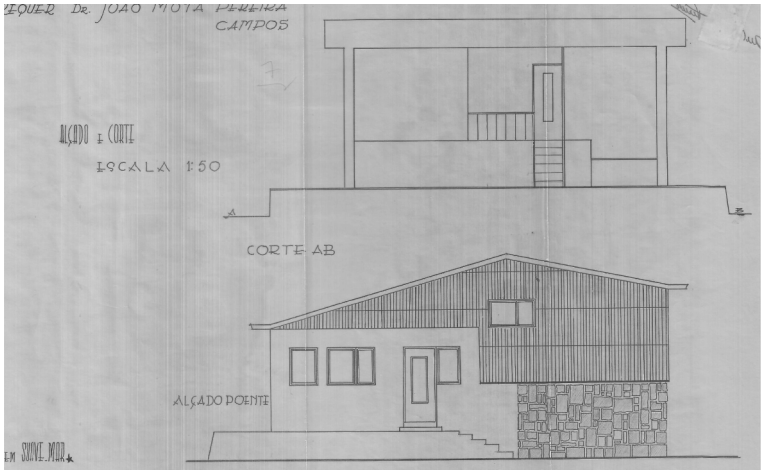


Fig. 126 - Corte e alçado Poente do projeto para a casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Anexo 26.

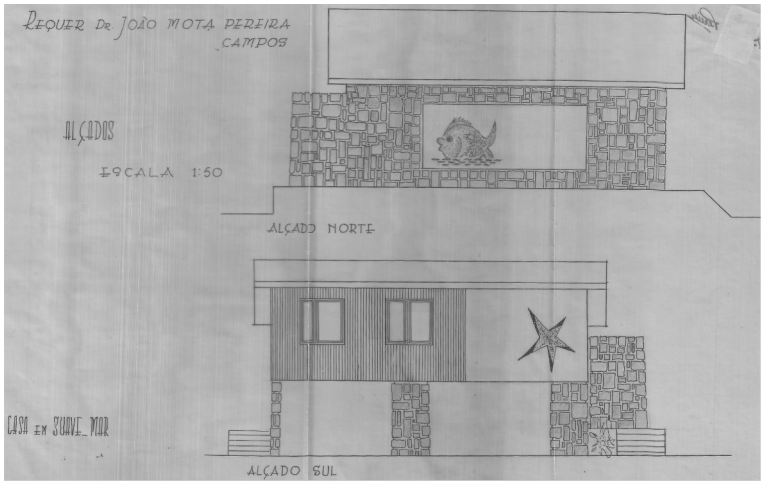


Fig. 127 - Alçado Norte e alçado Sul do projeto para a casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Anexo 26.

Relativamente ao projeto original, este "respeita a uma casa destinada a habitação, especialmente na época balnear"[234] com uma dimensão exterior de 8,5m por 10,5m, precisamente o tamanho da implantação indicada no plano urbanístico. A proposta pretendia, tendo em conta o objetivo lucrativo, realizar-se com custos baixos e "linhas simples"[235], "embora não alheada de preocupações estéticas determinadas pela consideração das exigências do local e do conjunto urbanístico em que a moradia se vai enquadrar"[236]. Dos materiais anunciados, foram recusadas as paredes divisórias em madeira e as restantes alterações foram expressas nos desenhos que realizou, como refere Viana de Lima no seu parecer: "o projecto deve ser reformado conforme os desenhos que seguem juntos ao processo"[237].

São doze desenhos em papel vegetal[238], à mão levantada, onde propõe duas soluções distintas que se referem às duas moradias que se pretendiam construir. Esta representação sugere que Viana de Lima teria utilizado a proposta original como base e decalcou nestes a sua proposta. Nestes desenhos, teve o cuidado em adaptar cada casa à topografia do lote e, assim, apresentou, duas propostas com interpretações e soluções diferentes.

A primeira proposta[239] ainda reflete a ligação ao projeto original, sendo que, com a mesma disposição, redimensiona a sala comum numa procura de diferenciação de espaços e acessos. O desnivelamento[240] mantém-se e é aproveitado para inserir entradas de luz superiores, sendo uma escolha que se vai anunciar, também, no desenho dos alçados. Nos quartos há a preocupação em orientar os vãos para sul, o que se refletirá numa composição exterior mais regular. Relativamente aos alçados, observa-se a sua intenção em desenhar com maior clareza os elementos. O revestimento em placas de pedra é alterado por um embasamento em laminas de xisto e no piso superior as paredes apenas são revestidas com reboco branco, ao contrário da combinação desenhada no projeto original. Percebe-se o jogo de volumetrias, a sua expressão no exterior e a importância dessa relação na definição de espaços, que se verifica como, por exemplo, no telhado, que marca a diferença do pé direito nas diferentes áreas, ou na sala, que, ao ser recuada, permite a definição de um terraço exterior.

[234] Memória descritiva do projeto para as casas a construir nos lotes 19 e 22 da R. Praia de Suave Mar, Processo 412/60. Anexo 12.
[235] *Ibid.*
[236] *Ibid.*
[237] Parecer de Viana de Lima no Processo 412/60, relativo à moradia construída no lote 22 da R. Praia do Suave Mar. Anexo 20.
[238] Consultados no Fundo Viana de Lima no CDUA na FAUP. Não foram encontrados nenhum exemplar destes desenhos no AME.
[239] Na proposta referente à moradia a construir no lote 22 na R. Praia do Suave Mar. Fig. 128, fig. 129, fig. 130, fig. 131, fig. 132, fig. 133.
[240] "A habitação propriamente dita situa-se em dois pisos, com pequeno desnível, localizando-se no inferior a sala de estar e de jantar, a cozinha, o quarto de arrumos e um pequeno quarto de banho e no piso superior, construído sobre o desvão destinado a recolha de carros, três quartos e um quarto de banho." *In* Memória descritiva, Processo 412/60. Anexo 12.

Fig. 128 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Planta do R/C. Anexo 27.

Fig. 129 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Planta do 1º andar. Anexo 27.

Fig. 130 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Alçado Nascente. Anexo 28.

Fig. 131 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Alçado Norte. Anexo 28.

Fig. 132 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Alçado Poente. Anexo 29.

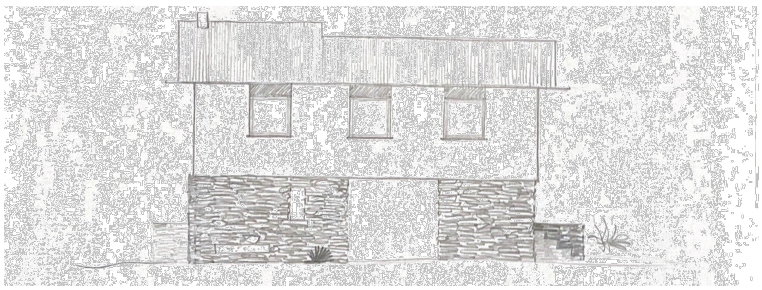


Fig. 133 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Alçado Sul. Anexo 29.

Fig. 134 - Casa de férias no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Fachada Poente e fachada lateral Norte. Fotografia de 2023.

Fig. 135 - Casa de férias no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Fachada Poente e fachada lateral Sul. Fotografia de 2023.

A segunda proposta[241] vai sofrer maiores alterações, tendo em consideração a topografia do lote. O interior passa a definir-se ao mesmo nível, permitindo uma melhor organização das divisões e otimização da área de circulação. Neste sentido, a orientação dos quartos é revista e isso notar-se-á no desenho dos alçados. A sala comum aparece com outra definição e, tal como na outra proposta, uma melhor diferenciação de espaços e acessos. Neste caso, o jogo de volumetria acentua-se pelo desenho dos vãos, enquanto possibilita o desenho de um patamar de entrada no exterior. Quanto ao rés do chão, dada a topografia do terreno, o aproveitamento foi maior e possibilitou a criação de um abrigo para os carros e uma área de estar. Relativamente aos alçados, está presente a mesma intenção demonstrada na primeira proposta. Mantêm-se a presença do xisto para o piso do rés do chão e os vãos, de forma regular, definem-se segundo o seu interior, com maior ou menor presença.

Tendo em conta estas duas propostas, observa-se as pretensões de Viana de Lima para as moradias a construir nas dunas do Suave Mar que, de certa forma, vão conjugar a sua vertente moderna no racionalismo interior, jogo de volumetrias, pureza dos acabamentos e continuidade dos alçados, com o contexto rural, com uma arquitetura vernacular, de elementos e materiais que remetem para essa temática, como é o exemplo do xisto.

Apesar destes desenhos fornecidos por Viana de Lima para se aprovar a construção, é notável[242] que não foram seguidos de forma coerente, tanto por problemas de custo como de gosto do requerente. Isto verifica-se na sua resposta, onde assume a sua posição e concorda que "algumas das alterações sugeridas melhoraram o projecto primitivo"[243], referindo-se ao desenho das divisões interiores. Porém, vai discordar com grande parte das alterações sugeridas, considerando que "elas não satisfazem aos seus interesses ou conveniências familiares"[244] como, por exemplo, nos alçados que, segundo o requerente, "não haveria razões para introduzir alterações"[245].

[241] Na proposta referente à moradia a construir no lote 19 na R. Praia do Suave Mar. Fig. 136, fig. 137, fig. 138, fig. 139, fig.140, fig. 141.
[242] Desde então essas moradias foram sofrendo alterações que possam ter desvirtuado a sua relação com os desenhos de Viana de Lima. Porém, atualmente, ainda se consegue verificar que houve alterações na sua construção que não correspondiam a esses desenhos.
[243] Resposta do requerente no Processo 412/60. Anexo 33.
[244] *Ibid.*
[245] *Ibid.*

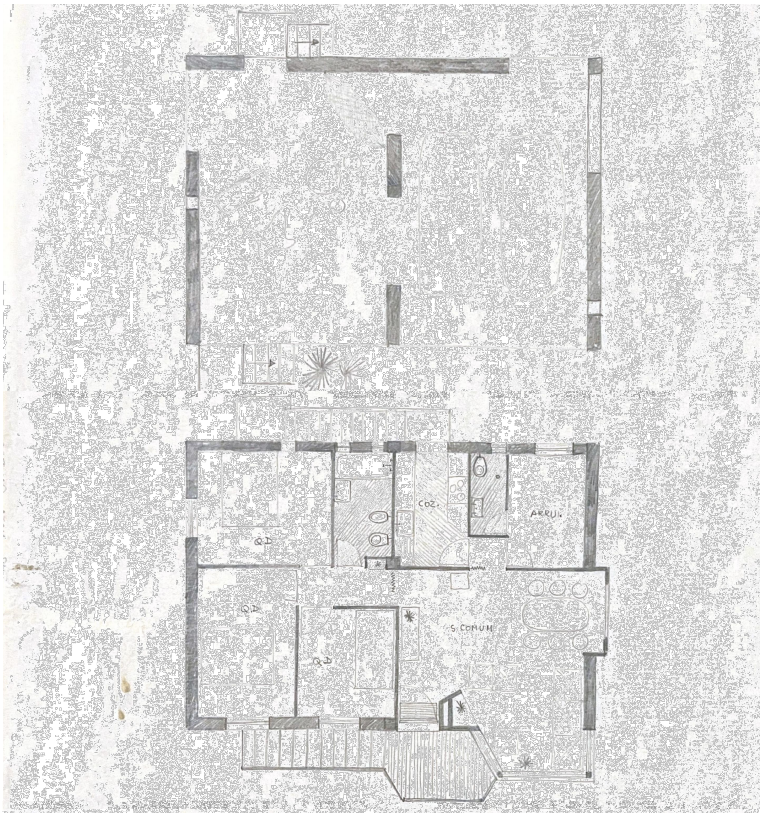


Fig. 136 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Planta do R/C. Anexo 30.

Fig. 137 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Planta do 1º andar. Anexo 30.

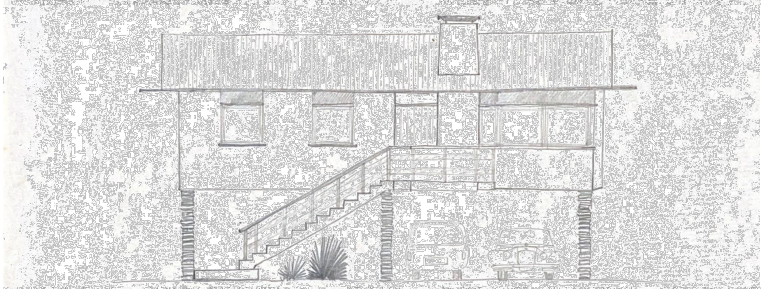


Fig. 138 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Alçado Nascente. Anexo 31.

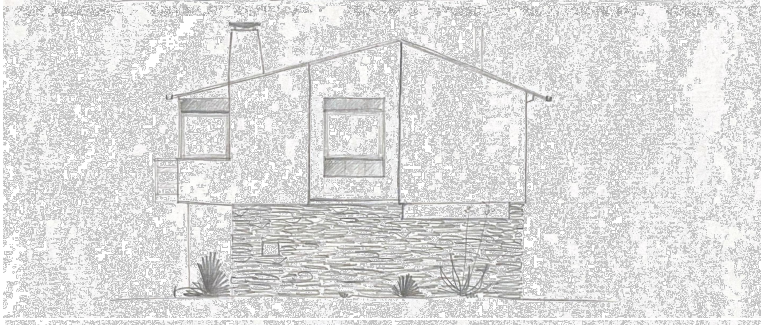


Fig. 139 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Alçado Norte. Anexo 31.

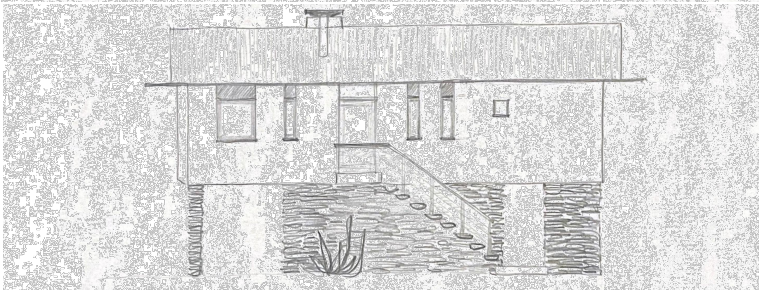


Fig. 140 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Alçado Poente. Anexo 32.

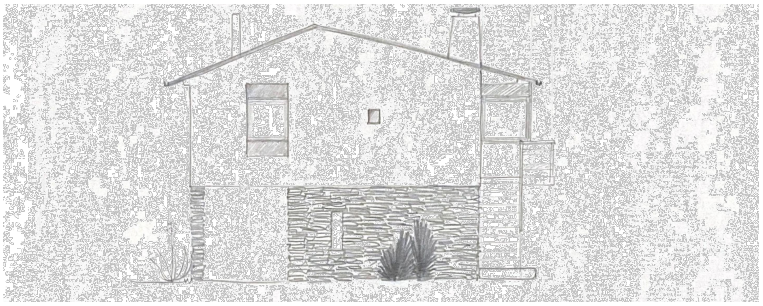


Fig. 141 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Alçado Sul. Anexo 32.

Fig. 142 - Casa de férias no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Fachada Poente. Fotografia de 2023.

Fig. 143 - Casa de férias no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Fachada Sul. Fotografia de 2023.

Concretização[246]

O Plano de Urbanização das dunas a Norte da foz do Rio Cávado não foi alvo de aprovação escrita, em consequência das dificuldades criadas pela DGSH/DGSU e pelos atrasos sucessivos para a submissão e aprovação do Anteplano da vila. Porém, com a prontidão da CME, o plano foi-se desenvolvendo desde cedo, com os avanços das primeiras construções no início da década de 60. Sobre o estudo, a planta e os dois perfis transversais, a DGSH aponta elementos que faltam e que seriam indispensáveis para análise do plano como, por exemplo, a falta de indicação da "posição da linha do máximo preiamar de águas vivas"[247]. Além disto, havia a preocupação da utilização destes terrenos para fins particulares, que, tratando-se de uma zona de dunas, deviam constituir um bem público.

Entende-se que as ruas se definiram aquando da aceitação do plano e pela premência associada aos terrenos. A par do desenho dos arruamentos, será pela ocupação dos lotes que a materialização do Plano se estabelece. Sendo assim, a urbanização, no seu conjunto, consolidou-se até à viragem da década pelas motivações já referidas, tanto do lado da CME como do lado dos requerentes. As duas moradias já referidas, nos lotes 22 e 19, começaram a urbanização que se criara nas dunas do Suave Mar e, graças à proximidade à praia e contexto paisagístico, serão as moradias nos lotes do alinhamento mais a oeste que se estabelecem em primeiro e, por último, os lotes com maior afastamento à praia e de frente para Av. Marginal e Av. de Banhos.

Até ao ano de 1968 serão construídos cerca de vinte e três projetos[248], o equivalente a 70% dos lotes disponíveis[249]. A partir daí, presencia-se um abrandamento de construções novas[250], retomando, na década de 80, um desenvolvimento paulatino no que toca à urbanização dos restantes lotes, rematando este aglomerado.

[246] Para perceber o desenvolvimento desta urbanização, a consulta dos processos referentes a esta localização, na CME, tornou-se substancial. Ver tabela de processos, apêndice 2.
[247] Correspondência entre DGSH e DGSU de 30/03/1963 com o assunto: "Arranjo urbanístico junto da Praia de Suave-mar; em Espozende". Anexo 34.
[248] Para simplificação considera-se o ano de construção como sendo o ano de abertura do processo, tendo em conta que em alguns casos possam não coincidir.
[249] Foram considerados os 29 lotes desenhados no Plano Parcial, mais os 4 lotes a nascente do Farol que aparecem marcados no desenho do Anteplano Geral. Sendo que dois projetos dos vinte e três mencionados se implantaram nesses terrenos com frente para a Av. Marginal.
[250] Os processos consultados da década de 70 que foram aprovados referem-se maioritariamente a obras para arranjos, construções de muros, anexos e outras alterações.

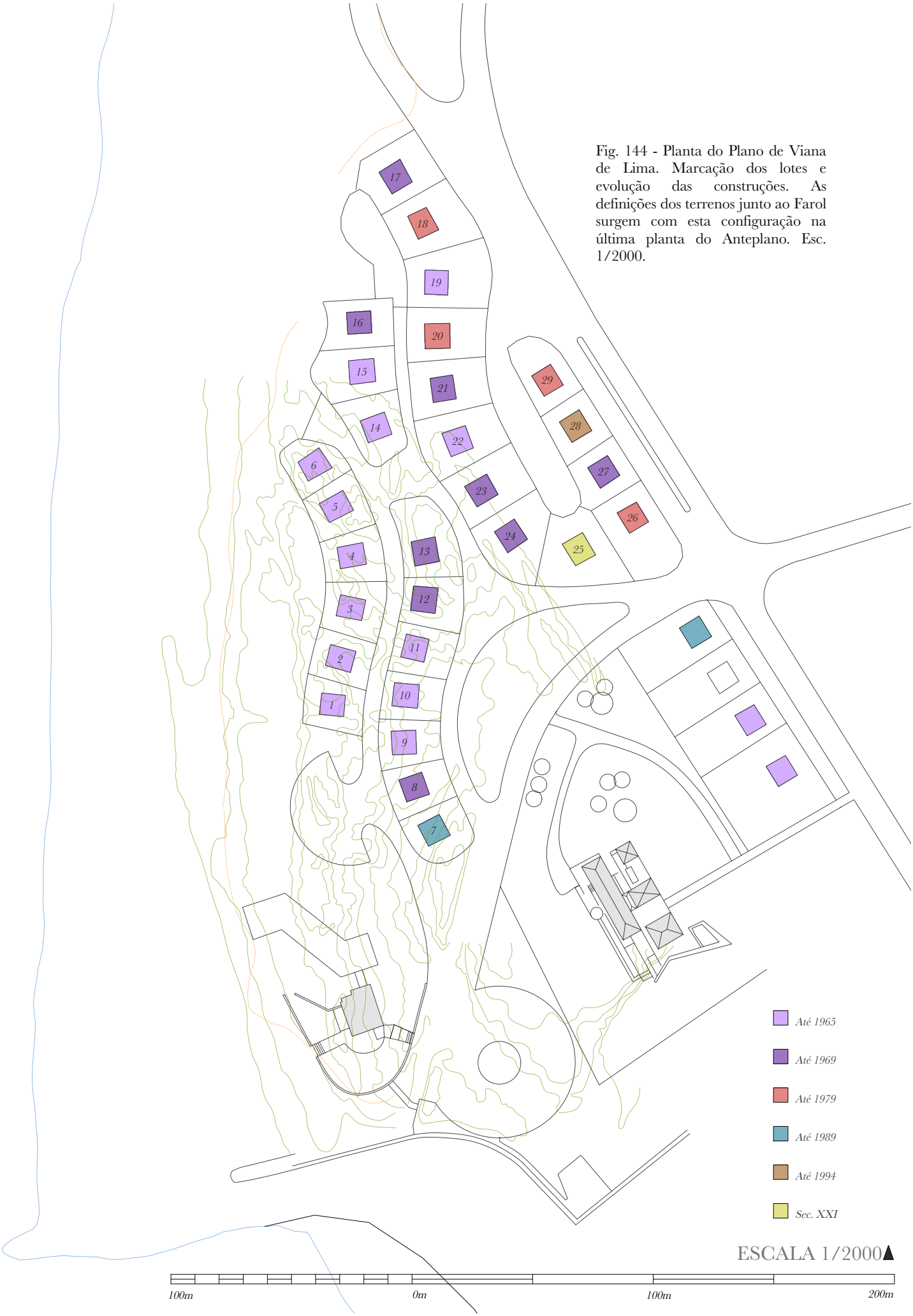


Fig. 144 - Planta do Plano de Viana de Lima. Marcação dos lotes e evolução das construções. As definições dos terrenos junto ao Farol surgem com esta configuração na última planta do Anteplano. Esc. 1/2000.

A Arquitetura de autor: Casos de destaque

Ainda que a concretização deste plano se possa inserir num período que culmina o desenvolvimento da arquitetura moderna nacional, que se pode considerar "demasiado tarde para ser moderno"[251], a arquitetura que se projeta vai, por um lado, refletir a formação dos seus autores e as influências do Movimento Moderno, no contexto dos anos 50, e, por outro, simultaneamente relacionar-se com o IARP. Assim, nesta urbanização, podemos observar a criação de projetos arquitetónicos que vão transparecer a sua vertente moderna num contexto mais rural, que seria Esposende. Os trabalhos aqui desenvolvidos, pela nova geração de arquitetos[252], vão ter um papel fundamental para o progresso da vila. Destacam-se cinco projetos de arquitetura de autor (apêndice 10), ainda que apenas quatro sejam reconhecidos como património arquitetónico (fig. 145).

A primeira casa destacada é referente a um projeto, de 1965, do Arquiteto Alcino Soutinho (1930-2013), no lote 3 da R. Praia do Suave Mar (anexo 35). Numa "construção desenvolvida segundo o movimento do terreno"[253], este projeto destaca-se pela implantação diferenciada que, inserida no retângulo estabelecido no plano, vai criar uma solução de planta central que se desenvolve em dois sentidos. Este desenho, "a partir dum jogo simples de aberturas", orienta a entrada para as áreas comuns e resguarda a área privada, a nascente, enquanto a sala se vira para sul, com aberturas para nascente, na zona de estar, e poente, na zona de jantar.

O segundo caso é relativo a um projeto do Eng. Eduardo Ribeiro Martins (1926-2017) destinado a uma "moradia de veraneio"[254] para o próprio, no lote 4 da R. Praia do Suave Mar (anexo 36). A construção carateriza-se pela sua planta circular/oval e "apresenta-se simples, recorrendo-se a um jogo de entrepisos facilmente permitido pela elevação do terreno e a mobilidade das areias"[255]. Esta configuração corresponde ao pretendido no plano urbanístico, enquanto se adapta com mais de um piso. Ainda neste enquadramento, o telhado, com a sua forma retangular, cobre as paredes exteriores curvas, relacionando-se com as construções vizinhas. A escolha da pedra no exterior, com aspeto rústico, além de se diferenciar no aglomerado, vai ter influência no desenho dos alçados e na relação entre o interior e exterior, como se verifica pelas pequenas aberturas que são desenhadas.

[251] FIGUEIRA, Jorge - A periferia perfeita: pós-modernidade na arquitetura portuguesa, anos 1960 1980.
[252] Incluindo engenheiros, que muitas vezes assumiam a autoria de projetos dos arquitetos que não estavam inscritos na Câmara Municipal.
[253] Memória descritiva de Alcino Soutinho. Porto, 07/04/1965. Anexo 35.4.
[254] Memória descritiva de Manuel Oliveira Dias Lopes. Guimarães, 15/01/1965. Anexo 36.6
[255] *Ibid.*

Fig. 145 - Planta do património arquitetónico, zona do Suave Mar, Esposende, 2014.

12E2: Forte de S. João.
12E3: Casas projetadas por. Viana de Lima.
12E4: Casa projetada por Arménio Losa.
12E5: Casa projetada por Eduardo Ribeiro Martins.
12E6: Casa projetada por Pádua Ramos e Carlos Loureiro.
12E7: Casa projetada por Alcino Soutinho.
12E8: Casa projetada por Octávio Lixa Filgueiras.

Fig. 146 - Casa de férias, Esposende, Alcino Soutinho, 1965. Nascente. Fotografia de 2023.

Fig. 147 - Casa de férias, Esposende, Alcino Soutinho, 1965. Lateral Sul. Fotografia de 2023.

Fig. 148 - Casa de férias, Esposende, Alcino Soutinho, 1965. Lateral Norte. Fotografia de 2023.

Fig. 149 - À esquerda: casa de férias, Esposende, Alcino Soutinho, 1965. À direita: Casa de férias, em Esposende, Eduardo Ribeiro Martins, 1965. Fotografia de 2023.

Fig. 150 - Casa de férias, Esposende, Eduardo Ribeiro Martins, 1965. Lateral Sul. Fotografia de 2023.

Fig. 151 - Casa de férias, Esposende, Eduardo Ribeiro Martins, 1965. Nascente. Fotografia de 2023.

Fig. 152 - R. Praia do Suave Mar, Esposende. Proximidade à duna. À direita: Casa de férias, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Fotografia de 2023.

A terceira moradia referenciada, no lote 15, é relativa ao projeto (anexo 37) dos arquitetos José Carlos Loureiro (1925-2022) e Pádua Ramos (1931-2005), este último ingressado no gabinete do primeiro em 1955. Esta habitação é desenhada tendo em conta a família numerosa do requerente e, "tal factor não impediu, contudo, que se mantivessem rigorosamente todos os afastamentos exigidos no plano de urbanização em estudo e se procurasse uma incrustação no terreno que, dum modo satisfatório, distribuísse as áreas necessárias, sem adensar a massa geral do edifício"[256]. A disposição da planta permite criar, exteriormente, um jogo de volumes que, facilitando a relação interior/exterior ao abrir os vãos maiores para sul, conduz o enquadramento a partir da topografia do terreno. Além disto, esta casa destaca-se pela sua qualidade construtiva que se justifica, principalmente, pelo uso de paredes exteriores duplas constituídas por um pano exterior em perpianho de 0,28m, separado do pano interior em tijolo de 0,06m por uma caixa de ar.

As restantes obras que se destacam, referem-se a dois projetos elaborados pelo Arq. Octávio Lixa Filgueiras[257] (1922-1996) para os lotes 23 e 21 da R. Praia do Suave Mar, em 1967 e 1968, (anexos 38 e 39) respetivamente. A primeira, no lote 23, vira-se para nascente com acesso secundário a poente e desenvolve-se em dois pisos, com a garagem e os quartos no piso superior e as áreas comuns no piso inferior. A sua volumetria, de forma a resguardar-se dos ventos de norte, desenvolve-se numa composição de vários níveis que se expressa exteriormente num telhado fragmentado em várias águas. O jogo de coberturas que se cria permite a abertura de vãos subtilmente posicionados. Relativamente à outra moradia, no lote 21, percebe-se a sua semelhança ao projeto anterior, ainda que a sua composição se desenvolva com maior liberdade, permitida pela topografia menos acentuada da duna. É considerado o princípio do plano urbanístico em que se pretende, "aproveitando os desníveis do terreno, desafogar ao máximo não só esta como as habitações vizinhas"[258], sendo que, também, se desenvolve em dois pisos com três níveis distintos. Apesar da intenção de virar a retaguarda da casa para norte, limitando a abertura nesse sentido, a sua organização interna diferencia-se, ao assumir a garagem no piso comum e os quartos no piso superior, que contactam com o exterior apenas pela varanda. Relativamente aos materiais, tal como a moradia anterior, destaca-se, "um sistema de construção muito económico"[259], ainda que seja constituído por "paredes resistentes de alvenaria de granito, tendo as exteriores uma forra de alvenaria de tijolo, permitindo uma caixa de ar para isolamento"[260]. Atualmente, a disposição e hierarquia interior destas moradias pode estar alterada[261].

[256] Memória descritiva assinada pelo Eng. Alcino José Salvador Paixão. Porto, 12/03/1965. Anexo 37.5.
[257] Os Processos 199/67 e 387/68 relativos a estas moradias aparecem assinados pelo Arq. Alcino Soutinho, por conveniência e facilidade na submissão dos projetos. Algo comum na época.
[258] Memória descritiva assinada pelo Arq. Alcino Soutinho. Esposende, 17/04/1968, Anexo 39.6 e 39.6.1.
[259] *Ibid.*
[260] *Ibid.*
[261] Devido à ampliação dos lotes, a via de acesso, a nascente, foi alterada e, consequentemente a entrada principal destas casas também.

Fig. 153 - Casa de férias, Esposende, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Lateral Sul e Poente. Fotografia de 2023.

Fig. 154 - Casa de férias, Esposende, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Lateral Norte e Poente. Fotografia de 2023.

Fig. 155 - Casa de férias, Esposende, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Nascente. Fotografia de 2023.

Fig. 156 - Casa de férias, Esposende, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Lateral Sul e Nascente. Fotografia de 2023.

Fig. 157 - Casa de férias, Esposende (lote 23), Octávio Lixa Filgueiras, 1967. Lateral Norte e Poente. Fotografia de 2023.

Fig. 158 - Casa de férias, Esposende (lote 23), Octávio Lixa Filgueiras, 1967. Poente e lateral Sul. Fotografia de 2023.

Fig. 159 - Casa de férias, Esposende (lote 21), Octávio Lixa Filgueiras, 1968. Poente e lateral Sul. Fotografia de 2023.

Fig. 160 - Casa de férias, Esposende (lote 21), Octávio Lixa Filgueiras, 1968. Nascente e lateral Norte. Fotografia de 2023.

Os anos 60 e 70

Até 1965, considerado o ano da demissão de Viana de Lima[262], construíram-se dezasseis moradias[263]. O primeiro grupo de lotes, no alinhamento contíguo à praia, rapidamente ficou completo por seis casas de férias[264], unifamiliares, de um piso, como pretendido pelo plano. Neste período, os lotes do segundo alinhamento, circunscrito pela R. Praia do Suave Mar, vão-se configurando e ficam definidas quatro construções nos dez lotes disponíveis. Por sua vez, nos alinhamentos a nascente, mais próximos da Av. de Banhos, a construção das moradias deu-se posteriormente. Neste caso, é exceção o projeto já estudado para as duas moradias nos lotes 22 e 19, que se definiram desde cedo.

Ainda neste período, outro fator que despoletou o desenvolvimento deste local está relacionado com a renúncia à aquisição de vários lotes para construção, por parte de João Mota Pereira de Campos. Como já mencionado, este requerente era proprietário de vários lotes e, ao permitir a entrada de novos adquirentes, "que pela sua qualidade – designadamente pela sua posição económica e social – interessa ligar a Esposende"[265], vai potenciar a construção nos lotes referidos e uma evolução considerável para o plano. Neste seguimento, verifica-se a importância conferida aos lotes e à sua respetiva venda. É na documentação da CME, "relação dos lotes de terreno vendidos nas dunas de Esposende, integralmente pagos"[266], que se identifica o pagamento efetuado pelos adquirentes dos terrenos e a percentagem remetida para a Fundação "Casa de Bragança", como estipulado no contrato de 1948.

Na segunda metade da década de 60, precisamente a partir de 1966, a "Celanus – Empresa de Turismo, AS" adquire os terrenos que ainda pertenciam à Fundação "Casa de Bragança" e vai-se responsabilizar pela sua urbanização, bem como por ceder à CME as áreas necessárias para abertura de ruas e praças[267]. Nestes anos verifica-se uma evolução, especialmente, no setor central, que inclui o segundo e o terceiro alinhamento a partir da praia. Estes lotes, ficaram substancialmente preenchidos, faltando apenas um no gaveto do segundo alinhamento e outro na união do terceiro com o quarto alinhamento[268]. Na análise desta evolução, fica evidente a

[262] Considerando até Novembro de 1965, sendo que neste último projeto o arquiteto consultor da CME já seria o Arquiteto Carlos Carvalho Dias.
[263] Sendo que catorze são referentes a moradias nas dunas do Suave Mar, não contabilizando as duas construídas a nascente do farol, pertencentes à Av. Marginal.
[264] Destas, não foi possível consultar documentação relativa à construção original da moradia do lote 2 da R. Praia do Suave Mar, sendo que não foi encontrado o seu processo original nem o número referente. O primeiro processo encontrado tem o número 92/70 e é relativa à demolição e construção de uma nova casa.
[265] Correspondência de 30/08/1965. Anexo 40.
[266] Documento de 01/09/1965. "Relação dos lotes de terreno vendidos nas dunas de Esposende, integralmente pagos". Anexo 41. Considera-se que, tal como o título indica, a lista contém apenas os lotes integralmente pagos e, por isso, os restantes lotes, já com obras de construção até à data, ainda não haviam pago o seu valor total, ficando excluídos deste documento.
[267] Referente a todos os terrenos situados entre a foz do Rio Cávado e a foz do Rio Neiva.
[268] Correspondente ao lote 25 da R. Praia do Suave Mar. Nesta fase a moradia do lote 18, segundo analisamos, já deveria estar construída apesar de não ser possível consultar a sua documentação original.

tendência de crescimento que acompanha a relação com a praia, sendo que, ao finalizar este decénio, os lotes disponíveis para construção se situavam no lado nascente do conjunto.

Já na década de 70, a construção de novas casas de férias estagnou e a zona do plano espelhou esse escasso desenvolvimento. Pode-se associar esse fator aos pareceres de Carlos Carvalho Dias, enquanto arquiteto consultor da CME, que foram dificultando e até reprovando as propostas, desadequadas, para os lotes disponíveis. Como, por exemplo, o projeto apresentado, no ano 1977, para o lote situado entre o encontro da Av. de Banhos e a R. do Farol, em que se pretendia, inicialmente, a construção de um bloco habitacional com quatro casas distribuídas por quatro andares[269], numa proposta que não correspondia, de modo algum, aos princípios estabelecidos para a urbanização do local. Além disto, os processos que se iniciam nesta temporada são, maioritariamente, referentes a obras posteriores nas moradias já construídas.

Fig. 161 - Foz do Rio Cávado, praia do Suave Mar e centro antigo, ao fundo. Postal da década de 70.

[269] Processo 530/77, AME.

Fig. 162- Desenho da evolução do aglomerado até 1965, Suave Mar, Esposende. A base do desenho define-se pelo Plano de Viana de Lima e destaca-se o desenvolvimento pela construção das casas e arruamentos. Esta concretização é referente ao período de Viana de Lima na CME e a casa construída junto ao Farol, que se insere no final desse período, não teve o seu parecer. Apêndice 4.

Fig. 163- Desenho da evolução do aglomerado até 1969, Suave Mar, Esposende. Período em que se constrói nos lotes junto ao Farol. Apêndice 5.

Fig. 164- Desenho da evolução do aglomerado até 1979, Suave Mar, Esposende. Neste período destaca-se a união da R. Praia Suave Mar, a Norte. Na transição da década destaca-se a ampliação do bar da praia. Apêndice 6.

Os anos 80 e 90

Relativamente à década de 80, já sem Carlos Carvalho Dias como consultor, presencia-se a construção de novas moradias, sendo que esses dados podem estar relacionados. É logo na transição da década[270] que se observa a implantação nos lotes desocupados, onde se destaca o projeto aprovado para o lote mencionado no ponto anterior, relativo aos anos 70, onde se converte o bloco residencial em duas moradias geminadas[271]. Se nos anos 70 ainda se presenciava o controlo e atenção dado aos projetos no contexto do plano, segundo definido nos estudos de Viana de Lima, nos anos 80 é visível algum afastamento a essas limitações. Ao longo deste período foram construídas oito moradias, sendo que destas, quatro correspondem a moradias geminadas em par. Além das referidas anteriormente, o destaque vai para o lote 7 da R. Praia do Suave Mar, que corresponde ao último terreno livre no segundo alinhamento, depois de alguns projetos recusados para este gaveto. A contrariar as pretensões urbanísticas do plano, este projeto vai desenvolver duas moradias geminadas que, na sua composição geral, demonstram a preocupação da sua implantação no contexto. Isto porque, a juntar esta consideração, que transmite a ideia de uma moradia bifamiliar isolada em dois lotes, relacionando-se com as moradias unifamiliares isoladas dos lotes vizinhos, a sua composição exterior, também, vai refletir essa preocupação, "para que a integração dos taludes criados, a breve trecho se confundam com as dunas que lhe ficam fronteiras"[272].

Na década de 90, este aglomerado já se afirmava com um setor importante em Esposende, que neste período se formalizava enquanto cidade. Para isto, muito contribuiu este loteamento e a sua ligação ao turismo balnear, que cada vez mais se refletia essencial para a economia local. Já nesta altura, a zona norte de Esposende era uma área consolidada, com grande procura e com o potencial que se previa desde os primeiros estudos para a expansão da vila. Neste período, constrói-se a última moradia no alinhamento junto à Av. de Banhos e além de obras posteriores para remodelações ou acrescentos, destaca-se a reconstrução do Bar da Praia, "que se justifica pela dignidade e visibilidade que o sítio proporciona"[273]. Esta abordagem, de certa forma, vai aludir à pousada que Viana de Lima desenha no seu plano, tanto pela sua implantação como pela sua forma que pretende "criar um espaço exterior qualificado, destinado a esplanada, protegida dos ventos dominantes que são os do Norte e Noroeste"[274]. A par disto, o investimento da CME vai-se ampliar para os melhoramentos nos arruamentos e espaços públicos. Sem data específica,

[270] Neste caso considera-se os processos iniciados em 1978 e 1979 que, em termos práticos, se desenvolveram já na década de 80.
[271] Esta alteração terá sido sugerida pelo Arquiteto Carlos Carvalho Dias logo nos primeiros pareceres sobre os projetos para este lote., nos processos iniciais. "Quando muito – e dadas as dimensões do lote – julgo que poderia ser admitida a construção de duas moradias geminadas, com o máximo de 2 pisos". Anexo 23.
[272] Memória descritiva de Elísio Gonçalves Rocha. Braga, 02/02/1982. Anexo 42.
[273] Memório descritiva de Rui Ramos Loza. "Suave bar", relativo à construção do novo bar da praia. Anexo 43.
[274] *Ibid.*

já se verifica, aquando do projeto para o bar da praia, um novo desenho da rua, alcatroada, e com um maior parque de estacionamento, algo que já se assemelha ao aspeto atual. Com preocupações aliadas ao crescimento e afluência que este local presenciava, foram iniciadas obras de arranjos na Av. Marginal, incluindo a zona do Suave Mar que viu o seu estacionamento, a sul, ser tratado e redesenhado[275].

Fig. 165 - Praça e zona de estacionamento no final da R. do Farol, a Sul do aglomerado. Fotografia de 2023.

Fig. 166 - Zona de estacionamento no final da R. do Farol, a Sul do aglomerado. Fotografia de 2023.

[275] Trabalho desenvolvido pela Arq. Paisagista Laura Roldão e Costa.

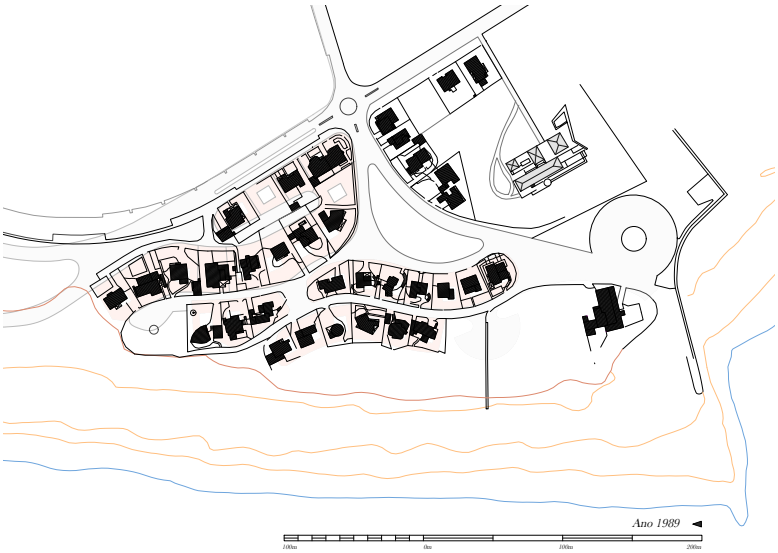


Fig. 167- Desenho da evolução do aglomerado até 1989, Suave Mar, Esposende. Apêndice 7.

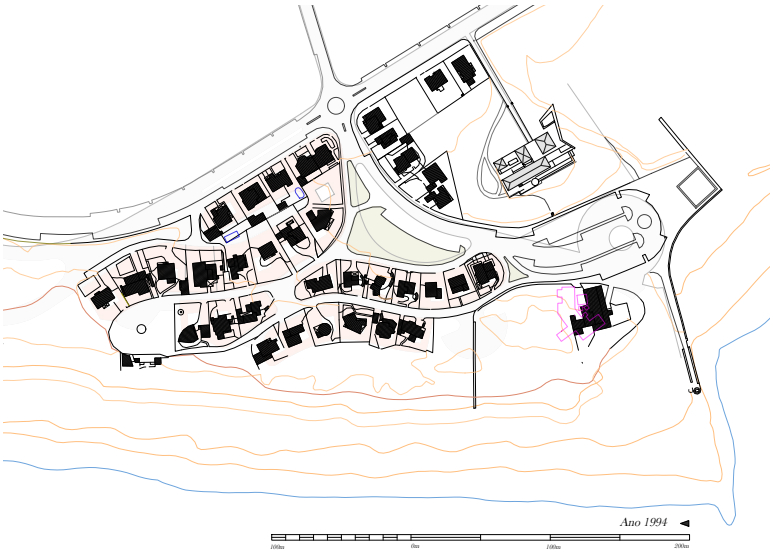


Fig. 168- Desenho da evolução do aglomerado até 1994, Suave Mar, Esposende. Neste período destacam-se a definição dos espaços públicos, o alargamento do estacionamento, a Sul, e vão aparecendo os primeiros equipamentos de apoio à praia, a Norte. A marcação da implantação do novo bar da praia assinala a sua construção no final do século XX. Apêndice 8.

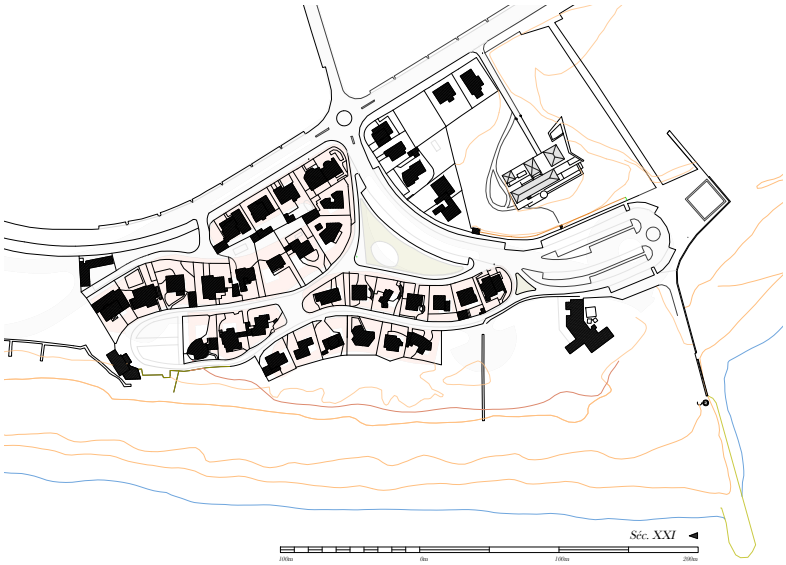


Fig. 169- Desenho da evolução do aglomerado ao longo do século XXI, Suave Mar, Esposende. Destaca-se a criação da ligação entre a Av. Marginal e a praça junto ao estacionamento. Apêndice 9.

Os anos iniciais do século XXI

No novo milénio mantêm-se o planeamento e intervenção da CME nesta zona, nos arruamentos, nos parques de estacionamento e nos equipamentos públicos criados. Com o presente desenvolvimento e o interesse inerente à praia, vão-se preenchendo os restantes terrenos disponíveis, como, por exemplo, a moradia construída, em 2010, no lote 24[276] na R. Praia de Suave Mar, o último do plano de Viana de Lima a receber intervenção. Além disso, permite-se a criação de novos lotes para construção, como é o caso da construção desenvolvida a norte[277], entre o lote 17 da R. Praia Suave Mar e a Av. de Banhos, num terreno que se define pelo perímetro dos elementos adjacentes. O parque de estacionamento a norte, planeado por Viana de Lima, é alvo de intervenção e os arruamentos são prolongados, criando uma importante área de chegada à praia. Para complementar este acesso, em 2008, no âmbito do POOC Caminha-Espinho e pelo DL nº 309/93[278], são criados equipamentos de apoio à praia[279], desde instalações sanitárias e balneários, como ainda, estabelecimentos de restauração e bebidas[280]. Estas intervenções vão aumentar o tráfego de acesso à praia nesta parte norte do aglomerado, que se desenvolve com maior ligação ao areal e ganha a importância que se presenciava no acesso a sul, mais perto da foz.

A atualidade

Nos dias de hoje, a evolução do aglomerado em estudo é caraterizada por obras de competência particular enquanto no domínio público, por parte da CME, não se observam alterações significativas que desvirtuem a perceção do ambiente, que tem caraterizado este local com o passar das décadas.

Ainda que a evolução dos tempos proporcionasse uma maior dependência ao automóvel, os arruamentos interiores mantêm a sua configuração base e o aspeto rústico pretendido pelo plano. Ou seja, apesar de uma maior afluência, a circulação é feita de forma contida, quer pelo ordenamento e melhoramentos a cargo da CME como pelo revestimento e materiais usados. A isto, junta-se a vontade de afastar o automóvel dos acessos às moradias que, também, se mantêm, proporcionado por instrumentos que se adequam e reforçam o seu caráter mais contido num ambiente mais íntimo.

[276] Projeto desenvolvido pelo gabinete Minimalismos Arquitetura e Design. Processo 387/2010, AME.
[277] Projeto desenvolvido pelo Arq. Nuno Campos (Traço Alternativo). Processo 276/2005, AME.
[278] DECRETO-LEI nº 309/93, publicado em Setembro de 1993.
[279] Projeto desenvolvido pela Arq. Ana Barão Neiva. Processo 222/2008, AME.
[280] Por muito tempo, este estabelecimento era nomeado de "Mar Alto" e isso definiu esta zona de acesso, que englobou essa designação.

As zonas de estacionamento mantêm-se concordantes à base desenhada no plano, excetuando a que apresenta um limite semicircular entre a pousada e as primeiras moradias[281]. Apesar disto, é notório a sua evolução e os melhoramentos que se foram fazendo no decorrer dos anos com resposta à necessidade criada por uma sociedade baseada no automóvel. Ainda deste tema, ao contrário dos arruamentos interiores[282], a R. do Farol, dada a sua hierarquia e representação, vai-se desenvolver com estacionamento lateral associado.

No que toca ao espaço público, o parque central, já desenhado no plano, mantém esse conceito e, atualmente, constituí o Jardim do Farol e um parque desportivo. Relativamente à praça criada a sul, junto à margem e foz do Cávado, tem-se presenciado o interesse na sua valorização. Ao longo dos anos, tem sido alvo de obras de requalificação e de melhoramentos, até na sua envolvente como, por exemplo, a criação de um percurso pedonal que faz ligação à Av. Marginal, a sul do Farol, por volta de 2012. Neste contexto, o Forte S. João Batista que se distingue do conjunto de infraestruturas e equipamentos do local, pelo estado deteriorado que vem apresentando, ao que parece, será alvo de requalificação[283].

No domínio privado, atualmente, verifica-se o interesse e exploração de algumas moradias, geralmente em estado de degradação, com o objetivo de aproveitamento dos lotes para a construção de habitação de alto padrão. Estas novas residências, porventura descontextualizadas do enquadramento rural do aglomerado, também vão ser representativas de estratos sociais distintos e até mesmo elitistas, ainda que seja notório um certo desfasamento entre o poder económico das diferentes gerações de clientes. Apesar das grandes diferenças, acentuadas pelo contexto geracional, estas novas construções, que constavam como obras de "alteração e ampliação", parecem manter algum cuidado na relação com a duna, elemento regulador de desenho urbano, e atenção em manter as cérceas definidas para este local. Estes casos, desenvolvem-se, principalmente nos lotes a norte que constituem os terrenos com maior potencial, devido à sua proximidade à praia, à topografia, que permite explorar a sua implantação e os acessos em duas cotas; e à área do terreno, que sendo maior permite ampliar a área construída.

[281] Considera-se que esta zona de estacionamento, dada a sua implantação na duna, não tivesse sido concretizada.
[282] Referente à R. Praia do Suave Mar e uma artéria da R. do Farol.
[283] A CME lançou, em 2022, um concurso público para a requalificação do Forte S. João Batista, com vista à instalação do Centro Interpretativo do Litoral Norte. Disponível em: https://www.municipio.esposende.pt/pages/986?news_id=5937

Fig. 170- Urbanização das dunas do Suave Mar, em Esposende, imagem satélite de 2021.

ESCALA 1/2000 - Junho 2021

100m *0m* *100m* *200m*

Notas Finais

"Esposende tem duas almas... a do Sul, que era piscatória... feita de gente natural e misteriosa, em dramas e alegrias rápidas, como se um vento único e audaz, vindo de muito longe, talhasse a sua história. A alma do Sul, já existia quando o reizinho D. Sebastião jogava às laranjas com os seus cortesões... a alma do Norte floresceu um dia, construiu nos pinhais um chalé branco, pôs-lhe um azulejo azul, botou patamar e alpendre... os banhistas eram gente de Braga e de Barcelos... A alma do Norte era assim. Vinculada às cidades, às vilas espessas..."[284]

A vivência idealizou o tema, o percurso académico despertou o interesse e a concretização do trabalho reverteu em considerações que permitem responder às questões levantadas pela abordagem. No âmbito geral, destacou-se a importância que a produção moderna, de casas de férias, refletiu no desenvolvimento urbano de Esposende.

O **lugar**, que enunciou o seu enquadramento, destacou o posicionamento notável em relação a centros urbanos significativos e o cenário natural, com três qualidades distintas pelo concelho entre rios, montes e a extensa faixa litoral. Isto afirmou a base de desenvolvimento do aglomerado que, diretamente, mas não só, se estabeleceu pelo contributo do veraneio. Esta atitude confirmou-se pela abordagem dos planos que regularam a expansão de Esposende, num período que se mostrou apropriado ao setor turístico e, tal como noutros casos na costa portuguesa, a construção associada ao turismo permitiu desenhar a sua imagem urbana. Estes fatores indicaram, previamente, a sua inserção no progresso da arquitetura que, numa fase de luta pelo seu afastamento ao poder político, se refletiu, na maior parte dos casos, numa produção adequada ao meio envolvente.

Neste seguimento, o **tempo** definido pelo século XX, confirmou o papel de Viana de Lima no Movimento Moderno. A nível nacional, o seu contributo não se limitou ao desenvolvimento projetual, que, desde cedo, também pelas suas influências internacionais, se mostrou exemplar, mas também, sendo uma voz ativa na luta pelo direito de fazer moderno. Ou seja, em busca de uma arquitetura que, aproveitando a sua evolução, liberdade construtiva, praticidade e funcionalismo, se mostrou como essencial para o país. A nível internacional, a sua relação à arquitetura, pelas viagens e conhecimento adquirido, formou-se prontamente. A referência principal a Le Corbusier refletiu-se na sua criação e foi, sensivelmente, a partir desse interesse que se viabilizou a participação portuguesa nos CIAM, onde se estabeleceu a necessária ligação entre o contexto nacional e internacional.

A partir disto entendeu-se, em Portugal, a posição preponderante do poder político face à arquitetura, que era utilizada como máquina de propaganda, à semelhança do que se passava

[284] BESSA-LUÍS, Agustina *apud* NEIVA, Manuel Albino Penteado - Esposende: páginas de memórias, p. 11.

noutros regimes ditatoriais na Europa. Este meio, condicionou a prática de muitos arquitetos que, mais ou menos de acordo com a ideologia do Estado, projetaram, convenientemente controlados, números significativos de obras para o governo de Salazar. Por outro lado, os arquitetos de convicções mais modernas passavam períodos difíceis e o volume dos seus trabalhos foi aumentando conforme o desenvolvimento político nacional mencionado e todo o contexto envolvente, impulsionado pelos próprios. O percurso de Viana de Lima reflete esta narrativa e a fase em que desenvolveu os trabalhos em Esposende, carateriza-se pela preocupação com o contexto e a sua adaptação à realidade e circunstâncias locais.

Assim, o **objeto** assimilou o caminho que a investigação percorreu, a par de Esposende, Viana de Lima e o Movimento Moderno. No seguimento cronológico percebeu-se a inserção geográfica e histórica do Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar. Previamente pelo acordo de 1948[285] e pela necessidade de revisão dos estudos urbanísticos desenvolvidos até então, a motivação deste plano ficou definida desde cedo. A par do interesse da venda dos terrenos nas dunas a Norte da foz do Rio Cávado e da necessidade de expansão, o cuidado ao contexto local resultou num trabalho que, moderno, reflete a sensibilidade de Viana de Lima através da implantação proposta e do desenho subtil dos arruamentos que se estendem pelas dunas, a pré-existência. Neste sentido, a ideia pretendida pelo plano proporcionou uma nova zona de habitação para casas de férias e manteve a escala observável em Esposende, ainda que numa configuração topográfica diferente.

A rápida materialização do plano justificou-se pelas motivações mencionadas e refletiu o interesse, de um lado, por parte da CME, e do outro, por parte de quem pretendia construir nestes terrenos juntos à praia. A valorização deste local proporcionou a construção de casas de férias e, por encomenda ou para os próprios, os arquitetos modernos desenvolveram, aqui, alguns projetos notáveis. Neste sentido, a evolução do plano, que se fundamentou pelo interesse turístico, preencheu a imagem litoral de Esposende com exemplos de arquitetura de autor relevantes para a história da arquitetura nacional. Posteriormente, o aglomerado desenvolveu-se de forma a responder às necessidades mais contemporâneas, mesmo que ainda se presencie o ambiente criado pelo plano de Viana de Lima em alguns aspetos.

Em suma, a investigação desenvolvida resultou num entendimento do contexto moderno de Esposende e a informação analisada permitiu estabelecer alguns pontos importantes na arquitetura portuguesa. Com base no que foi apresentado, este trabalho, possibilita investigações posteriores que a natureza desta Dissertação não permitiu desenvolver com maior aprofundamento. Neste campo, fica em hipótese o estudo da arquitetura moderna do ponto de

[285] Acordo entre a CME e a Fundação "Casa de Bragança", 02/02/1948. Anexo 9.

vista atual, a intervenção necessária nesta produção arquitetónica, já com 60 anos de construção, e a sua valorização enquanto espaço. Seria pertinente, também do ponto de vista atual, abordar a problemática da construção na orla costeira que, neste Caso de Estudo, com a sua inserção na duna e proximidade ao mar, testemunha uma intervenção conscienciosa.

Bibliografia

Referências Bibliográficas

Monografias

– **1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Testes, Conclusões e votos do Congresso**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008. Ed. Fac-similada. ISBN 978-972-8897-27-7.

– ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - A arquitectura moderna. In **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Alfa, 1986. vol. 14.

– BARBOSA, Cassiano - **ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto**. Porto: Asa, 1972.

– CARDIM, João - **Casas de férias: Arquitectura de veraneio entre Sintra e Colares**. Lisboa: Argumentum, 2021. ISBN 9789898885180.

– DIAS, Jorge - **Rio de Onor: comunitarismo agro-pastoril**. Lisboa: Presença, 1984.

– **Esposende: lugares de tempo e memória = places of time and memory**. Coord. Maria Luísa Leite; colab. Fátima Sá, Ivone Magalhães, Rui Cavalheiro. 2ª ed. Esposende: Município de Esposende, 2022. ISBN 978-989-53568-1-2

– FERNANDEZ, Sergio - **Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974**. 2.ª ed. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1988.

– FIGUEIRA, Jorge - **A periferia perfeita: Pós-modernidade na arquitectura portuguesa: anos 1960-1980**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. ISBN 9789896582760.

– FRAMPTON, Kenneth - **História Crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martin Fontes, 2015. ISBN 85-336-0750-4.

– FRANÇA, José Augusto - **O modernismo na arte portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, Ministério da Cultura e da Ciência, Secretaria de Estado da Cultura, 1980. ISBN 972-566-157-5.

– GOMES, Paulino; SILVA, João Belmiro Pinto da - **Esposende - A Terra e o Homem**. 2.ªed. Paços de Ferreira: Amnésia. ISBN 972-8266-12-X.

– GUERREIRO, Paulo Lima, ed. lit. - **Esposende: Ensaio Urbano de vila a cidade**. Esposende: C.M., 2009. Catálogo de uma exposição. ISBN 978-989-95585-4-0.

– GUERREIRO, Paulo Lima, ed. lit. - **Viana de Lima: Casa das Marinhas: Esposende**. Esposende: C.M., 2013. ISBN 978-989-98437-2-1.

– MAIA, Maria Helena; CARDOSO, Alexandra - Portugueses in CIAM X. In **20th Century New Towns. Archetypes and Uncertainties. Conference Proceedings** [Em linha]. Porto: Departamento de Arquitetura e Centro de Estudos Arnaldo Araújo da Escola Superior Artística do Porto, 2014. [Consult. 9 Nov. 2022]. p. 193-213. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10400.26/9072>. ISBN 978-972-8784-57-7.

– MOUTINHO, Mário - **A Arquitetura Popular Portuguesa**. Lisboa: Estampa, 1995. ISBN 972-33-1054-6.

– MUMFORD, Eric - **The CIAM discourse on urbanism, 1989-1960**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2002. ISBN 0-262-63263-2.

– NEIVA, Manuel Albino Penteado - **Esposende: páginas de memórias**. Esposende: Edição de Autor, 1991. ISBN 972-9454-00-0.

– PEREIRA, Paulo - **Arquitetura portuguesa: história essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2022. ISBN 9789896446499.

– SECCA, Amândio Fernandes, ed. lit. - **Viana de Lima: arquitecto, 1913-1991**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

– TÁVORA, Fernando - **O problema da casa portuguesa**. Lisboa: Editorial Organizações, 1947.

– TOSTÕES, Ana - **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. 2ª Ed. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1997. ISBN 972-9483-30-2.

– VIEIRA, Alice - **Praias de Portugal**. Lisboa: Caminho, 1997. ISBN 972-21-1146-9.

Teses e trabalhos académicos

– ARAÚJO, Arnaldo - **Formas do habitat rural - Norte de Bragança: contribuição para a estrutura da comunidade** [Em linha]. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1957. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto. [Consult. 9 Nov. 2022]. Disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/10405/48094>.

– COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da - **Da Recepção à Transmissão: Reflexos do Team 10 na Cultura Arquitectónica Portuguesa 1951-1981**[Em linha]. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2014. Tese de Doutoramento em Arquitetura na especialidade de Teoria e História da Arquitetura. [Consult. 5 Fev. 2023]. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10316/23824>.

– FERNANDEZ, Sergio - **Recuperação de aldeias: Rio de Onor** [Em linha]. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1965. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto. [Consult. 9 Nov. 2022]. Disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/10405/48234>.

– FILGUEIRAS, Octávio Lixa - **Urbanismo: um tema rural** [Em linha]. Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto, 1953. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto. [Consult. 9 Nov. 2022]. Disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/10405/48394>.

– FILIPE, Tiago Patrão Peres - **Viana de Lima em Esposende, 1946-1987**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2007. Tese de Mestrado em Arquitetura.

– LIMA, Alfredo Evangelista Viana de - **Uma biblioteca pública municipal [Uma biblioteca-arquivo]** [Em linha]. Porto: Escola de Belas Artes do Porto, 1941. Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto. [Consult. 25 Jan. 2023]. Disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/10405/42198>.

– MARTINS, Luís Paulo Saldanha - **Lazer, Férias e Turismo na organização do espaço no Noroeste de Portugal** [Em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993. Tese de Doutoramento em Geografia Humana. [Consult. 16 Fev. 2023]. Disponível em WWW: <URL: https://catalogo.up.pt/F/?func=direct&doc_number=000598031&local_base=UPB01>.

– NEVES, António Luís Pereira da Silva - **Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Arquitectura no segundo Pós-Guerra. Arquitectura Moderna, Nacionalismo e Nacionalização**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2016. Tese de Doutoramento em Arquitetura. [Consult. 11 Abr. 2022]. Disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/10216/115293>.

– ROSA, Edite Maria Figueiredo e. - **ODAM: Valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva** [Em linha]. Barcelona: Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2005. Tese de Doutoramento em Arquitetura - Departamento de Proyectos Arquitectonicos. [Consult. 12 Abr. 2022]. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10803/6819>.

– SOARES, Pedro Luís Pinho - **Do moderno em Santa Maria da Feira: Viana de Lima** [Em linha]. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2022. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. [Consult. 29 Jan. 2023]. Disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/10216/145741>.

– VALE, Celina Maria Couto do - **Planos de pormenor de Esposende: do desenho à materialização**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2001. Tese de Mestrado em Arquitetura.

Publicações em série

– 1941 - Casa Unifamiliar, no Porto, na R. Honório de Lima. **Revista Arquitectura.** 3ª serie: 74 (1962), 30.

– AMARAL, Francisco Keil - Uma Iniciativa Necessária. **Revista Arquitectura.** 2ª serie: 14 (1947), 12-13.

– BOTELHO, Manuel - Os anos 40: A ética da estética e a estética da ética. **Ra - Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto**. 0, 7-10.

– CARDOSO, Mário - Entrevista com o arquitecto Fernando Távora. **Arquitectura: Revista de arquitectura, planeamento, design, artes plasticas**. 123 (1971) 150-154.

– Carta de Atenas. **Revista Arquitectura.** 25 (1948), 19.

– Casa de férias no Rodízio: Arquitecto Faria da Costa. **Revista Arquitectura.** 22 (1948), 14-15.

– Casa em Ofir, Fernando Távora. **Revista Arquitectura.** 59 (1957), 10.

– Concurso da Casa Panorama. **Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo** [Em linha]. 1:14 (1943). [Consult. 31 Mar. 2023]. Disponível em WWW: <URL: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N14/N14_item1/index.html>.

– Concurso da Casa Panorama. **Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo** [Em linha]. 1:20 (1944). [Consult. 31 Mar. 2023]. Disponível em WWW: <URL: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N20/N20_item1/P57.html>.

– Ecletismo no Porto. Moradia pelo Arquitecto Viana de Lima. **Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação.** 4ª serie: 3 e 4 (1953), 7

– NOGUEIRA, Américo - Rodízio Bairro dos Arquitectos. **Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo** [Em linha]. 1:15-16 (1943). [Consult. 31 Mar. 2023]. Disponível em WWW: <URL: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N15-16/N15-16_item1/index.html>.

– Ofir. **Revista Arquitectura.** 2ª serie: 33-34 (1950).

– **Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo** [Em linha]. 1:1 (1941). [Consult. 31 Mar. 2023]. Disponível em WWW: <URL: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N01/N01_item1/P1.html>.

– SAMPAIO, Joaquim - Considerações sobre a residência secundária em Esposende. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia** [Em linha]. 16, 131-143. [Consult. 2 Jun. 2022]. Disponível em WWW: <URL: https://ojs.letras.up.pt/index.php/geografia/article/view/7750/7114>.

– X Congresso CIAM. **Revista Arquitectura**. 64 (1959) 21-28.

Referências Bibliográficas

Monografias

– AMARAL, Francisco Keil do - **O problema da habitação**. Porto: Livraria Latina, 1945.

– BANDEIRINHA, José António - **Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40**. 2ª ed. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1996. ISBN 972-9483-15-9.

– CASTRO, Carmen - **Viana de Lima**. Vila do Conde: Quidnovi, 2011. ISBN 978-989-554-896-5.

– FILGUEIRAS, Octávio Lixa - **Da função social do arquitecto: Para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada**. 2.ªed. Porto: Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1985.

– FRANÇA, José Augusto - **A arte em Portugal no século XX: 1911-1961**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974.

– GUERREIRO, Paulo Lima - **Viana de Lima e a influência do Movimento Moderno na arquitectura portuguesa**. Esposende: C.M., 2017. ISBN 978-989-99468-5-9.

– LÔBO, Margarida Souza - **Plano de urbanização: a época de Duarte Pacheco**. 2ª ed. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995. ISBN 972-9483-14-0.

– MENERES, António - **Arquitecturas do concelho: Esposende: entre o atlântico e as suas terras**. Esposende: C.M., 2018. ISBN 978-989-99468-9-7.

– MONTANER, Josep Maria - **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: GG, cop. 2001. ISBN 84-252-1828-4.

– PINTO, Jorge Manuel - **Esposende e suas freguesias: uma história de fé e humanismo**. Lisboa: Chiado, 2016. ISBN 978-989-51-8205-3.

– ROGERS, Ernesto Nathan - **A arquitetura moderna desde a geração dos mestres**. Porto: CIAM, 1960.

– SANTOS. Carlos Oliveira - **O nosso Niemeyer**. Porto: Campo das Letras, 2001. ISBN 972-610-439-4.

– TOSTÕES, Ana - **A idade maior: cultura e tecnologia na arquitetura moderna portuguesa**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2015. ISBN 978-989-8527-04-2.

– ZEVI, Bruno - **História da arquitectura moderna**; com prefácio e um estudo sobre a evolução da arquitectura moderna em Portugal por Nuno Portas. Lisboa: Arcádia, 1973.

Teses e trabalhos académicos

– BRITO, Margarida Maria Acciaiuoli Homem de Campos Tavares de - **Os anos 40 em Portugal- o país, o regime e as artes: "restauração" e "celebração"** [Em linha]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1991. Dissertação de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. [Consult. 12 Abr. 2022]. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10362/14822>.

– BRIZ, Maria da Graça Gonzalez - **A vilegiatura balnear marítima em Portugal: 1870-1970: sociedade, arquitectura e urbanismo** [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003. Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. [Consult. 11 Abr. 2022]. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10362/21629>.

– GUERREIRO, Paulo A. Lima - **Esposende, de Vila a cidade: processos de transformação**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2002.

– PEREIRA, Michel Toussaint Alves - **Da arquitectura à teoria e o universo da teoria da arquitectura em Portugal na primeira metade do século XX** [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa., 2009. Tese de Doutoramento em Teoria da Arquitetura. [Consult. 7 Jul. 2022]. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10400.5/1411>.

– RAMOS, Rui Jorge Garcia - **A casa unifamiliar na arquitectura portuguesa: mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX** [Em linha]. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2004. Tese de Doutoramento em Arquitetura. [Consult. 31 Mar. 2022]. Disponível em WWW: <URL: http://hdl.handle.net/10216/64311>.

Publicações em série

– CARDOSO, Mário - Entrevista com o arquitecto F. Keil do Amaral. **Arquitectura: Revista de arquitectura, planeamento, design, artes plásticas**. 125 (1972), 46.

– FILGUEIRAS, Octávio Lixa - Aditamento à Grille C.I.A.M. d'Urbanisme. **Revista Arquitectura**. 66 (1959), 3-14.

– MACHADO, Carlos - Alfredo Viana de Lima em Bragança. **Monumentos: cidades, património, reabilitação**. 32 (2011), 126-133.

Webgrafia

– Arquivo Digital da Universidade do Porto. Disponível em WWW: <URL: https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/2084?locale=pt >.

– Biblioteca digital do Cávado. Disponível em WWW: <URL: https://aqualibri.cimcavado.pt >.

– Esposende. Disponível em WWW: <URL: https://www.municipio.esposende.pt >.

– Heremoteca digital de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt >.

– PEREIRA, Nuno Teotónio - **O problema da habitação e o I Congresso Nacional de Arquitectura** [Em linha]. 6 Out. 2008. [Consult. 12 Maio 2023]. Disponível em WWW: <URL:http://infohabitar.blogspot.com/search/label/I%20Congresso%20Nacional%20da%20Arquitectura>.

– **U. Porto - Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Alfredo Viana de Lima** [Em linha]. Disponível em WWW: <URL:https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1004341>.

Documentos Legislativos

– DECRETO-LEI nº 24802. **Diário do Govêrno** [Em linha]. Série I: 299 (21 Dez. 1934), 2137 - 2141. Disponível em WWW: <URL: https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/24802-1934-447162 >.

– DECRETO-LEI nº 33921. **Diário do Govêrno** [Em linha]. Série I:197 (5 Set. 1944) 883-888. Disponível em WWW: <URL:https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/33921-550995>.

– DECRETO-LEI nº 309/93. **Diário da República** [Em linha]. Série I-A: 206 (2 Set. 1993), 4626-4631. Disponível em WWW: <URL: https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/309-1993-633152 >.

Espólios e Arquivos

– AME - Fundação Casa de Bragança, Planos de Urbanização, Processos de obras.

– CDUA - Espólio/Fundo Arménio Losa/Cassiano Barbosa.

– CDUA - Espólio/Fundo Viana de Lima.

Lista de Créditos de Figuras

– Fig. 1 - Suave Mar, vista do bar da praia para a foz do Rio Cávado. Postal de Esposende. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: <URL: https://esposende.wordpress.com/2009/07/28/a-foz-e-o-cais-vilhano/>. [Consult. 22 Março 2023].

– Fig. 2 - Vista aérea de Esposende, para norte. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: https://www.municipio.esposende.pt/pages/133/.[Consult. 19 Março 2022].

– Fig. 3 - Fotografia aérea do curso do Rio Cávado, no concelho de Esposende. Fotografia de 2016. Fonte: elaboração própria. [10 Junho 2016].

– Fig. 4 - Vista a partir do Monte de Faro. Enquadramento da cidade de Esposende. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [19 Maio 2023].

– Fig. 5 - Estrutura viária de Esposende, sede do concelho. À direita (Nascente), a EN13, e à esquerda (Poente), a Av. Marginal e o Rio Cávado, demarcam o limite urbano. Imagem satélite de 2021. Fonte: elaboração própria com base de Google Earth. [2023].

– Fig. 6 - Praia de Cepães e praia do Suave Mar, ao fundo. Verificam-se as dunas que constituem a praia Suave Mar e protegem o aglomerado dos ventos de Norte. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [30 Abril 2023].

– Fig. 7 - Montes do concelho de Esposende, que estabelecem a barreira visual entre as freguesias. O Monte da Guia situa-se à esquerda e o Monte de Faro à direita. Composição de fotografias a partir da praia de Mar. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [30 Abril 2023].

– Fig. 8 - Apanha do sargaço. Fotografia de 1940. Fonte: José Felgueiras, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/2456>. [Consult. 25 Abril 2023].

– Fig. 9 - Praia de Ofir. Postal de 1948. Fonte: Manuel Albino Penteado Neiva, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/6698>. [Consult. 24 Abril 2023].

– Fig. 10 - Praia fluvial na barra de Esposende, junto à foz do Rio Cávado. Fotografia da década de 40. Fonte: Hercílio Campos, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/11510>. [Consult. 24 Abril 2023].

– Fig. 11 - Artigo sobre a construção para fins turísticos, em Esposende. Jornal Espozendense, 1945. Fonte: Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/5479>. [Consult. 30 Maio 2022].

– Fig. 12 - Arménio Losa e Ilse Losa na praia Suave Mar em Esposende. Fotografia de 1959. Fonte: Alexandra Losa, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/11411>. [Consult. 12 Dezembro 2022].

– Fig. 13 - Av. Marginal em Esposende. Elemento determinante para a expansão a norte da vila. Vista desde o Hotel Suave Mar em direção a sul, com moradias desenhadas por Jorge Manuel Viana à esquerda. Fotografia de 1958. Fonte: Fernando Rites, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/7051>. [Consult. 12 Abril 2022].

– Fig. 14 - Casa das Marinhas, Viana de Lima, 1953. Fotografia de 1955. Fonte: GUERREIRO, Paulo Lima, ed. lit. -Viana de Lima: Casa das Marinhas: Esposende, p.171.

– Fig. 15 - Ilse Losa (esposa de Arménio Losa) na sua casa de férias em Esposende. Fotografia de 1967. Fonte: Alexandra Losa, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/11441 >. [Consult. 20 Março 2023].

– Fig. 16 - Casa de férias de Arménio Losa, Esposende. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 17 - Ofir, Fão. Postal da década de 40. Fonte: Manuel Albino Penteado Neiva, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/2991>. [Consult. 24 Abril 2023].

– Fig. 18 - Apartamentos gémeos em construção, em Ofir, de Alfredo A. Magalhães. Fachada lateral Norte e Poente. Fotografia de 1946. Fonte: Fernando Vilar, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/10750 >. [Consult. 12 Abril 2022].

– Fig. 19 - Ville "Le Sestant", Les Maths, França 1934-1938. Le Corbusier. Fonte: FLC/ADAGP, disponível em WWW: <URL: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5449&sysLanguage=en-en&itemPos=62&itemCount=78&sysParentId=64&sysParentName= >. [Consult. 25 Março 2023].

– Fig. 20 - Casa per Artisti, Isola Comacina, 1933-1940. Pietro Lingeri. Fonte: disponível em WWW: <URL: https://www.lombardiabeniculturali.it/archivi/unita/MIUD02F94B/>. [Consult 25 Março 2023].

– Fig. 21 - Casa de férias, Ofir, João Andresen e Rogério Martins, 1946. Fachada Nascente e fachada lateral Norte. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 23 - Casa de férias, Ofir, Fernando Távora, 1956. Fachada Nascente e fachada lateral Norte. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 24 - Casa Rocha Gonçalves, Ofir, Viana de Lima, 1964. Fachada Nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 25 - Casa Rocha Goncalves, Ofir, Viana de Lima, 1964. Fachada Poente e fachada Sul. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 26 - Localização do Bairro dos Arquitetos junto ao pinhal da Nazaré. Planta de 1946. Fonte: CARDIM, João - Casas de férias: Arquitectura de veraneio entre Sintra e Colares, p. 63.

– Fig. 27 - Casa no Bairro dos Arquitetos, Adelino Nunes, 1940. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [7 Janeiro 2023].

– Fig. 28 - Casa no Bairro dos Arquitetos, Raul Tojal, 1940. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [7 Janeiro 2023].

– Fig. 29 - Casa no Bairro dos Arquitetos, Faria da Costa, 1940. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [7 Janeiro 2023].

– Fig. 30 - Publicação do Bairro dos Arquitetos na Revista Panorama, 1943. Fonte: NOGUEIRA, Américo - Rodízio Bairro dos Arquitectos. Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo, p.15-16.

– Fig. 31 - Cartaz "A lição de Salazar", 1938. Fonte: Mendes Barata (autor), disponível em WWW: <URL: https://noseahistoria.wordpress.com/2011/12/12/a-licao-de-salazar/>. [Consult. 01 Abril 2023].

– Fig. 32 - Bairro dos Arquitectos. Publicação da Revista Arquitectura. Fonte: Casa de férias no Rodízio: Arquitecto Faria da Costa. Revista Arquitectura, 14-15.

– Fig. 33 - Frente ribeirinha de Esposende. Núcleo central antigo. Postal de 1910. Fonte: Hercílio Campos, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/11460 >. [Consult. 19 Maio 2023].

– Fig. 34 - Planta da costa entre Viana do Castelo e Esposende, séc. XVIII. Fonte: CME, PERU de Esposende, p. 57. Disponível em WWW: <URL: https://www.municipio.esposende.pt/cmesposende/uploads/document/file/1973/G302-Esposende_PERU_R01_COMP.pdf >. [Consult.11 Abril 2022].

– Fig. 35 - Planta do encanamento do rio Cávado, Custódio Vilas Boas, 1795. Fonte: CME, PERU de Esposende, p. 58. Disponível em WWW: <URL: https://www.municipio.esposende.pt/cmesposende/uploads/document/file/1973/G302-Esposende_PERU_R01_COMP.pdf >. [Consult.11 Abril 2022].

– Fig. 36 - "Planta geral topográfica e projecto da nova Avenida Marginal, que ligará a vila de Espozende à praia do Suave Mar", José Vilaça, 1930. Fonte: GUERREIRO, Paulo Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 88-89.

– Fig. 37- "Projecto de Urbanisação da praia de Suave-Mar", Arménio Losa, 1936. Fonte: GUERREIRO, Paulo Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 96-96.

– Fig. 38 - "Planta de Urbanização" de Esposende, José Miranda Vasconcelos, 1947. Fonte: GUERREIRO, Paulo Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 112-113.

– Fig. 39 - "Esboceto do Anteplano de Urbanização da vila de Esposende", Carlos Carvalho Dias, 1967. Fonte: CME, disponível em WWW: <URL: https://www.municipio.esposende.pt/pages/581 >. [Consult. 11 Abril 2022].

– Fig. 40 - Plano de urbanização de Esposende, Bernardo Ferrão, 1979. Áreas para os planos pormenor. Fonte: VALE, Celina Maria Couto do - Planos de pormenor de Esposende: do desenho à materialização, p. 37.

– Fig. 41 - Plano de urbanização de Esposende, Bernardo Ferrão, 1984. Ampliação das áreas para os planos pormenor. Fonte: VALE, Celina Maria Couto do - Planos de pormenor de Esposende: do desenho à materialização, p. 53.

– Fig. 42 - Plano de pormenor da zona Norte de Esposende, Bernardo Ferrão, 1985. Fonte: GUERREIRO, Paulo Lima, ed. lit. - Esposende: Ensaio urbano de vila a cidade, p. 160.

– Fig. 43 - Desenvolvimento dos planos de pormenor de Esposende, 2001. Fonte: VALE, Celina Maria Couto do - Planos de pormenor de Esposende: do desenho à materialização, p. 103.

– Fig. 44 - Esposende. Definição urbana do aglomerado no início do século. Imagem satélite de 2002. Fonte: Google Earth Pro.

– Fig. 45 - Arquiteto Alfredo E. Viana de Lima. Fotografia da década de 70. Fonte: CME, disponível em WWW: <URL: https://www.municipio.esposende.pt/pages/267 >.

– Fig. 46 - Casa na R. Honório de Lima, Porto, Viana de Lima, 1941. Demolida em 1971. Fonte: Autor desconhecido, disponível em WWW: <URL: https://www.facebook.com/PortoDesaparecido/photos/a.333103353411540/915187928536410/?type=3>. [Consult. 24 Março 2023].

– Fig. 47 - Villa Bianca, Seveso, Itália, Giuseppe Terragni, 1937. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: <URL: https://www.lindustriadellecostruzioni.it/en/riviste/villa-bianca-a-seveso/ >. [Consult. 26 Abril 2023].

– Fig. 48 - Casa del Fascio, Como, Itália, Giuseppe Terragni, 1936. Fachada posterior. Fotografia de 2014. Fonte: "charliezhujy", disponível em WWW: <URL: https://visuallexicon.wordpress.com/2017/10/03/casa-del-fascio-como-italy/ >. [Consult. 24 Março 2023].

– Fig. 49 - Casa del Fascio, Como, Itália, Giuseppe Terragni, 1936. Fachada principal. Fotografia da década de 50. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: <URL: https://1.bp.blogspot.com/-

obYqv7SWDvs/T_wSdlJ5ZtI/AAAAAAAAAdM/PtVtZR0_ats/s1600/direcctorintheclassroom.jpg >. [Consult. 24 Março 2023].

– Fig. 50 - Projeto Bloco Sá da Bandeira, Porto, Viana de Lima, 1943. Fonte: SECCA, Amândio Fernandes, ed- lit. - Viana de Lima: arquitecto, 1913-1991, p. 114-117.

– Fig. 51 - Projeto Immeubles-villas, Le Corbusier, 1922. Fonte: FLC/ADAGP, disponível em WWW: <URL: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysName=thumbnail&sysLanguage=en-en&sysParentId=11&sysParentName=Home&itemId=5672&itemPos=1&itemCount=1&itemSort=en-en_sort_string1>. [Consult. 25 Março 2023].

– Fig. 52 - Casas para a Cooperativa "O problema da habitação", na Av. Marginal de Esposende, Viana de Lima e Agostinho Ricca, 1946. Planta do conjunto. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/016_pd009.

– Fig. 53 - Casas para a Cooperativa "O problema da habitação", Av. Marginal de Esposende, Viana de Lima e Agostinho Ricca, 1946. Postal dos anos 40. Fonte: José Gonçalo Areia, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/8082 >. [Consult. 20 Março 2023].

– Fig. 54 - Casas, originalmente para a Cooperativa "O problema da habitação", na Av. Marginal de Esposende, Viana de Lima e Agostinho Ricca. Fotografia 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 55 - Palacete Valentim Ribeiro, Esposende, Ventura Terra, 1909. Fonte: Manuel Barros Lima, disponível em WWW: <URL: https://esposende.wordpress.com/2008/11/04/palacete-da-nelia/ >. [24 Abril 2023].

– Fig. 56 - Teatro Club, Esposende, Ventura Terra, 1911. Fotografia de 1957. Fonte: Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/11691>. [Consult. 25 Abril 2023].

– Fig. 57 - Hospital Valentim Ribeiro, Esposende, Ventura Terra, 1916. Postal de 1929. Fonte: José Gonçalo Areia, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/8594>. [Consult. 20 Março 2023].

– Fig. 58 - Casas na Av. Marginal, Esposende, Jorge Manuel Viana, 1943. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 59 - 1º Congresso Nacional de Arquitetura, em 1948. Auditório do IST. Fonte: 1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Testes, Conclusões e votos do Congresso. Ed. Fac-similada, p. 26.

– Fig. 60 - 1º Congresso Nacional de Arquitetura, em 1948. Fotografia de grupo. Fonte: PT/FIMS/MSMS/Foto1129, disponível em WWW: <URL: https://arquivoatom.up.pt/index.php/fotografia-de-grupo-4 >. [Consult. 4 Abril 2023].

– Fig. 61 - Casa Aristides Ribeiro, Porto, Viana de Lima, 1949. Fachada principal e fachada lateral nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 62 - Casa Aristides Ribeiro, Porto, Viana de Lima, 1949. Fachada principal e fachada poente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 63 - Villa Bianca, Seveso, Itália, Giuseppe Terragni, 1937. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: <URL: https://www.urbipedia.org/hoja/Villa_Bianca >. [Consult. 26 Abril 2023].

– Fig. 64 - Casa Aristides Ribeiro, Porto, Viana de Lima, 1949. Fachada posterior e fachada nascente. Fonte: Mário Novais, disponível em WWW: <URL: https://www.flickr.com/photos/biblarte/49496599637 >. [Consult. 26 Abril 2023].

– Fig. 65 - Villa del floricultor Amadeo Bianchi, Como, Itália, Giuseppe Terragni, 1935-1937. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: <URL: https://www.urbipedia.org/hoja/Villa_del_floricultor_Amedeo_Bianchi >. [Consult. 26 Abril 2023].

– Fig. 66 - Villa Cook, Bolougne- Billancourt, França, Le Corbusier, 1926. Fonte: FLC/ADAGP, disponível em WWW: <URL: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=4876&sysLanguage=en-en >. [Consult. 26 Abril 2023].

– Fig. 67 - Localização das tipologias de casas, analisadas no IARP. Fonte: MOUTINHO, Mário - A Arquitetura Popular Portuguesa, p. 39.

– Fig. 68 - Participantes do primeiro CIAM, La Sarraz, Suíça, 1928. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: <URL: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CIAM_1928_-_La_Sarraz.png>. [Consult. 3 Fevereiro 2023].

– Fig. 69 - Casa Rocha Gonçalves, Porto, Viana de Lima, 1951. Fachada principal e fachada lateral nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 70 - Casa Rocha Gonçalves, Porto, Viana de Lima, 1951. Fachada principal e fachada lateral poente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 71 - Casa Rocha Gonçalves, Porto, Viana de Lima, 1951. Fachada lateral poente e fachada posterior. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: <.URL: https://docomomoiberico.com/edificios/casa-rocha-goncalves/>. [26 Abril 2023].

– Fig. 72 - The heart of the city: toward the humanisation of urban life. CIAM 8. Publicação de 1952. Fonte: COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da - Da Recepção à Transmissão: Reflexos do Team 10 na Cultura Arquitectónica Portuguesa 1951-1981, p. 41.

– Fig. 73 - Encontro de preparação no gabinete de Viana de Lima, para a reunião de Sigtuna. Porto, 1952. Fonte: COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da - Da Recepção à Transmissão: Reflexos do Team 10 na Cultura Arquitectónica Portuguesa 1951-1981, p. 57.

– Fig. 74 - Painéis apresentados pelo grupo português, Sigtuna, Suécia, 1952. Fonte: COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da - Da Recepção à Transmissão: Reflexos do Team 10 na Cultura Arquitectónica Portuguesa 1951-1981, p. 55.

– Fig. 75 - Viana de Lima e Fernando Távora, CIAM 9, Aix-en- Provence, França, 1953. Fonte: PT FIMS TAV-2-2.2-2.2.3-2.2.3.3-01-Foto4026, disponível em WWW: ≤URL: https://arquivofims.up.pt/index.php/trabalho-no-ciam >. [Consult. 12 Dezembro 2022].

– Fig. 76 - CIAM 9: Contribution à la charte de l'Habitat, Aix-en-Provence - 19-25 Julliet 1953. Fonte: COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da - Da Recepção à Transmissão: Reflexos do Team 10 na Cultura Arquitectónica Portuguesa 1951-1981, p. 59.

– Fig. 77 - Bloco Costa Cabral, Porto, Viana de Lima, 1953. Corte transversal. Fonte: ROSA, Edite Maria Figueiredo e. - ODAM: Valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva, p. 206 (volume 2). [Consult. 26 Abril 2023].

– Fig. 78 - Bloco Costa Cabral, Porto, Viana de Lima, 1953. Fachada principal e fachada lateral nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 79 - Bloco Costa Cabral, Porto, Viana de Lima, 1953. Fachada posterior. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 80 - Painéis apresentados pelo grupo português no CIAM 10, Dubrovnik, 1956. Publicação no CODA de Arnaldo Araújo, que agrupa em duas folhas os quatro painéis. Fonte: ARAÚJO, Arnaldo - Formas do habitat rural - Norte de Bragança: contribuição para a estrutura da comunidade, pd_02 e pd_03.

– Fig.81 - Hospital de Bragança, Viana de Lima, 1957. Planta de conjunto. Fonte: SECCA, Amândio Fernandes, ed- lit. - Viana de Lima: arquitecto, 1913-1991, p. 145.

– Fig. 82 - Hospital de Bragança, Viana de Lima, 1957. Alçados. Fonte: SECCA, Amândio Fernandes, ed- lit. - Viana de Lima: arquitecto, 1913-1991, p. 147.

– Fig. 83 - Hospital de Bragança, Viana de Lima, 1957. Acesso. Fotografia de 2011. Fonte: Teresa Ferreira, disponível em WWW: <URL: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17462 >. [Consult. 26 Abril 2023].

– Fig. 84 - CIAM 59, Otterlo, Países Baixos, 1959. Fotografia de grupo com Viana de Lima, Fernando Távora e Sergio Fernandez. Fonte: COSTA, Pedro Miguel Correia Baía da - Da Recepção à Transmissão: Reflexos do Team 10 na Cultura Arquitectónica Portuguesa 1951-1981, p. 91.

– Fig. 85 - CIAM 59, Otterlo, Países Baixos, 1959. Fotografia com cartaz a anunciar a morte dos CIAM. Elm cima: Peter Smithson, Alison Smithson, John Voelcker, Jaap Bakema, Sandy van Ginkel. Em baixo: Aldo van Eyc e Blanche Lemco. Fonte: Peter L. Laurence, disponível em WWW: <URL: https://www.researchgate.net/figure/The-Death-of-CIAM-at-the-last-CIAM-meeting-Otterlo-Holland-1959-Peter-Smithson_fig1_292055251>. [Consult. 21 Março 2023].

– Fig. 86 - Faculdade de Economia do Porto, Viana de Lima, 1961. Planta geral. Fonte: SECCA, Amândio Fernandes, ed- lit. - Viana de Lima: arquitecto, 1913-1991, p. 152.

– Fig. 87 - Faculdade de Economia do Porto, Viana de Lima, 1961. Exterior. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [7 Fevereiro 2023].

– Fig. 88 - Faculdade de Economia do Porto, Viana de Lima, 1961. Interior, Biblioteca. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [7 Fevereiro 2023].

– Fig. 89 - Casa Francisco Evangelista, Esposende, Viana de Lima, 1962. Desenho da planta. O projeto insere- se no período de Viana enquanto arquiteto consultor da CME e, por isso, aparece assinado pelo Eng. Vercingetorix Abelha. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/064_pd001.

– Fig. 90 - Casa Francisco Evangelista, Esposende, Viana de Lima, 1962. Desenho do alçado principal. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/064_pd003.

– Fig. 91 - Casa Francisco Evangelista, Esposende, Viana de Lima, 1962. Fachada Poente e fachada lateral Norte. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [27 Março 2023].

– Fig. 92 - Anteplano de Urbanização de Vila Verde, Viana de Lima, 1955. Fonte: SOARES, Pedro Luís Pinho - Do moderno em Santa Maria da Feira: Viana de Lima, p.81.

– Fig. 93 - Anteplano de Urbanização de Valença, Viana de Lima, 1960. Fonte: SOARES, Pedro Luís Pinho - Do moderno em Santa Maria da Feira: Viana de Lima, p.81.

– Fig. 94 - Anteplano de Urbanização de Bragança, Viana de Lima, 1963. Fonte: SOARES, Pedro Luís Pinho - Do moderno em Santa Maria da Feira: Viana de Lima, p.82.

– Fig. 95 - Anteplano de Urbanização de Vila da Feira, Viana de Lima, 1982. Fonte: SOARES, Pedro Luís Pinho - Do moderno em Santa Maria da Feira: Viana de Lima, p.82.

– Fig. 96 - Suave Mar, Esposende. Imagem satélite de 2021. Fonte: Google Earth Pro.

– Fig. 97 - Cópia do Anteplano de Urbanização da Vila de Esposende, para base da revisão de Viana de Lima. Fonte: autor e cota desconhecidos, AME.

– Fig. 98 - "EXPANSÃO" - Primeira planta desenhada por Viana de Lima para a urbanização de Esposende, referente à zona norte da vila, 1960. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/075_pd002.

– Fig. 99 - Anteplano de Urbanização de Esposende. Planta geral desenhada por Viana de Lima para os estudos de Esposende, com o centro antigo à direita, 1960-1963. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/075_pd003.

– Fig. 100 - Anteplano de Urbanização de Esposende, Viana de Lima, 1963. Planta com utilização das cores para expressão gráfica. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/075_pd013.

– Fig. 101 - Anteplano de Urbanização de Esposende, Viana de Lima, 1963. Correspondente à penúltima planta, sendo que é relativa à última que faz uso das cores para expressão gráfica. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/075_pd014.

– Fig. 102 - Anteplano de Urbanização de Esposende, Viana de Lima, 1963. Correspondente à última planta elaborada pelo arquiteto, com destaque na urbanização da zona do Suave Mar e marcação do que se vinha a construir. Fonte: Bernardino Amândio.

– Fig. 103 - Planta das "Sugestões para o arranjo da Av. Marginal", com as primeiras três soluções. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/075_pd008.

– Fig. 104 - Solução 4 para o arranjo da Av. Marginal, 1962-1963. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/075_pd009.

– Fig. 105 - Solução 5 para o arranjo da Av. Marginal, 1962-1963. Fonte: P18-VL-314, AME.

– Fig. 106 - Solução 6 para o arranjo da Av. Marginal, 1963. Fonte: P18-VL-313, AME.

– Fig. 107 - Hotel Suave Mar, Esposende, 1946. Postal de 1947. Fonte: José Gonçalo Areia, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/9948 >. [Consult. 12 Abril 2022].

– Fig. 108 - Hotel Suave Mar, Esposende, 1946. Postal de 1966, depois da intervenção de Viana de Lima. Fonte: Manuel Albino Penteado Neiva, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/8280 >. [Consult. 12 Abril 2022].

– Fig. 109 - Hotel Suave Mar, Esposende, 1946. Postal de 1980. Fonte: José Gonçalo Areia, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/13215 >. [Consult. 20 Março 2023].

– Fig. 110 - Folheto turístico (frente e verso) de Esposende, 1959. "Praia de Suave-Mar: Rio, Campina, Pinhal e Montanha. Típico Hotel Regional na Foz do Cávado." Fonte: José

Gonçalo Areia, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/8279>. [Consult.12 Abril 2022].

– Fig. 111 - Baldio das Dunas de Esposende, desde a freguesia de Mar até à foz do Rio Cávado. Fonte: Documentação sobre Fundação "Casa de Bragança" com o nº 7926, AME.

– Fig. 112 - Planta da zona junto à foz do Rio Cávado, com Farol e bar da praia (abrigo de pesca desportiva). Desenho anterior aos estudos de Vianda de Lima, para este local. Fonte: autor desconhecido, AME.

– Fig. 113 - Praia Suave Mar, bar da praia (abrigo de pesca desportiva), zona de estacionamento e chegada à praia. Postal de 1959. Fonte: Manuel Albino Penteado Neiva, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/8193 >. [Consult. 30 Maio 2022].

– Fig. 114 - Chegada à praia do Suave Mar dos convidados da iniciativa turística "Um dia feliz na zona de turismo de Esposende",1962. Nesta data a zona de estacionamento circular desenhada por Viana de Lima já se encontrava definida. Fonte: CME, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/12974 >. [Consult. 20 Março 2023].

– Fig. 115 - Primeiro comboio turístico de Esposende, na zona do Suave Mar, junto ao Farol e Forte de S. João Batista. Fotografia de 1969. Fonte: Sameiro Gonçalves Alecrim, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/9129>. [Consult. 12 Abril 2022].

– Fig. 116 - Farol e Forte de S. João Batista, Esposende. Fachada Nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 117 - O Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar: Urbanização dos terrenos situados nas dunas a Norte da foz do Rio Cávado, Viana de Lima e Sergio Fernandez, 1960. Planta e cortes transversais. Desenho entregue à CME. Fonte: P18-VL-295, AME.

– Fig. 118 - O Plano de Urbanização das Dunas do Suave Mar: Urbanização dos terrenos situados nas dunas a Norte da foz do Rio Cávado, Viana de Lima e Sergio Fernandez, 1960. Planta e cortes transversais. Desenho sem representação. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/075_pd011.

– Fig. 119 - Destaque das linhas topográficas e dos percursos pedestres existentes, representados por Viana de Lima como base do estudo. Fonte: elaboração própria, com base do plano de Viana de Lima (fig.118). [2023].

– Fig. 120 - Planta da proposta portuguesa para a aldeia comunitária de Rio de Onor, apresentada no CIAM 10, 1956. Fonte: ARAÚJO, Arnaldo - Formas do habitat rural - Norte de Bragança: contribuição para a estrutura da comunidade, pd_02.

– Fig. 121 - Planta do Plano de Urbanização das dunas na zona do Suave Mar, com representação semelhante à proposta de Rio de Onor. Fonte: elaboração própria, com base do plano de Viana de Lima (fig.118). [2023].

– Fig. 122 - R. Praia do Suave Mar, Setor Poente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 123 - R. Praia do Suave Mar, Setor Nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 124 - Planta do projeto para a casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Fonte: Processo 412/60, AME.

– Fig. 125 - Alçado principal do projeto para a casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Fonte: Processo 412/60, AME.

– Fig. 126 - Corte e alçado poente do projeto para a casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Fonte: Processo 412/60, AME.

– Fig. 127 - Alçado Norte e alçado Sul do projeto para a casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Fonte: Processo 412/60, AME.

– Fig. 128 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Planta do R/C. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 129 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Planta do 1º andar. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 130 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Alçado Nascente. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 131 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Alçado Norte. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 132 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Alçado Poente. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 133 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa de férias no lote 22 da R. Suave Mar. Alçado Sul. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 134 - Casa de férias no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Fachada Poente e fachada lateral Norte. Fotografia de 2023. Fonte: Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 135 - Casa de férias no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Fachada Poente e fachada lateral Sul. Fotografia de 2023. Fonte: Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 136 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Planta do R/C. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 137 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Planta do 1º andar. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 138 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Alçado Nascente. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 139 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Alçado Norte. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 140 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Alçado Poente. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 141 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa de férias no lote 19 da R. Suave Mar. Alçado Sul. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

– Fig. 142 - Casa de férias no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Fachada Poente. Fotografia de 2023. Fonte: Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 143 - Casa de férias no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Fachada Sul. Fotografia de 2023. Fonte: Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 144 - Planta do Plano de Viana de Lima. Marcação dos lotes e evolução das construções. As definições dos terrenos junto ao Farol surgem com esta configuração na última planta do Anteplano. Esc. 1/2000. Fonte: elaboração própria.

– Fig. 145 - Planta do património arquitetónico, zona do Suave Mar, Esposende, 2014. Fonte: CME, disponível em WWW: <URL:https://www.municipio.esposende.pt/pages/1114>. [Consult. 2 Junho 2022].

– Fig. 146 - Casa de férias, Esposende, Alcino Soutinho, 1965. Nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 147 - Casa de férias, Esposende, Alcino Soutinho, 1965. Lateral Sul. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 148 - Casa de férias, Esposende, Alcino Soutinho, 1965. Lateral Norte. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 149 - À esquerda: casa de férias, Esposende, Alcino Soutinho, 1965. À direita: Casa de férias, em Esposende, Eduardo Ribeiro Martins, 1965. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 150 - Casa de férias, Esposende, Eduardo Ribeiro Martins, 1965. Lateral Sul. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 151 - Casa de férias, Esposende, Eduardo Ribeiro Martins, 1965. Nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 152 - R. Praia do Suave Mar, Esposende. Proximidade à duna. À direita: Casa de férias, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 153 - Casa de férias, Esposende, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Lateral Sul e Poente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 154 - Casa de férias, Esposende, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Lateral Norte e Poente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 155 - Casa de férias, Esposende, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 156 - Casa de férias, Esposende, José Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. Lateral Sul e Nascente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 157 - Casa de férias, Esposende (lote 23), Octávio Lixa Filgueiras, 1967. Lateral Norte e Poente. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 158 - Casa de férias, Esposende (lote 23), Octávio Lixa Filgueiras, 1967. Poente e lateral Sul. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 159 - Casa de férias, Esposende (lote 21), Octávio Lixa Filgueiras, 1968. Poente e lateral Sul. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 160 - Casa de férias, Esposende (lote 21), Octávio Lixa Filgueiras, 1968. Nascente e lateral Norte. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [18 Maio 2023].

– Fig. 161 - Foz do Rio Cávado, praia do Suave Mar e centro antigo, ao fundo. Postal da década de 70. Fonte: autor desconhecido, disponível em WWW: <URL: https://portugalminho.webnode.pt/sitios-a-visitar/>. [28 Abril 2023].

– Fig. 162- Desenho da evolução do aglomerado até 1965, Suave Mar, Esposende. A base do desenho define-se pelo Plano de Viana de Lima e destaca-se o desenvolvimento pela construção das casas e arruamentos. Esta concretização é referente ao período de Viana de Lima na CME e a casa construída junto ao Farol, que se insere no final desse período, não teve o seu parecer. Fonte: elaboração própria. [2023].

– Fig. 163- Desenho da evolução do aglomerado até 1969, Suave Mar, Esposende. Período em que se constrói nos lotes junto ao Farol. Fonte: elaboração própria. [2023].

– Fig. 164- Desenho da evolução do aglomerado até 1979, Suave Mar, Esposende. Neste período destaca-se a união da R. Praia Suave Mar, a Norte. Na transição da década destaca-se a ampliação do bar da praia. Fonte: elaboração própria. [2023].

– Fig. 165 - Praça e zona de estacionamento no final da R. do Farol, a Sul do aglomerado. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [19 Maio 2023].

– Fig. 166 - Zona de estacionamento no final da R. do Farol, a Sul do aglomerado. Fotografia de 2023. Fonte: elaboração própria. [19 Maio 2023].

– Fig. 167- Desenho da evolução do aglomerado até 1989, Suave Mar, Esposende. Fonte: elaboração própria. [2023].

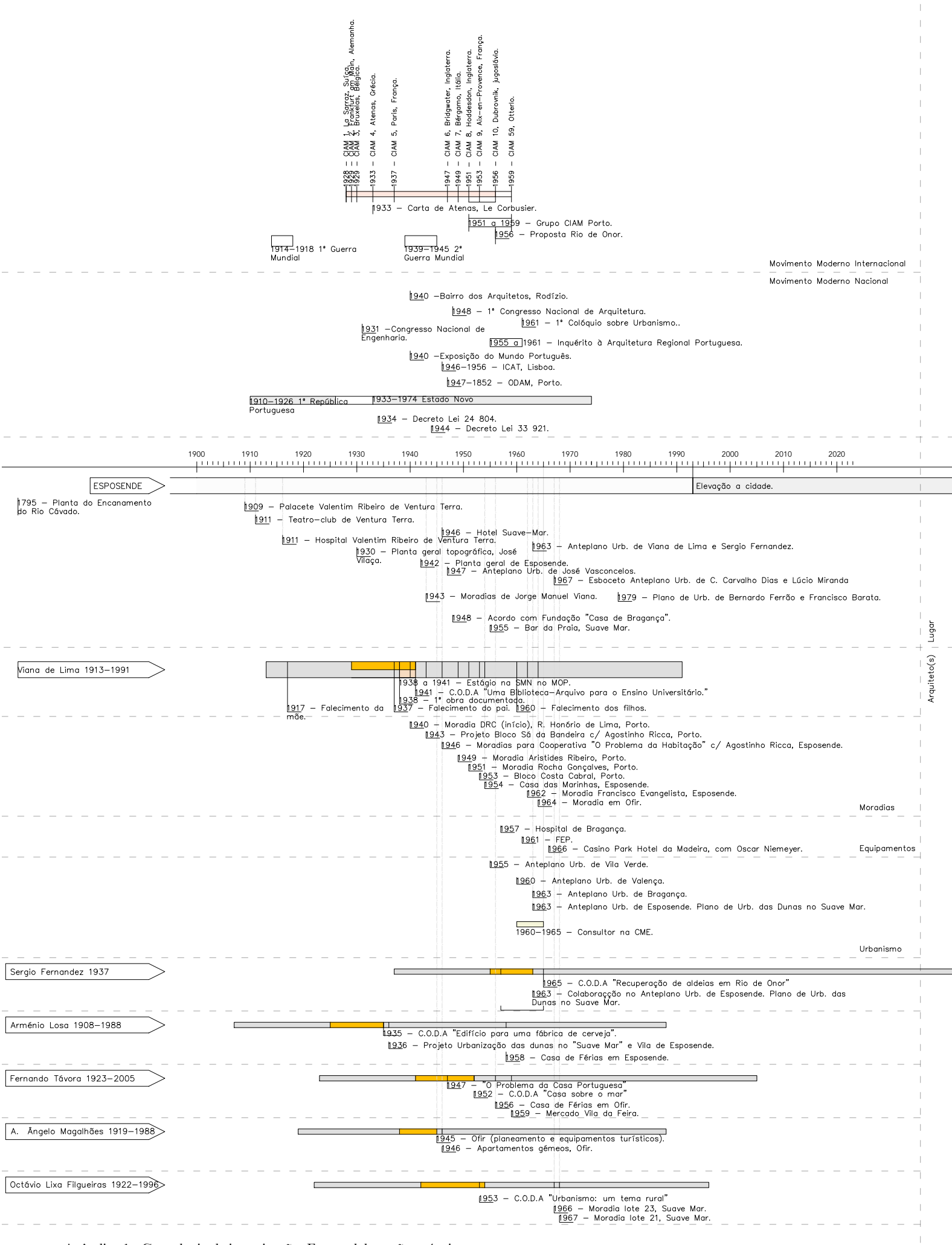
– Fig. 168- Desenho da evolução do aglomerado até 1994, Suave Mar, Esposende. Neste período destacam-se a definição dos espaços públicos, o alargamento do estacionamento, a Sul, e vão aparecendo os primeiros equipamentos de apoio à praia, a Norte. A marcação da implantação do novo bar da praia assinala a sua construção no final do século XX. Fonte: elaboração própria. [2023].

– Fig. 169- Desenho da evolução do aglomerado ao longo do século XXI, Suave Mar, Esposende. Destaca-se a criação da ligação entre a Av. Marginal e a praça junto ao estacionamento. Fonte: elaboração própria. [2023].

– Fig. 170- Urbanização das dunas do Suave Mar, em Esposende, imagem satélite de 2021. Fonte: elaboração própria, com base Google Earth Pro. [2023].

Apêndices

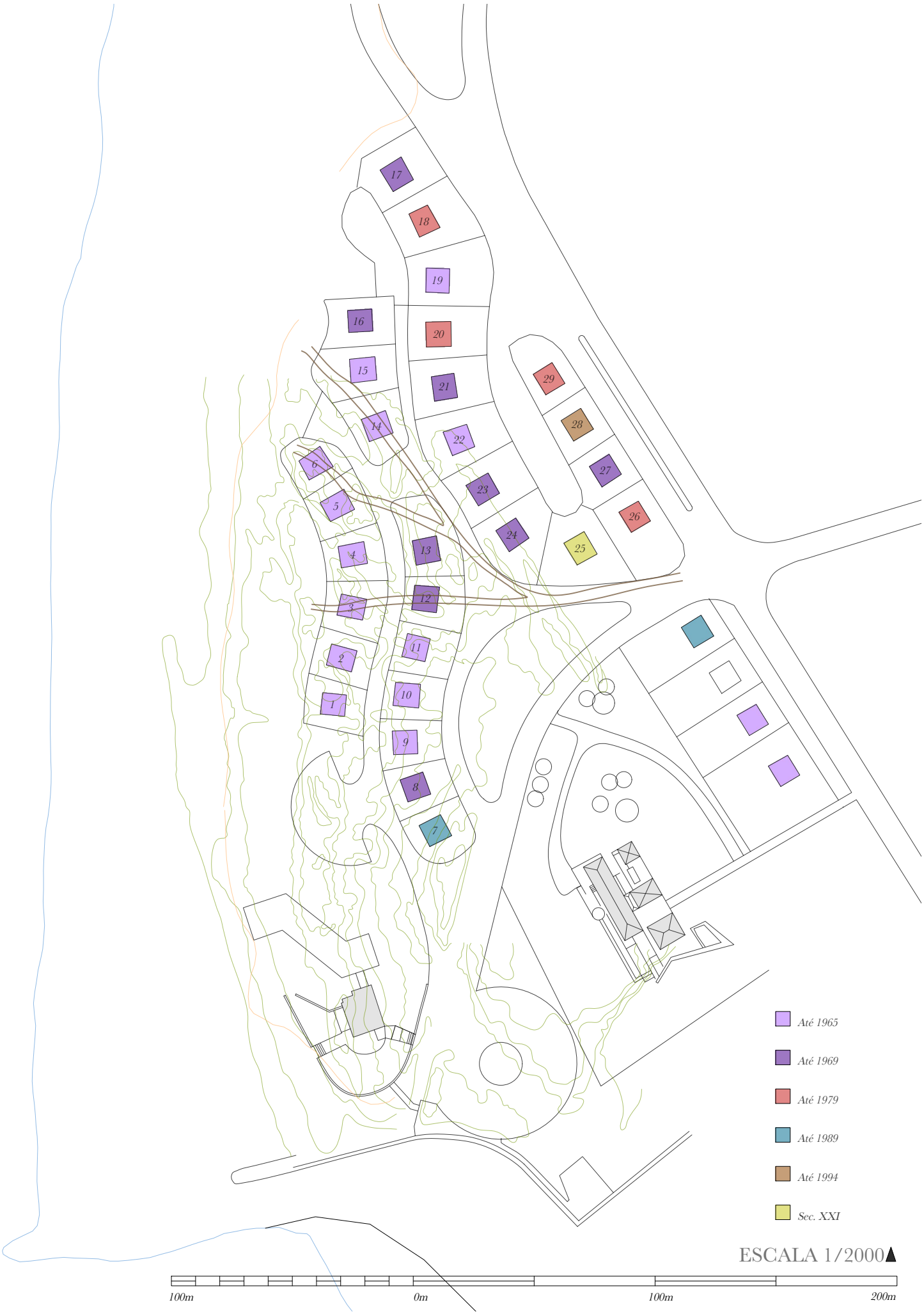
Apêndice 1 - Cronologia de investigação 171
Apêndice 2 - Tabela de processos consultados no AME 172
Apêndice 3 - Planta do Viana de Lima. Marcação dos lotes e evolução das construções 173
Apêndice 4 - Desenho da evolução do aglomerado até 1965 174
Apêndice 5 - Desenho da evolução do aglomerado até 1969 175
Apêndice 6 - Desenho da evolução do aglomerado até 1979 176
Apêndice 7 - Desenho da evolução do aglomerado até 1989 177
Apêndice 8 - Desenho da evolução do aglomerado até 1994 178
Apêndice 9 - Desenho da evolução do aglomerado ao longo do século XXI 179
Apêndice 10 - Arquitetura de autor: Casos de destaque 180
Apêndice 11 - Entrevista com o Arquiteto Sergio Fernandez no dia 8/05/23 181



Apêndice 1 - Cronologia de investigação. Fonte: elaboração própria.

Art.	Número	Requerente	Ass. Projeto/ Termo de Responsabilidade	Ano	Consulta	P. V. de Lima	P. Carlos C. Dias	P. Inicial	Morada	Localização	Notas
	52/49	Angelina Gomes Pereira Cabral		1949	✓			✓	R. do Farol	https://goo.gl/maps/kymMu9WtmNgfqwzY7	Referente ao antigo abrigo de Pesca Desportiva e posterior Bar da Praia. Atualmente a construção original é inexistente e localiza-se um posterior bar da praia, relativo ao Processo. 691/97.
1	412/60	Dr. João Mota Pereira de Campos	Eng. António de Sá Pereira	1960	✓	Reprovado		✓	R. Praia do Suave Mar 22	https://goo.gl/maps/neFETUKstLWWc7mg9	Processo que enquadra desenhos posteriores feitos por Viana de Lima.
2	152/ 61	Dr. João Mota Pereira de Campos	Eng. António Fernandes Ribeiro	1961	✓	Reprovado		✓	R. Praia do Suave Mar 19	https://goo.gl/maps/bHKFHA1LuDWuceUA7	Processo que enquadra desenhos posteriores feitos por Viana de Lima. O projeto original é o mesmo que o anterior.
3	191/61	Dr. João Mota Pereira de Campos	Eng. António Fernandes Ribeiro	1961	✓	Aprovado		✓	Av. de Banhos 950	https://goo.gl/maps/vFAhum9L9RT1KCkt9	Relacionado ao Processo 391/79.
4	270/61	José J. Ferreira Rodrigues	Arq. Pádua Ramos	1961	✓	Aprovado		✓	R. do Farol 9	https://goo.gl/maps/ZaZezUCYmPvbAwm18	
5	569/61	José Maria Terroso	Eng. Delmiro Joaquim B. Ferreira Moreira	1961	✓	Reprovado		✓	R. Praia do Suave Mar 5	https://goo.gl/maps/5pL4PtdEpQ7jGvaz6	
6	93/61	Jerónima R. Dias de Andrade	Eng. António R. de Araujo Pinheiro	1961	✓	Reprovado		✓	Av. Eng. Eduardo Arantes e Oliveira 58	https://goo.gl/maps/qKnodc5oXh3WKeYt8	Viana de Lima no seu parecer faz referência às moradias geminadas na Av. Marginal que projetou em 1946.
7	141/62	Alfredo Rodrigues Rego	Eng. Alcino José Salvador Paixão	1962	✓	Aprovado			.		É referente ao mesmo sítio do processo 50/65, na zona do Lote 3 ou 4. Não corresponde ao que foi construído.
8	58/63	Dr. João Mota Pereira de Campos	Arq. Julio José de Oliveira	1963	✓	Aprovado		✓	R. Praia do Suave Mar 1	https://goo.gl/maps/uxSPLRkSqcu93Aot6	Relacionado ao Processo 398/81.
9	164/64	Dr. João Mota Pereira de Campos	Arq. Pádua Ramos	1964	✓	Aprovado		✓	R. Praia do Suave Mar 14	https://goo.gl/maps/RthNbTEQh711qP2w7	Sem certeza se é referente a esta moradia.
10	457/64	José J. Ferreira Rodrigues	Arq. Alcino Soutinho	1964	✓	Reprovado		✓	.	https://goo.gl/maps/B6G6BQC75gx2s7N67	Não construído
11	506/64	José Maria Pereira Gonçalves	Eng. Eduardo Ribeiro Martins	1964	✓	Aprovado		✓	R. Praia do Suave Mar 6	https://goo.gl/maps/43igPsLt1eE3Aq9U7	Parecer destaca a necessidade das fachadas em branco.
12	182/65	Luis Ventura		1965	✓			412/60	R. Praia do Suave Mar 22	https://goo.gl/maps/KdQd3jPndzqxBow87	Alteração de fachada. Não é o original.
13	**236/65**	José J. Ferreira Rodrigues	Arq. Alcino Soutinho	1965	✓			✓	R. Praia do Suave Mar 3		Arquitetura de Autor. Caso de Destaque. 457/64.
14	238/65	Dr. João Mota Pereira de Campos	Eng. António Luis Sorinho Barata da Rocha	1965	✓			✓	R. do Farol 11	https://goo.gl/maps/S8oAQzoRcggZW3YA7	
15	319/65	José J. M. Borges de Araujo	Arq. Ass irreconhecivel	1965	✓			✓	Av. Eng. Eduardo Arantes e Oliveira 188	https://goo.gl/maps/cJEDKu32jTnWwcFv7	Avenida Marginal. Frente às moradias geminadas de Viana de Lima.
16	322/65	Dr. João Mota Pereira de Campos		1965	✓			✓	R. Praia do Suave Mar 10	https://goo.gl/maps/qkyyCNvC6SBRHUEs6	Lote 10.
17	347/65	Luis Ventura		1965	✓				R. Praia do Suave Mar 22	https://goo.gl/maps/KdQd3jPndzqxBow87	Processo relativo à colocação de vedação do 182/65.
18	**50/65**	Eduardo Ribeiro Martins	Eng. Eduardo Ribeiro Martins	1965	✓	Aprovado		✓	R. Praia do Suave Mar 4	https://goo.gl/maps/wBc9xrWnoUVx2j6J9	Arquitetura de Autor. Caso de destaque.
19	508/65	Isabel Maria Quaresma Gomes	Arq. S. Ribeiro	1965	✓		Aprovado	✓	R. Praia do Suave Mar 11	https://goo.gl/maps/LxydRtVNyUpFDyTdA	
20	**323A/66**	Dr. João Mota Pereira de Campos	Arq. J. Carlos Loureiro e Arq. Pádua Ramos	1966	✓	Aprovado		✓	R. Praia do Suave Mar 15	https://goo.gl/maps/iF3N377EYRWDK9LAA	Arquitetura de Autor. Caso de Destaque.
21	380/66	Cooperativa "O Problema da Habitação"	Eng. Manuel Oliveira Dias Matos	1966	✓			✓	R. Praia do Suave Mar 17	https://goo.gl/maps/4tTg1CJFAhbURm6S8	203/2006.
22	675/66	Felisberta Ribeiro Leite		1966	✓		Aprovado		R. Praia do Suave Mar 16	https://goo.gl/maps/Dd7UQZKzKxTXnqvj7	Lote 16.
23	680/66	Reinaldo Castilho		1966	✓		Aprovado		R. Praia do Suave Mar 8	https://goo.gl/maps/P7sp1q1CCJojb5MH6	
24	**199/67**		Arq. Otávio Lixa Filgueiras	1967	✓		Aprovado		R. Praia do Suave Mar 23	https://goo.gl/maps/x4Cwcbs2WnxNG1jG8	Arquitetura de Autor. Caso de destaque.
25	395/67	José Maria Terroso	Eng. Delmiro Joaquim B. Ferreira Moreira	1967	✓			569/61	R. Praia do Suave Mar 5	https://goo.gl/maps/5pL4PtdEpQ7jGvaz6	Construção muro.
26	535/67	José Maria Pereira Gonçalves	Eng. Eduardo Ribeiro Martins	1967	✓			506/64	R. Praia do Suave Mar 6	https://goo.gl/maps/43igPsLt1eE3Aq9U7	Construção muro.
27	540/67	Maria Castilho		1967	✓			✓	R. do Farol 7	https://goo.gl/maps/TfatMDuZ9xHqNdoD9	Lote 7 - Farol.
28	542/67	Laura Carrondo	Eng. Waldemar dos Santos Portelha Coelho	1967	✓		Aprovado	✓	R. do Farol 9	https://goo.gl/maps/HGD7bPJeAwH4Afhr5	
29	734/67	Augusto Silva	Eng. Avelino Macedo	1967	✓		Reprovado	724/68		https://goo.gl/maps/bxeRngdt2EsuC8Qs7	Não construído. Gaveto Suave Mar. Processo 70/81
30	735/67	Domingues Rocha	CARI	1967	✓		Reprovado	493/68	12	https://goo.gl/maps/s7hwcpPfrNHBcnfN6	Áreas demasiado grandes para o local.
31	736/67	Jorge Monteiro	Arq. Vasco Soares da Silva	1967	✓			✓	R. Praia do Suave Mar 13	https://goo.gl/maps/PrVpaygSAb3Ns9Pg9	
32	810/67	Dr. João Pinto Sampaio e Castro	Arq. Manuel Guerra Cunha	1967	✓			✓	R. Praia do Suave Mar 24	https://goo.gl/maps/591kkssX2hwyzPwe6	Projeto de reabilitação em 2019 pelo Arq. César Rolim. cesarrolim@gmail.com
33	**387/68**	Luis Ventura	Arq. Alcino Soutinho, Arq. Otávio Lixa Filgueiras	1968	✓		Aprovado	✓	R. Praia do Suave Mar 21	https://goo.gl/maps/ctWdJ27w93G6cA5q5	Arquitetura de Autor. Caso de destaque.OLF- 364/96 - Lote 21.
34	493/68	Domingues Rocha	Eng. António Pinheiro Braga	1968	✓		Aprovado	✓	R. Praia do Suave Mar 12	https://goo.gl/maps/FD4ZBszvuSGG65xr5	Processo inicial 734/67.
35	723/68	Manuel Teixeira Amarante Júnior	Eng. António José Carlos Junqueira de Almeida	1968	✓		Aprovado	✓	Av. de Banhos 1002	https://goo.gl/maps/cxeVnjw3yCfjARYHA	591/82 Anexos/Garagem. Reabiolitação em 2019: processo 189/2019 Arq. António José Morgado geral@amorgado-arq-pt
36	724/68	Augusto Angelo Soares da Silva	Eng. Avelino Macedo	1968	✓		Reprovado	70/81		https://goo.gl/maps/bxeRngdt2EsuC8Qs7	Não foi construído. Gaveto em frente ao Bar.
37	742/68	Dr. João Mota Pereira de Campos		1968	✓			164\64	R. Praia do Suave Mar 14	https://goo.gl/maps/RthNbTEQh711qP2w7	Construção de garagem contígua à casa.
38	749/69	José Maria Terroso	Eng. Delmiro Joaquim B. Ferreira Moreira	1969	✓			569/61	R. Praia do Suave Mar 5	https://goo.gl/maps/5pL4PtdEpQ7jGvaz6	Transformar porta em janela
39	279/70	Clemente do Amaral Pinto Malheiro	Eng. António Castro Faria	1970	✓		Aprovado	✓	R. Praia do Suave Mar 20	https://goo.gl/maps/vRqxT26zfkvPgvCd9	Não foi construída. 567/78
40	48/70	Dr. João Mota Pereira de Campos	Eng. Waldemar dos Santos Portelha Coelho	1970	✓		Aprovado				
41	92/70	Ramiro Gonçalves	Arq. António Lobão Vital	1970	✓			?	R. Praia do Suave Mar 2	https://goo.gl/maps/tex3d271Lho7qDZ59	Não construído. 270/61. Projeto de reconstrução
42	127/73	Moisés Mendes da Silva	Arq. Vasco Soares da Silva	1973	✓		Aprovado -	736/67	R. Praia do Suave Mar 13	https://goo.gl/maps/PrVpaygSAb3Ns9Pg9	Lote 13. geral@amorgado-arq.pt Obras em 2015
43	272/73	José Maria Terroso	Eng. António Fernandes Ribeiro	1973	✓	.		569/61	R. Praia do Suave Mar 5	https://goo.gl/maps/5pL4PtdEpQ7jGvaz6	Obras
44	287-2S/75	Rogério Sérgio dos Santos Cachide	Eng. Waldemar dos Santos Portelha Coelho	1975	✓		Aprovado		R. Praia do Suave Mar 2	https://goo.gl/maps/tex3d271Lho7qDZ59	Lote 2. Anexo/Garagem
45	530/77	José de Passos Pires Meireles	Eng. José Manuel Teixeira de Araújo Costa	1977	✓		Reprovado	.			411/79 e 529/89
46	531/77	José de Passos Pires Meireles	Eng. José Manuel Teixeira de Araújo Costa	1977	✓		Reprovado	.			Bloco Geminado
47	532/77	José de Passos Pires Meireles	Eng. José Manuel Teixeira de Araújo Costa	1977	✓		Reprovado	.			Não construído
48	533/77	José de Passos Pires Meireles	Eng. José Manuel Teixeira de Araújo Costa	1977	✓		Reprovado	.			Não construído
49	320/78	José de Passos Pires Meireles	Eng. José Manuel Teixeira de Araújo Costa	1978	✓			.			Não construído 411/79
50	422/78	Manuel Teixeira Amarante Júnior		1978	✓			723/68	Av. de Banhos 1002	https://goo.gl/maps/cxeVnjw3yCfjARYHA	Construção garagem 723/68
51	567/78	António Joaquim F. Carvalho	Arq. Sóprojectos ??	1978	✓			✓	R. Praia do Suave Mar 20	https://goo.gl/maps/vRqxT26zfkvPgvCd9	279/70. Este projeto não foi construído
52	391/79	Manuel Correia de Sousa		1979	✓			✓	Av. de Banhos 950	https://goo.gl/maps/vFAhum9L9RT1KCkt9	moradia original? Interior + Piscina
53	411/79	José de Passos Pires Meireis	Eng. José Manuel Teixeira de Araújo Costa	1979	✓			✓	Av. de Banhos 1022	https://goo.gl/maps/bVK2SNx477e1SHUZA	174/91 Construção de anexo
54	398/81	Fernando Ferreira Areias	Eng. João Loureiro Rodrigues da Cruz	1981	✓			58/63	R. Praia do Suave Mar 1	https://goo.gl/maps/uxSPLRkSqcu93Aot6	58/63. 1984 Marquise.
55	70/81	Elísio Gonçalves Rocha	Arq. José Augusto Veloso Lamosa	1981	✓			✓	R. do Farol 11	https://goo.gl/maps/FkSFAL3KtevXb3eq5	Construção no gaveto em frente ao bar.
56	591/82	Emília de Fátima da Silva Sequeira Amarante Delgado	Arq. António José Pereira Morgado	1982	✓			723/68	Av. de Banhos 1002	https://goo.gl/maps/cxeVnjw3yCfjARYHA	591/82 Anexos/Garagem 189/2019 arq. António José Morgado geral@amorgado-arq-pt
57	201/83	Jorge Gonçalves da Cruz	Eng. Jorge Gonçalves da Cruz	1983	✓			✓	R. do Farol 15	https://goo.gl/maps/4DFzhgSTzXrwvhth6	Junto à Av. Marginal.
58	249/84	Jorge Gonçalves da Cruz	Eng. Jorge Gonçalves da Cruz	1984	✓			✓	R. do Farol 13	https://goo.gl/maps/szPPhBQva5HLK57v7	Junto à Av. Marginal.
59	240/85	Avelino Dias	Arq. Domingues Tavares	1985					.		Não construído.
60	355/86	Barros Oliveira e Sousa	Arq. José Gomes Fernandes	1986					.		Não construído.
61	529/89	Vitorino Faria da Cruz	Eng. António Fernandes Ribeiro	1989	✓			✓	Av. de Banhos 17	https://goo.gl/maps/X2EjH2mtn6n7VNfy7	Gabinete ARGEA
62	296/90	Francisco Pereira da Fonseca	Protâmega	1990	✓				Av. Eng. Eduardo Arantes e Oliveira 196	https://goo.gl/maps/sxkBfL9eP96MaC46	Reconstrução. Moradia de Gaveto Viana de Lima
63	450/92	Berta Maria Bacelar de Castilho		1992	✓			680/66	R. Praia do Suave Mar 8	https://goo.gl/maps/P7sp1q1CCJojb5MH6	Construção garagem. Parecer Bernardo Ferrão
64	341/93	JFD Holdings		1993	✓			489/82? ?	Av. de banhos 903	https://goo.gl/maps/KusjpZWfDCmZKAod7	Remodelação.
65	115/95	Joaquim Cunha Martins	Eng. José Jorge Brito Martins	1995	✓			569/61	R. Praia do Suave Mar 5	https://goo.gl/maps/5pL4PtdEpQ7jGvaz6	Lote 5. Arq. Sérgio Fernandez?
66	364/96	Armindo Tomé Martins Amorim	Eng. João Pedro G. Macedo Martins	1996	✓			387/68	R. Praia do Suave Mar 21	https://goo.gl/maps/ctWdJ27w93G6cA5q5	Alvará 498 de 22/7/68
67	651/97	Maria Urzal de Carvalho	Arq. Rui Ramos Loza	1997	✓			52/29	R. do Farol	https://goo.gl/maps/kymMu9WtmNgfqwzY7	Bar novo. Reconstrução.
68	245/99	Paulo José Bacelar de Castilho		1999	✓			270/61	R. do Farol 9	https://goo.gl/maps/ZaZezUCYmPvbAwm18	Conservação
69	226/2000	Maria Irene Brito Martins	Eng. José Jorge Brito Martins	2000	✓			1962?	R. Praia do Suave Mar 2	https://goo.gl/maps/ZaguUw6XoE3RL8Le7	Conservação
70	276/2005	Veloso - Sociedade E.U, T e R, Lda	Arq. Nuno Campos, Traço Alternativo	2005	✓			✓	Av. de Banhos 854	https://goo.gl/maps/jbyQxtPF7qmMq6xg9	www.talternativo.com
71	203/2006	Saistejo - José Rodrigues dos Santos	Arq. Risco Singular Arquitetura	2006	✓			380/66	R. Praia do Suave Mar 17	https://goo.gl/maps/v9tk7sUmMCK2dXy9A	www.riscosingular.com
72	222/2008	José Maria Reis Miquelino	Arq. Ana Barão Neiva	2008	✓			✓	R. Praia do Suave Mar 21-5	https://goo.gl/maps/kx2HkMpFAGi2CiJM7	Café "Mar Alto". geral@argea.pt
73	387/2010	Miguel Henrique de Carvalho Meira	Arq. Minimalismos Arquitetura e Design	2010	✓			✓	R. Praia do Suave Mar 24	https://goo.gl/maps/JxiDbs1quTspWwr5	
74	17/2018	Vitor dos Santos Madeira	Arq. Stijn Coppieters	2018	✓				R. Praia do Suave Mar 18	https://goo.gl/maps/7RSvPHGrQvPL2pvh9	CO-MO Arquitectura.
75	300/2021	André Almeida Pinto	Arq. Pedro Ferreira	2021	✓			✓	Av. Eng. Eduardo Arantes e Oliveira 58	https://goo.gl/maps/g8zBatJHonBkUhUo6	PF Arch Studio.
76	613/2021	Pronuncia Feliz, Lda.	Arq. Nuno Campos, Traço Alternativo	2022	✓			✓		https://goo.gl/maps/RFks2S7SJxS2Zaso8	Ainda não está aprovado pela CME (24/03/23).
77	743/2022	Edge Technology, Lda.	Arq. Marco Mendes	2022	✓			412/60	R. Praia do Suave Mar 19	https://goo.gl/maps/bHKFHA1LuDWuceUA7	Ainda não está aprovado pela CME (24/03/23).

Apêndice 2 - Tabela de processos consultados no AME. Fonte: elaboração própria.



Apêndice 3 - Planta do Viana de Lima. Marcação dos lotes e evolução das construções. Fonte: elaboração própria.

Apêndice 4 - Desenho da evolução do aglomerado até 1965, Suave Mar, Esposende. Fonte: elaboração própria.

Apêndice 5 - Desenho da evolução do aglomerado até 1969, Suave Mar, Esposende. Fonte: elaboração própria.

Apêndice 6 - Desenho da evolução do aglomerado até 1979, Suave Mar, Esposende. Fonte: elaboração própria.

Apêndice 7 - Desenho da evolução do aglomerado até 1989, Suave Mar, Esposende. Fonte: elaboração própria.

Apêndice 8 - Desenho da evolução do aglomerado até 1994, Suave Mar, Esposende. Fonte: elaboração própria.

Apêndice 9 - Desenho da evolução do aglomerado ao longo do século XXI, Suave Mar, Esposende. Fonte: elaboração própria.

ESCALA 1/2000 - Junho 2021 ▲

Apêndice 10 - Arquitetura de autor: casos de destaque. Urbanização das dunas do Suave Mar, em Esposende.
À esquerda: projeto de Alcino Soutinho, em baixo; projeto de Eduardo Ribeiro Martins, em cima. Ao centro: projeto de José Carlos Loureiro e Pádua Ramos. À direita: projetos de Octávio Lixa Filgueiras.
Imagem satélite de 2021. Fonte: elaboração própria com base Google Earth Pro.

Apêndice 11 - Entrevista com o Arquiteto Sergio Fernandez no dia 8/05/23

Intro. O Arquiteto Sergio Fernandez, formado na ESBAP em 1965 com o CODA "Recuperação de aldeias - Rio de Onor", foi colaborador no atelier de Viana de Lima entre 1958 e 1965. Participou, além do Congresso de 59 enquanto estudante, em projetos relevantes como, por exemplo a FEP em 1961 e, neste caso, nos trabalhos desenvolvidos em Esposende.

"Eu fiz o meu trabalho de fim de curso em 65. A partir de 63 a minha colaboração foi já muito pontual e de vez em quando ia lá ajudar a fazer qualquer coisa."

1. O seu CODA, reflete-se no enquadramento da arquitetura nacional e pode-se fazer ligação à proposta no CIAM X. Segundo refere nos "Agradecimentos", o Arq. Viana de Lima, colocou-o em contacto com Bragança e com os problemas que se colocavam, algo visível nesta terceira geração de arquitetos modernos que se formava. De forma geral, na década de 50 a consciencialização do arquiteto ganha maior destaque, como isso se reflete na sua formação?

Nós vivíamos em ditadura e a ditadura era contra a arquitetura moderna. Aliás, era contra tudo o que fosse moderno, mas a arquitetura, como era uma representação importante, era completamente contra. Havia uma série de arquitetos, dos quais o Arquiteto Viana de Lima, que lutavam por uma arquitetura moderna. No caso de Viana de Lima, ainda por cima, com uma identificação muito grande com o Corbusier. Fizeram vários movimentos, fizeram uma associação aqui no Porto – a ODAM – e isso foi andando até que, entretanto, as pessoas foram tendo consciência que estavam a fazer uma arquitetura moderna, mas que não tinha nada a ver connosco, que era, não direi uma cópia, mas diretamente transcrito das expressões do movimento moderno lá de fora. E, fundamentalmente foi o arquiteto Keil do Amaral que lançou a ideia de se fazer o Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa (ou IARP). Lançou essa ideia no intuito de tentar descobrir uma identidade nossa que pudesse dar maior substância à arquitetura moderna que eles queriam fazer. Isso foi proposto superiormente e o Salazar até pagou o Inquérito e depois quando lhe foram entregar o Inquérito já feito ficou furioso. Foi o Arquiteto Távora, com um grupo, que lhe deu os livros e o comentário do homem foi: tão jovem e tão perverso, porque lhe saiu o tiro pela culatra. O Inquérito procurava demonstrar que as arquiteturas tinham a ver com os sítios, tinham a ver com as tecnologias tradicionais e, portanto, não era um modelo abstrato e estilo português suave como queria Salazar.

Eu fiz a escola toda, embora não tenha participado no Inquérito, em plena efervescência à volta dessa procura de identidade de tal maneira que para mim foi quase inevitável, foi natural, escolher um tema também que no fundo era ver o que é que uma arquitetura moderna podia

fazer num contexto extremamente primitivo como eram aquelas aldeias. Foi essa procura, de uma certa identidade, de uma certa humanização da arquitetura. A arquitetura no movimento moderno era, de certo modo, bastante abstrata e a procura deu estes desenhos mais orgânicos. Entretanto a arquitetura italiana já estava a lutar por uma arquitetura orgânica que depois até deu numa arquitetura historicista que nós não nos identificávamos muito. Mas essa procura de organicidade, de proximidade do homem, da pessoa, foi isso.

2. Esse trabalho que desenvolvia teve alguma ligação para se inserir no gabinete de Viana de Lima? Como se procedeu essa abordagem e o que se pretendia de ambas as partes?

Não. O que acontece é que Viana de Lima era consultor da Camara de Bragança e não se limitava a fazer pareceres, fazia muitas vezes soluções e tinha um certo contacto com essa realidade e, portanto, eu tinha muito contacto com isso e a parte do IARP que considerava mais interessente era a parte, justamente, de trás os montes, em que o Viana de Lima não participou, mas era o Arq. Arnaldo Araújo, o Arq. Filgueiras. E, depois de Rio de Onor especialmente porque era uma aldeia com regime comunitário e que vivia numa certa independência, embora uma independência uma pouco estranha porque era praticamente uma coisa medieval.

O meu pai dava-se com vários arquitetos porque eram gente contra o regime e as pessoas reuniam-se no café A Brasileira e eu conheci o Viana de Lima. Depois quando entrei para a escola fui colega e amigo, fizemos o curso sempre juntos, da filha de Viana de Lima, da Sílvia. E, portanto, foi natural, a malta da escola, praticamente todos trabalhavam enquanto estudavam.

3. Em 1961, Viana de Lima ingressou na ESBAP, teve contacto com Viana enquanto Professor? Se sim, o que destacava Viana de Lima como Professor? A sua admiração por Corbusier era notável, também, enquanto docente?

Não. Mas a admiração por Corbusier deveria ser notável, porque isso no escritório era assumido: tudo o que se fazia no escritório era Modulor, havia as medidas do Modulor e ele tinha uma sensibilidade e capacidade de desenho para uma imaginação espetacular. Tinha uma memória visual impressionante. Tinha uma cultura visual espetacular e uma sensibilidade muito grande. Digamos que o ensino que ele transmitisse era nessa base, era na base da arquitetura do Movimento Moderno.

4. Enquanto colaborador, que aspetos pode destacar do trabalho com Viana de Lima?

Ele fazia desenhos iniciais e nós desenvolvíamos aquilo sempre com ele e era muito espetacular, resolvia os problemas e qualificava as propostas porque ele tinha uma sensibilidade e

capacidade de desenho como eu conheço poucas pessoas. E dava-nos uma certa liberdade. Diz-se, e corresponde um pouco à verdade, que as escolas de Bragança são da minha autoria, não são. São da minha autoria no (escritório) Viana de Lima. Ele ia tangendo aquilo que ia fazendo.

5. Que projetos colaborou com Viana de Lima e merecem destaque no contexto moderno que se inserem? Quais os trabalhos que colaborou para Esposende?

Em 61 fez o projeto da FEP que aquilo que lá está não é a ideia inicial do projeto. A ideia inicial era uma torre altíssima com os edifícios cá em baixo, que não foi admitida pelo ministério. Eu desenvolvi todo aquele projeto, desenhei todo. Colaborei em tudo que ele ia fazendo.

Para Esposende, fui encarregue desenvolver uma casa para um tio dele. Fiz um desenho de uma adaptação do Hotel Suave Mar, que, entretanto, foi completamente alterada. Colaborei para uma casa para um senhor suíço, em Ofir. Ele tem duas casas em Ofir. Depois ele fez uma casa para um primo, que era o dono do prédio Costa Cabral, da família Rocha Gonçalves, ele tentou aproximar-se da organicidade e do Alvar Aalto e tem qualquer coisa disso.

6. Que acontecimentos importantes marcaram o seu percurso e o de Viana de Lima durante os anos que colaborou no seu escritório?

O que me lembro mais no escritório foi a vinda de Humberto Delgado ao Porto, durante as eleições, com a Av. dos Aliados cheia de gente, onde era o escritório. E, começou a Guerra Colonial.

7. O IARP terá consolidado este panorama nacional e Viana de Lima, que desde sempre se mostrou como admirador da arquitetura internacional, não participou. Como se posicionava neste assunto?

Ele não participou, mas a verdade é que o Viana de Lima, que era completamente Corbu, adaptava-se às circunstâncias locais e fazia-o bem, mesmo não sendo Corbu.

8. O trajeto profissional de Viana de Lima pode ter sido influenciado pelos acontecimentos marcantes da época, desde os CIAM, o contexto nacional ligado ao poder político e mais tarde ao IARP e até o acidente de carro que teve em 1964. Que repercussão esses acontecimentos tiveram durante o período que trabalhou com Viana de Lima? Pode-se assumir alguma inquietação pessoal refletida na sua obra que a nível quantitativo aumentou significativamente?

Em relação ao contexto nacional e à ditadura, ele era do contra e, portanto, mexia-se mal. Devo dizer que, quando entrei para a escola, na casa do Viana de Lima, vivia-se muito mal,

passava-se muitíssimo mal porque não havia dinheiro. Havia dificuldade em arranjar trabalho porque ele era moderno e não embarcava naquelas coisas. Durante muito tempo foi sujeito às pressões do regime e às dificuldades que o regime impunha.

Na questão do CIAM, foi o primeiro delegado do CIAM Portugal, e o CIAM alimentou essa tendência que ele tinha para a modernidade e para seguir o Movimento Moderno muito próximo de Corbusier. Estabeleceu amizade com Wogenscky e conheceu Corbusier pessoalmente e correspondiam-se. Portanto, havia uma certa aprendizagem, quanto mais não seja por identidade de ideias.

Em relação ao Inquérito não me lembro porque não entrou, porque era natural que entrasse uma vez que ele próprio já sentia essa necessidade de legitimar uma identidade nacional para a própria arquitetura que ele fazia. Aliás, uma prova disso é a casa de Esposende de 53 que é uma casa que evidentemente tem em atenção as pré-existências, até os recursos plásticos e funcionais, as caixilharias, as persianas, tudo aquilo é portuguesíssimo. Portanto escapa um pouco a essa rigidez que o Movimento Moderno impunha.

(O volume de trabalhos aumentou porque) Ele começou a ter relações importantes (ex: presidente da Gulbenkian) e a projeção que não tinha. E o regime português começou-se a alargar, não havia já razão nenhuma para se manter naquelas rigidezas todas e começou a ter trabalho e a ser reconhecido por esse trabalho.

9. Nos trabalhos urbanos de Viana de Lima, percebe-se, de certa forma, uma abordagem que transparece as fases dos CIAM, desde a Carta de Atenas até à fase final onde se presencia uma maior sensibilidade e preocupação com os aglomerados rurais. Essa revisão decorrente dos CIAM vai possibilitar uma adaptação da influência de Corbusier para os planos urbanísticos?

Na verdade, o Corbusier tinha, em muitas situações, também um reconhecimento do contexto e uma adaptação do contexto. O próprio CIAM evoluiu no sentido de se adaptar e de reconhecer a importância da história. Os primeiros CIAM não, mas os últimos, com as questões dos centros históricos. E isso também ia abrindo o caminho para outras maneiras de fazer arquitetura e ele, naturalmente, também.

10. Dos trabalhos urbanísticos desenvolvidos, conjugando esta sensibilidade no contexto moderno, que parâmetros podemos estabelecer essenciais, que orientações se seguiam e o que Viana de Lima sugeria aos seus colaboradores?

Os planos do Viana de Lima começaram a ter cada vez mais atenção ao contexto e à realidade. Embora com um desenho muito cuidado, a prova disto é este plano de Esposende que

se desdobra e espreguiça no meio das dunas, ele era muito menos rígido e havia, também, a realidade nacional porque Portugal era um país paupérrimo e não tinha hipótese para grandes rasgos, era tudo mais terra à terra.

11. Como funcionava a abordagem de Viana de Lima nos planos urbanísticos? Era mantida a mesma postura nos diferentes casos?

Eu acho que ele tinha muita atenção à realidade.

12. Em Esposende, Viana de Lima já teria começado a renovação do Hotel Suave Mar em 1958, já trabalhava no escritório nessa fase? Como conheceu o sítio e o que Viana de Lima destacava do local?

Já. O Hotel era pretensamente regional. Quando se tratava de férias a coisa puxava para o local. O que nós fizemos no Hotel foi, além de reorganizar o esquema de funcionamento, fazer uma espécie de pérgola e esplanada exterior e refrescar um pouco as fachadas, tirar-lhe esse caráter regionalista, que, entretanto, nem se reconhece.

13. A ligação à CME começou por volta de 1960, para uma revisão do Anteplano anterior. Se desde aí esteve inserido nos estudos de Viana de Lima, o que reteve da primeira aproximação a Esposende?

Viana de Lima era de Esposende, conhecia muito bem Esposende. Havia um presidente da Camara que tinha sonhos de grandeza para Esposende. Lembro-me de ele achar que ia transformar a Av. Marginal na Av. de Copacabana.

Foi natural, a adesão de Viana de Lima, sem projetos de grandiosidade para aquilo, eram projetos realistas.

14. Qual a primeira aproximação a Esposende e que referencias Viana estabeleceu para os estudos do Anteplano geral da vila? Qual a abordagem seguida, neste caso, e o que se pode destacar e diferenciar de outros planos urbanísticos desenvolvidos?

Viana de Lima teve muito cuidado com o reconhecimento de escala e não perturbar aquela dimensão mais ou menos íntima e caseira. A ação depois de Viana de Lima, foi prolongada e muito bem pelo Arquiteto Bernardo Ferrão. É das poucas terras que tem uma certa unidade e uniformidade sem grandes acidentes.

15. Os estudos do Anteplano, segundo as plantas consultadas, pouco se alteraram. O que se tratava no gabinete relativo a este plano de Esposende e que pontos ou referencias foram utilizados neste caso?

Há um reconhecimento do contexto. Há um reconhecimento da necessidade de manter a escala modesta e há, realmente, uma interpretação das condições topográficas muito cuidada e muito sensível. Era naturalmente sensível a esses fatores.

16. Relativamente ao Caso de Estudo, a urbanização no Suave Mar, quando o abordei a primeira vez sobre este trabalho, referiu que naquela zona, o que se realizou não coincide com o planeado. Não concordando totalmente, o que se refere neste caso concretamente?

O espírito disto está cá, não difere muito. Se calhar as volumetrias, porque isto eram umas indicações muito típicas desta altura, os planos eram fundamentalmente uma reestruturação de redes viárias e divisão em lotes, nestes casos em lotes independentes de habitações independentes, e isso foi mais ou menos cumprido.

17. É obvio que esta proposta teve maior adesão do que o anteplano geral. Isto pode estar relacionado ao interesse turístico da zona. Visto que em 1960, já se começava a construir, que outros motivos podem se relacionar com essa rápida resolução? O que diferencia, na abordagem, este plano do anteplano geral?

Este plano era um plano de execução imediata porque, na prática, era para vender terrenos para fazer as casas. Tinha uma hipótese de ser cumprido mais rapidamente do qualquer outra coisa que tenha um caráter mais geral.

18. O que Viana de Lima referia ao falar deste local, da duna, da envolvente, do farol, qual a primeira aproximação? Qual foi o ponto de partida para o plano?

A ideia era ordenar a hipótese de construir em pequena escala. Um pouco repetir este espírito (relativamente às moradias na Av. Marginal), adaptado a uma circunstância que (no caso da Av. Marginal) era completamente horizontal e aqui não era, havia um certo movimento e este movimento também transmitiu os ordenamentos.

19. Qual o objetivo principal que se pretendia alcançar e que princípios se seguiram para a concretização?

O objetivo geral era ordenar uma certa coerência a um espaço que ia ser vendido, que ia ter procura, dar lhe uma certa ordem no sentido de não destruir o espírito que estava no resto da cidade.

20. Sendo admirador de Corbusier, os princípios da Carta de Atenas estão presentes pelo zonamento criado, mas o que sobressai da proposta é a liberdade geométrica no desenho da

rua que até parece contrariar a rigidez esperada numa abordagem moderna. Esta sensibilidade pode-se relacionar com o caminho que o Movimento Moderno seguiu e numa maior preocupação ao local de intervenção. Estes fatores foram considerados nos estudos para este plano? De que forma é que essa ligação a Corbusier se aproxima ou afasta para o planeamento urbano?

No CIAM em Drubovnik, quando foi apresentado a grelha para as aldeias portuguesas, era completamente orgânico. O próprio CIAM começou a achar que não podia ser tudo feito a régua e esquadro. Portanto, isto é uma espécie desta evolução e muito ligado a esta realidade.

As considerações que foram aqui estabelecidas tem muito a ver com a base e o desenho da rede viária e da construção, não tem outras preocupações.

21. Além de aumentar a oferta de habitação, principalmente para férias e potencializar uma zona de interesse turístico, o que este plano pretendia para a realidade da época? Que orientações foram seguidas nesse sentido?

Era dar o ambiente de qualidade para aumentar a habitação de férias.

22. Tendo em conta os desenhos e a memória descritiva, o plano pretendia um aglomerado constituído por moradias isoladas que, na paisagem geral, se enquadrassem nas dunas. Este ponto era um aspeto inalterável na proposta? O que não se pretendia de todo fazer no local? O que iria contra as suas convicções?

Não se pretendia fazer habitação coletiva, de todo, porque achava-se que férias não era assim. Agora já não se acha, mas na altura férias era casinha e jardim. Portanto, de facto isto era uma tentativa de aproximação à natureza e isso tinha a ver com férias.

23. Como colaborador, que papel teve neste trabalho? Considera a proposta apresentada a melhor solução para aquele local? Houve outras soluções trabalhadas no gabinete ou o que era pretendido que não chegou a ser representado no desenho?

Não tenho ideia de ter havido outras soluções. E acho que era uma solução possível, quer dizer possível naquela altura, porque hoje em dia isto já nem era permitido. Mas naquela altura era a solução possível e desejada porque isto estava a ficar tudo cheio e estavam a começar a aparecer pressões para se construir coisas maiores e isto no fundo era um pouco prolongar o espírito de Esposende.

24. Nota-se na última proposta do Anteplano geral algumas alterações que não aparecem no desenho do deste plano parcial. Nos terrenos entre a Rua do Farol e o Farol é

desenhado um percurso de ligação a essa rua e à Av. Marginal. O que era pretendido nesses terrenos que mais tarde se constituíram como lotes para moradias?

Isso provavelmente foi construído em desrespeito pelo plano. O farol era uma referência de Esposende e era natural que o Viana não quisesse pôr aqui casas em cima dele.

25. Na análise do plano foi importante a análise dos pareceres de Viana de Lima enquanto consultor da CME. No caso, a primeira moradia projetada para esta zona teve o seu parecer negativo e as suas correções foram além de anotações, tendo sido mesmo desenhado por Viana de Lima, um "projeto adequado" com base nos desenhos que reprovou. Que importância ou valor essa postura teve na materialização do Plano? O que era pretendido para as moradias e que leitura pretendia que se seguissem?

Isso era o que ele fazia, por exemplo, em Bragança quando estava lá também. Fazia correções, sugeria coisas no sentido de aproximar-se à ideia que ele tinha da concretização desses planos.

Estas correções, que estão aqui, foram desenhadas por mim. Foram desenhadas por mim porque o Viana mandou, isto era desenho meu, mas como colaborador. Reconheço o tipo de desenho.

26. Como era a postura de Viana de Lima ao avaliar os pareceres, principalmente, neste local em Esposende?

Não era específico para Esposende, era em todo lado. Quando era possível e fazia isso muito, que era uma coisa que os consultores não faziam normalmente, ele próprio sugeria e tentava convencer as pessoas.

27. Nos pareceres, Viana de Lima, consultava e requisitava os seus colaboradores? O Arquiteto Sérgio, analisou algum projeto para as dunas e que pontos eram discutidos?

Normalmente era ele que fazia, quando muito podia nos pedir a opinião.

28. Sendo que, cronologicamente, o plano é desenhado numa época posterior aos CIAM, inserindo-se ainda na época dos trabalhos do IARP, nota-se alguma influência da proposta portuguesa apresentada no CIAM X, relativa à aldeia comunitária Rio de Onor. A atitude em urbanizar a topografia de forma suave e tirar proveito da mesma para as moradias está presente em ambos os casos. Tendo em conta que Viana de Lima teve um papel essencial no grupo CIAM- Porto e Sergio Fernandez desenvolveu no seu CODA um trabalho sobre esta

aldeia, a abordagem às duas propostas relacionam-se? Há essa ligação e a relação entre elas era algo assumido ou sugere-se, apenas por aspetos formais semelhantes?

É uma semelhança de atitude que é a realidade sempre presente e a comandar o desenho e a solução. Eu acho que é um problema desta organicidade, desta escala humana próxima, eu diria até portuguesa que é uma coisa relativamente pequena. De facto, há uma aproximação. É uma atitude que estes arquitetos, o Viana e a geração dele, uns anos antes não fariam porque eram muito mais rígidos na resposta.

29. Até à década de 70, o plano já teria 70% das moradias construídas, motivado pelos interesses turísticos. O plano ou a urbanização tiveram algum destaque a nível nacional? Com projetos de Alcino Soutinho Octávio Lixa Filgueiras, Pádua Ramos, entre outros, havia algum interesse neste local para os seus projetos?

Esposende era, tradicionalmente, uma praia relativamente perto que tinha, uma certa intelectualidade de quem ia para lá. Alem demais, havia dois elementos importantes, que eram o Arquiteto Viana de Lima e o Arquiteto Losa, eram ambos de Esposende. Eram duas personagens importantes no meio intelectual e, portanto, havia um certo interesse em Esposende, era uma praia bastante frequentada por gente mais ou menos civilizada. O Pádua Ramos é muito mais tardio e fez a casa dele e pouco mais.

30. Essa vontade estava ligada à nova geração de arquitetos, que se formaram a partir da década de 50 e apanhou esta urbanização em desenvolvimento? Havia algum fator importante que demonstrasse a vontade dos arquitetos em trabalhar nesta zona?

No caso do Pádua Ramos, como digo é, bastante mais tardio, não sei exatamente como ele vai lá parar, tem uma casa no meio de Fão que era dele, não sei se ainda é da família. O Soutinho namorava com a filha do Viana de Lima, portanto tinha uma relação de continuidade digamos. O Filgueiras realmente tem lá uma casa. Fez uma casa para ele. Trabalhou com o Soutinho, ou melhor, o Soutinho trabalhou com o Filgueiras no início de carreira e, portanto, havia, essas coisas conheciam-se e indicavam.

Era uma zona que estava a iniciar uma certa coisa, havia uma certa pressão para arranjar umas casas e tinha uma certa qualidade, portanto era natural que chamassem arquitetos mais ou menos decentes.

31. Posteriormente ao trabalho, visitou o local? Como foi o seu desenvolvimento e o que considera do que se materializava?

Provavelmente visitei, mas se calhar por razoes que não tinham nada a ver com o plano. Eu era amigo, do Viana de Lima também, mas do Losa que tem uma casa e, portanto, ia lá muito e a filha do Losa e depois o genro que era o Pedro Ramalho. Íamos lá muito, se calhar visitei, mas acho que nunca fui verificar.

32. Tem se verificado novas construções de arquitetura recente que pode ser descontextualizada do ambiente envolvente do aglomerado. Além da problemática atual em relação às construções na faixa costeira e todos os riscos associados. Qual a sua opinião, o que se deveria ter em conta ao requalificar a arquitetura presente do plano?

Bem, eu não sei exatamente o que é que se tem verificado em Esposende, neste momento. Mas, o Viana de Lima tinha uma ideia que respondia um pouco a isto, que era uma coisa relativamente pacata, liberta, sem grandes afirmações e a rirmo-nos bastante da Av. de Copacabana. Depois disso, o arquiteto Bernardo Ferrão esteve muitos anos e manteve essa ideia de uma escala humana, uma escala de proximidade, uma escala para o desenvolvimento de Esposende. Se agora estão a fazer coisas esquisitas, não sei. Bem, aquelas torres, por exemplo, que foram feitas em Ofir, é uma coisa inacreditável. A verdade é que a câmara tem neste momento, e não tinha na altura, um corpo técnico a quem compete aprovar ou desaprovar estas coisas.

33. Para finalizar, que ligação manteve a Esposende e quais os contributos e influência que o estágio no gabinete de Viana de Lima teve no seu percurso enquanto arquiteto?

Como digo eu frequentava muito a casa do Arquiteto Losa, com quem trabalhei depois do Arquiteto Viana de Lima e, portanto, é um sítio que me é simpático, onde ia muitas vezes e depois tive muito ligado a casa do Viana de Lima, a Casa das Marinhas, muito ligado a essa herança e a garantia que a herança não ia ser desfeita e a venda, para a câmara de Esposende, para garantir que ela se mantinha em pé. Tive sempre muito ligado, eu ia muito, também, à casa do Viana de Lima, passava la muito tempo com eles. É uma ligação natural, é uma espécie de prolongamento rápido de ferias, aqui ao lado. Nunca passei la férias, mas passei uns fins-de-semana em casa do Losa.

Eu acho que a maneira como o Viana de Lima trabalhava, a sensibilidade que mostrava, a necessidade, ou melhor o recurso natural que ele fazia das suas qualidades de desenho, acho que marcam para toda a vida. Eu não desenho nem um décimo bem do que ele desenhava, não herdei todas as qualidades, mas acho que há muita coisa que me marcou. E, essa relação, esse interesse pelas coisas, pelo modo como se trabalha, o interesse pelo trabalho, a defesa de trabalho, acho que sim, que me marcou.

Anexos

Anexo 1 -Correspondência entre MOP (DGSU) e CME sobre "Elaboração de planos de urbanização", 18 Março 1950. 194

Anexo 2 - 1ª Correspondência entre CME e Viana de Lima, 21 Março 1959. 195

Anexo 3 - Correspondência entre DGSH e CME, sobre "Erosão da costa marítima", 7 Setembro 1959. 196

Anexo 4 - Correspondência entre CME e Viana de Lima, sobre "Erosão da costa marítima", 10 Setembro 1959. 197

Anexo 5 - Correspondência entre CME e DGSU, sobre "Bases para o Contrato com o Arquitecto Viana de Lima, relativo à elaboração do Plano Regulador da Vila de Esposende", 10 Setembro 1959. 198

Anexo 6 - Correspondência entre Viana de Lima e CME, sobre as soluções de arranjo da Av. Marginal, 4 Maio 1962. 199

Anexo 7 - Correspondência entre Viana de Lima e CME, sobre a sexta solução de arranjo da Av. Marginal, 26 Março 1963. 200

Anexo 8 - "Dados estatísticos para os planos de urbanização", 11 Outubro 1963. 201

Anexo 9 - "Escritura de acordo entra a Câmara Municipal do concelho de Esposende e a Fundação da Casa de Bragança sobre o uso e propriedade dos terrenos denominados "Dunas de Esposende", 2 Fevereiro 1948. 202

Anexo 10 - Correspondência entre a CME e a Fundação "Casa de Bragança", sobre os estudos para urbanização dos terrenos a Norte da foz do Rio Cávado, 31 Março 1960. 203

Anexo 11 - Memória descritiva do Plano Urbanização das dunas do Suave Mar, Esposende, 16 Março 1962. 204

Anexo 12 - Memória descritiva do projeto para as casas a construir nos lotes 19 e 22 da R. Praia Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. 206

Anexo 13 - Publicação Diário do Norte, Porto, 19 Junho 1962. 207

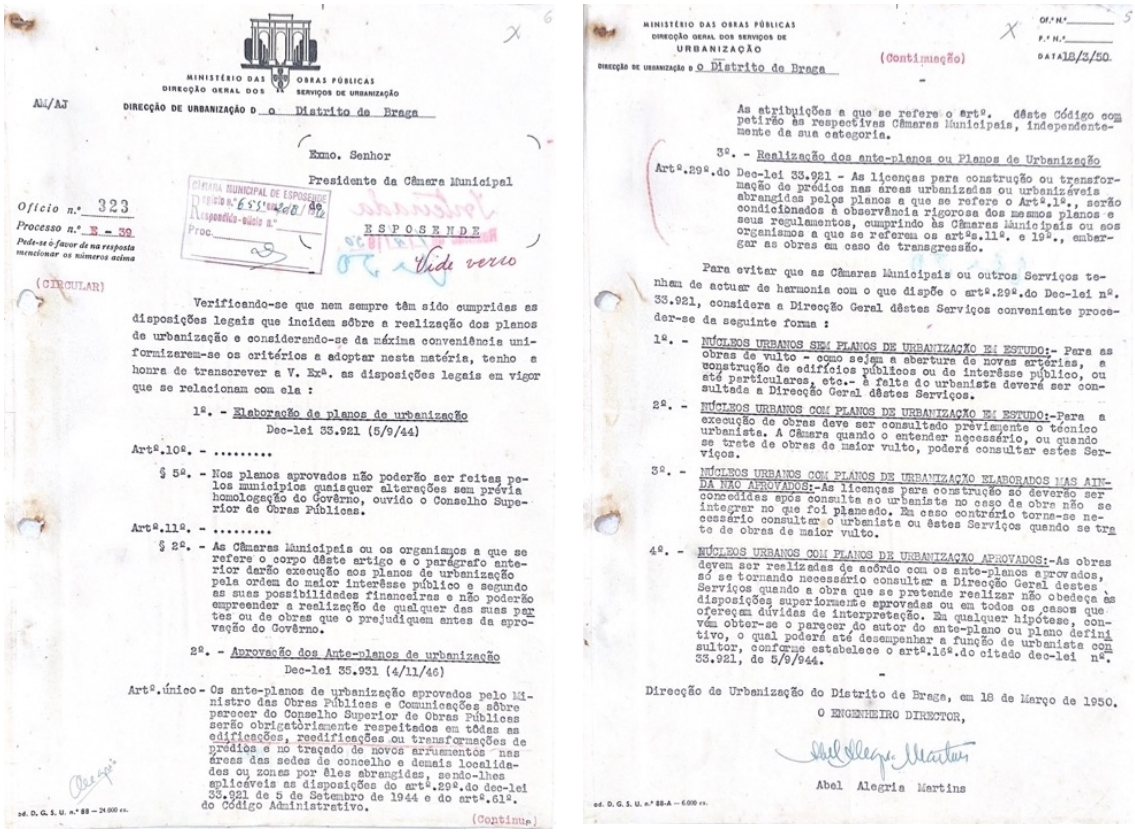
Anexo 14 - Parecer de Viana de Lima, relativo à casa localizada no lote 19 da R. Praia do Suave Mar. 208

Anexo 15 - Parecer de Viana de Lima, relativo à casa localizada no lote 5 da R. Praia do Suave Mar. 209

Anexo 16 - Parecer de Viana de Lima, relativo a uma casa que não foi construída. 210

Anexo 17 - Parecer de Viana de Lima, relativo à casa construída na Av. Marginal, nº58. 211
Anexo 18 - Parecer de Viana de Lima, relativo a uma casa no lote 4 que não foi construída. 213
Anexo 19 - Parecer de Viana de Lima, relativo a uma casa construída no lote 6 da R. Praia Suave Mar. 215
Anexo 20 - Parecer de Viana de Lima, relativo a uma casa construída no lote 22 da R. Praia Suave Mar. 216
Anexo 21 - Informação ao requerimento relativo a um projeto não construído. 217
Anexo 22 - Parecer de Carlos Carvalho Dias, relativo a um projeto para o lote 12 da R. Praia Suave Mar. 218
Anexo 23 - Parecer de Carlos Carvalho Dias, relativo a um projeto para o lote junto à Av. de Banhos. 219
Anexo 24 - Parecer de Carlos Carvalho Dias, relativo as casas a construir nos lotes da R. do Farol. 220
Anexo 25 - Projeto para casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Planta e alçado principal. 221
Anexo 26 - Projeto para casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Alçados e corte. 222
Anexo 27 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Plantas. 223
Anexo 28 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Alçados Nascente e Norte. 224
Anexo 29 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Alçados Poente e Sul. 225
Anexo 30 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Plantas. 226
Anexo 31 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Alçados Norte e Nascente. 227
Anexo 32 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Alçados Sul e Poente. 228
Anexo 33 - Resposta do requerente no Processo 412/60 229
Anexo 34 - Correspondência entre DGSH e DGSU com o assunto: "Arranjo urbanístico junto da praia de Suave-mar", 30 Março 1963. 230

Anexo 35 - Projeto para casa no lote 3 da R. Praia Suave Mar, Alcino Soutinho, 1965. 231
Anexo 36 - Projeto para casa no lote 4 da R. Praia Suave Mar, Eduardo Ribeiro Martins, 1965. 236
Anexo 37 - Projeto para casa no lote 15 da R. Praia Suave Mar, João Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966. 242
Anexo 38 - Projeto para casa no lote 23 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1967. 248
Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968. 253
Anexo 40 - Correspondência entre João Mota Campos e CME, 30 Agosto 1965. 261
Anexo 41 - "Relação dos lotes de terreno vendidos nas dunas de Esposende", 1 Setembro 1965. 262
Anexo 42 - Memória descritiva do projeto para duas moradias geminadas no lote 7 da R. Praia do Suave Mar, Elísio Gonçalves Rocha, 2 Fevereiro 1982. 263
Anexo 43 - Memória descritiva do projeto para o novo bar da praia, Rui Ramos Loza, 15 Dezembro 1997. 264



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO
DIRECÇÃO DE URBANIZAÇÃO D o Distrito de Braga

AM/AJ

Ofício n.º 323
Processo n.º E - 39
Pede-se o favor de na resposta mencionar os números acima

(CIRCULAR)

Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal
de
ESPOSENDE

Vide verso

Verificando-se que nem sempre têm sido cumpridas as disposições legais que incidem sôbre a realização dos planos de urbanização e considerando-se da máxima conveniência uniformizarem-se os critérios a adoptar nesta matéria, tenho a honra de transcrever a V. Exª. as disposições legais em vigor que se relacionam com ela :

1º. - Elaboração de planos de urbanização
Dec-lei 33.921 (5/9/44)

Artº.10º. - .....

§ 5º. - Nos planos aprovados não poderão ser feitas pelos municípios quaisquer alterações sem prévia homologação do Govêrno, ouvido o Conselho Superior de Obras Públicas.

Artº.11º. - .....

§ 2º. - As Câmaras Municipais ou os organismos a que se refere o corpo dêste artigo e o parágrafo anterior darão execução aos planos de urbanização pela ordem do maior interêsse público e segundo as suas possibilidades financeiras e não poderão empreender a realização de qualquer das suas partes ou de obras que o prejudiquem antes da aprovação do Govêrno.

2º. - Aprovação dos Ante-planos de urbanização
Dec-lei 35.931 (4/11/46)

Artº.único - Os ante-planos de urbanização aprovados pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações sôbre parecer do Conselho Superior de Obras Públicas serão obrigatòriamente respeitados em tôdas as edificações, reedificações ou transformações de prédios e no traçado de novos arruamentos nas áreas das sedes de concelho e demais localidades ou zonas por êles abrangidas, sendo-lhes aplicáveis as disposições do artº.29º.do dec-lei 33.921 de 5 de Setembro de 1944 e do artº.61º. do Código Administrativo.

(Continua)

ed. D. G. S. U. n.º 88 — 24 000 ex.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE
URBANIZAÇÃO
DIRECÇÃO DE URBANIZAÇÃO o Distrito de Braga

(Continuação)

Of.º N.º
P.º N.º
DATA 18/3/50.

As atribuições a que se refere o artº. dêste Código competirão às respectivas Câmaras Municipais, independentemente da sua categoria.

3º. - Realização dos ante-planos ou Planos de Urbanização

Artº.29º.do Dec-lei 33.921 - As licenças para construção ou transformação de prédios nas áreas urbanizadas ou urbanizáveis abrangidas pelos planos a que se refere o Artº.1º., serão condicionados à observância rigorosa dos mesmos planos e seus regulamentos, cumprindo às Câmaras Municipais ou aos organismos a que se referem os artºs.11º. e 19º., embargar as obras em caso de transgressão.

Para evitar que as Câmaras Municipais ou outros Serviços tenham de actuar de harmonia com o que dispõe o artº.29º.do Dec-lei nº. 33.921, considera a Direcção Geral dêstes Serviços conveniente proceder-se da seguinte forma :

1º. - NÚCLEOS URBANOS SEM PLANOS DE URBANIZAÇÃO EM ESTUDO:- Para as obras de vulto - como sejam a abertura de novas artérias, a construção de edifícios públicos ou de interêsse público, ou até particulares, etc.- à falta do urbanista deverá ser consultada a Direcção Geral dêstes Serviços.

2º. - NÚCLEOS URBANOS COM PLANOS DE URBANIZAÇÃO EM ESTUDO:-Para a execução de obras deve ser consultado previamente o técnico urbanista. A Câmara quando o entender necessário, ou quando se trate de obras de maior vulto, poderá consultar estes Serviços.

3º. - NÚCLEOS URBANOS COM PLANOS DE URBANIZAÇÃO ELABORADOS MAS AINDA NÃO APROVADOS:-As licenças para construção só deverão ser concedidas após consulta ao urbanista no caso de obra não se integrar no que foi planeado. Em caso contrário torna-se necessário consultar o urbanista ou êstes Serviços quando se trate de obras de maior vulto.

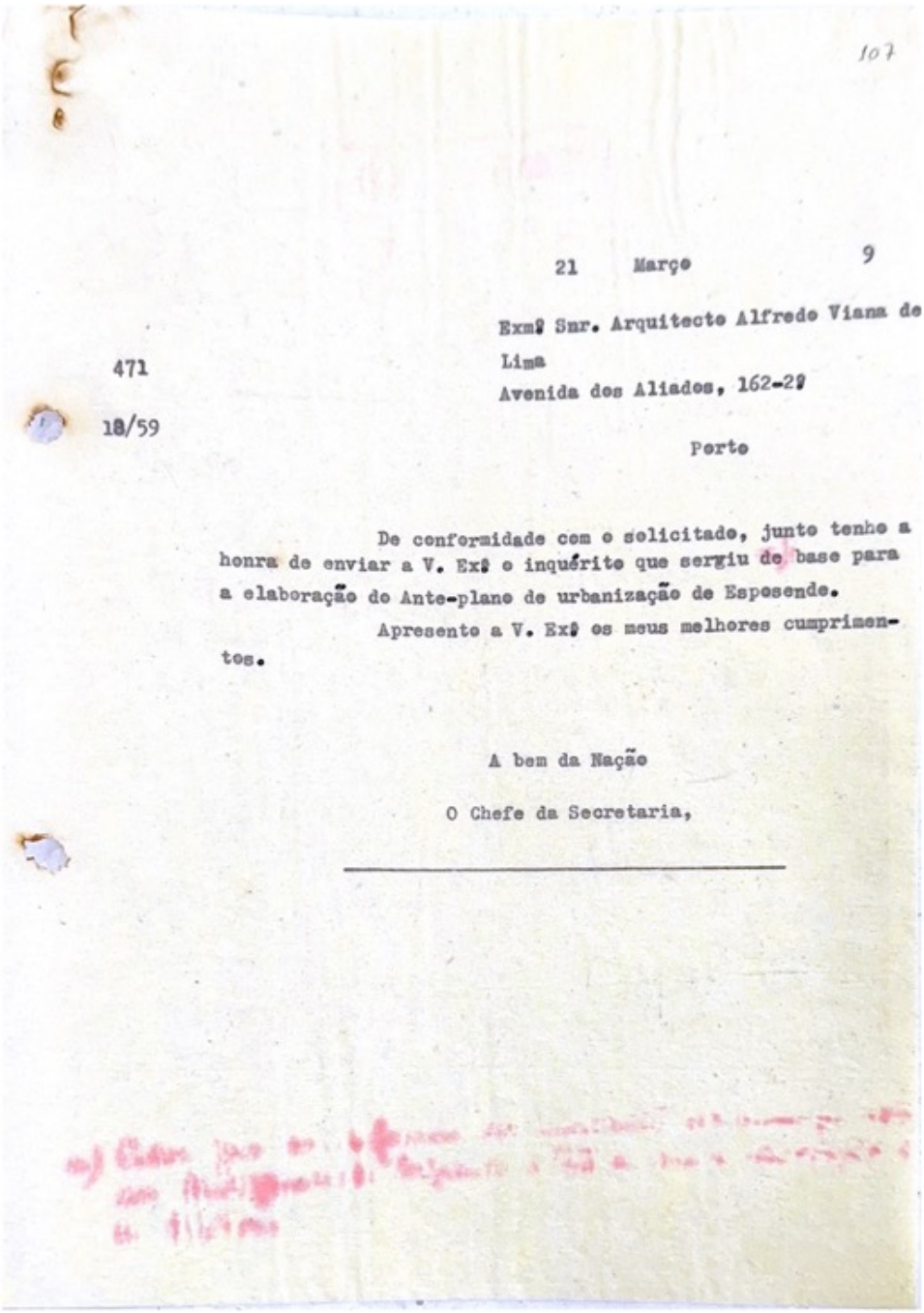
4º. - NÚCLEOS URBANOS COM PLANOS DE URBANIZAÇÃO APROVADOS:-As obras devem ser realizadas de acôrdo com os ante-planos aprovados, só se tornando necessário consultar a Direcção Geral destes Serviços quando a obra que se pretende realizar não obedeça às disposições superiormente aprovadas ou em todos os casos que ofereçam dúvidas de interpretação. Em qualquer hipótese, convém obter-se o parecer do autor do ante-plano ou plano definitivo, o qual poderá até desempenhar a função de urbanista consultor, conforme estabelece o artº.16º.do citado dec-lei nº. 33.921, de 5/9/944.

Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, em 18 de Março de 1950.
O ENGENHEIRO DIRECTOR,

Abel Alegria Martins

ed. D. G. S. U. n.º 88-A — 6 000 ex.

Anexo 1 -Correspondência entre MOP (DGSU) e CME sobre "Elaboração de planos de urbanização", 18 Março 1950. Fonte: P18-VL-5 e P18-VL-6, AME.



107

21 Março 9

Exmº Snr. Arquitecto Alfredo Viana de Lima
Avenida dos Aliados, 162-2º
Porto

471
18/59

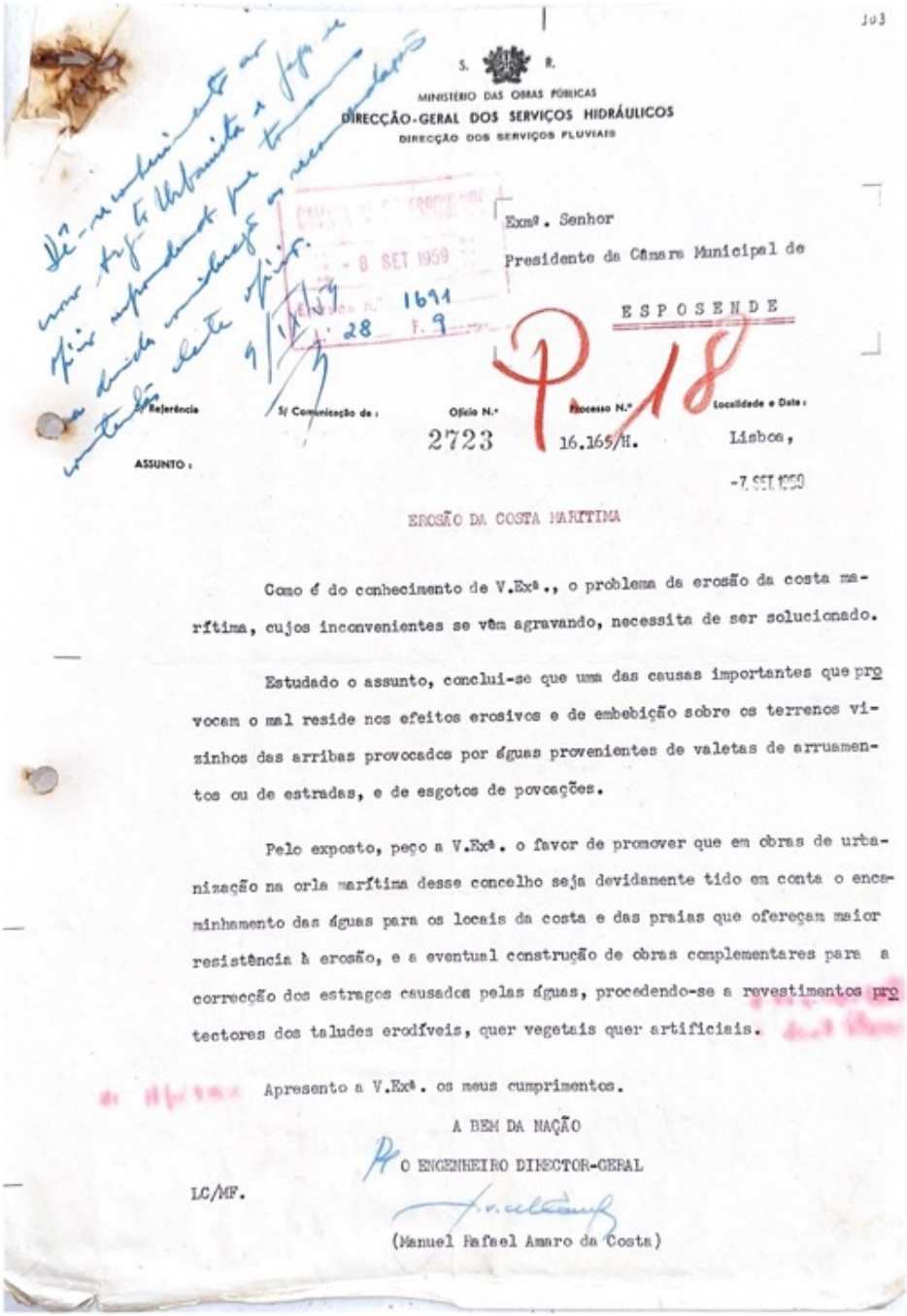
De conformidade com o solicitado, junto tenho a honra de enviar a V. Exª o inquérito que sergiu de base para a elaboração do Ante-plano de urbanização de Espesende.

Apresento a V. Exª os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

O Chefe da Secretaria,

Anexo 2 - 1ª Correspondência entre CME e Viana de Lima, 21 Março 1959. Fonte: P18-VL-107, AME.



103

S. R.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS FLUVIAIS

Exmº. Senhor

Presidente da Câmara Municipal de

ESPOSENDE

P 18

S/ Referência	S/ Comunicação de:	Ofício N.º	Processo N.º	Localidade e Data:
		2723	16.165/H.	Lisboa, -7 SET 1959

ASSUNTO:

EROSÃO DA COSTA MARÍTIMA

Como é do conhecimento de V.Exª., o problema da erosão da costa marítima, cujos inconvenientes se vêm agravando, necessita de ser solucionado.

Estudado o assunto, conclui-se que uma das causas importantes que provocam o mal reside nos efeitos erosivos e de embebição sobre os terrenos vizinhos das arribas provocados por águas provenientes de valetas de arruamentos ou de estradas, e de esgotos de povoações.

Pelo exposto, peço a V.Exª. o favor de promover que em obras de urbanização na orla marítima desse concelho seja devidamente tido em conta o encaminhamento das águas para os locais da costa e das praias que ofereçam maior resistência à erosão, e a eventual construção de obras complementares para a correcção dos estragos causados pelas águas, procedendo-se a revestimentos protectores dos taludes erodíveis, quer vegetais quer artificiais.

Apresento a V.Exª. os meus cumprimentos.

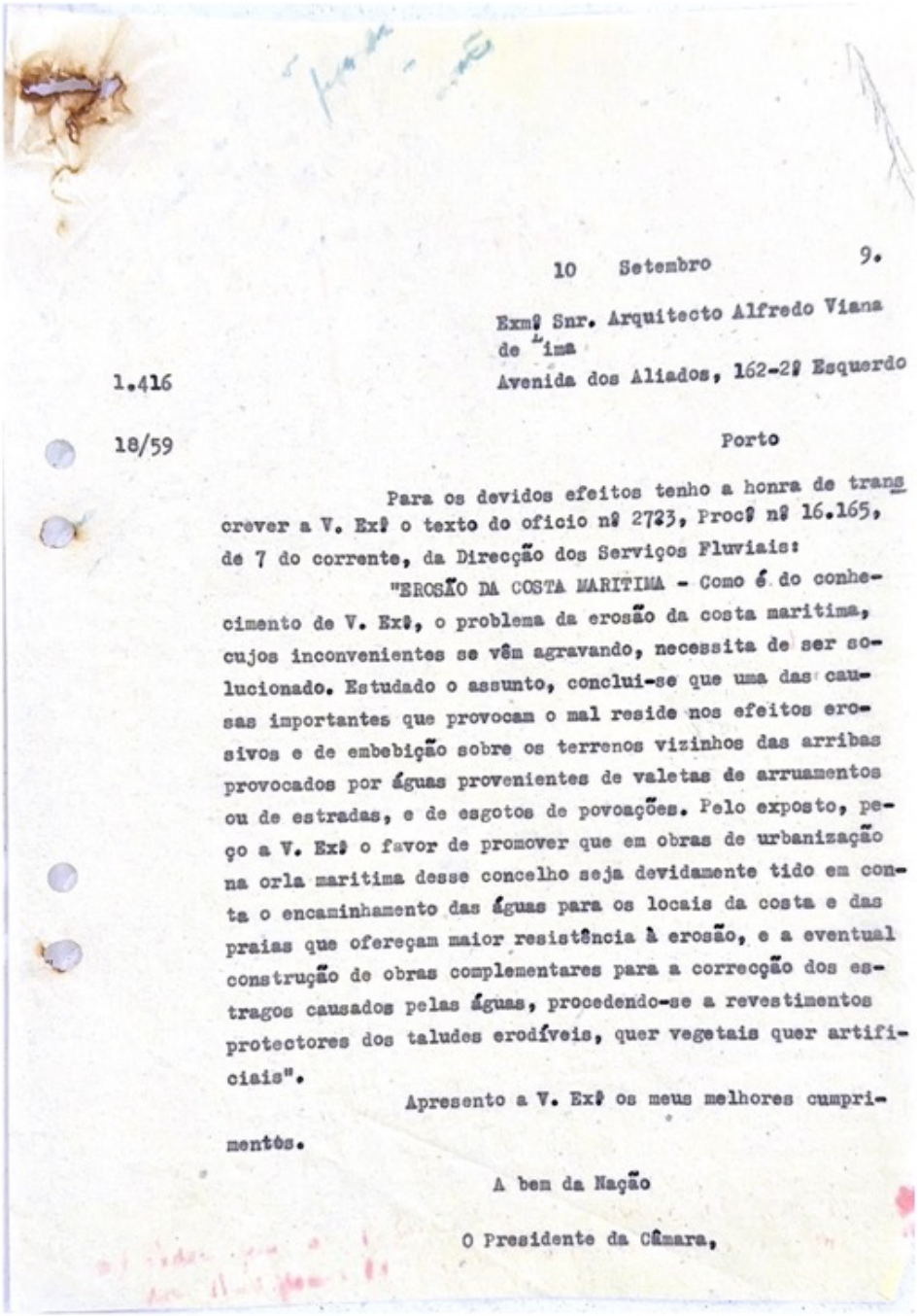
A BEM DA NAÇÃO

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL

LC/MF.

(Manuel Rafael Amaro da Costa)

Anexo 3 - Correspondência entre DGSH e CME, sobre "Erosão da costa marítima", 7 Setembro 1959. Fonte: P18-VL-103, AME.



10 Setembro 9.

Exmº Snr. Arquitecto Alfredo Viana de Lima
Avenida dos Aliados, 162-2º Esquerdo
Porto

1.416

18/59

Para os devidos efeitos tenho a honra de transcrever a V. Exª o texto do oficio nº 2723, Procº nº 16.165, de 7 do corrente, da Direcção dos Serviços Fluviais:

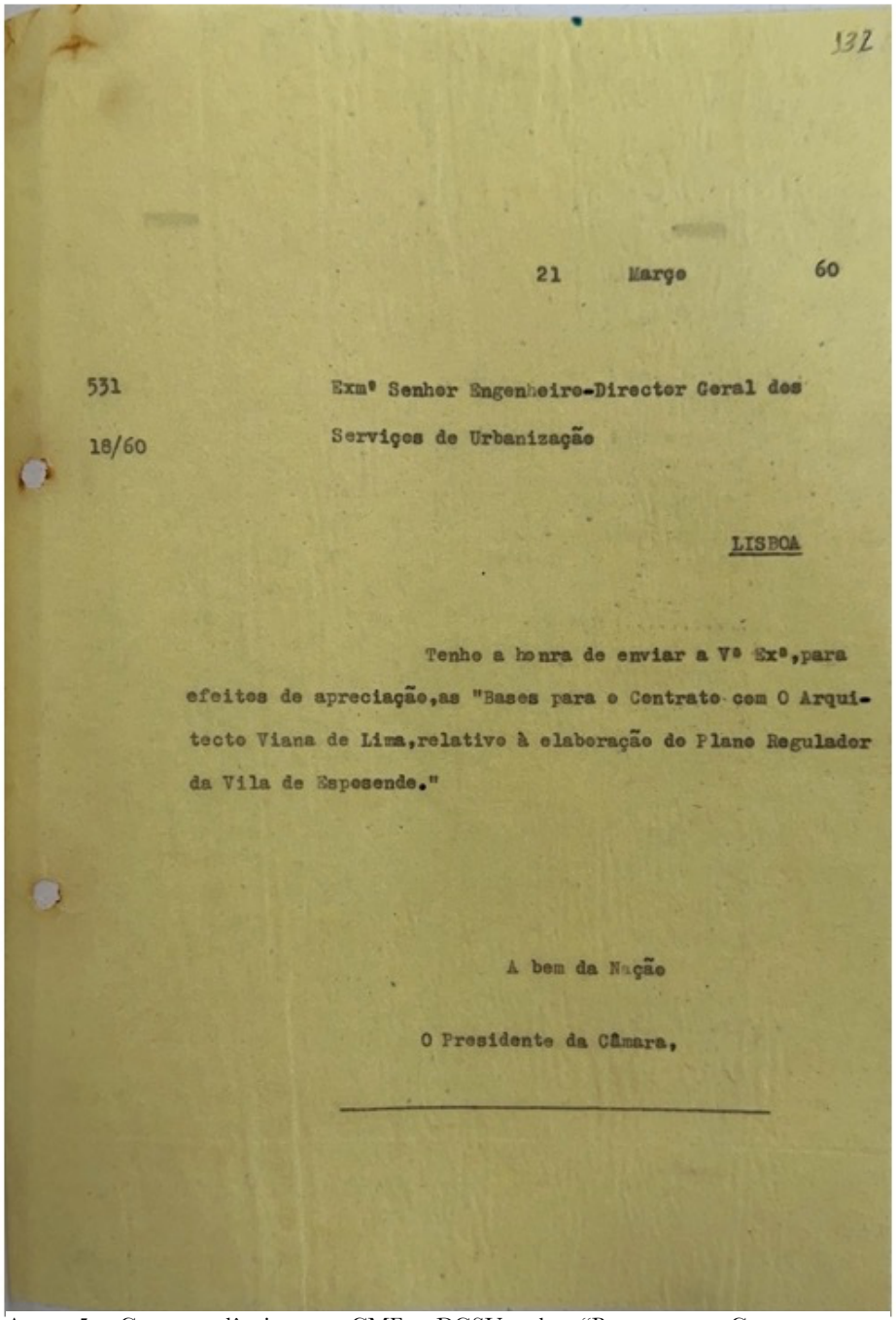
"EROSÃO DA COSTA MARITIMA - Como é do conhecimento de V. Exª, o problema da erosão da costa maritima, cujos inconvenientes se vêm agravando, necessita de ser solucionado. Estudado o assunto, conclui-se que uma das causas importantes que provocam o mal reside nos efeitos erosivos e de embebição sobre os terrenos vizinhos das arribas provocados por águas provenientes de valetas de arruamentos ou de estradas, e de esgotos de povoações. Pelo exposto, peço a V. Exª o favor de promover que em obras de urbanização na orla maritima desse concelho seja devidamente tido em conta o encaminhamento das águas para os locais da costa e das praias que ofereçam maior resistência à erosão, e a eventual construção de obras complementares para a correcção dos estragos causados pelas águas, procedendo-se a revestimentos protectores dos taludes erodíveis, quer vegetais quer artificiais".

Apresento a V. Exª os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

O Presidente da Câmara,

Anexo 4 - Correspondência entre CME e Viana de Lima, sobre "Erosão da costa marítima", 10 Setembro 1959. Fonte: P18-VL-104, AME.



132

21 Março 60

531

18/60

Exmº Senhor Engenheiro-Director Geral dos Serviços de Urbanização

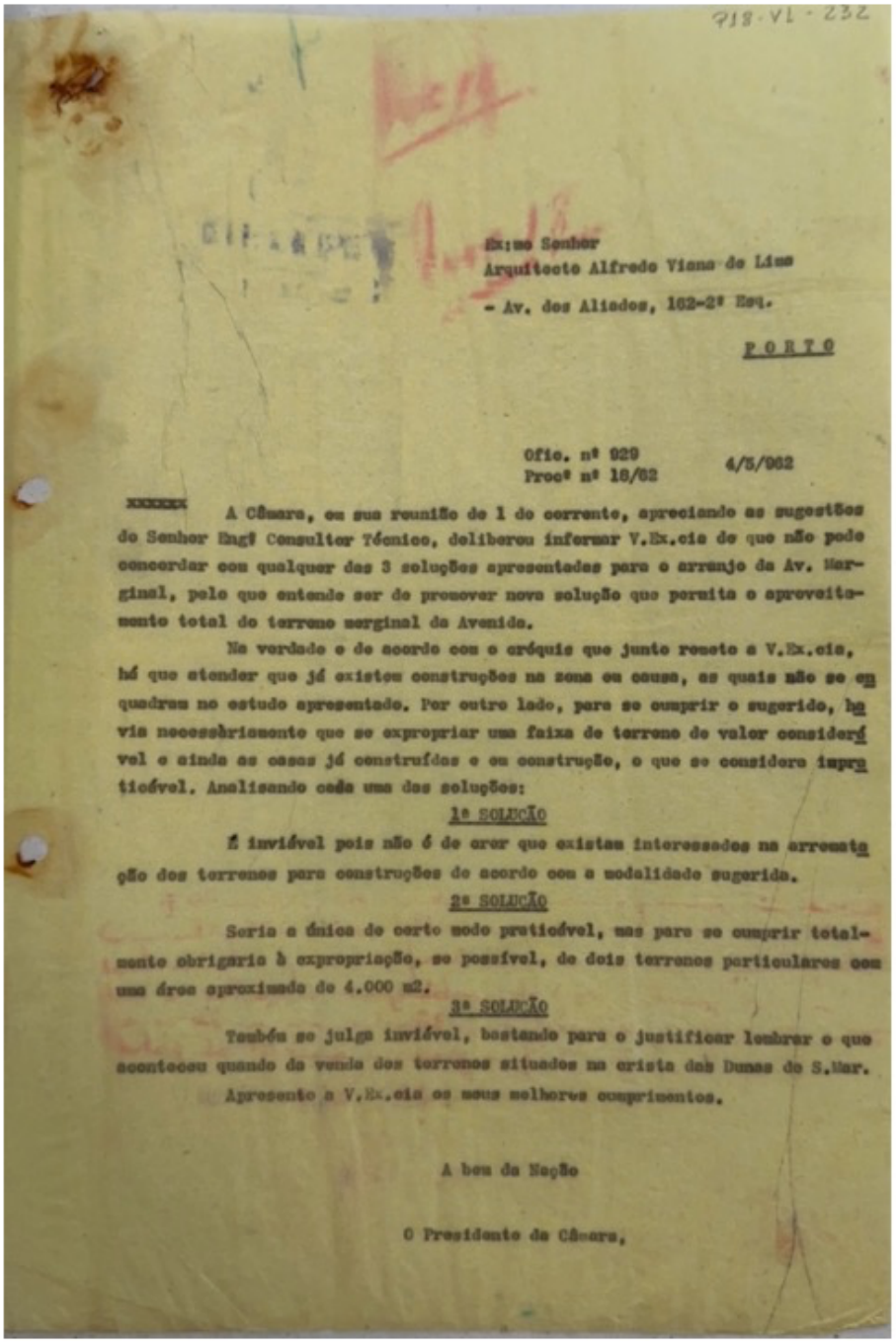
LISBOA

Tenho a honra de enviar a Vª Exª, para efeitos de apreciação, as "Bases para o Contrato com O Arquitecto Viana de Lima, relativo à elaboração do Plano Regulador da Vila de Esposende."

A bem da Nação

O Presidente da Câmara,

Anexo 5 - Correspondência entre CME e DGSU, sobre "Bases para o Contrato com o Arquitecto Viana de Lima, relativo à elaboração do Plano Regulador da Vila de Esposende", 10 Setembro 1959. Fonte: P18-VL-132, AME.



P18-VL-232

Ex:mo Senhor
Arquitecto Alfredo Viana de Lima
- Av. dos Aliados, 162-2º Esq.

PORTO

Ofic. nº 929
Proc.º nº 18/62 4/5/962

A Câmara, em sua reunião de 1 do corrente, apreciando as sugestões do Senhor Engº Consultor Técnico, deliberou informar V.Ex.cia de que não pode concordar com qualquer das 3 soluções apresentadas para o arranjo da Av. Marginal, pelo que entende ser de promover nova solução que permita o aproveitamento total do terreno marginal da Avenida.

Na verdade e de acordo com o crôquis que junto remeto a V.Ex.cia, há que atender que já existem construções na zona em causa, as quais não se enquadram no estudo apresentado. Por outro lado, para se cumprir o sugerido, haveria necessàriamente que se expropriar uma faixa de terreno de valor considerável e ainda as casas já construídas e em construção, o que se considera impraticável. Analisando cada uma das soluções:

1ª SOLUÇÃO

É inviável pois não é de crer que existam interessados na arrematação dos terrenos para construções de acordo com a modalidade sugerida.

2ª SOLUÇÃO

Seria a única de certo modo praticável, mas para se cumprir totalmente obrigaria à expropriação, se possível, de dois terrenos particulares com uma área aproximada de 4.000 m2.

3ª SOLUÇÃO

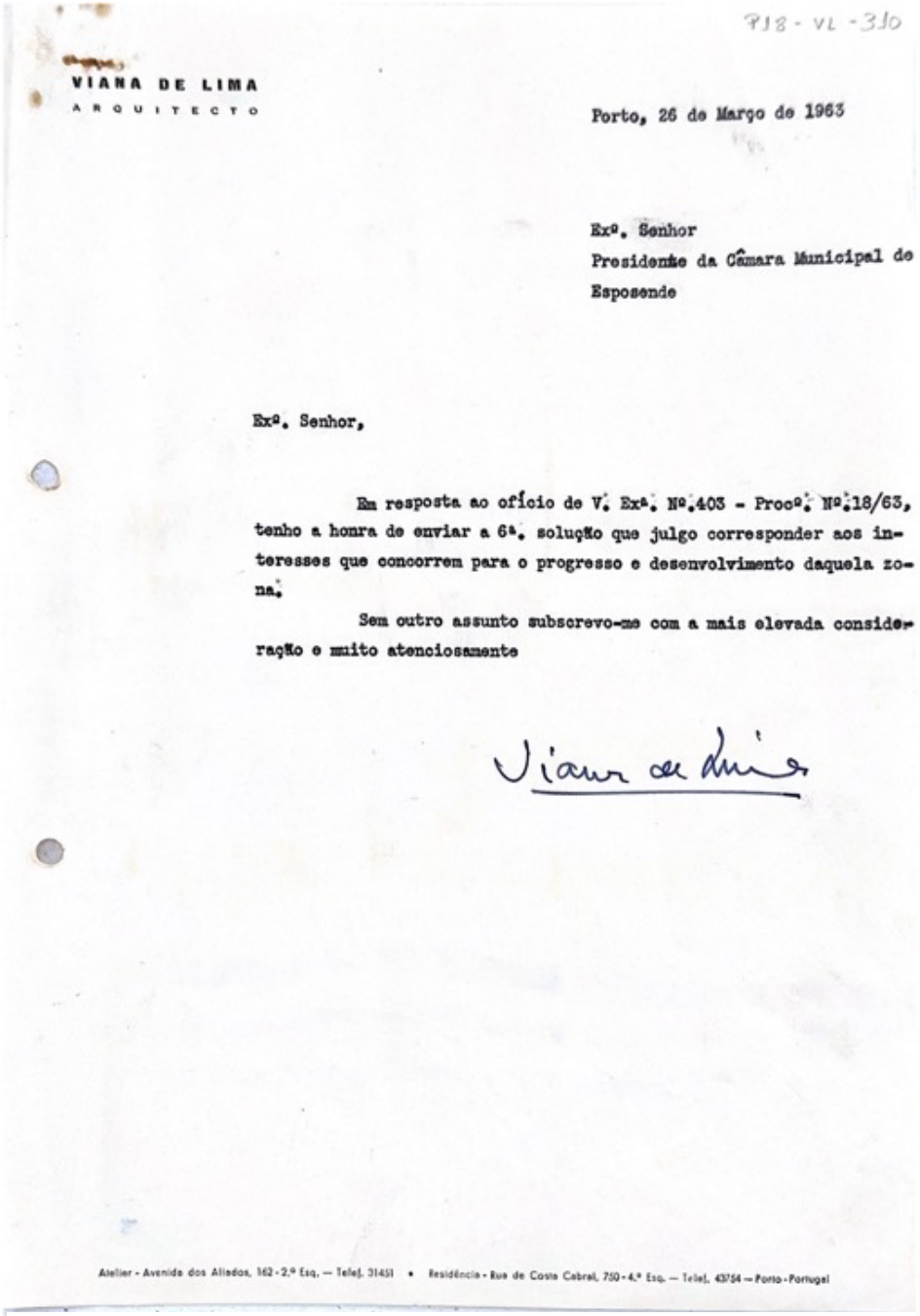
Também se julga inviável, bastando para o justificar lembrar o que aconteceu quando da venda dos terrenos situados na crista das Dunas de S.Mar.

Apresento a V.Ex.cia os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

O Presidente da Câmara,

Anexo 6 - Correspondência entre Viana de Lima e CME, sobre as soluções de arranjo da Av. Marginal, 4 Maio 1962. Fonte: P18-VL-232, AME.



P18 - VL - 310

VIANA DE LIMA
ARQUITECTO

Porto, 26 de Março de 1963

Exº. Senhor
Presidente da Câmara Municipal de
Esposende

Exº. Senhor,

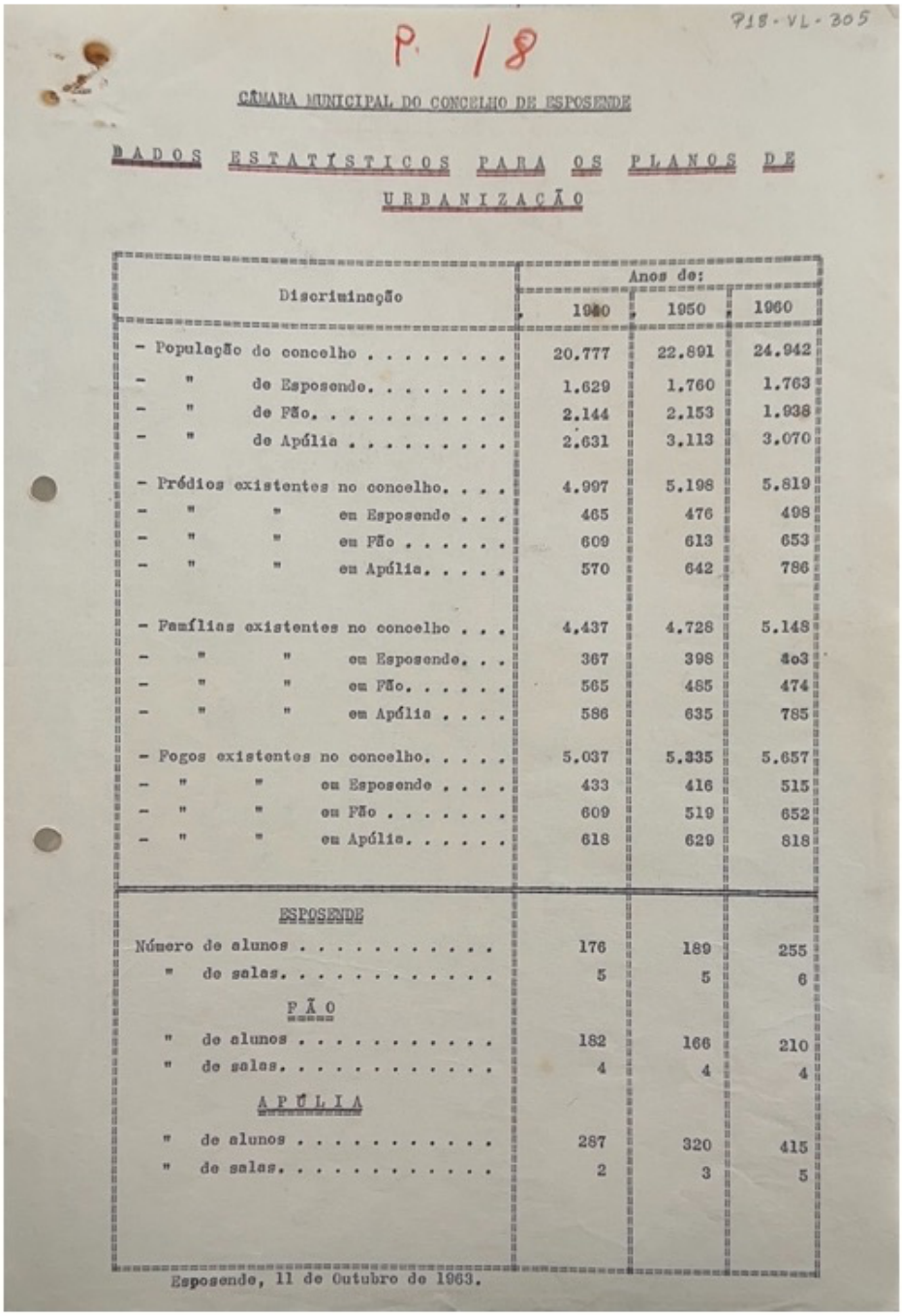
Em resposta ao ofício de V. Exª. Nº.403 - Procº. Nº.18/63, tenho a honra de enviar a 6ª. solução que julgo corresponder aos interesses que concorrem para o progresso e desenvolvimento daquela zona.

Sem outro assunto subscrevo-me com a mais elevada consideração e muito atenciosamente

Viana de Lima

Atelier - Avenida dos Aliados, 162 - 2.º Esq. — Telef. 31451 • Residência - Rua de Costa Cabral, 750 - 4.º Esq. — Telef. 43754 — Porto - Portugal

Anexo 7 - Correspondência entre Viana de Lima e CME, sobre a sexta solução de arranjo da Av. Marginal, 26 Março 1963. Fonte: P18-VL-310, AME.



P. 18

P18-VL-305

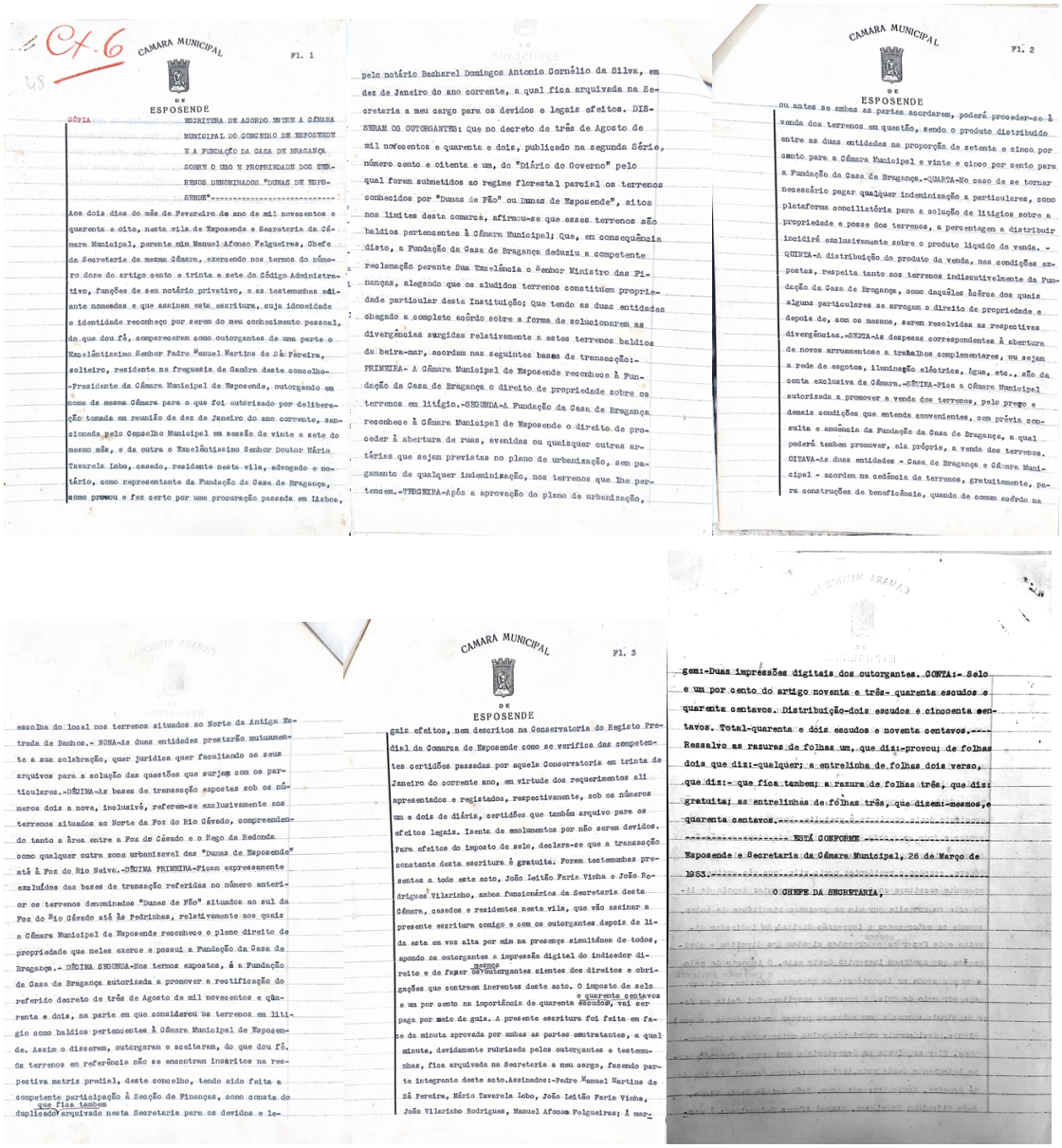
CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ESPOSENDE

DADOS ESTATÍSTICOS PARA OS PLANOS DE URBANIZAÇÃO

Discriminação	Anos de: 1940	1950	1960
- População do concelho	20.777	22.891	24.942
- " de Esposende.	1.629	1.760	1.763
- " de Fão.	2.144	2.153	1.938
- " de Apúlia	2.631	3.113	3.070
- Prédios existentes no concelho. . . .	4.997	5.198	5.819
- " " em Esposende . . .	465	476	498
- " " em Fão	609	613	653
- " " em Apúlia.	570	642	786
- Famílias existentes no concelho . . .	4.437	4.728	5.148
- " " em Esposende. . .	367	398	4o3
- " " em Fão.	565	485	474
- " " em Apúlia	586	635	785
- Fogos existentes no concelho.	5.037	5.335	5.657
- " " em Esposende	433	416	515
- " " em Fão	609	519	652
- " " em Apúlia.	618	629	818
ESPOSENDE			
Número de alunos	176	189	255
" de salas.	5	5	6
FÃO			
" de alunos	182	166	210
" de salas.	4	4	4
APÚLIA			
" de alunos	287	320	415
" de salas.	2	3	5

Esposende, 11 de Outubro de 1963.

Anexo 8 - "Dados estatísticos para os planos de urbanização", 11 Outubro 1963. Fonte: P18-VL-305, AME.

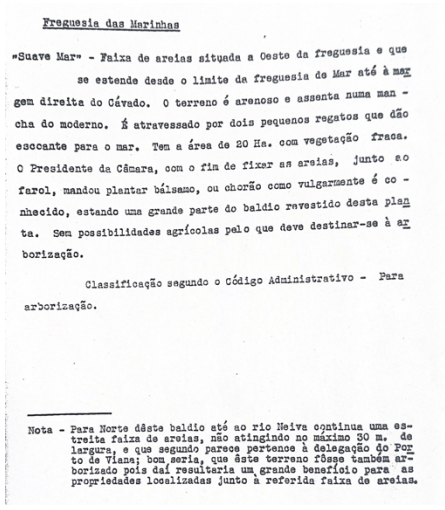


CÓPIA

ESCRITURA DE ACORDO ENTRE A CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ESPOSENDE E A FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA SOBRE O USO E PROPRIEDADE DOS TERRENOS DENOMINADOS "DUNAS DE ESPOSENDE"

Aos dois dias do mês de Fevereiro de ano de mil novecentos e quarenta e oito, nesta vila de Esposende e Secretaria da Câmara Municipal, perante mim Manuel Afonso Felgueiras, Chefe da Secretaria da mesma Câmara, exercendo nos termos do número doze do artigo cento e trinta e sete do Código Administrativo, funções de seu notário privativo, e as testemunhas adiante nomeadas e que assinam este escritura, cuja idoneidade e identidade reconheço por serem do meu conhecimento pessoal, do que dou fé, compareceram como outorgantes de uma parte o Excelentíssimo Senhor Padre Manuel Martins de Sá Pereira, solteiro, residente na freguesia de Gandra deste concelho-Presidente da Câmara Municipal de Esposende, outorgando em nome da mesma Câmara para o que foi autorizado por deliberação tomada em reunião de dez de Janeiro do ano corrente, sancionada pelo Conselho Municipal em sessão de vinte e sete do mesmo mês, e da outra o Excelentíssimo Senhor Doutor Mário Tavarela Lobo, casado, residente nesta vila, advogado e notário, como representante da Fundação da Casa de Bragança, como provou e fez certo por uma procuração passada em Lisboa, pelo notário Bacharel Domingos Antonio Cornélio da Silva, em dez de Janeiro do ano corrente, a qual fica arquivada na Secretaria a meu cargo para os devidos e legais efeitos. DISSERAM OS OUTORGANTES: Que no decreto de três de Agosto de mil novecentos e quarenta e dois, publicado na segunda Série, número cento e cinta e um, do "Diário do Governo" pelo qual foram submetidos ao regime florestal parcial os terrenos conhecidos por "Dunas de Pão" ou Dunas de Esposende", sitos nos limites desta comarca, afirmou-se que esses terrenos são baldios pertencentes à Câmara Municipal; Que, em consequência disto, a Fundação da Casa de Bragança deduziu a competente reclamação perante Sua Excelência o Senhor Ministro das Finanças, alegando que os aludidos terrenos constituem propriedade particular desta Instituição; Que tendo as duas entidades chegado a completo acôrdo sobre a forma de solucionarem as divergências surgidas relativamente a estes terrenos baldios da beira-mar, acordam nas seguintes bases de transacção:-PRIMEIRA- A Câmara Municipal de Esposende reconhece à Fundação da Casa de Bragança o direito de propriedade sobre os terrenos em litígio.-SEGUNDA-A Fundação da Casa de Bragança reconhece à Câmara Municipal de Esposende o direito de proceder à abertura de ruas, avenidas ou quaisquer outras artérias que sejam previstas no plano de urbanização, sem pagamento de qualquer indeminização, nos terrenos que lhe pertencem.-TERCEIRA-Após a aprovação do plano de urbanização, ou antes se ambas as partes acordarem, poderá proceder-se à venda dos terrenos em questão, sendo o produto distribuido entre as duas entidades na proporção de setente e cinco por cento para a Câmara Municipal e vinte e cinco por cento para a Fundação da Casa de Bragança.-QUARTA-No caso de se tornar necessário pagar qualquer indeminização a particulares, como plataforma conciliatória para a solução de litígios sobre a propriedade e posse dos terrenos, a percentagem a distribuir incidirá exclusivamente sobre o produto líquido da venda. - QUINTA-A distribuição do produto da venda, nas condições expostas, respeita tanto nos terrenos indiscutivelmente da Fundação da Casa de Bragança, como daquêles àcêrca dos quais alguns particulares se arrogam o direito de propriedade e depois de, com os mesmos, serem resolvidas as respectivas divergências.-SEXTA-As despesas correspondentes à abertura de novos arruamentos e trabalhos complementares, ou sejam a rede de esgotos, iluminação eléctrica, água, etc., são da conta exclusiva da Câmara.-SÉTIMA-Fica a Câmara Municipal autorizada a promover a venda dos terrenos, pelo preço e demais condições que entenda convenientes, com prévia consulta e anuência da Fundação da Casa de Bragança, a qual poderá tambem promover, ela própria, a venda dos terrenos. OITAVA-As duas entidades - Casa de Bragança e Câmara Municipal - acordam na cedência de terrenos, gratuitamente, para construções de beneficência, quando de comum acôrdo na escolha do local nos terrenos situados ao Norte da Antiga Estrada de Banhos.- NONA-As duas entidades prestarão mutuamente a sua colaboração, quer jurídica quer facultando os seus arquivos para a solução das questões que surjam com os particulares.-DÉCIMA-As bases de transacção expostas sob os números dois a nove, inclusivé, referem-se exclusivamente aos terrenos situados ao Norte da Foz do Rio Cávado, compreendendo tanto a área entre a Foz do Cávado e o Rego da Redonda como qualquer outra zona urbanizavel das "Dunas de Esposende" até à Foz do Rio Neiva.-DÉCIMA PRIMEIRA-Ficam expressamente excluídos das bases de transação referidas no número anterior os terrenos denominados "Dunas de Pão" situados ao sul da Foz do Rio Cávado até às Fedrinhas, relativamente aos quais a Câmara Municipal de Esposende reconhece o pleno direito de propriedade que neles exerce e possui a Fundação da Casa de Bragança.- DÉCIMA SEGUNDA-Nos termos expostos, é a Fundação da Casa de Bragança autorizada a promover a rectificação do referido decreto de três de Agosto de mil novecentos e quarenta e dois, na parte em que considerou os terrenos em litígio como baldios pertencentes à Câmara Municipal de Esposende. Assim o disseram, outorgaram e aceitaram, do que dou fé. Os terrenos em referência não se encontram inscritos na respectiva matriz predial, deste concelho, tendo sido feita a competente participação à Secção de Finanças, como consta do duplicado que fica também arquivado nesta Secretaria para os devidos e legais efeitos, nem descritos na Conservatoria do Registo Predial da Comarca de Esposende como se verifica das competentes certidões passadas por aquela Conservatoria em trinta de Janeiro do corrente ano, em virtude dos requerimentos ali apresentados e registados, respectivamente, sob os números um e dois do diário, certidões que também arquivo para os efeitos legais. Isente de emolumentos por não serem devidos. Para efeitos do imposto de selo, declara-se que a transacção constante desta escritura é gratuita. Foram testemunhas presentes a todo este acto, João Leitão Faria Vinha e João Rodrigues Vilarinho, ambos funcionários da Secretaria desta Câmara, casados e residentes nesta vila, que vão assinar a presente escritura comigo e com os outorgantes depois de lida esta em voz alta por mim na presença simultânea de todos, sendo os outorgantes e impressão digital do indicador direito e de fazer os outorgantes cientes dos direitos e obrigações que contrem inerentes deste acto. O imposto de selo mesmo e quarenta centavos e um por cento na importância de quarenta escudos, vai ser pago por meio de guia. A presente escritura foi feita em face da minuta aprovada por ambas as partes contratantes, a qual minuta, devidamente rubricada pelos outorgantes e testemunhas, fica arquivada na Secretaria a meu cargo, fazendo parte integrante deste acto.Assinados:-Padre Manuel Martins de Sá Pereira, Mário Tavarela Lobo, João Leitão Faria Vinha, João Vilarinho Rodrigues, Manuel Afonso Felgueiras; A mar-gem:-Duas impressões digitais dos outorgantes. CONTA:- Selo e um por cento do artigo noventa e três- quarenta escudos e quarenta centavos. Distribuição-dois escudos e cinocenta centavos. Total-quarenta e dois escudos e noventa centavos.---- Ressalvo as rasuras de folhas um, que diz:-provou; de folhas dois que diz:-qualquer; a entrelinha de folhas dois verso, que diz:- que fica tambem; a rasura de folhas três, que diz: gratuita; as entrelinhas de folhas três, que dizem:-mesmos,e quarenta centavos.---------- ESTÁ CONFORME ---------- Esposende e Secretaria da Câmara Municipal, 26 de Março de 1953.---------- O CHEFE DA SECRETARIA,

Anexo 9 - "Escritura de acordo entra a Câmara Municipal do concelho de Esposende e a Fundação da Casa de Bragança sobre o uso e propriedade dos terrenos denominados "Dunas de Esposende", 2 Fevereiro 1948. Fonte: 7926 (Casa de Bragança), AME.



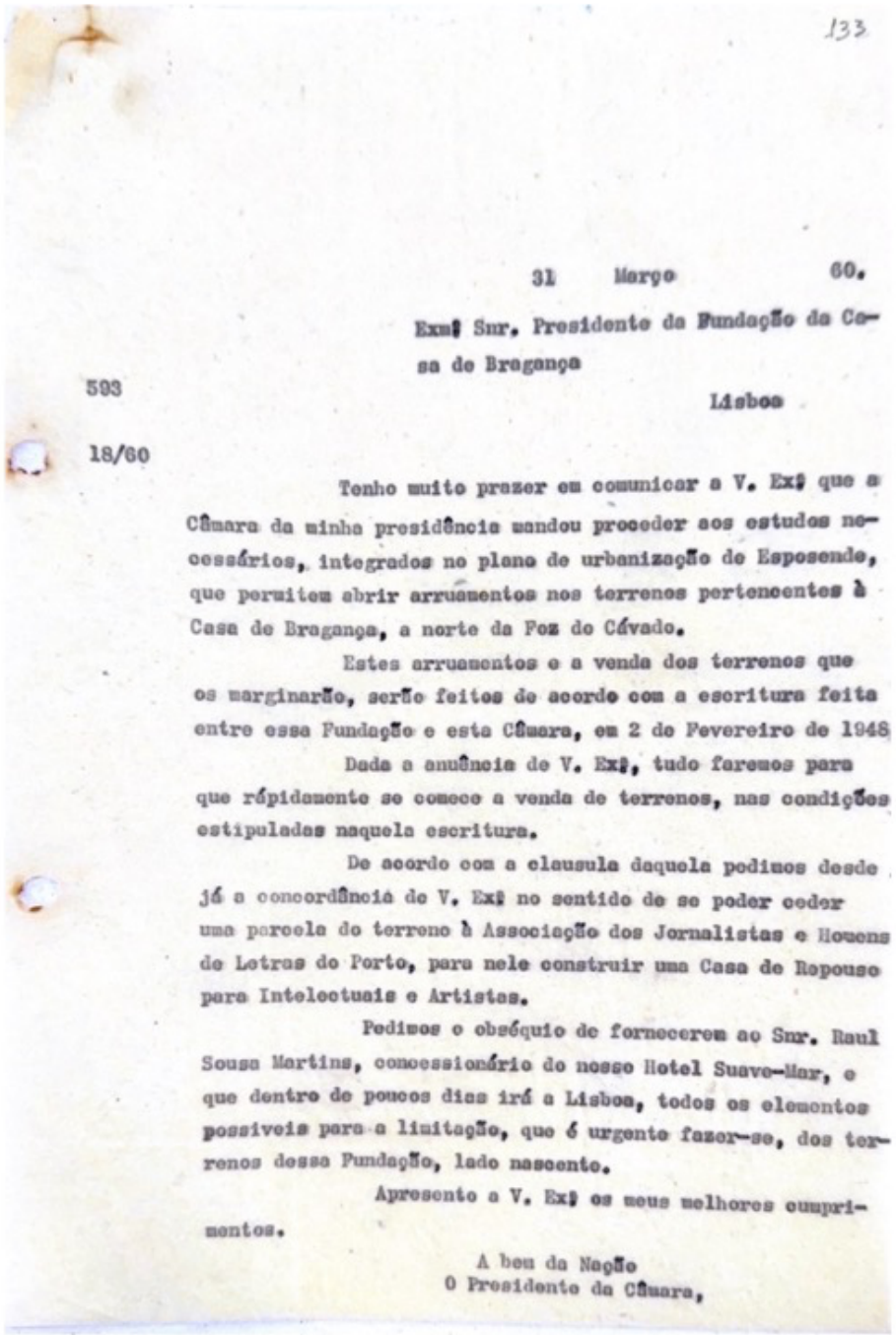
Freguesia das Marinhas

"Suave Mar" - Faixa de areias situada a Oeste da freguesia e que se estende desde o limite da freguesia do Mar até à margem direita do Cávado. O terreno é arenoso e assenta numa mancha do moderno. É atravessado por dois pequenos regatos que dão escoante para o mar. Tem a área de 20 Ha. com vegetação fraca. O Presidente da Câmara, com o fim de fixar as areias, junto ao farol, mandou plantar bálsamo, ou chorão como vulgarmente é conhecido, estando uma grande parte do baldio revestido desta planta. Sem possibilidades agrícolas pelo que deve destinar-se à arborização.

Classificação segundo o Código Administrativo - Para arborização.

Nota - Para Norte dêste baldio até ao rio Neiva continua uma estreita faixa de areias, não atingindo no máximo 30 m. de largura, e que segundo parece pertence à delegação do Foz to de Viana; bom seria, que êste terreno fôsse também arborizado pois daí resulteria um grande benefício para as propriedades localizadas junto à referida faixa de areias.

Anexo 9.1 - Documentação arquivada sobre Fundação "Casa de Bragança", p. 101. Fonte: 7926 (Casa de Bragança), AME.



133

31 Março 60.

Exmº Snr. Presidente da Fundação da Casa de Bragança

Lisboa

593

18/60

Tenho muito prazer em comunicar a V. Exª que a Câmara da minha presidência mandou proceder aos estudos necessários, integrados no plano de urbanização de Esposende, que permitam abrir arruamentos nos terrenos pertencentes à Casa de Bragança, a norte da Foz do Cávado.

Estes arruamentos e a venda dos terrenos que os marginarão, serão feitos de acordo com a escritura feita entre essa Fundação e esta Câmara, em 2 de Fevereiro de 1948

Dada a anuência de V. Exª, tudo faremos para que rápidamente se comece a venda de terrenos, nas condições estipuladas naquela escritura.

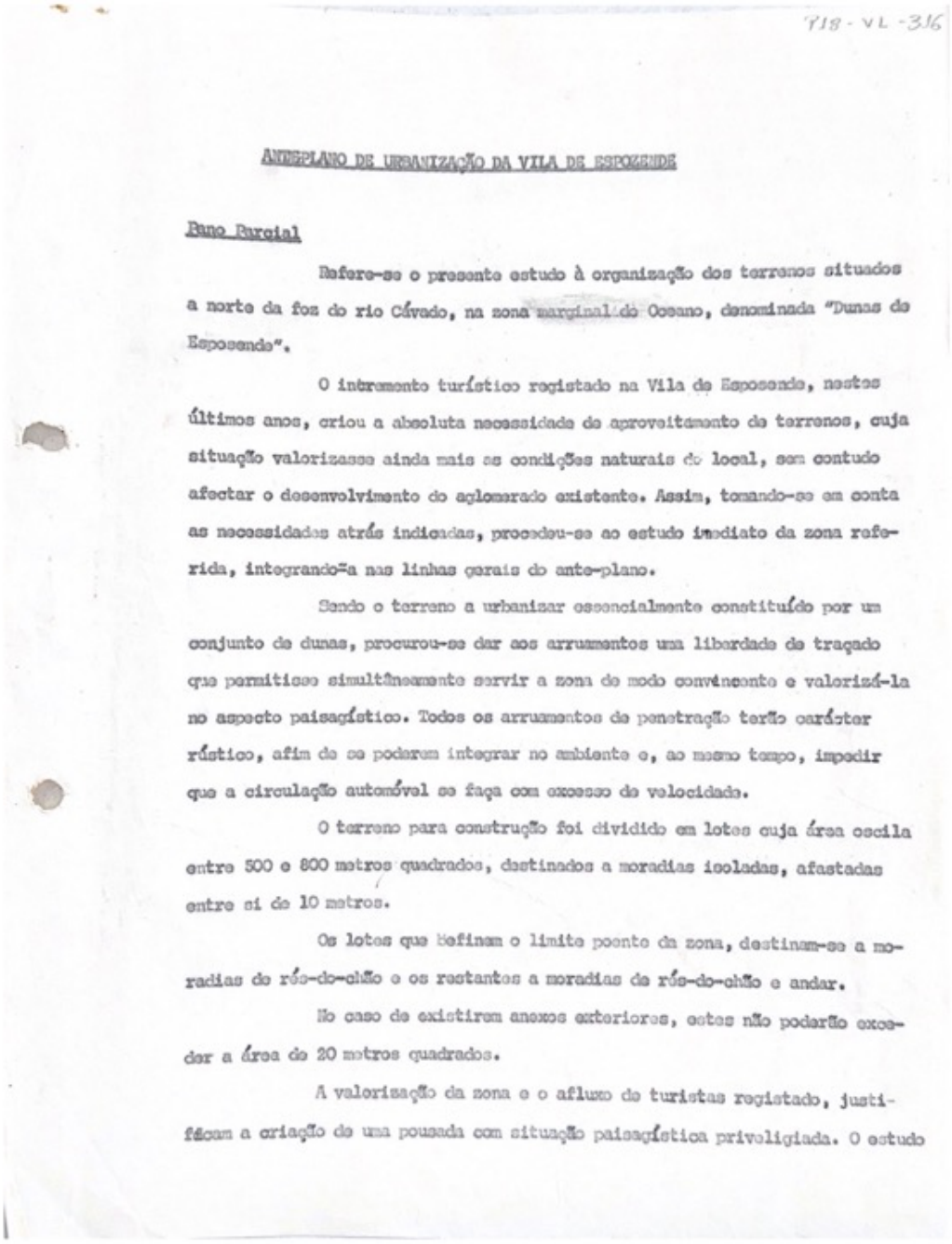
De acordo com a clausula daquela pedimos desde já a concordância de V. Exª no sentido de se poder ceder uma parcela do terreno à Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, para nele construir uma Casa de Repouso para Intelectuais e Artistas.

Pedimos o obséquio de fornecerem ao Snr. Raul Sousa Martins, concessionário do nosso Hotel Suave-Mar, o que dentro de poucos dias irá a Lisboa, todos os elementos possiveis para a limitação, que é urgente fazer-se, dos terrenos dessa Fundação, lado nascente.

Apresento a V. Exª os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação
O Presidente da Câmara,

Anexo 10 - Correspondência entre a CME e a Fundação "Casa de Bragança", sobre os estudos para urbanização dos terrenos a Norte da foz do Rio Cávado, 31 Março 1960. Fonte: 18-VL-133, AME.



18-VL-316

ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO DA VILA DE ESPOSENDE

Bruno Burgial

Refere-se o presente estudo à organização dos terrenos situados a norte da foz do rio Cávado, na zona marginal do Oceano, denominada "Dunas de Esposende".

O intramento turístico registado na Vila de Esposende, nestes últimos anos, criou a absoluta necessidade de aproveitamento de terrenos, cuja situação valorizasse ainda mais as condições naturais do local, sem contudo afectar o desenvolvimento do aglomerado existente. Assim, tomando-se em conta as necessidades atrás indicadas, procedeu-se ao estudo imediato da zona referida, integrando-a nas linhas gerais do ante-plano.

Sendo o terreno a urbanizar essencialmente constituído por um conjunto de dunas, procurou-se dar aos arruamentos uma liberdade de traçado que permitisse simultâneamente servir a zona de modo conveniente e valorizá-la no aspecto paisagístico. Todos os arruamentos de penetração terão carácter rústico, afim de se poderem integrar no ambiente e, ao mesmo tempo, impedir que a circulação automóvel se faça com excesso de velocidade.

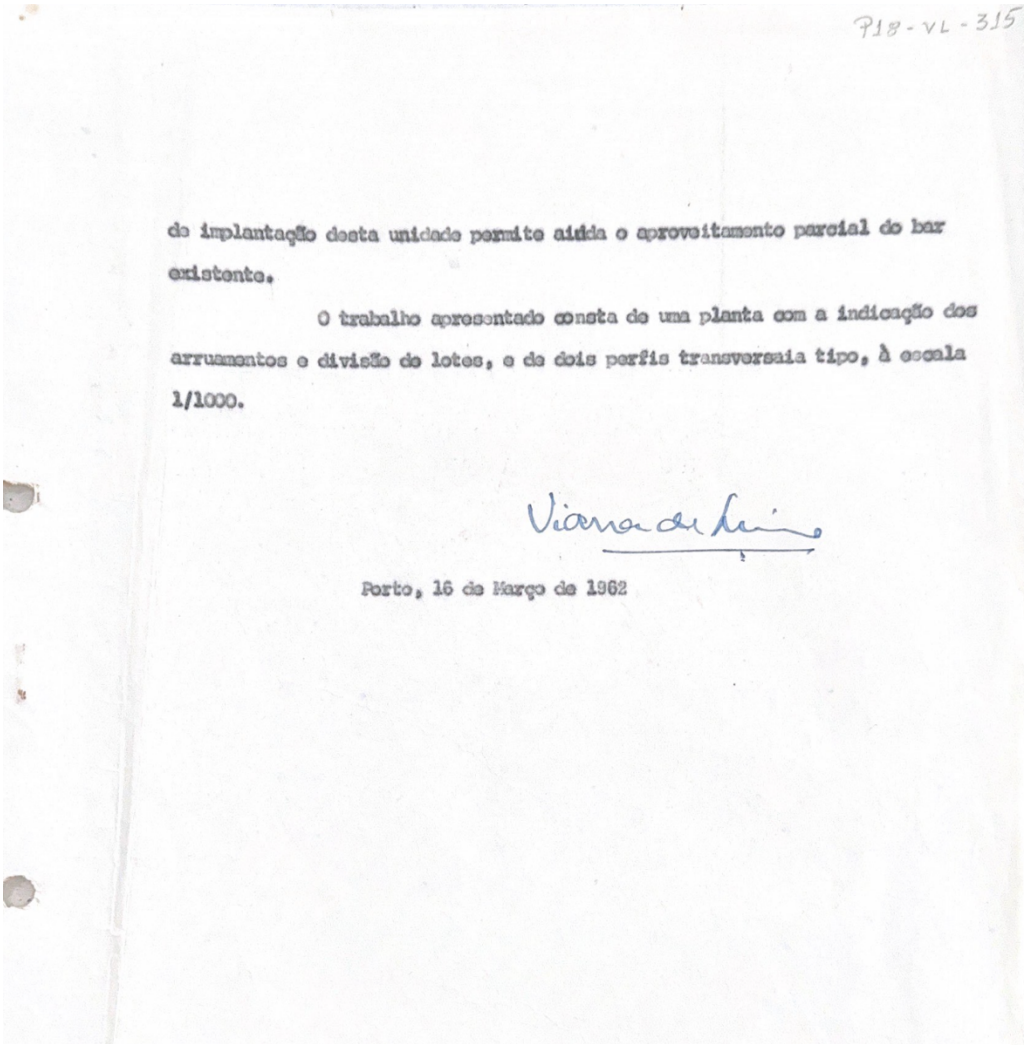
O terreno para construção foi dividido em lotes cuja área oscila entre 500 e 800 metros quadrados, destinados a moradias isoladas, afastadas entre si de 10 metros.

Os lotes que definam o limite poente da zona, destinam-se a moradias de rés-do-chão e os restantes a moradias de rés-do-chão e andar.

No caso de existirem anexos exteriores, estes não poderão exceder a área de 20 metros quadrados.

A valorização da zona e o afluxo de turistas registado, justificam a criação de uma pousada com situação paisagística priveligiada. O estudo

Anexo 11 - Memória descritiva do Plano Urbanização das dunas do Suave Mar, Esposende, 16 Março 1962. Fonte: 18-VL-316, AME.



P18 - VL - 315

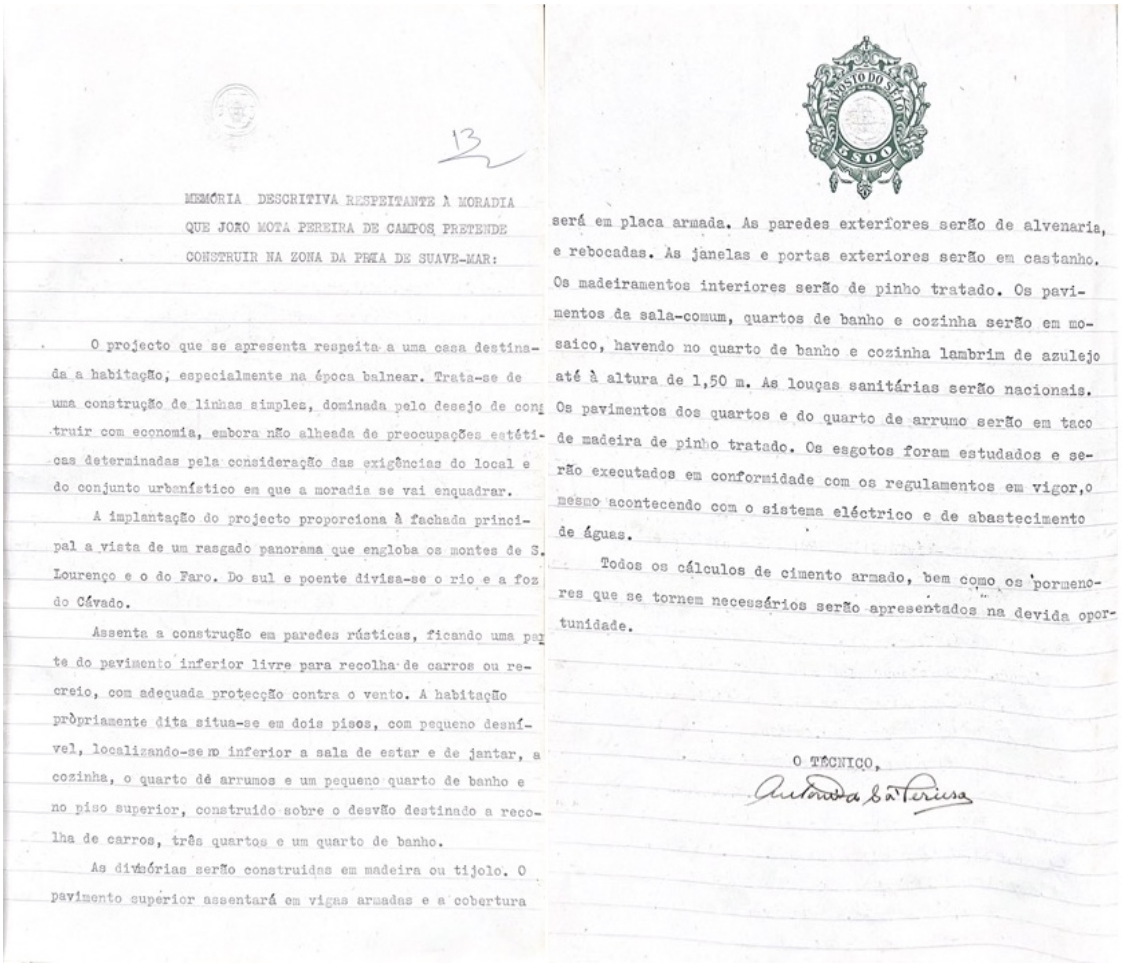
da implantação desta unidade permite aidda o aproveitamento parcial do bar existente.

O trabalho apresentado consta de uma planta com a indicação dos arruamentos e divisão de lotes, e de dois perfis transversais tipo, à escala 1/1000.

Viana de Lima

Porto, 16 de Março de 1962

Anexo 11.1 - Memória descritiva do Plano Urbanização das dunas do Suave Mar, Esposende, 16 Março 1962. Fonte: 18-VL-315, AME.



13

MEMÓRIA DESCRITIVA RESPEITANTE À MORADIA QUE JOÃO MOTA PEREIRA DE CAMPOS PRETENDE CONSTRUIR NA ZONA DA PRAIA DE SUAVE-MAR:

O projecto que se apresenta respeita a uma casa destinada a habitação, especialmente na época balnear. Trata-se de uma construção de linhas simples, dominada pelo desejo de construir com economia, embora não alheada de preocupações estéticas determinadas pela consideração das exigências do local e do conjunto urbanístico em que a moradia se vai enquadrar.

A implantação do projecto proporciona à fachada principal a vista de um rasgado panorama que engloba os montes de S. Lourenço e o do Faro. Do sul e poente divisa-se o rio e a foz do Cávado.

Assenta a construção em paredes rústicas, ficando uma parte do pavimento inferior livre para recolha de carros ou recreio, com adequada protecção contra o vento. A habitação pròpriamente dita situa-se em dois pisos, com pequeno desnível, localizando-se no inferior a sala de estar e de jantar, a cozinha, o quarto de arrumos e um pequeno quarto de banho e no piso superior, construido sobre o desvão destinado a recolha de carros, três quartos e um quarto de banho.

As divisórias serão construidas em madeira ou tijolo. O pavimento superior assentará em vigas armadas e a cobertura será em placa armada. As paredes exteriores serão de alvenaria, e rebocadas. As janelas e portas exteriores serão em castanho. Os madeiramentos interiores serão de pinho tratado. Os pavimentos da sala-comum, quartos de banho e cozinha serão em mosaico, havendo no quarto de banho e cozinha lambrim de azulejo até à altura de 1,50 m. As louças sanitárias serão nacionais. Os pavimentos dos quartos e do quarto de arrumo serão em taco de madeira de pinho tratado. Os esgotos foram estudados e serão executados em conformidade com os regulamentos em vigor, o mesmo acontecendo com o sistema eléctrico e de abastecimento de águas.

Todos os cálculos de cimento armado, bem como os pormenores que se tornem necessários serão apresentados na devida oportunidade.

O TÉCNICO,

António de Sá Pereira

Anexo 12 - Memória descritiva do projeto para as casas a construir nos lotes 19 e 22 da R. Praia Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Fonte: Processo 412/60, AME. Projeto no Anexo 25 e 26.

Diário do Norte - Porto - 19-Jun-62

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE
REVISTA DE IMPRENSA Publicação Diário do Norte
Local Porto Data 19/06/62 Série ____ N.º ____

JORNALISTAS DE VÁRIAS NACIONALIDADES visitaram hoje Esposende

ESPOSENDE, 19. (Pelo telefone) — No desejo bastante louvável de uma maior propaganda turística, sobretudo no estrangeiro, a Câmara Municipal de Esposende e a Comissão Municipal de Turismo, de colaboração com o S.N.I. e a T.A.P., proporcionam hoje, uma digressão turística aos representantes da Imprensa, Rádio, Televisão e Agentes de viagens.

Do Porto partiram esta manhã em autocarro, representantes da Imprensa, aos quais se associaram em Pedras Rubras, colegas de jornais do Brasil, França, Inglaterra e Alemanhã, bem como funcionários superiores do S.N.I., Emissora Nacional e dos Serviços de Turismo da Madeira.

Em Pedras Rubras, aguardavam os visitantes, os srs. Major Oliva Teles, pela T.A.P., comandante Barros Prata, director do Aeroporto e Carlos Martins, da comissão Municipal de Esposende.

Após breves cumprimentos, os convidados em número de cerca de 80, dirigiram-se em 2 autocarros para o Abrigo de Pesca Desportiva da Foz do Cavado. A aguardá-los estavam ali, os srs. António da Costa Leme, presidente da Câmara Municipal. Em breves palavras e depois de ter sido hasteada, num poste em frente ao Abrigo, a bandeira de Esposende, oferecida pelos esposendenses residentes no Brasil, o sr. Costa Leme, saudou os visitantes e referiu-se ao significado da digressão.

Fez algumas considerações de carácter turístico, afirmando:

«Já possuimos o mínimo para que o mundo nos vá conhecendo melhor».

Seguidamente, a caravana pôs-se em marcha, em direcção ao Monte de S. Lourenço, da freguesia de Vila Chã, onde se ergue uma capelinha e donde se disfruta um horizonte visual extraordinàriamente surpreendente.

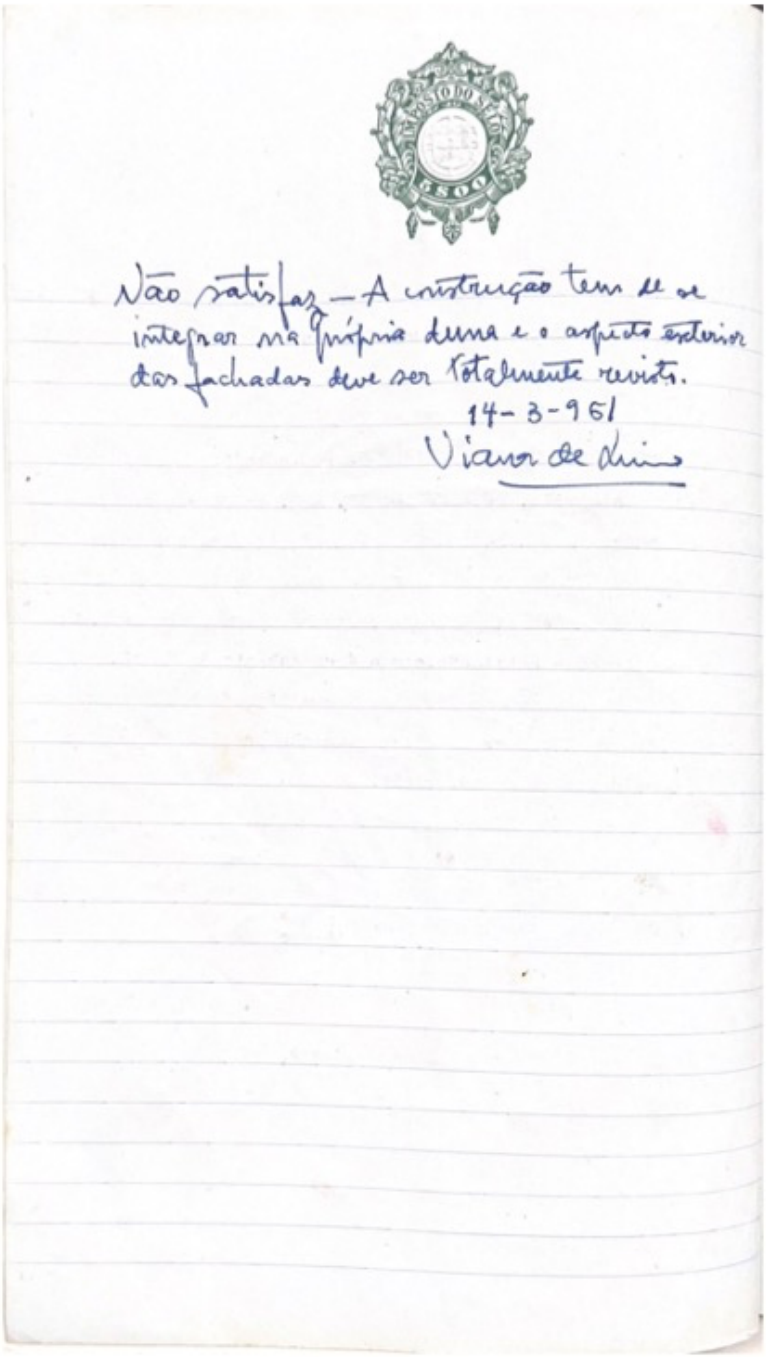
Dali, os visitantes seguiram para Esposende, tendo sido servido um aperitivo no salão de chá da confeitaria Nelita.

A hora que telefonamos está a decorrer um almoço no Hotel Suave Mar.

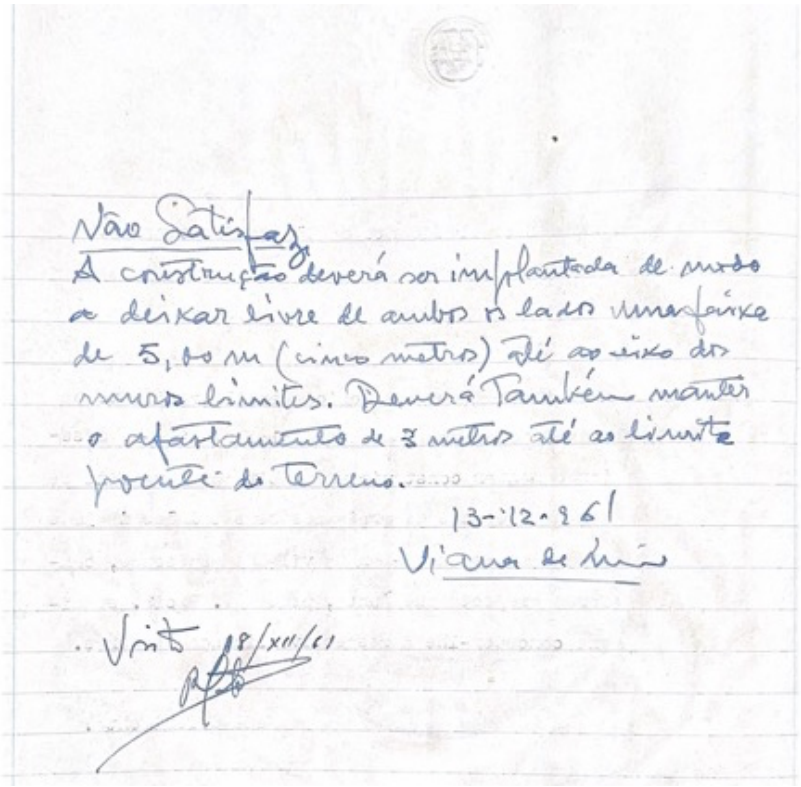
De tarde, efectuar-se-á um passeio de barco pelo rio Cávado até ao Marajão. Os visitantes desembarcarão no cais do Fão efectuando depois visitas ao pinhal, piscina e outros pontos da região.

Às 20 horas será servido um aperitivo no Restaurante de Ofir e jantar às 20 e 30, no mesmo Restaurante.

Anexo 13 - Publicação Diário do Norte, Porto, 19 Junho 1962. Fonte: Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura, disponível em WWW: <URL: https://hdl.handle.net/20.500.12940/12842>. [Consult. 4 Abril 2023].

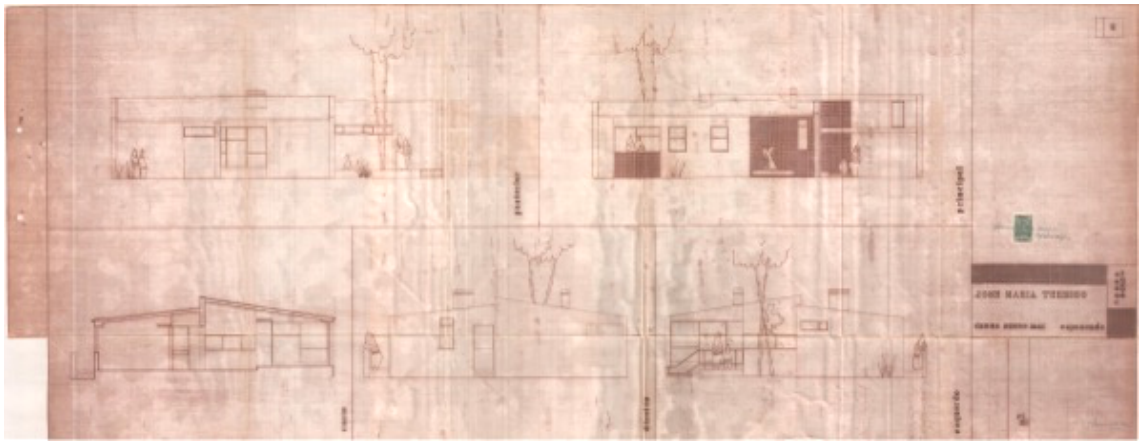

Não satisfaz — A construção tem de se integrar na própria duna e o aspecto exterior das fachadas deve ser totalmente revisto.
14-3-961
Viana de Lima

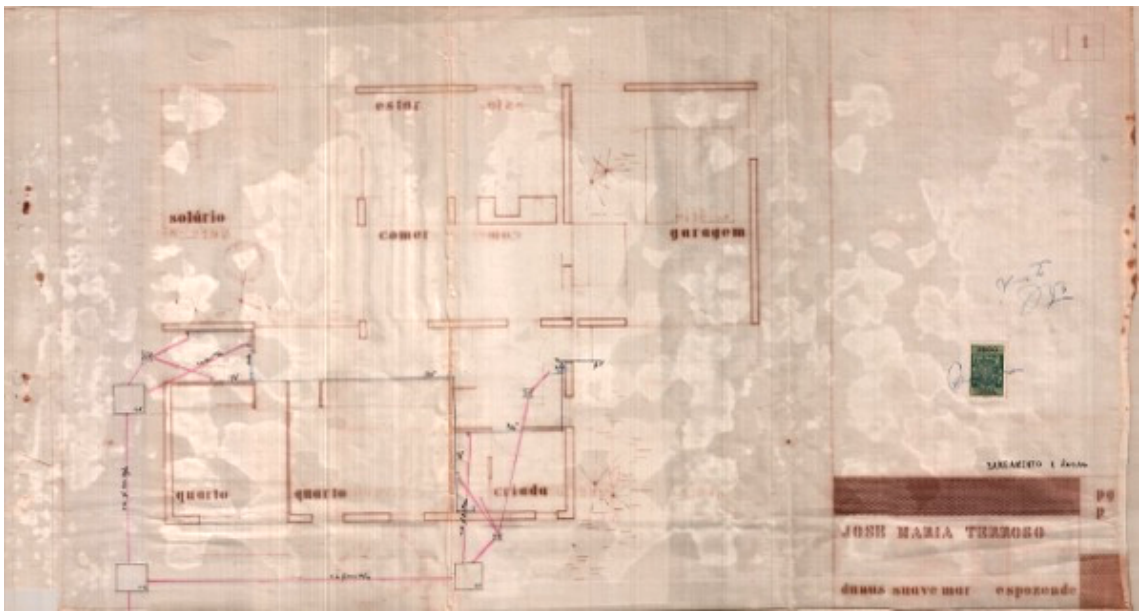
Anexo 14 - Parecer de Viana de Lima, relativo à casa localizada no lote 19 da R. Praia do Suave Mar. Fonte: Processo 152/61, AME. Projeto no Anexo 25 e 26.

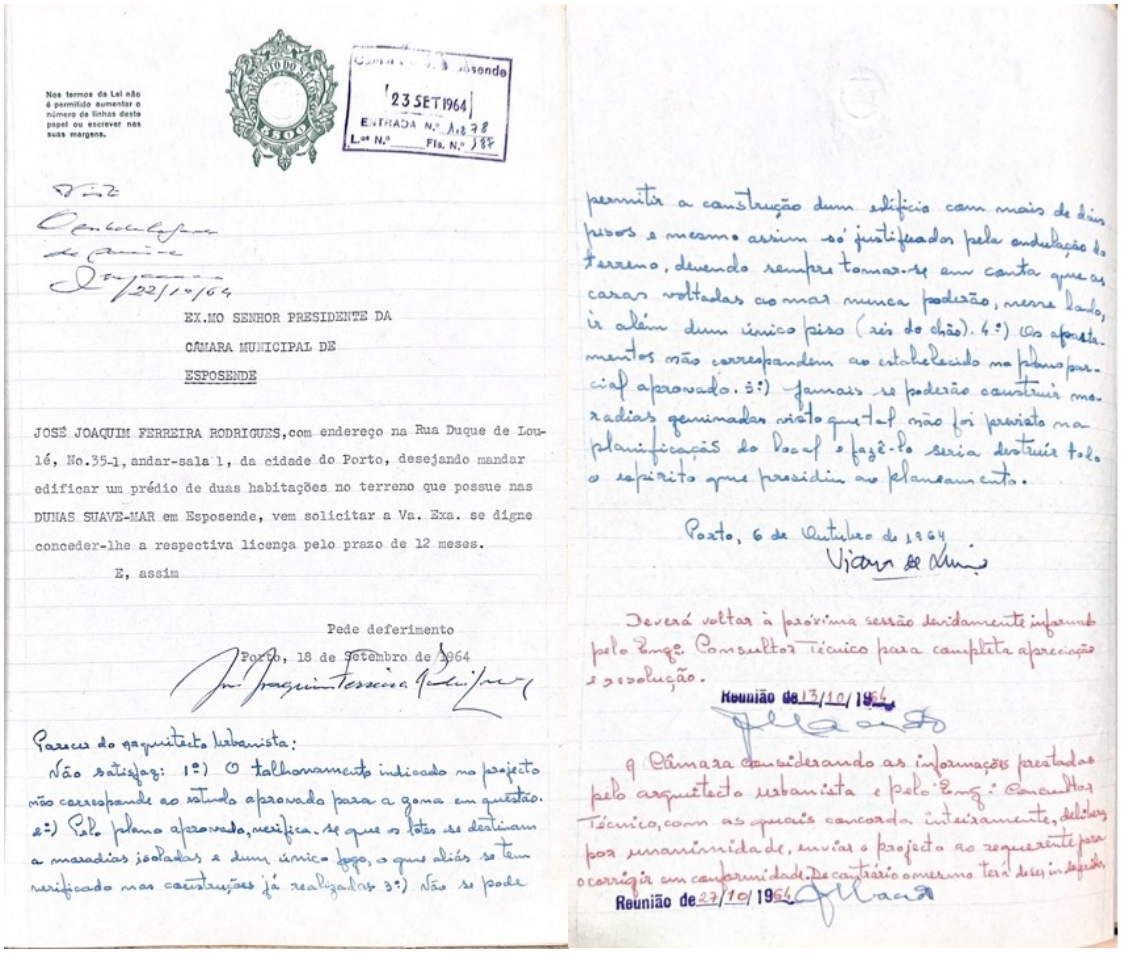

Não Satisfaz
A construção deverá ser implantada de modo a deixar livre de ambos os lados uma faixa de 5,00 m (cinco metros) até os eixos dos muros limites. Deverá Também manter o afastamento de 3 metros até os limites frontais de Terreno.
13-12-961
Viana de Lima
Visto 18/XII/61

Anexo 15 - Parecer de Viana de Lima, relativo à casa localizada no lote 5 da R. Praia do Suave Mar. Fonte: Processo 569/61, AME.

Anexo 15.1 - Projeto. Fonte: Processo 569/61, AME.







Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

Câmara ... Esposende
23 SET 1964
ENTRADA N.º 1278
L.os N.º ___ Fls. N.º 187

Visto
O Embelezador
de Câmara
22/10/64

EX.MO SENHOR PRESIDENTE DA
CÂMARA MUNICIPAL DE
ESPOSENDE

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA RODRIGUES, com endereço na Rua Duque de Loulé, No.35-1, andar-sala 1, da cidade do Porto, desejando mandar edificar um prédio de duas habitações no terreno que possue nas DUNAS SUAVE-MAR em Esposende, vem solicitar a Va. Exa. se digne conceder-lhe a respectiva licença pelo prazo de 12 meses.

E, assim

Pede deferimento

Porto, 18 de Setembro de 1964

José Joaquim Ferreira Rodrigues

Parecer do arquitecto urbanista:

Não satisfaz: 1º) O talhonamento indicado no projecto não corresponde ao estudo aprovado para a zona em questão. 2º) Pelo plano aprovado, verifica-se que os lotes se destinam a moradias isoladas e dum único fogo, o que aliás se tem verificado nas construções já realizadas. 3º) Não se pode permitir a construção dum edifício com mais de dois pisos e mesmo assim só justificados pela ondulação do terreno, devendo sempre tomar-se em conta que as casas voltadas ao mar nunca poderão, nesse lado, ir além dum único piso (rés do chão). 4º) Os apartamentos não correspondem ao estabelecido no plano parcial aprovado. 5º) Jamais se poderão construir moradias geminadas visto que tal não foi previsto na planificação do local e fazê-lo seria destruir todo o espírito que presidiu ao planeamento.

Porto, 6 de Outubro de 1964

Viana de Lima

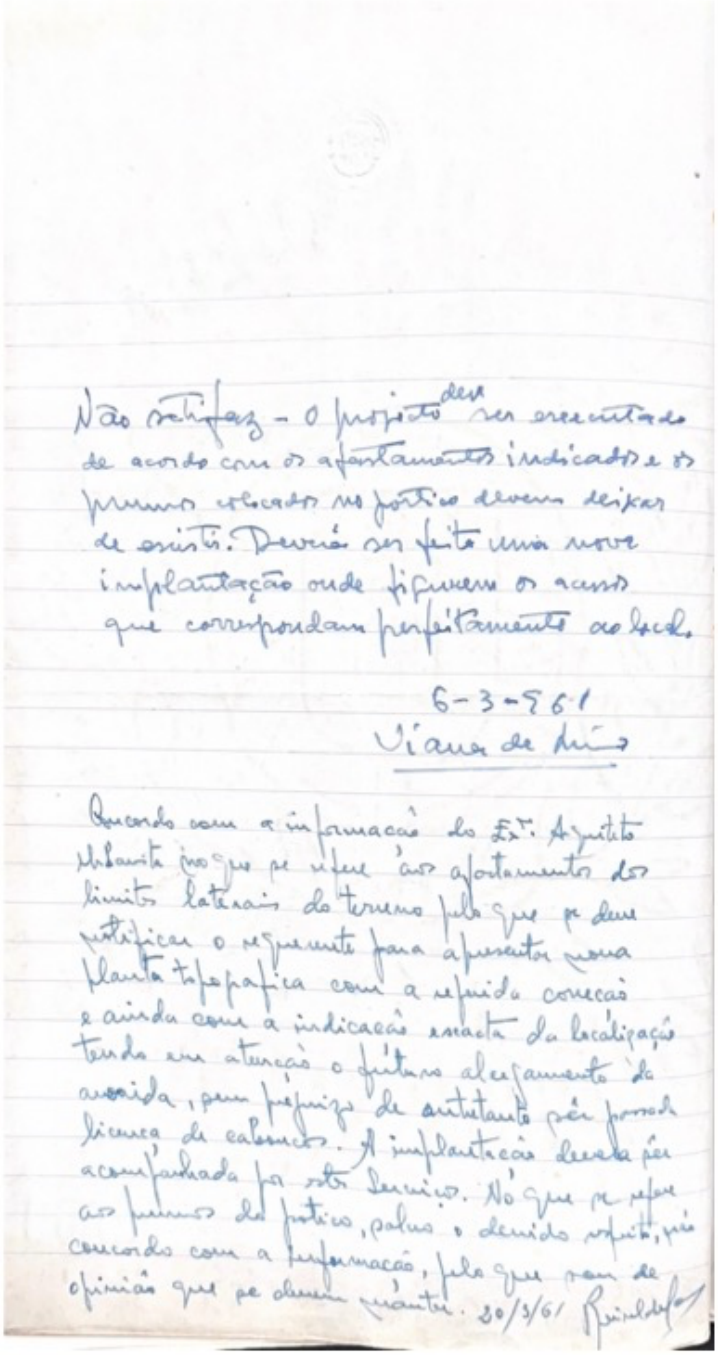
Deverá voltar à próxima sessão devidamente informado pelo Engº. Consultor Técnico para completa apreciação e resolução.

Reunião de 13/10/1964

A Câmara considerando as informações prestadas pelo arquitecto urbanista e pelo Engº. Consultor Técnico, com as quais concorda inteiramente, delibera por unanimidade, enviar o projecto ao requerente para o corrigir em conformidade. De contrário o mesmo terá de ser indeferido.

Reunião de 27/10/1964

Anexo 16 - Parecer de Viana de Lima, relativo a uma casa que não foi construída. Fonte: Processo 457/64, AME.



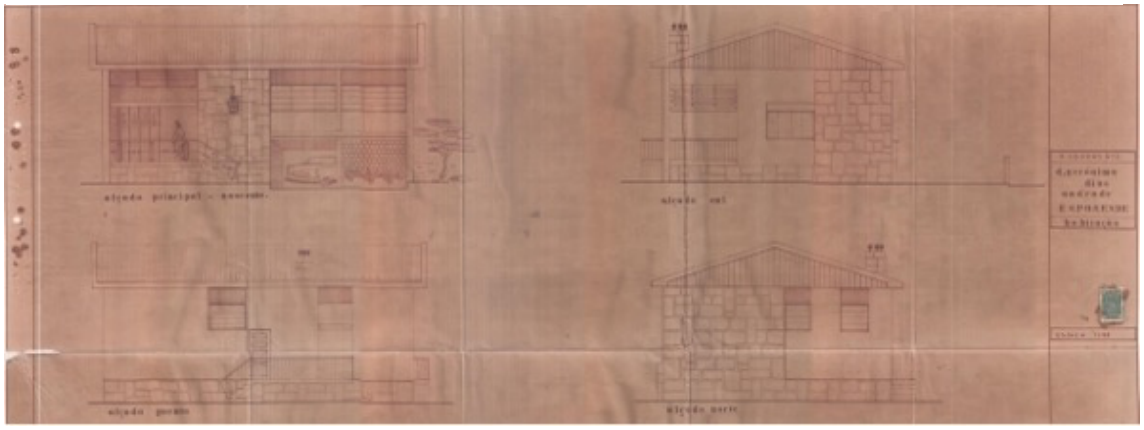
Não satisfaz - o projecto deve ser executado de acordo com os afastamentos indicados e os pruns colocados no portico devem deixar de existir. Deverá ser feita uma nova implantação onde figurem os acessos que correspondam perfeitamente ao local.

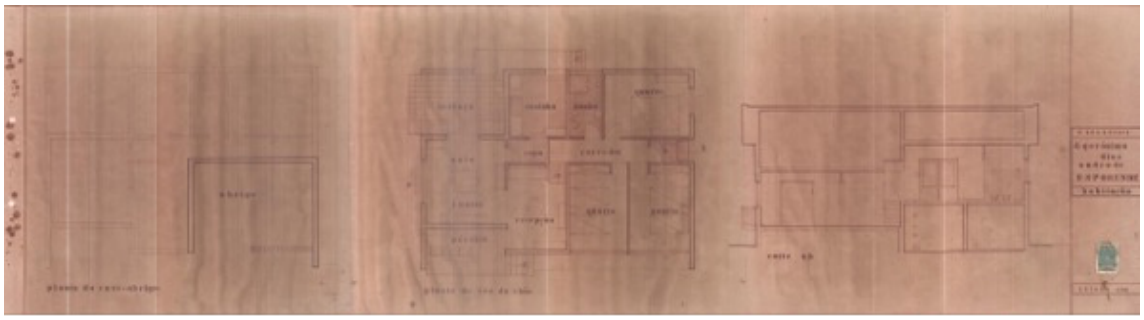
6-3-961
Viana de Lima

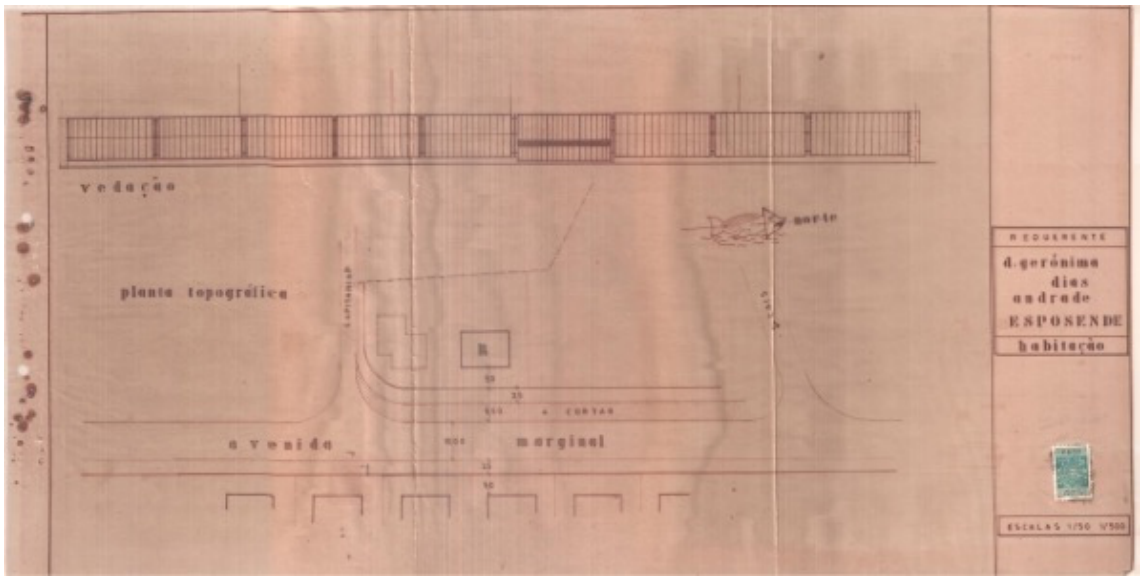
Concordo com a informação do Ex.mo Arquitecto Urbanista no que se refere aos afastamentos dos limites laterais do terreno pelo que se deve notificar o requerente para apresentar nova planta topografica com a referida correção e ainda com a indicação exacta da localização tendo em atenção o futuro alargamento da avenida, sem prejuizo de entretanto ser passada licença de cabouços. A implantação deverá ser acompanhada por estes serviços. No que se refere aos pruns do portico, salvo o devido respeito, não concordo com a informação, pelo que sou de opinião que se devem manter. 20/3/61 Reinaldo

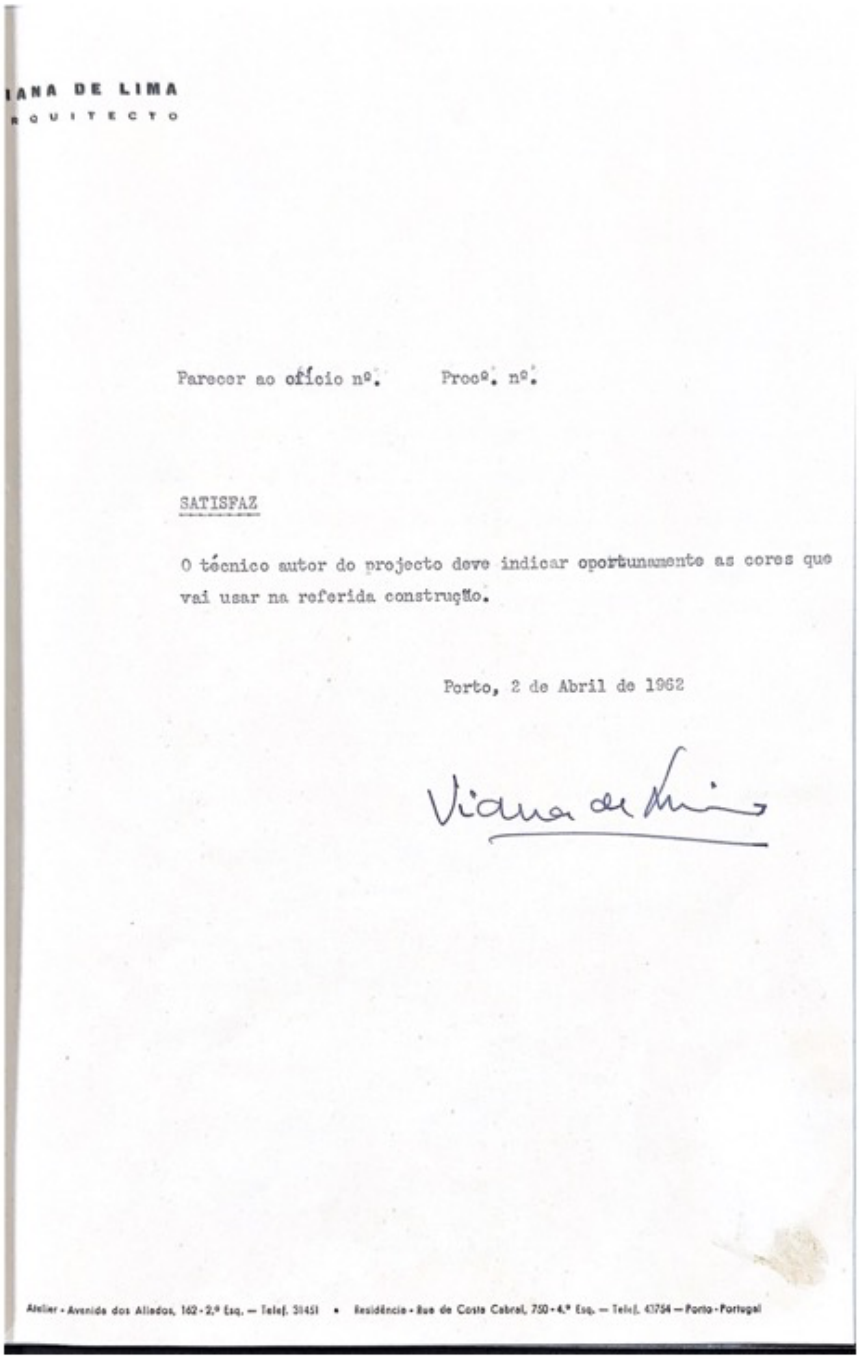
Anexo 17 - Parecer de Viana de Lima, relativo à casa construída na Av. Marginal, nº58. Fonte: Processo 93/61, AME.

Anexo 17.1 - Projeto.









IANA DE LIMA
RQUITECTO

Parecer ao ofício nº. Proc º. nº.

SATISFAZ

O técnico autor do projecto deve indicar oportunamente as cores que vai usar na referida construção.

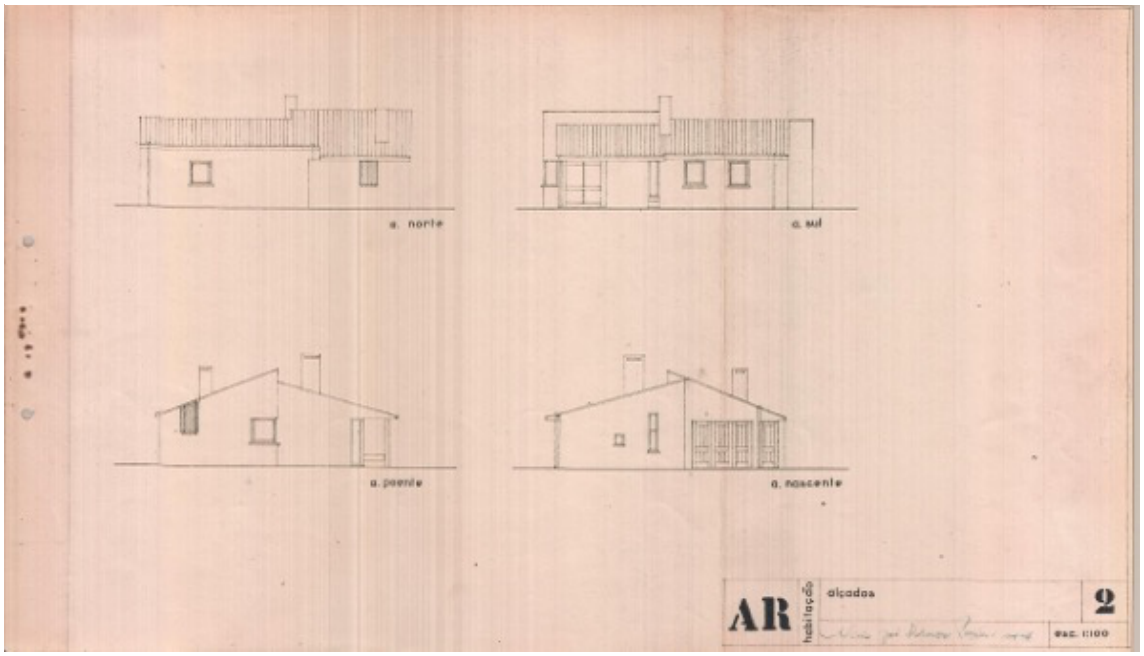
Porto, 2 de Abril de 1962

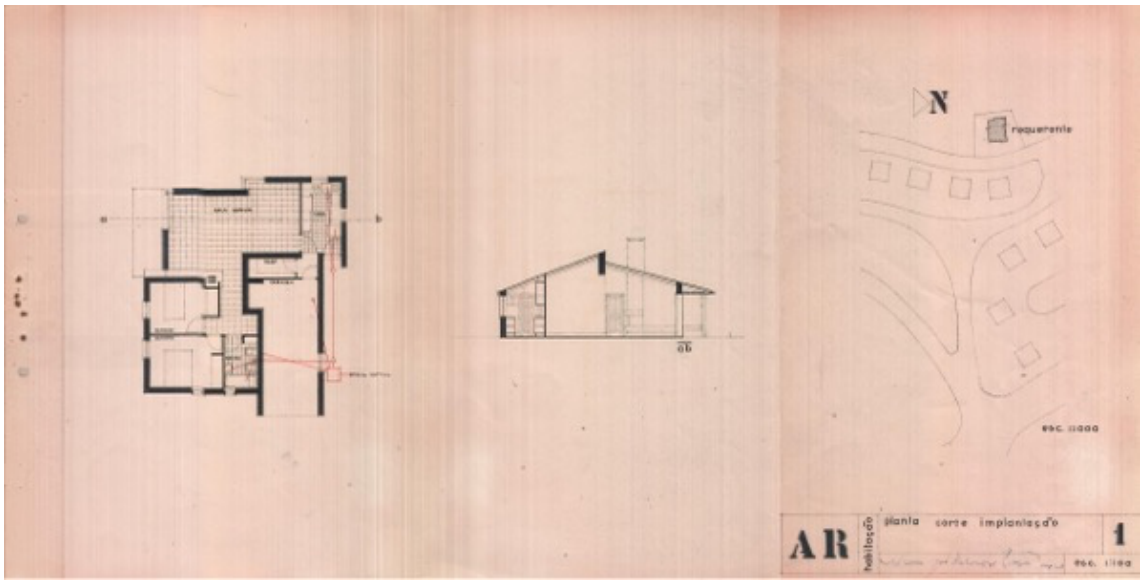
Viana de Lima

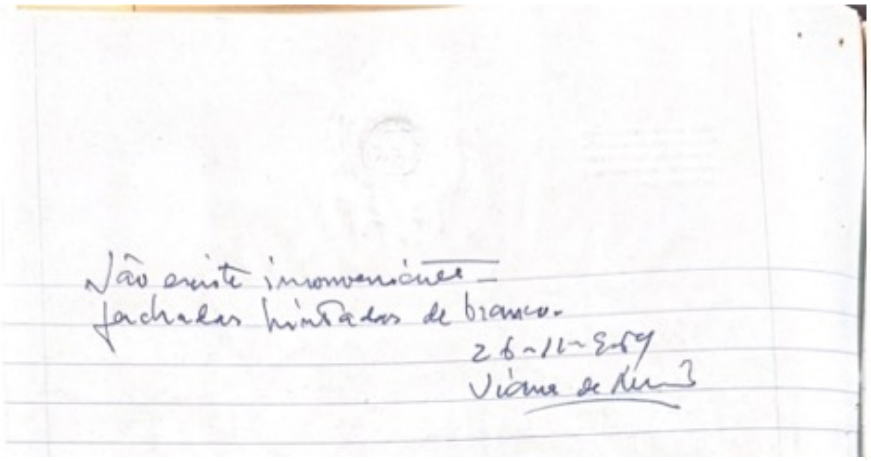
Atelier - Avenida dos Aliados, 162 - 2.º Esq. — Telef. 31451 • Residência - Rua de Costa Cabral, 750 - 4.º Esq. — Telef. 43754 — Porto - Portugal

Anexo 18 - Parecer de Viana de Lima, relativo a uma casa no lote 4 que não foi construída. Fonte: Processo 141/62, AME.

Anexo 18.1 - Projeto.

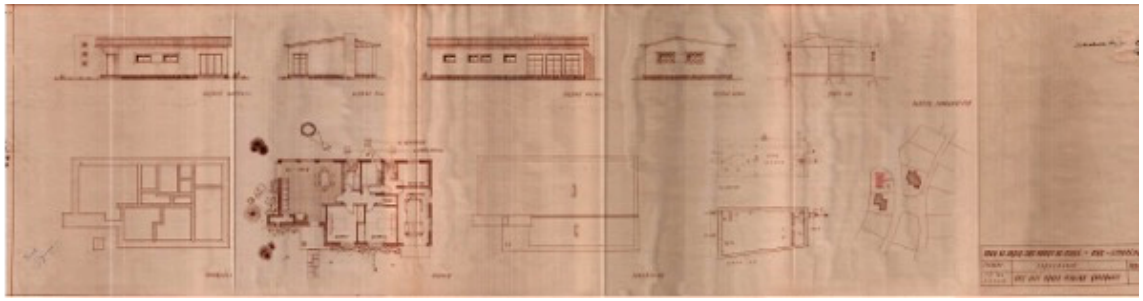


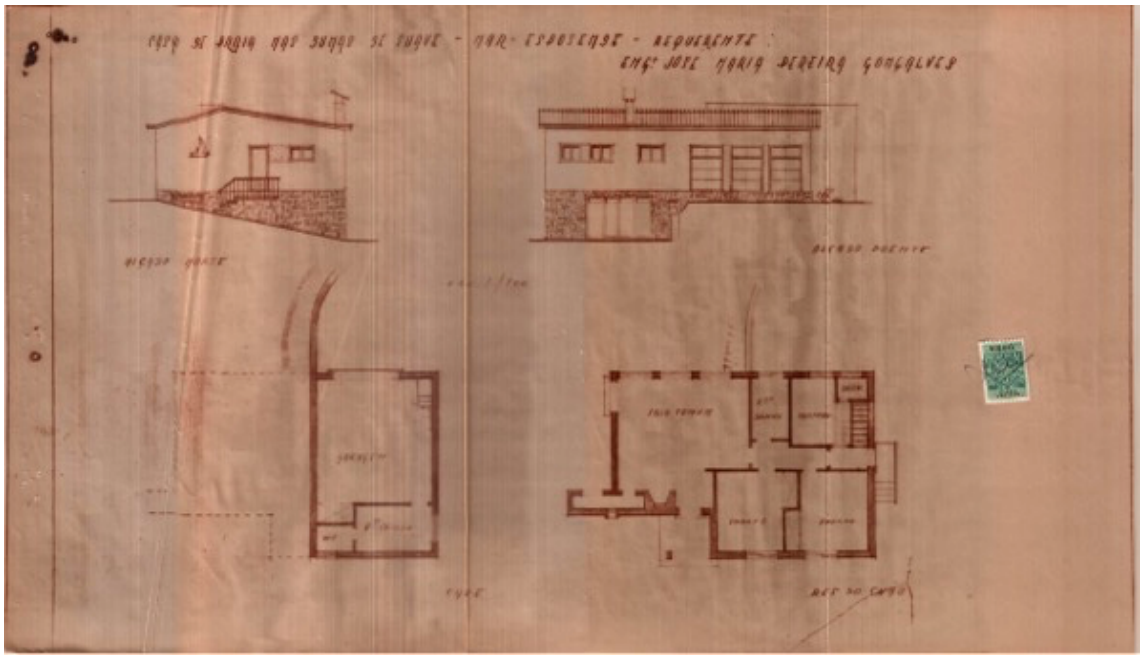


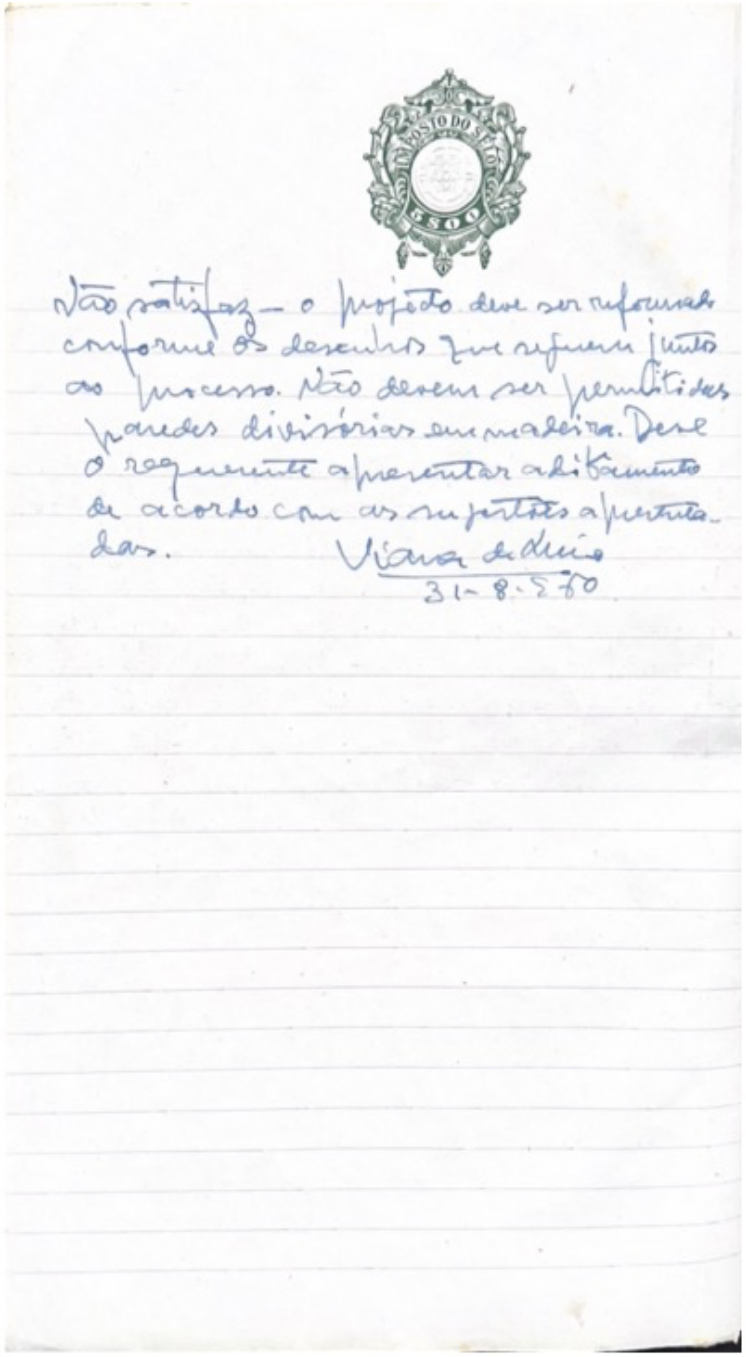


Anexo 19 - Parecer de Viana de Lima, relativo a uma casa construída no lote 6 da R. Praia Suave Mar. Fonte: Processo 506/64, AME.

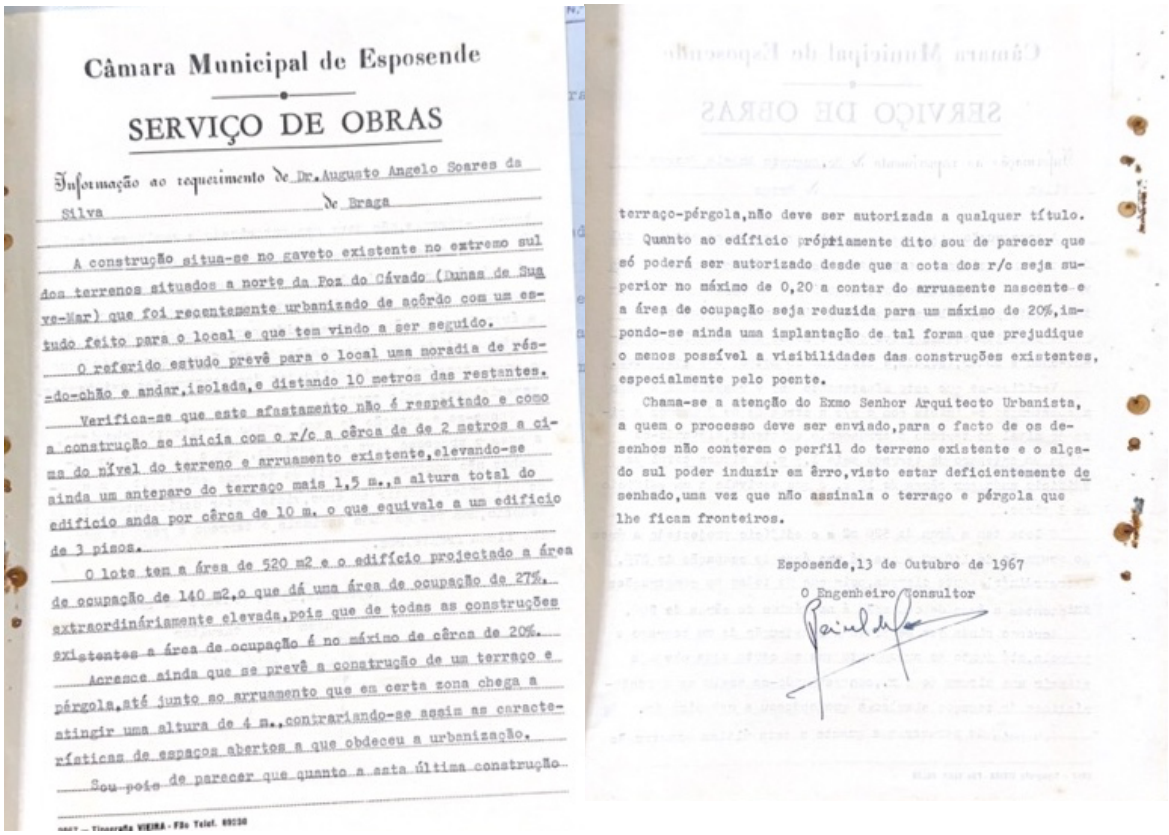
Anexo 19.1 - Projeto.






Não satisfaz – o projeto deve ser reformado conforme os desenhos que refluem junto ao processo. Não devem ser permitidas paredes divisórias em madeira. Deve o requerente apresentar arbitramento de acordo com as suas partes apresentadas.
Viana de Lima
31-8-570

Anexo 20 - Parecer de Viana de Lima, relativo a uma casa construída no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Fonte: Processo 412/60, AME. Projeto no Anexo 25 e 26.



Câmara Municipal de Esposende

SERVIÇO DE OBRAS

Informação ao requerimento de Dr. Augusto Angelo Soares da Silva de Braga

A construção situa-se no gaveto existente no extremo sul dos terrenos situados a norte da Foz do Cávado (Dunas de Sueve-Mar) que foi recentemente urbanizado de acôrdo com um estudo feito para o local e que tem vindo a ser seguido.

O referido estudo prevê para o local uma moradia de rés-do-chão e andar, isolada, e distando 10 metros das restantes.

Verifica-se que este afastamento não é respeitado e como a construção se inicia com o r/c a cêrca de de 2 metros a cima do nível do terreno e arruamento existente, elevando-se ainda um anteparo do terraço mais 1,5 m., a altura total do edifício anda por cêrca de 10 m. o que equivale a um edifício de 3 pisos.

O lote tem a área de 520 m2 e o edifício projectado a área de ocupação de 140 m2, o que dá uma área de ocupação de 27%, extraordináriamente elevada, pois que de todas as construções existentes a área de ocupação é no máximo de cêrca de 20%.

Acresce ainda que se prevê a construção de um terraço e pérgola, até junto ao arruamento que em certa zona chega a atingir uma altura de 4 m., contrariando-se assim as características de espaços abertos a que obedeceu a urbanização.

Sou pois de parecer que quanto a esta última construção terraço-pérgola, não deve ser autorizada a qualquer título.

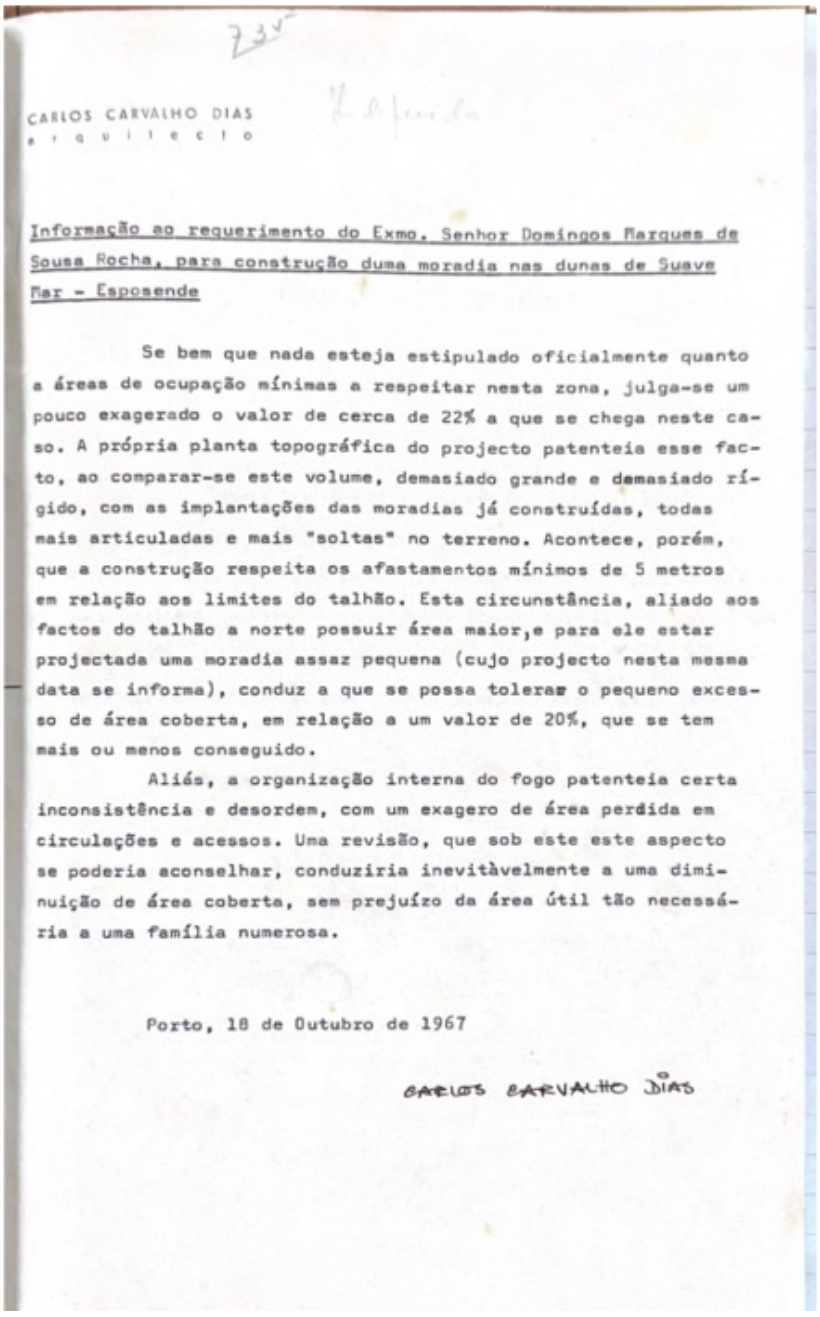
Quanto ao edifício propriamente dito sou de parecer que só poderá ser autorizado desde que a cota dos r/c seja superior no máximo de 0,20 a contar do arruamento nascente e a área de ocupação seja reduzida para um máximo de 20%, impondo-se ainda uma implantação de tal forma que prejudique o menos possível a visibilidades das construções existentes, especialmente pelo poente.

Chama-se a atenção do Exmo Senhor Arquitecto Urbanista, a quem o processo deve ser enviado, para o facto de os desenhos não conterem o perfil do terreno existente e o alçado sul poder induzir em êrro, visto estar deficientemente desenhado, uma vez que não assinala o terraço e pérgola que lhe ficam fronteiros.

Esposende, 13 de Outubro de 1967

O Engenheiro Consultor

Anexo 21 - Informação ao requerimento relativo a um projeto não construído. Fonte: Processo 734/67, AME.



734

CARLOS CARVALHO DIAS
a r q u i t e c t o

Informação ao requerimento do Exmo. Senhor Domingos Marques de Sousa Rocha, para construção duma moradia nas dunas de Suave Mar - Esposende

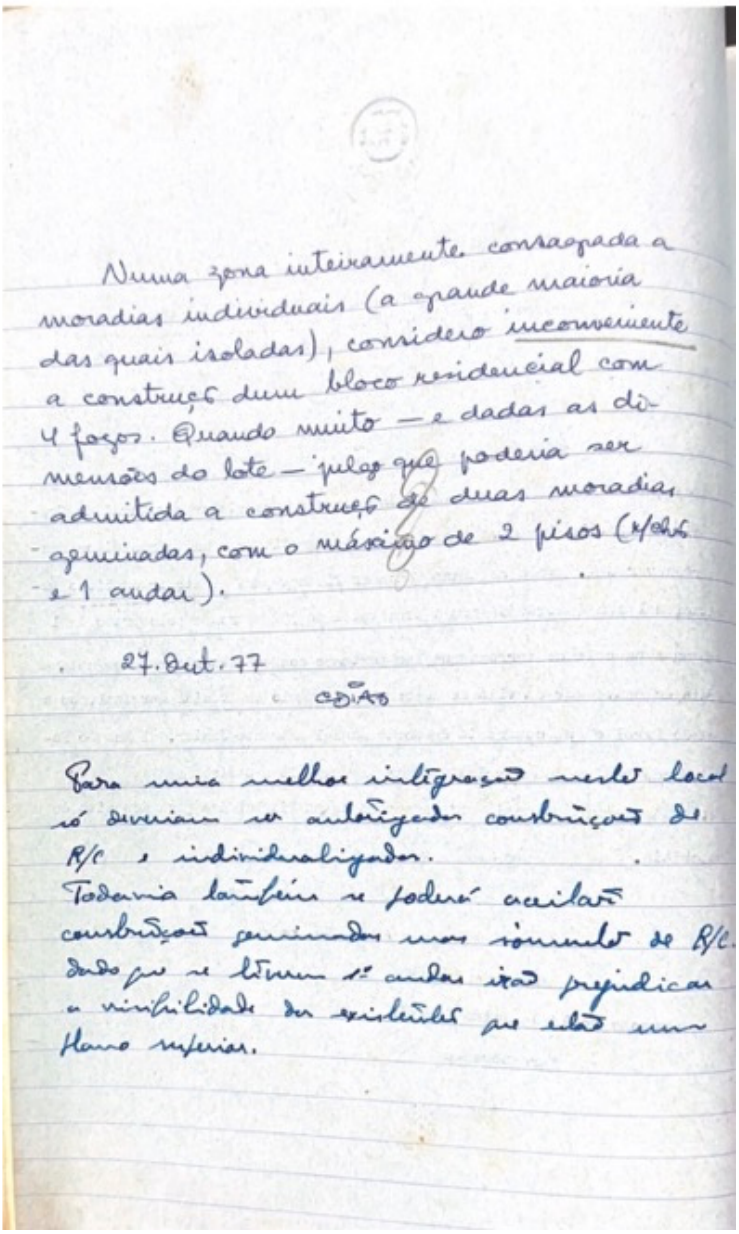
Se bem que nada esteja estipulado oficialmente quanto a áreas de ocupação mínimas a respeitar nesta zona, julga-se um pouco exagerado o valor de cerca de 22% a que se chega neste caso. A própria planta topográfica do projecto patenteia esse facto, ao comparar-se este volume, demasiado grande e demasiado rígido, com as implantações das moradias já construídas, todas mais articuladas e mais "soltas" no terreno. Acontece, porém, que a construção respeita os afastamentos mínimos de 5 metros em relação aos limites do talhão. Esta circunstância, aliado aos factos do talhão a norte possuir área maior,e para ele estar projectada uma moradia assaz pequena (cujo projecto nesta mesma data se informa), conduz a que se possa tolerar o pequeno excesso de área coberta, em relação a um valor de 20%, que se tem mais ou menos conseguido.

Aliás, a organização interna do fogo patenteia certa inconsistência e desordem, com um exagero de área perdida em circulações e acessos. Uma revisão, que sob este este aspecto se poderia aconselhar, conduziria inevitàvelmente a uma diminuição de área coberta, sem prejuízo da área útil tão necessária a uma família numerosa.

Porto, 18 de Outubro de 1967

CARLOS CARVALHO DIAS

Anexo 22 - Parecer de Carlos Carvalho Dias, relativo a um projeto para o lote 12 da R. Praia Suave Mar. Fonte: Processo 835/67, AME.



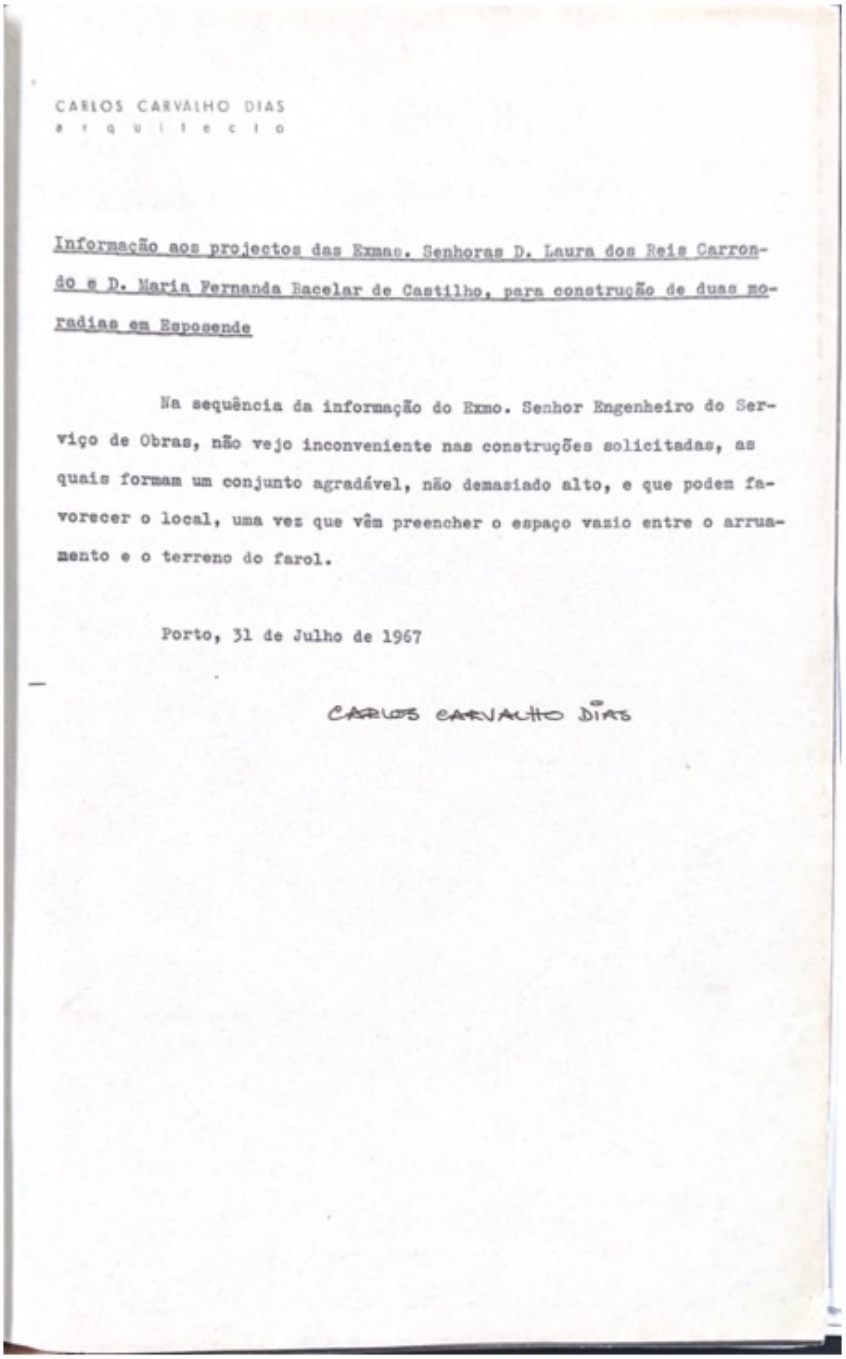
Numa zona inteiramente consagrada a moradias individuais (a grande maioria das quais isoladas), considero inconveniente a construção dum bloco residencial com 4 fogos. Quando muito — e dadas as dimensões do lote — julgo que poderia ser admitida a construção de duas moradias geminadas, com o máximo de 2 pisos (r/chão e 1 andar).

27.Out.77

CDIAS

Para uma melhor integração neste local só deveriam ser autorizadas construções de R/C e individualizadas.
Todavia também se poderá aceitar construções geminadas mas somente de R/C. dado que se tiverem 1º andar irão prejudicar a visibilidade dos existentes que estão num plano superior.

Anexo 23 - Parecer de Carlos Carvalho Dias, relativo a um projeto para o lote junto à Av. de Banhos. Fonte: Processo 530/77, AME.



CARLOS CARVALHO DIAS
a r q u i t e c t o

Informação aos projectos das Exmas. Senhoras D. Laura dos Reis Carrondo e D. Maria Fernanda Bacelar de Castilho, para construção de duas moradias em Esposende

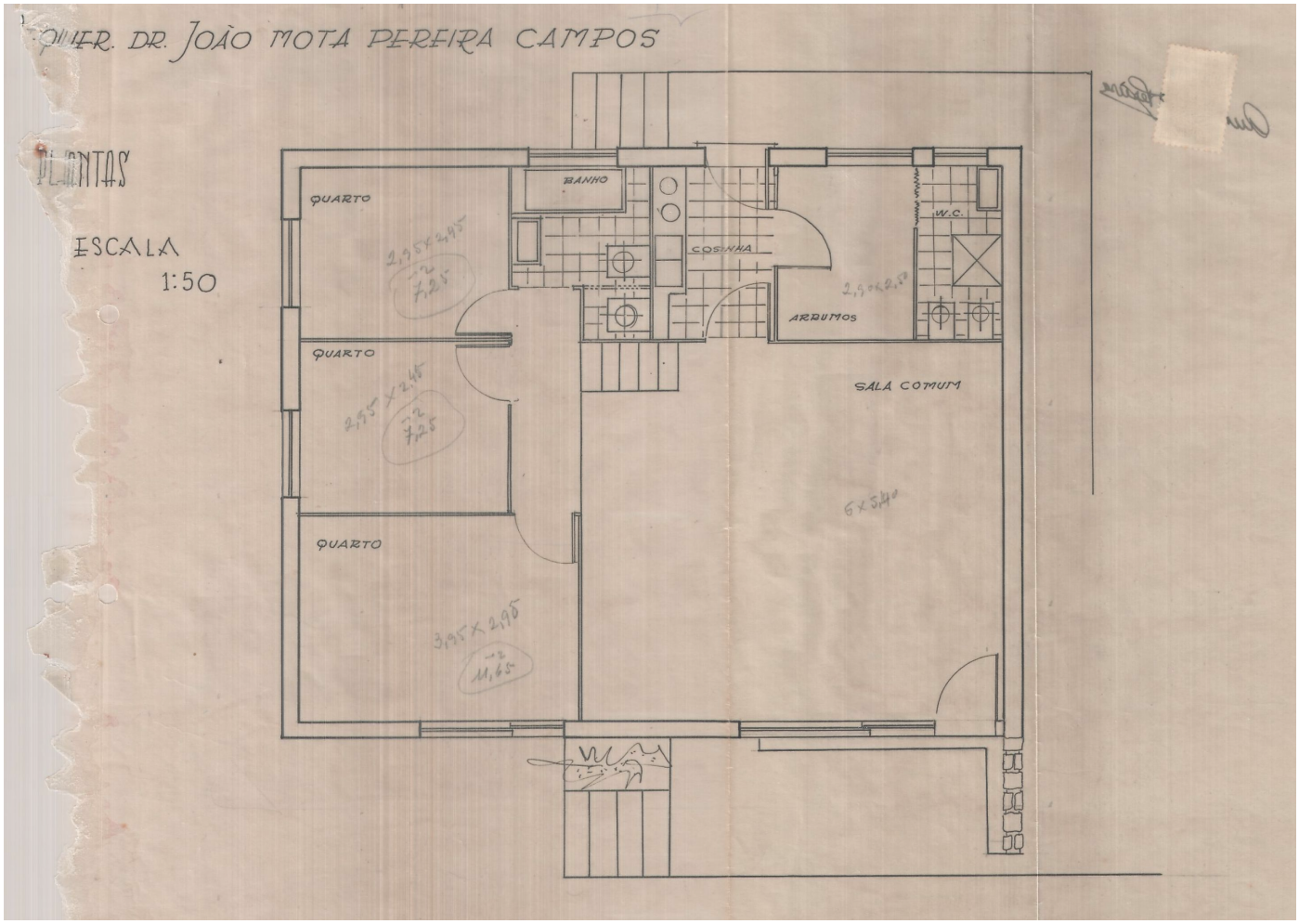
Na sequência da informação do Exmo. Senhor Engenheiro do Serviço de Obras, não vejo inconveniente nas construções solicitadas, as quais formam um conjunto agradável, não demasiado alto, e que podem favorecer o local, uma vez que vêm preencher o espaço vazio entre o arruamento e o terreno do farol.

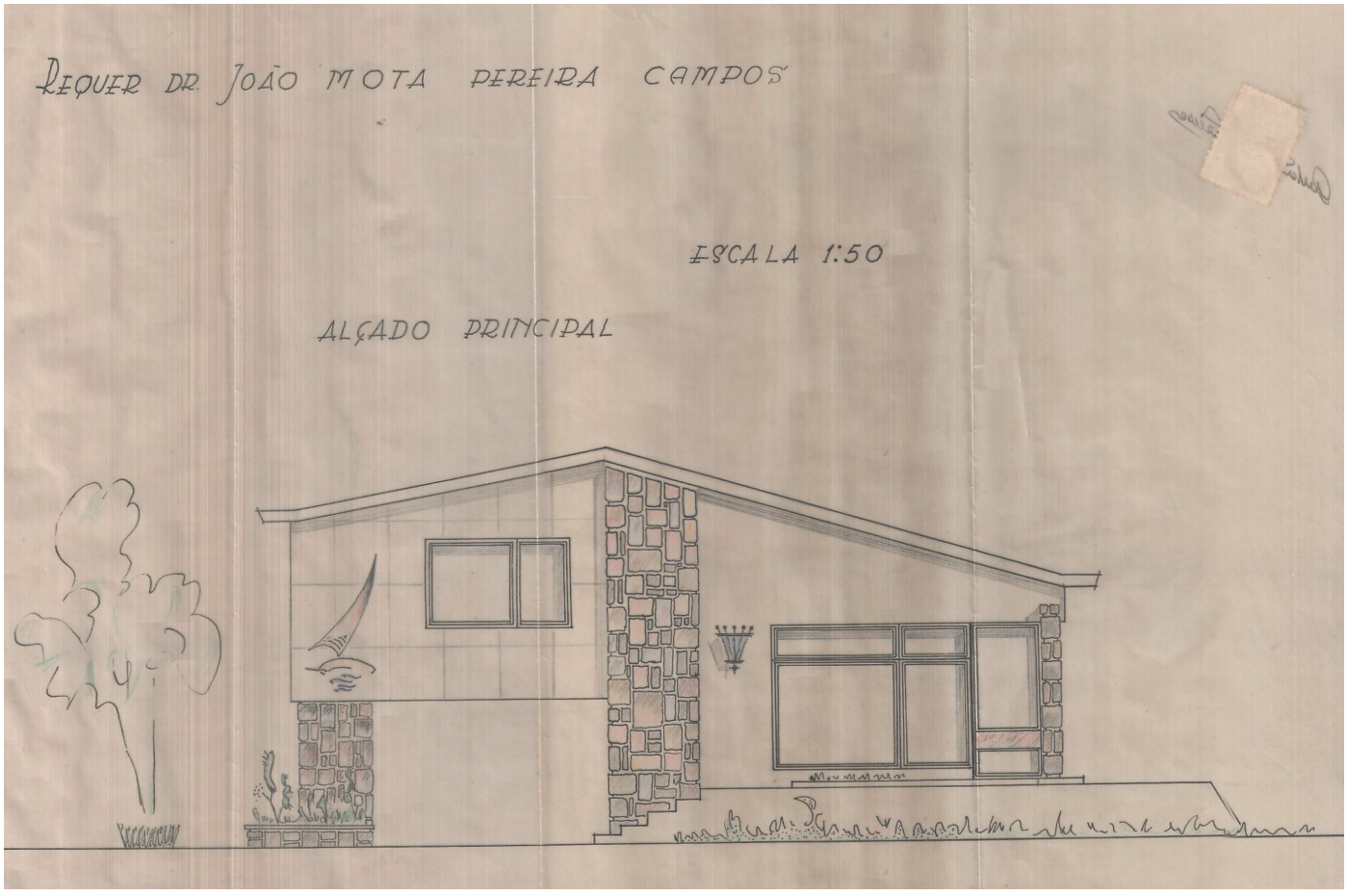
Porto, 31 de Julho de 1967

CARLOS CARVALHO DIAS

Anexo 24 - Parecer de Carlos Carvalho Dias, relativo às casas a construir nos lotes da R. do Farol. Fonte: Processo 542/67, AME.

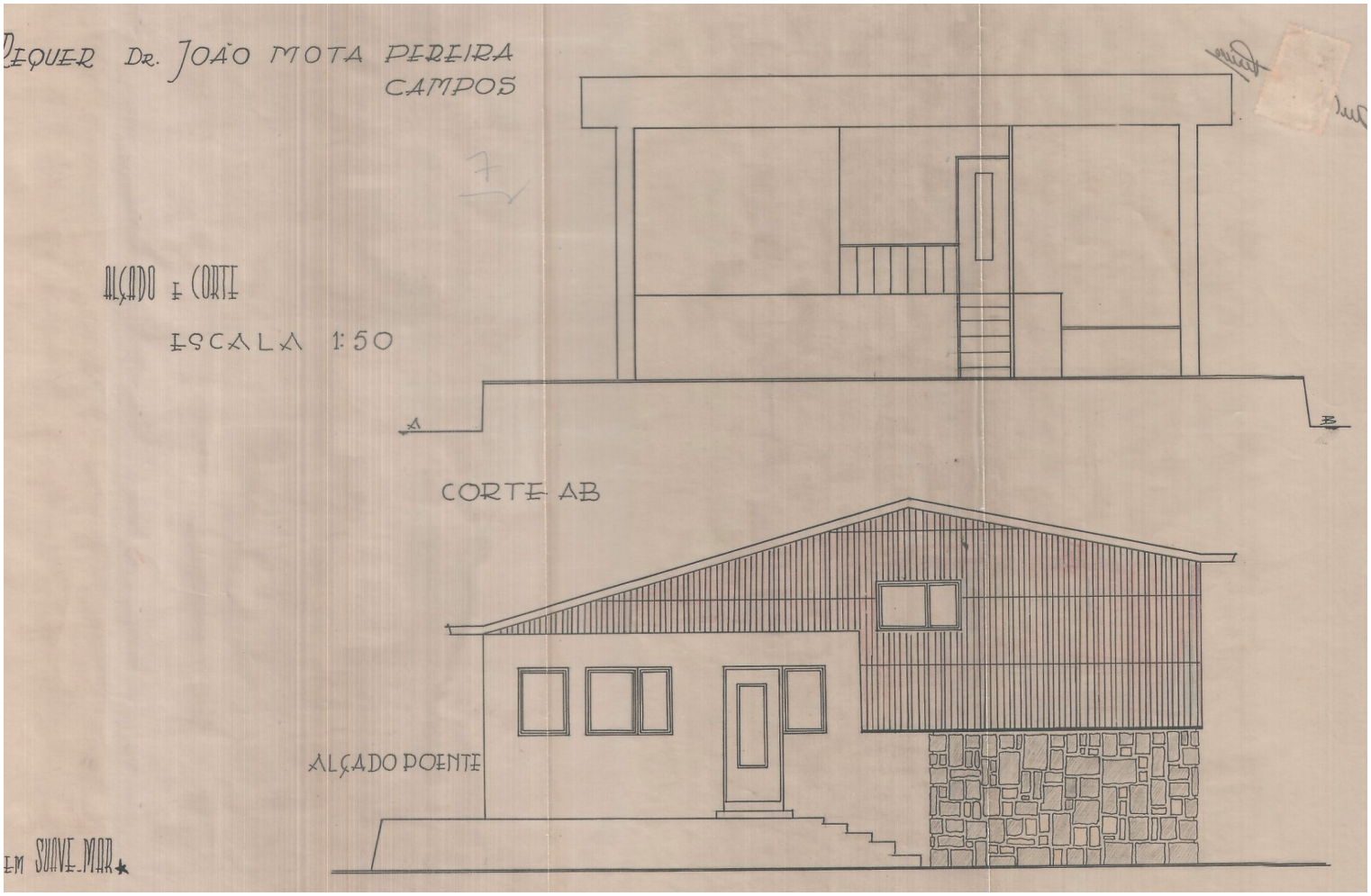
Anexo 25 - Projeto para casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Planta e alçado principal. Fonte: Processo 412/60, AME.

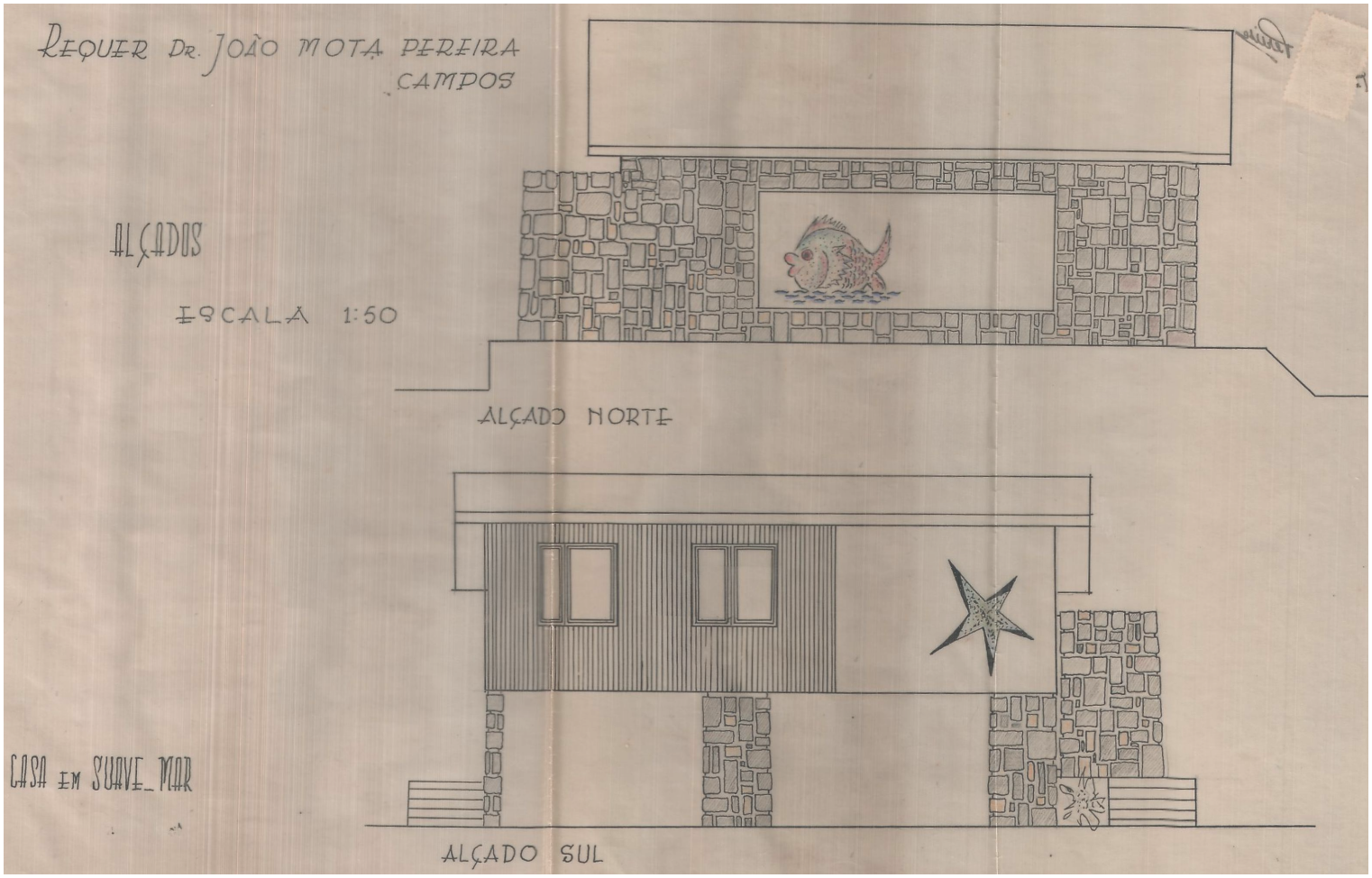




0m 5m 10m

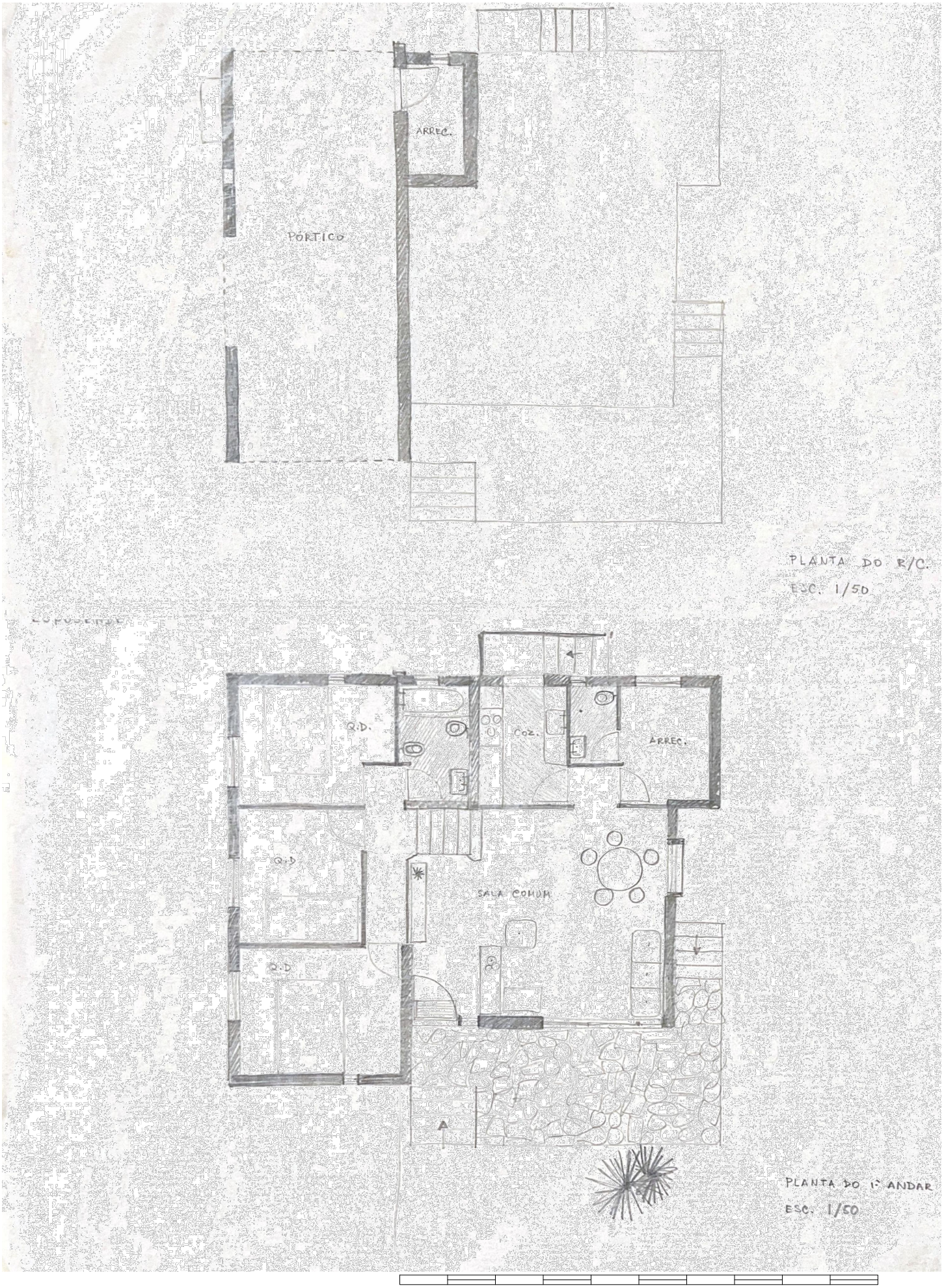
Anexo 26 - Projeto para casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar, António Sá Pereira, 1960. Alçados e corte. Fonte: Processo 412/60, AME.



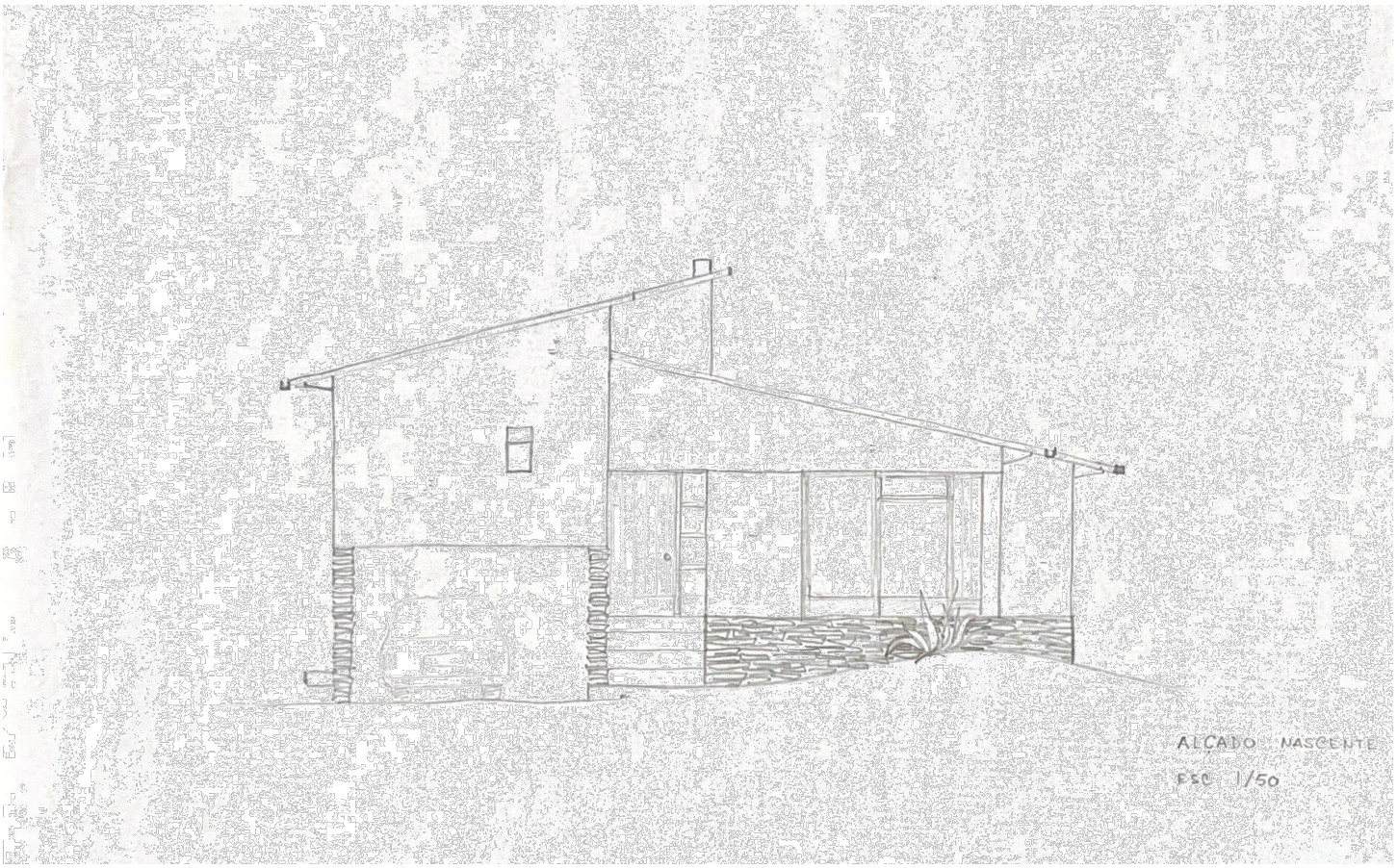


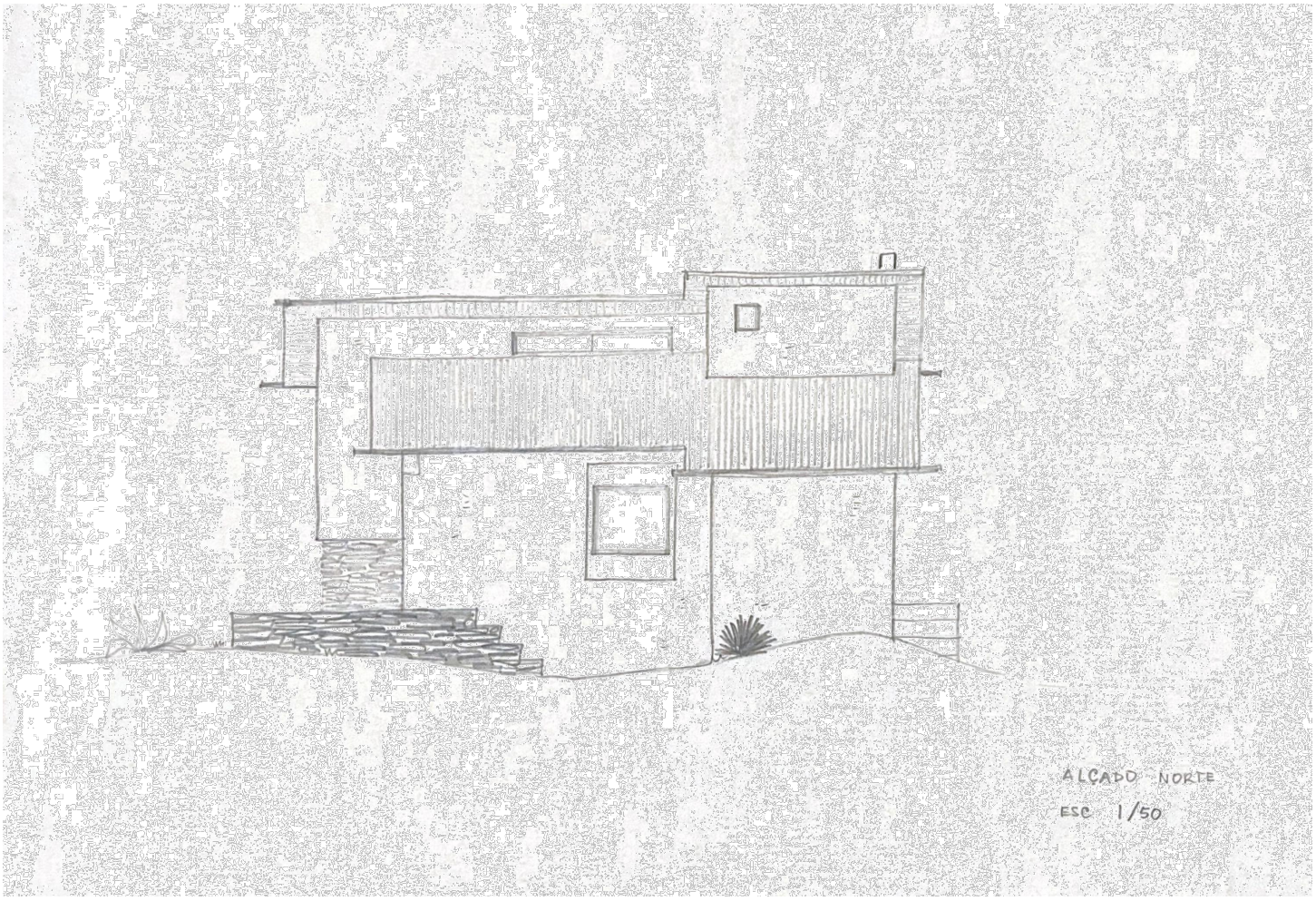
0m 5m 10m

Anexo 27 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Plantas. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.



Anexo 28 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Alçados Nascente e Norte. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

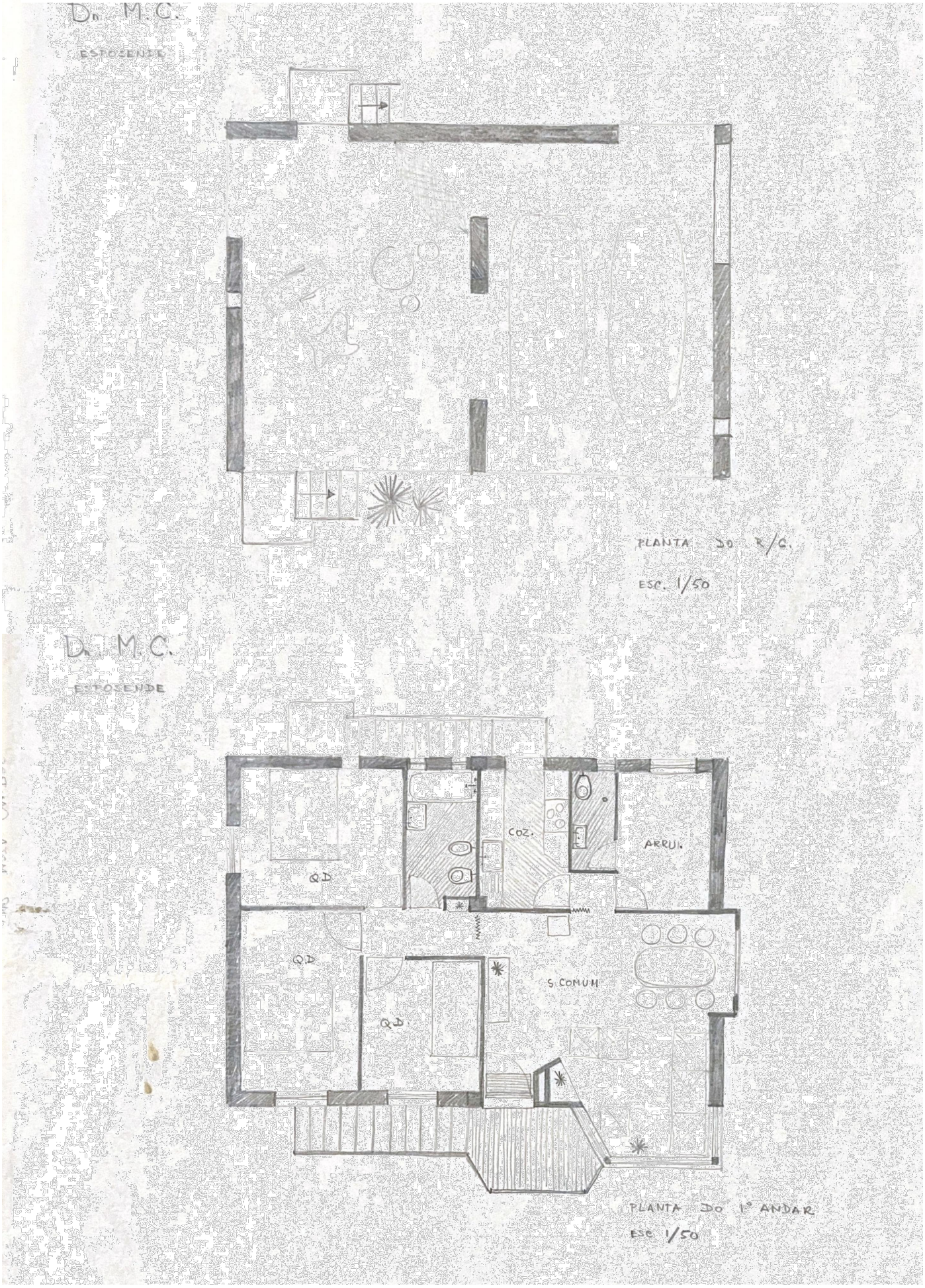




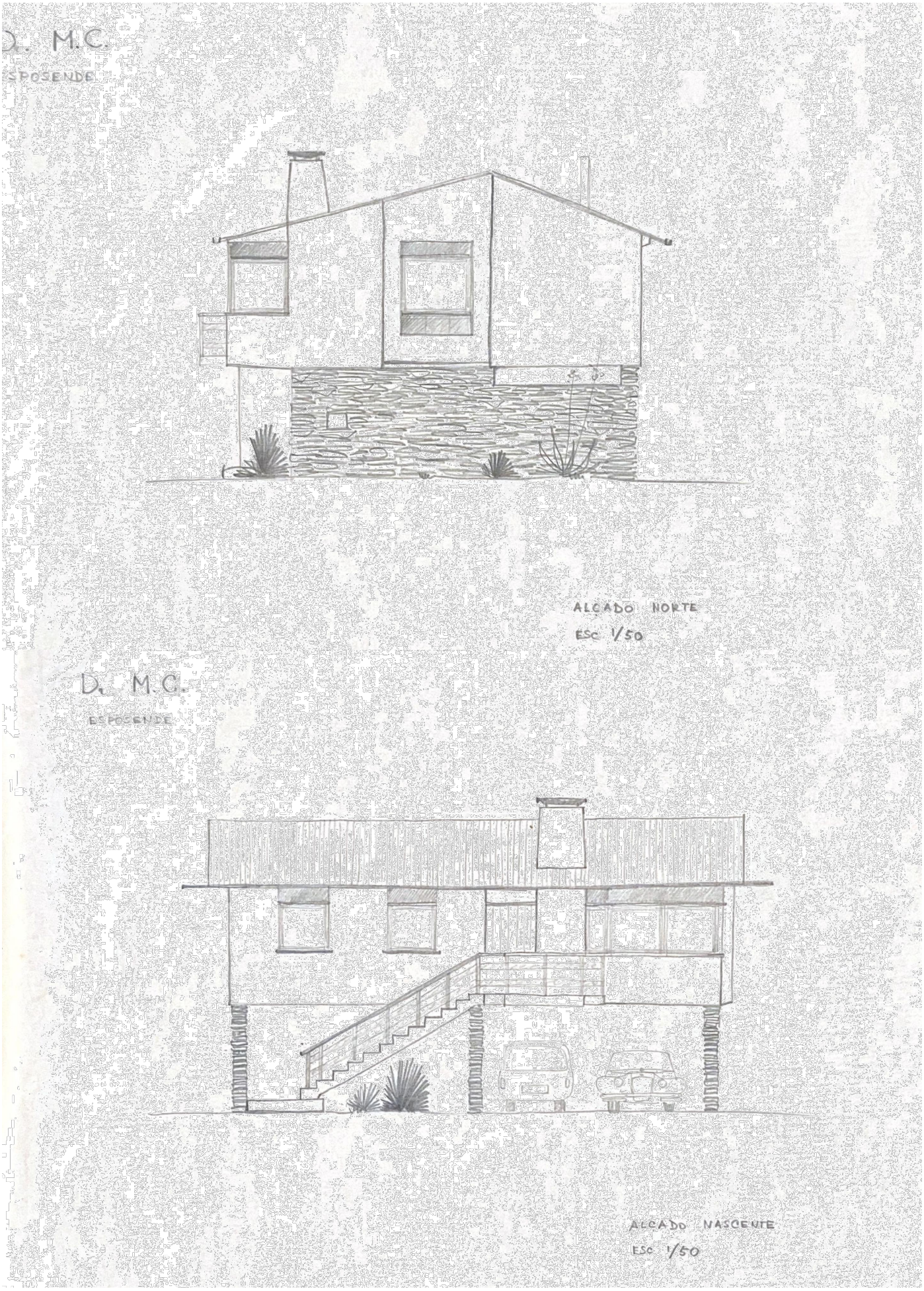
0m 5m 10m

Anexo 29 - Correção de Viana de Lima. Primeira proposta, referente à casa no lote 22 da R. Praia Suave Mar. Alçados Poente e Sul. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

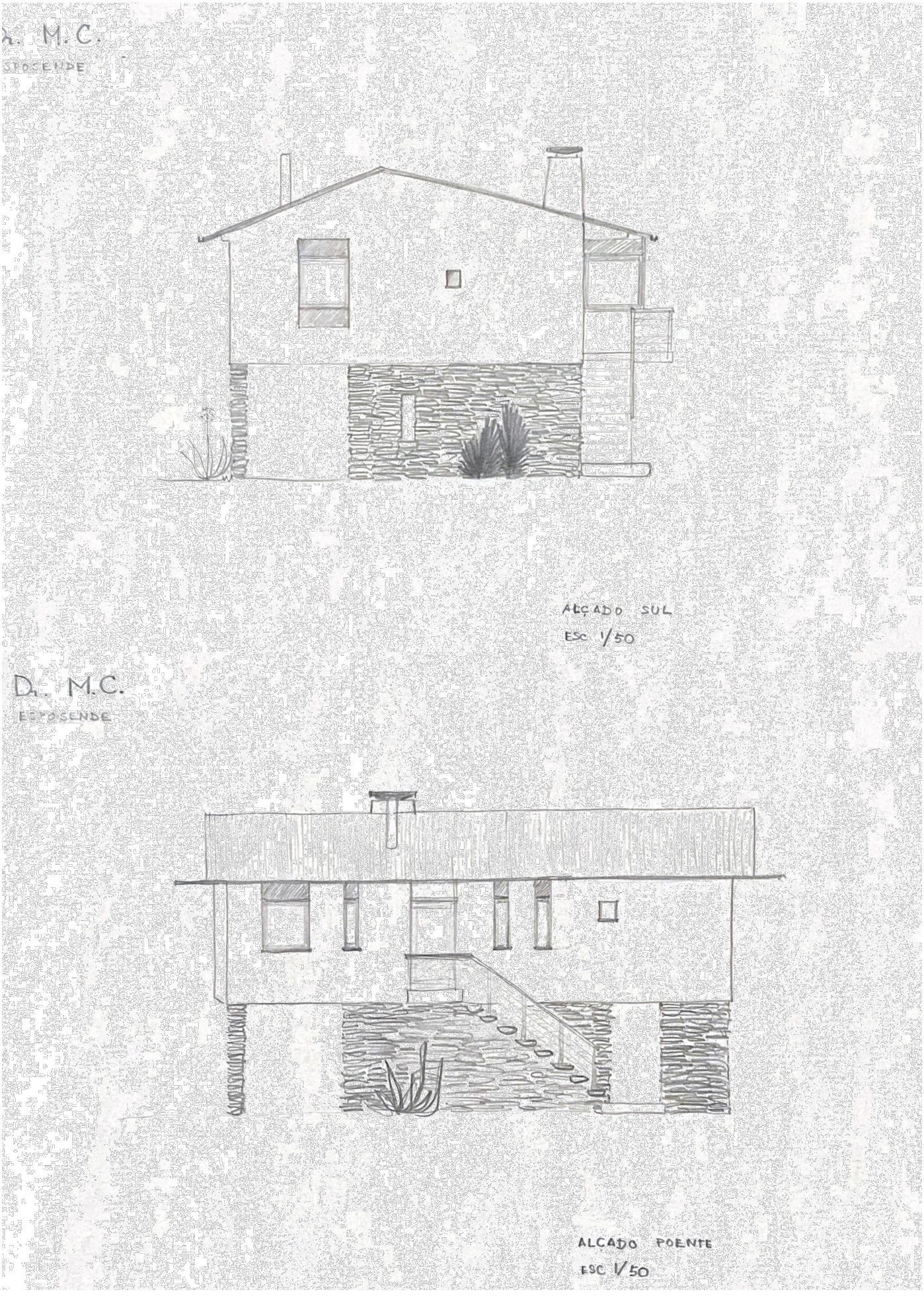
Anexo 30 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Plantas. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.

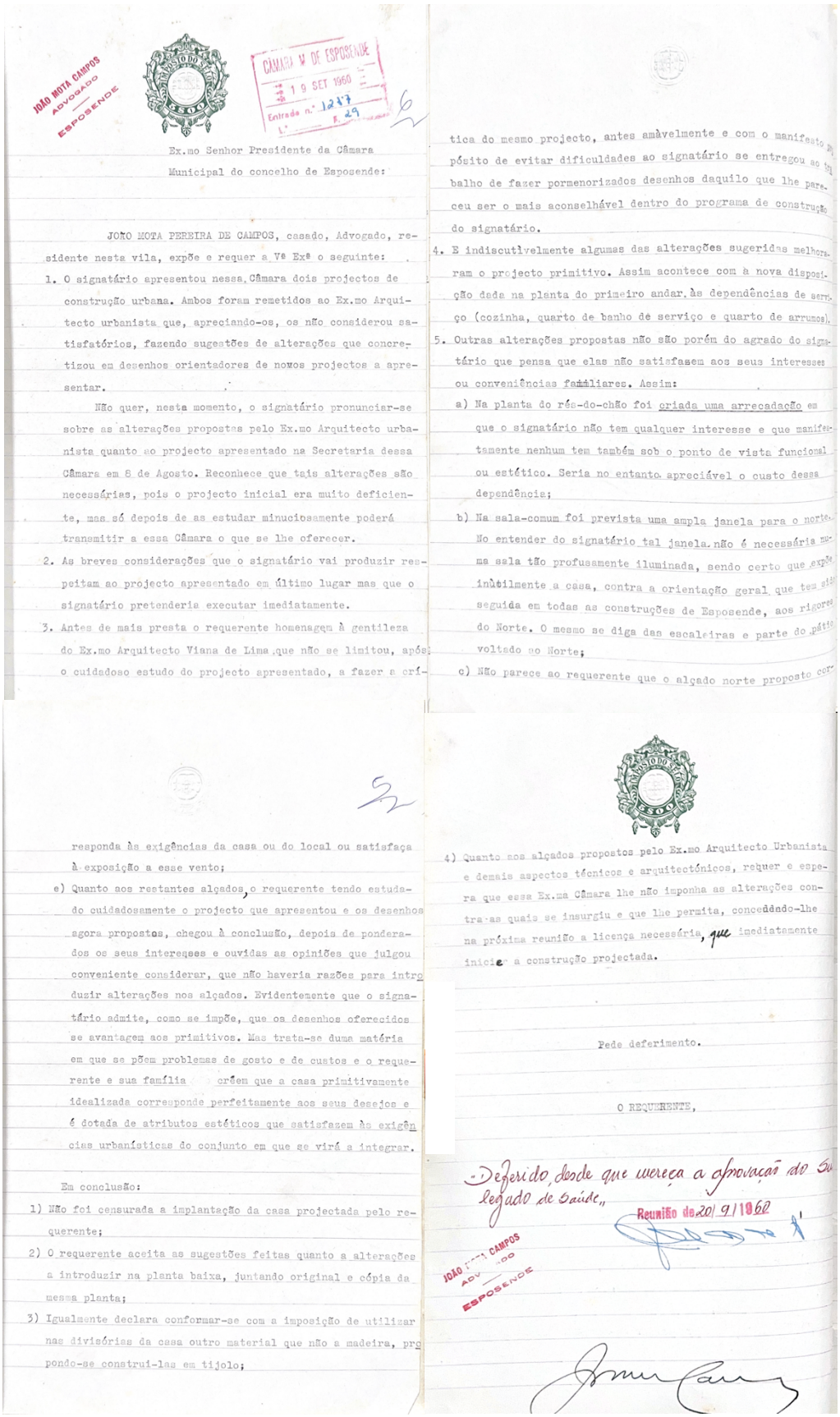


Anexo 31 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Alçados Norte e Nascente. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.



Anexo 32 - Correção de Viana de Lima. Segunda proposta, referente à casa no lote 19 da R. Praia Suave Mar. Alçados Sul e Poente. Fonte: FAUP/CDUA/VL/ARQ/086.





JOÃO MOTA CAMPOS
ADVOGADO
ESPOSENDE

CÂMARA M. DE ESPOSENDE
19 SET 1960
Entrada n.º 1247
L.º F. 29

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara
Municipal do concelho de Esposende:

JOÃO MOTA PEREIRA DE CAMPOS, casado, Advogado, residente nesta vila, expõe e requer a Vª Exª o seguinte:

1. O signatário apresentou nessa Câmara dois projectos de construção urbana. Ambos foram remetidos ao Ex.mo Arquitecto urbanista que, apreciando-os, os não considerou satisfatórios, fazendo sugestões de alterações que concretizou em desenhos orientadores de novos projectos a apresentar.

Não quer, nesta momento, o signatário pronunciar-se sobre as alterações propostas pelo Ex.mo Arquitecto urbanista quanto ao projecto apresentado na Secretaria dessa Câmara em 8 de Agosto. Reconhece que tais alterações são necessárias, pois o projecto inicial era muito deficiente, mas só depois de as estudar minuciosamente poderá transmitir a essa Câmara o que se lhe oferecer.

2. As breves considerações que o signatário vai produzir respeitam ao projecto apresentado em último lugar mas que o signatário pretenderia executar imediatamente.

3. Antes de mais presta o requerente homenagem à gentileza do Ex.mo Arquitecto Viana de Lima que não se limitou, após o cuidadoso estudo do projecto apresentado, a fazer a crítica do mesmo projecto, antes amàvelmente e com o manifesto propósito de evitar dificuldades ao signatário se entregou ao trabalho de fazer pormenorizados desenhos daquilo que lhe pareceu ser o mais aconselhável dentro do programa de construção do signatário.

4. E indiscutìvelmente algumas das alterações sugeridas melhoraram o projecto primitivo. Assim acontece com à nova disposição dada na planta do primeiro andar, às dependências de serviço (cozinha, quarto de banho de serviço e quarto de arrumos).

5. Outras alterações propostas não são porém do agrado do signatário que pensa que elas não satisfazem aos seus interesses ou conveniências familiares. Assim:

a) Na planta do rés-do-chão foi criada uma arrecadação em que o signatário não tem qualquer interesse e que manifestamente nenhum tem também sob o ponto de vista funcional ou estético. Seria no entanto apreciável o custo dessa dependência;

b) Na sala-comum foi prevista uma ampla janela para o norte. No entender do signatário tal janela não é necessária numa sala tão profusamente iluminada, sendo certo que expõe inùtilmente a casa, contra a orientação geral que tem sido seguida em todas as construções de Esposende, aos rigores do Norte. O mesmo se diga das escaleiras e parte do pátio voltado ao Norte;

c) Não parece ao requerente que o alçado norte proposto corresponda às exigências da casa ou do local ou satisfaça à exposição a esse vento;

e) Quanto aos restantes alçados, o requerente tendo estudado cuidadosamente o projecto que apresentou e os desenhos agora propostos, chegou à conclusão, depois de ponderados os seus interesses e ouvidas as opiniões que julgou conveniente considerar, que não haveria razões para introduzir alterações nos alçados. Evidentemente que o signatário admite, como se impõe, que os desenhos oferecidos se avantagem aos primitivos. Mas trata-se duma matéria em que se põem problemas de gosto e de custos e o requerente e sua família crêem que a casa primitivamente idealizada corresponde perfeitamente aos seus desejos e é dotada de atributos estéticos que satisfazem às exigências urbanísticas do conjunto em que se virá a integrar.

Em conclusão:

1) Não foi censurada a implantação da casa projectada pelo requerente;

2) O requerente aceita as sugestões feitas quanto a alterações a introduzir na planta baixa, juntando original e cópia da mesma planta;

3) Igualmente declara conformar-se com a imposição de utilizar nas divisórias da casa outro material que não a madeira, propondo-se construí-las em tijolo;

4) Quanto aos alçados propostos pelo Ex.mo Arquitecto Urbanista e demais aspectos técnicos e arquitectónicos, requer e espera que essa Ex.ma Câmara lhe não imponha as alterações contra as quais se insurgiu e que lhe permita, concedendo-lhe na próxima reunião a licença necessária, que imediatamente inicie a construção projectada.

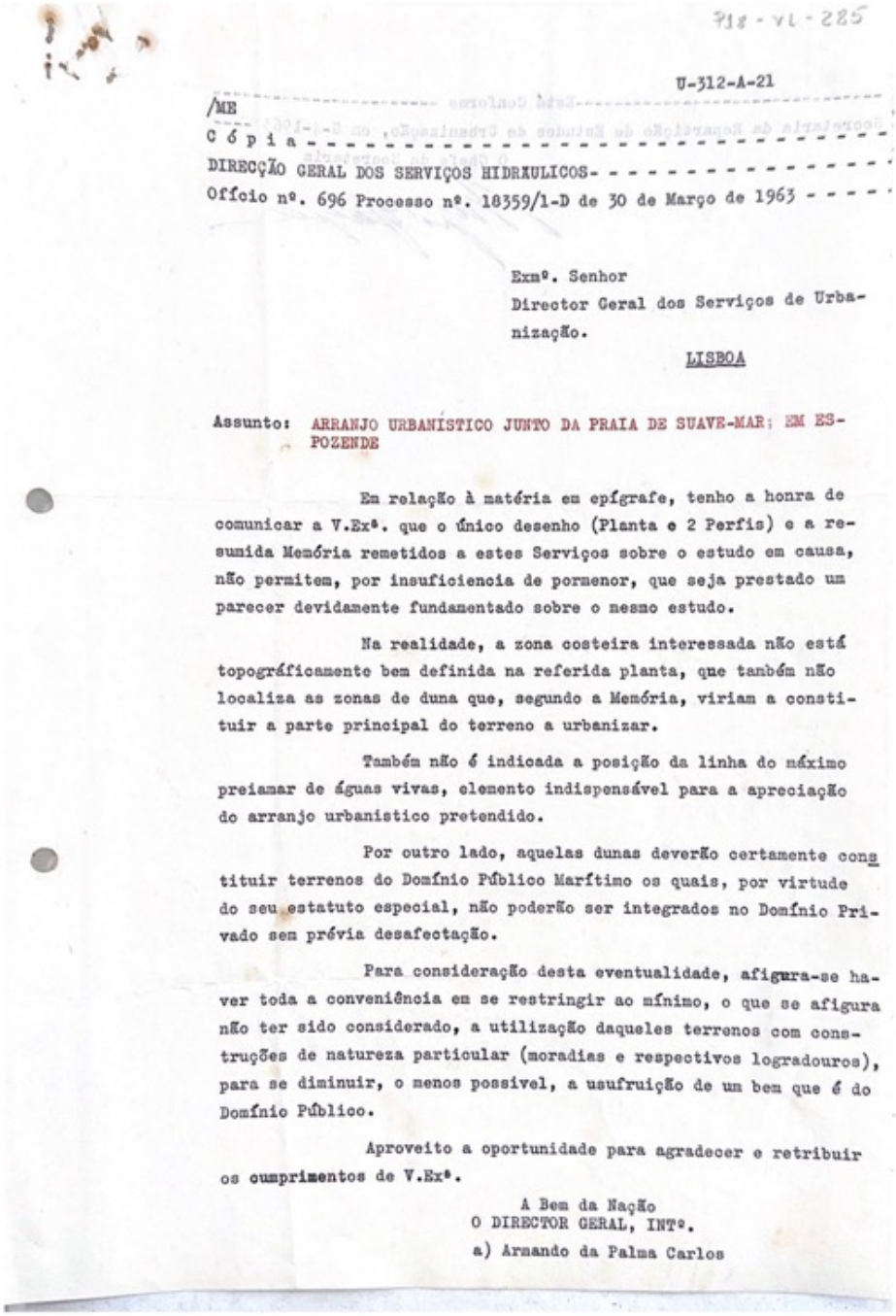
Pede deferimento.

O REQUERENTE,

"Deferido desde que mereça a aprovação do Serviço de Saúde"
Reunião de 20/9/1960

JOÃO MOTA CAMPOS
ADVOGADO
ESPOSENDE

Anexo 33 - Resposta do requerente no Processo 412/60. AME.



P18 - VL - 285

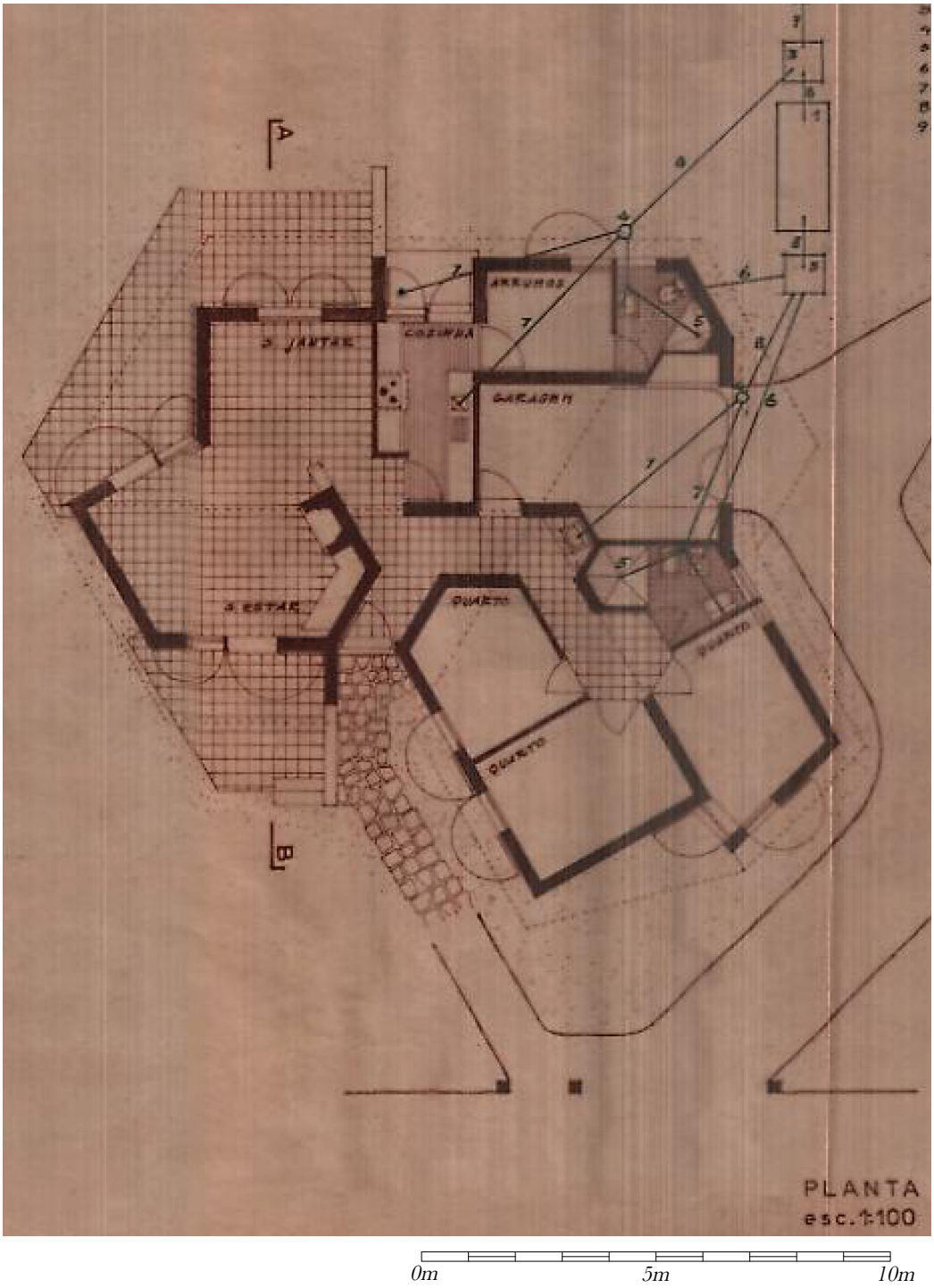
U-312-A-21

/ME

Cópia - - -

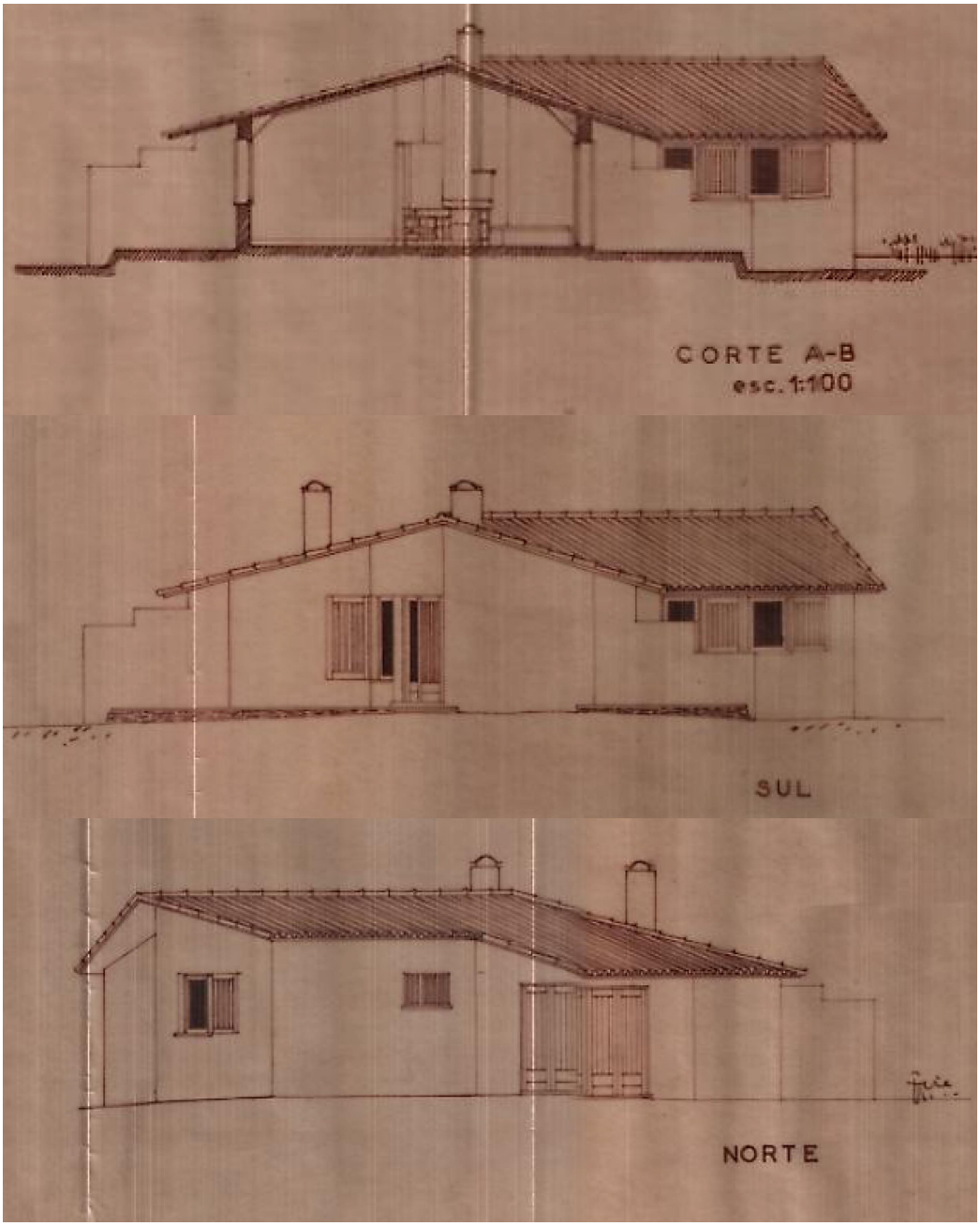
Anexo 35 - Projeto para casa no lote 3 da R. Praia Suave Mar, Alcino Soutinho, 1965.

Anexo 35.1 - Planta. Fonte: Processo 236/65, AME.



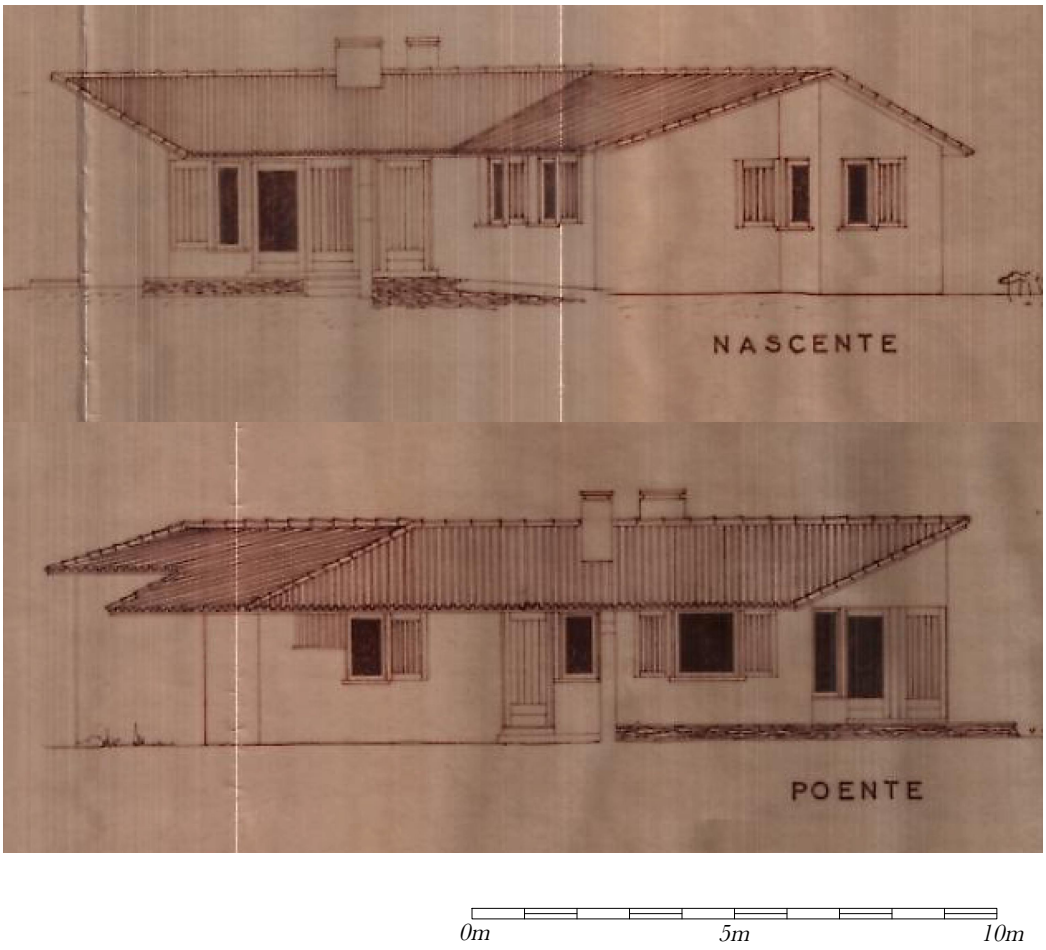
Anexo 35 - Projeto para casa no lote 3 da R. Praia Suave Mar, Alcino Soutinho, 1965.

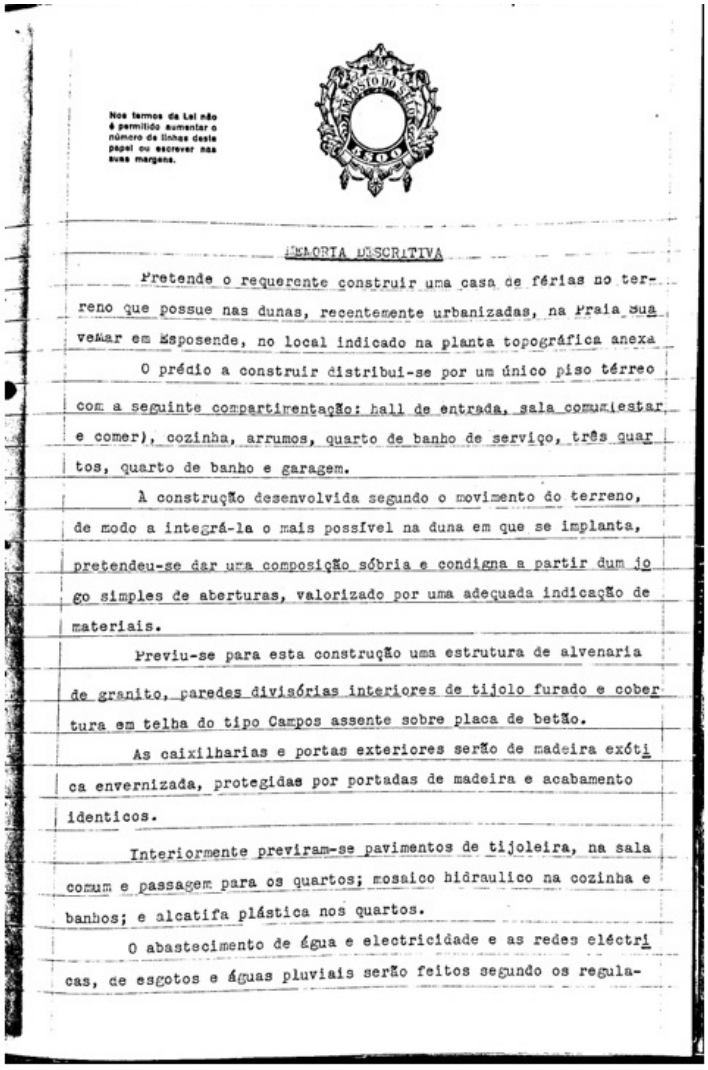
Anexo 35.2 - Corte e Alçados. Fonte: Processo 236/65, AME.



Anexo 35 - Projeto para casa no lote 3 da R. Praia Suave Mar, Alcino Soutinho, 1965.

Anexo 35.3 - Alçados. Fonte: Processo 236/65, AME.





Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

MEMÓRIA DESCRITIVA

Pretende o requerente construir uma casa de férias no terreno que possue nas dunas, recentemente urbanizadas, na Praia Suave Mar em Esposende, no local indicado na planta topográfica anexa.

O prédio a construir distribui-se por um único piso térreo com a seguinte compartimentação: hall de entrada, sala comum(estar e comer), cozinha, arrumos, quarto de banho de serviço, três quartos, quarto de banho e garagem.

A construção desenvolvida segundo o movimento do terreno, de modo a integrá-la o mais possível na duna em que se implanta, pretendeu-se dar uma composição sóbria e condigna a partir dum jogo simples de aberturas, valorizado por uma adequada indicação de materiais.

Previu-se para esta construção uma estrutura de alvenaria de granito, paredes divisórias interiores de tijolo furado e cobertura em telha do tipo Campos assente sobre placa de betão.

As caixilharias e portas exteriores serão de madeira exótica envernizada, protegidas por portadas de madeira e acabamento identicos.

Interiormente previram-se pavimentos de tijoleira, na sala comum e passagem para os quartos; mosaico hidraulico na cozinha e banhos; e alcatifa plástica nos quartos.

O abastecimento de água e electricidade e as redes eléctricas, de esgotos e águas pluviais serão feitos segundo os regulamentos oficiais vigentes.

Finalmente tudo foi previsto para que a obra seja executada segundo a legislação em vigor e as boas normas respectivas.

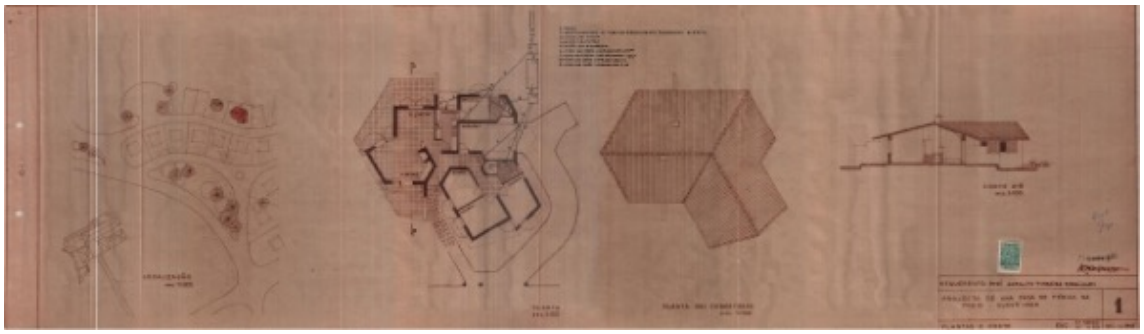
Porto, 7 de Abril de 1965

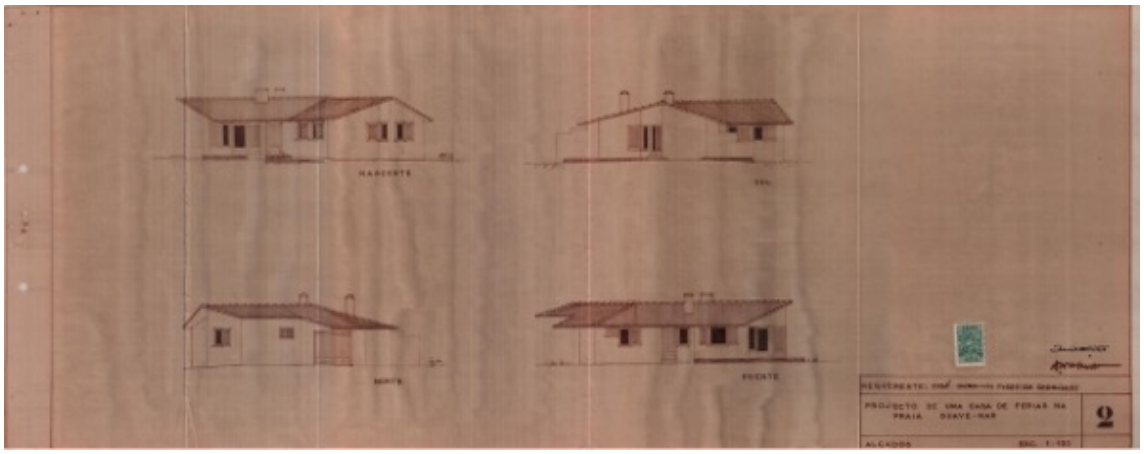
Anexo 35 - Projeto para casa no lote 3 da R. Praia Suave Mar, Alcino Soutinho, 1965.

Anexo 35.4 - Memória Descritiva. Fonte: Processo 236/65, AME.

Anexo 35 - Projeto para casa no lote 3 da R. Praia Suave Mar, Alcino Soutinho, 1965.

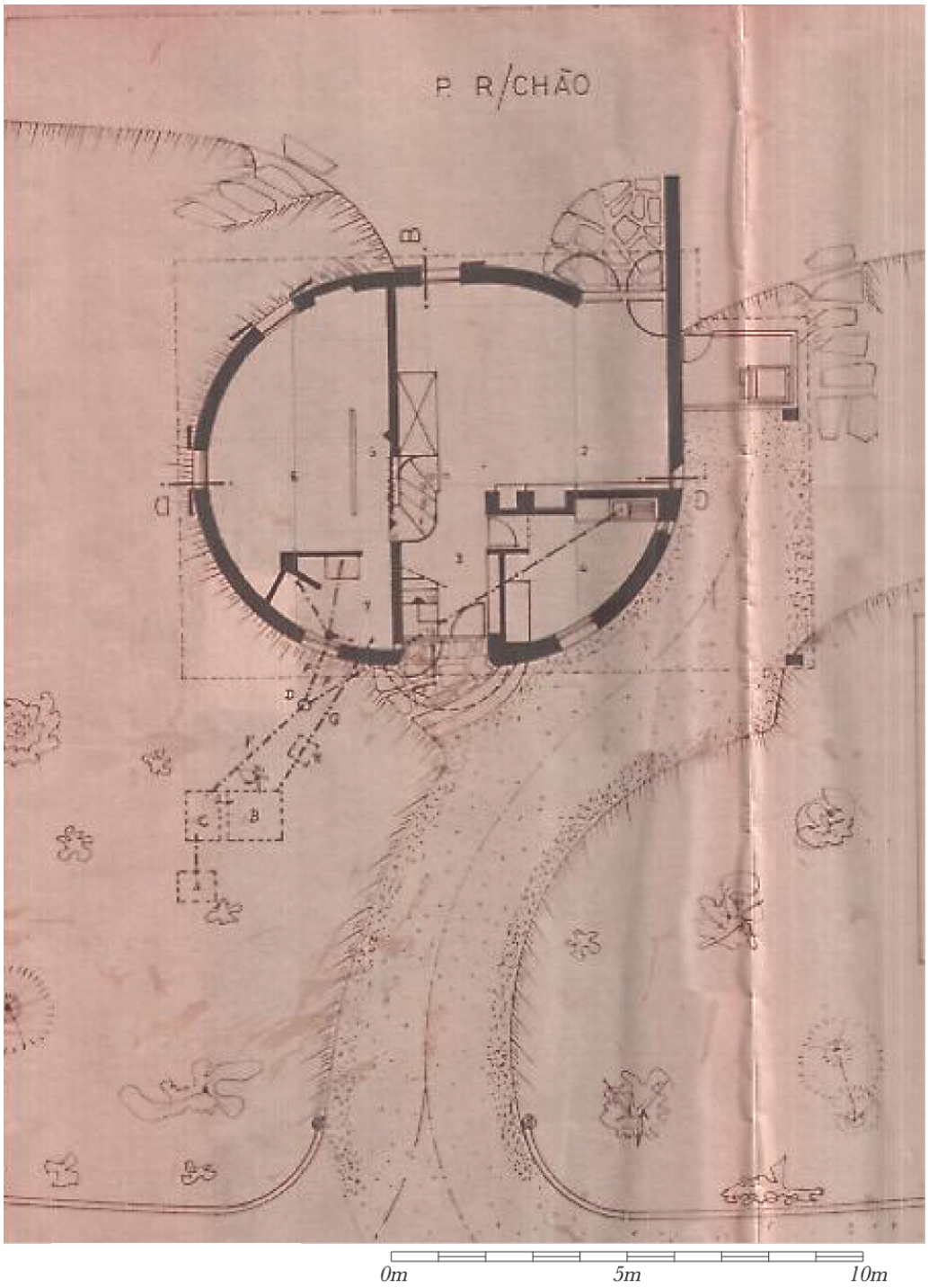
Anexo 35.5 - Projeto completo. Fonte: Processo 236/65, AME.





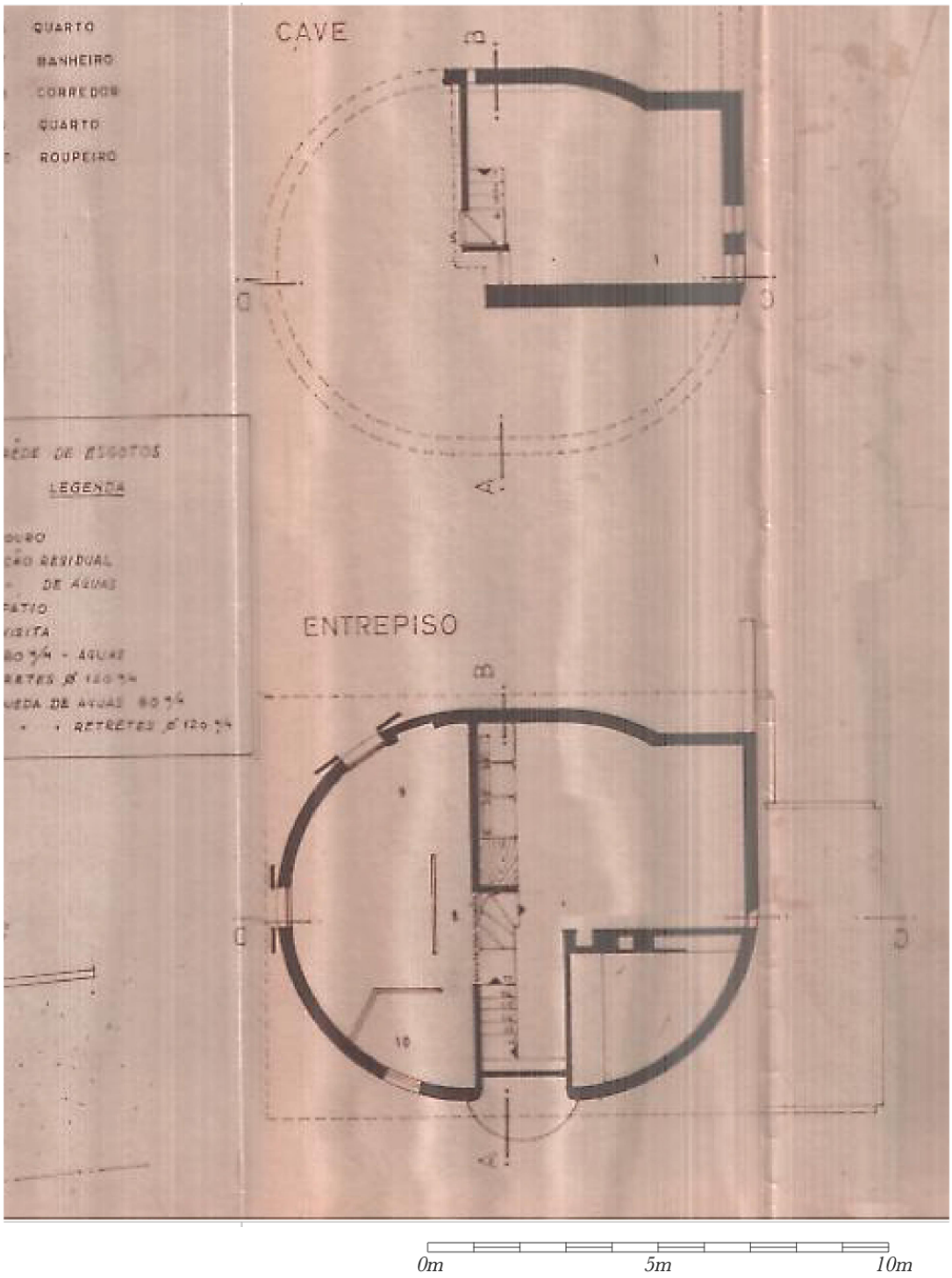
Anexo 36 - Projeto para casa no lote 4 da R. Praia Suave Mar, Eduardo Ribeiro Martins, 1965.

Anexo 36.1 - Planta R/Chão. Fonte: Processo 50/65, AME.



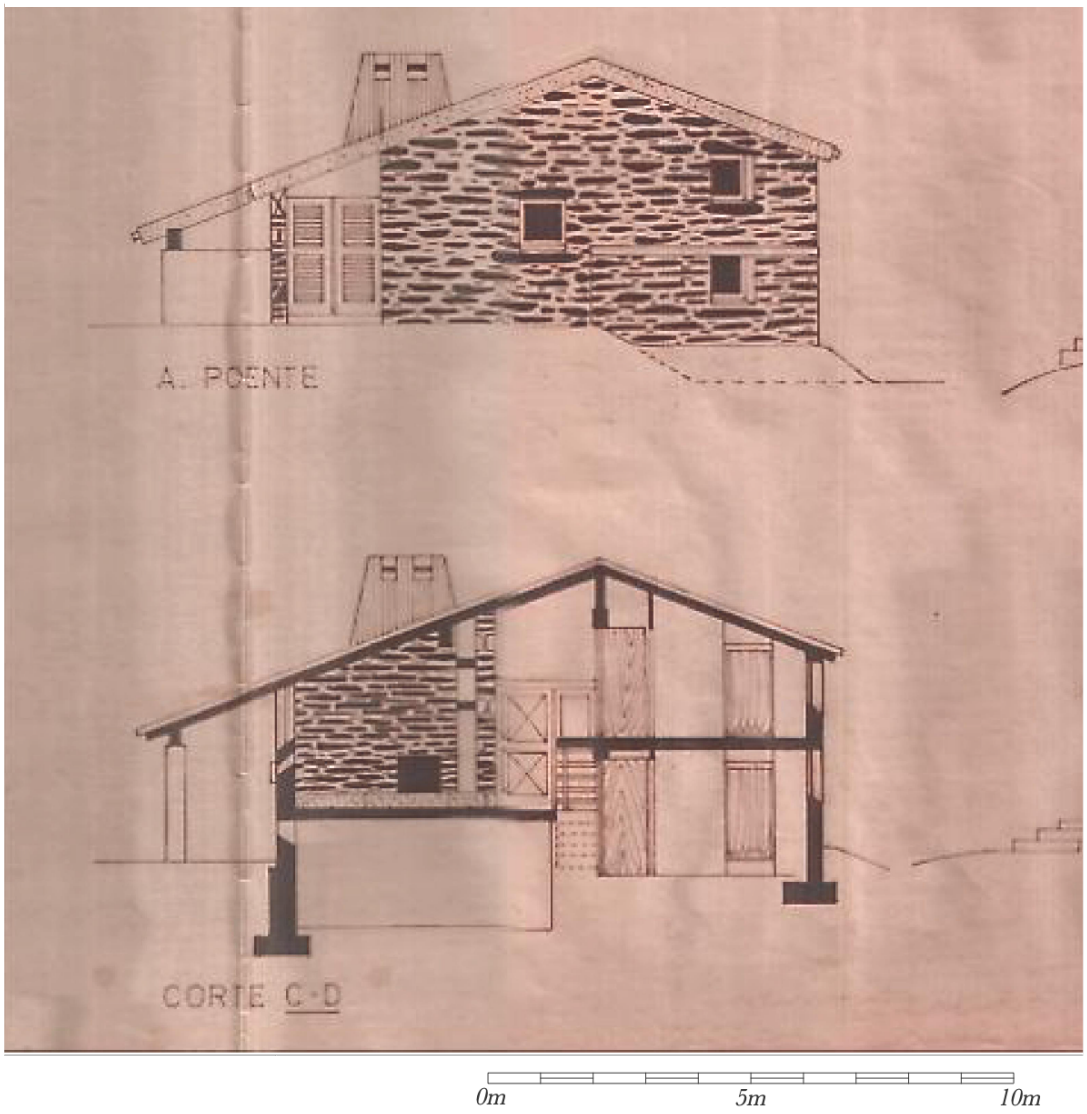
Anexo 36 - Projeto para casa no lote 4 da R. Praia Suave Mar, Eduardo Ribeiro Martins, 1965.

Anexo 36.2 - Planta cave e entrepiso. Fonte: Processo 50/65, AME.



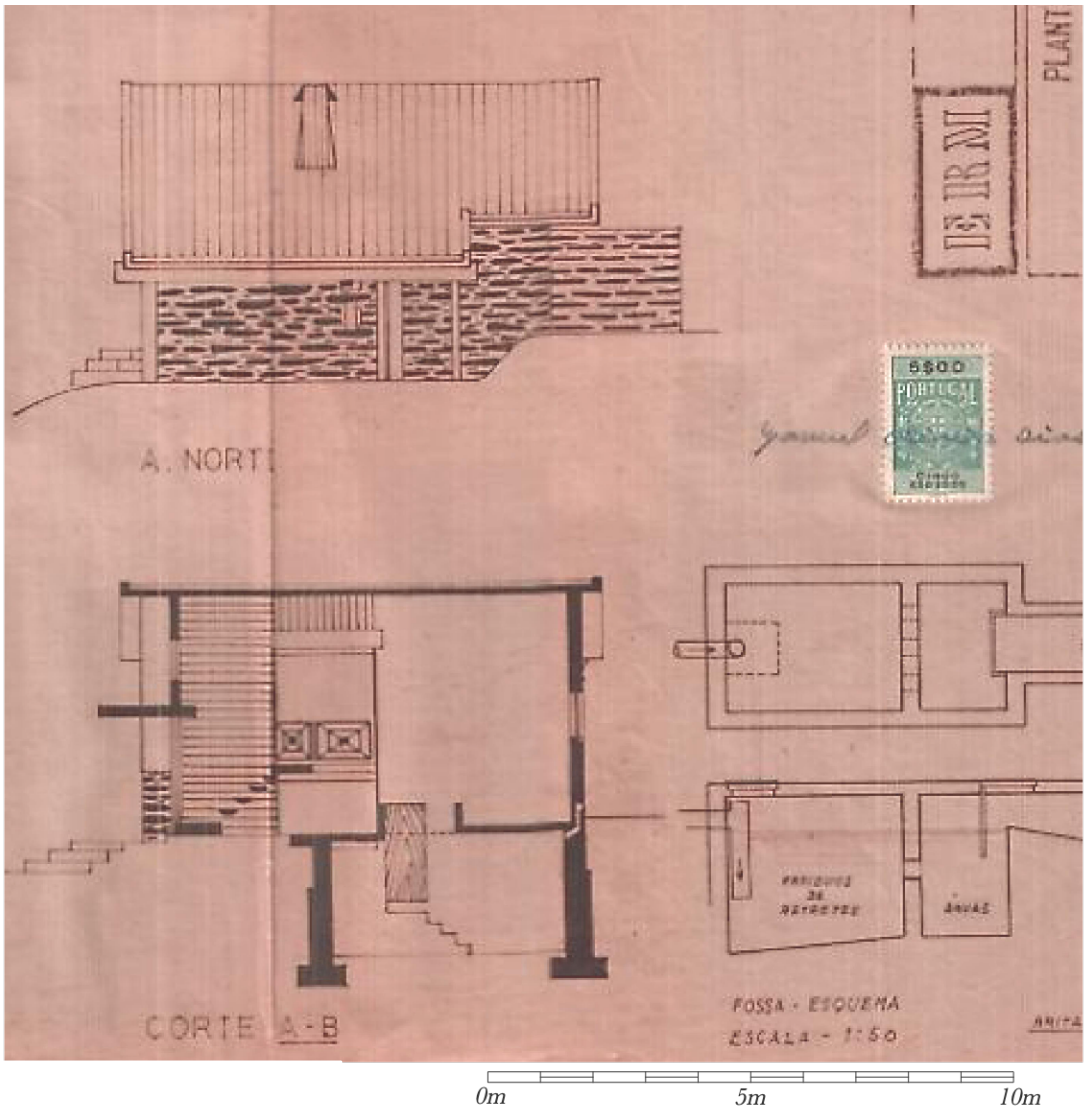
Anexo 36 - Projeto para casa no lote 4 da R. Praia Suave Mar, Eduardo Ribeiro Martins, 1965.

Anexo 36.3 - Alçado Poente e corte C-D. Fonte: Processo 50/65, AME.



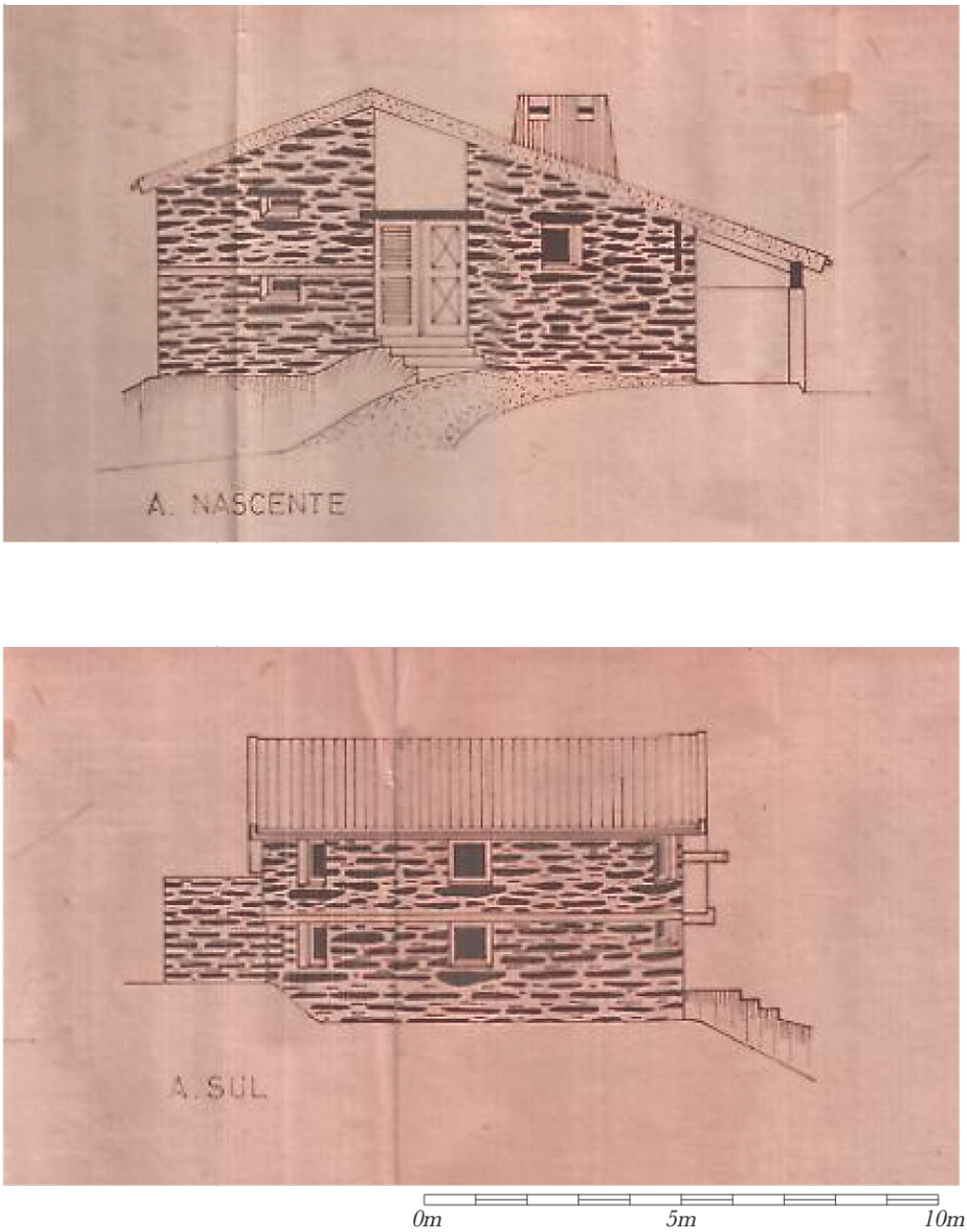
Anexo 36 - Projeto para casa no lote 4 da R. Praia Suave Mar, Eduardo Ribeiro Martins, 1965.

Anexo 36.4 - Alçado Norte e corte A-B. Fonte: Processo 50/65, AME.



Anexo 36 - Projeto para casa no lote 4 da R. Praia Suave Mar, Eduardo Ribeiro Martins, 1965.

Anexo 36.5 - Alçado Nascente e Sul. Fonte: Processo 50/65, AME.



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

MEMÓRIA DESCRITIVA

RELATIVA A UM PROJECTO DE UMA MORADIA QUE
EDUARDO RIBEIRO MARTINS PRETENDE CONSTRUIR
NAS DUNAS DE SUAVE MAR, EM ESPOSENDE

O edifício que se pretende construir destina-se a uma moradia de veraneio.

A sua concepção, considerando o fim a que se destina, apresenta-se simples, recorrendo-se a um jôgo de entrepisos fácilmente permitido pela elevação do terreno e a mobilidade das areias.

Características da construção

Paredes exteriores de pedra e interiores de tijolo, algumas das quais de painel isolante de madeira tipo OKAL;

Lages em betão armado, incluindo a cobertura que é recoberta com telha;

Esquadrias de madeira;

Impermeabilização dos pavimentos e das paredes exteriores (pela face interior);

A maior parte das paredes exteriores terão um recobrimento de madeira com placas de politileno (frigotermo ou outro) a isolar, sendo as restantes rebocadas e pintadas;

Na cozinha e banheiro, as paredes, até 2,00 são revestidas a azulejo e o pavimento dêstes compartimentos revestidos a mosaico;

Os pavimentos da sala e entrada são de tijoleira e os dos quartos e corredor de material acústico, tipo ALCAPLAST.

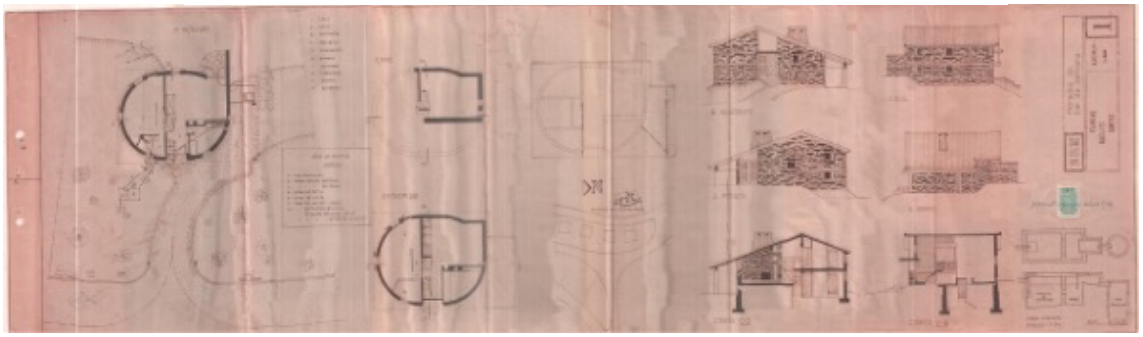
As faces exteriores das paredes terão a junta tomada, de aspecto rústicas;

As instalações de electricidade, de abastecimento de água e de esgotos serão executadas de harmonia com os respectivos regulamentos.

Guimarães, 15 de Janeiro de 1965

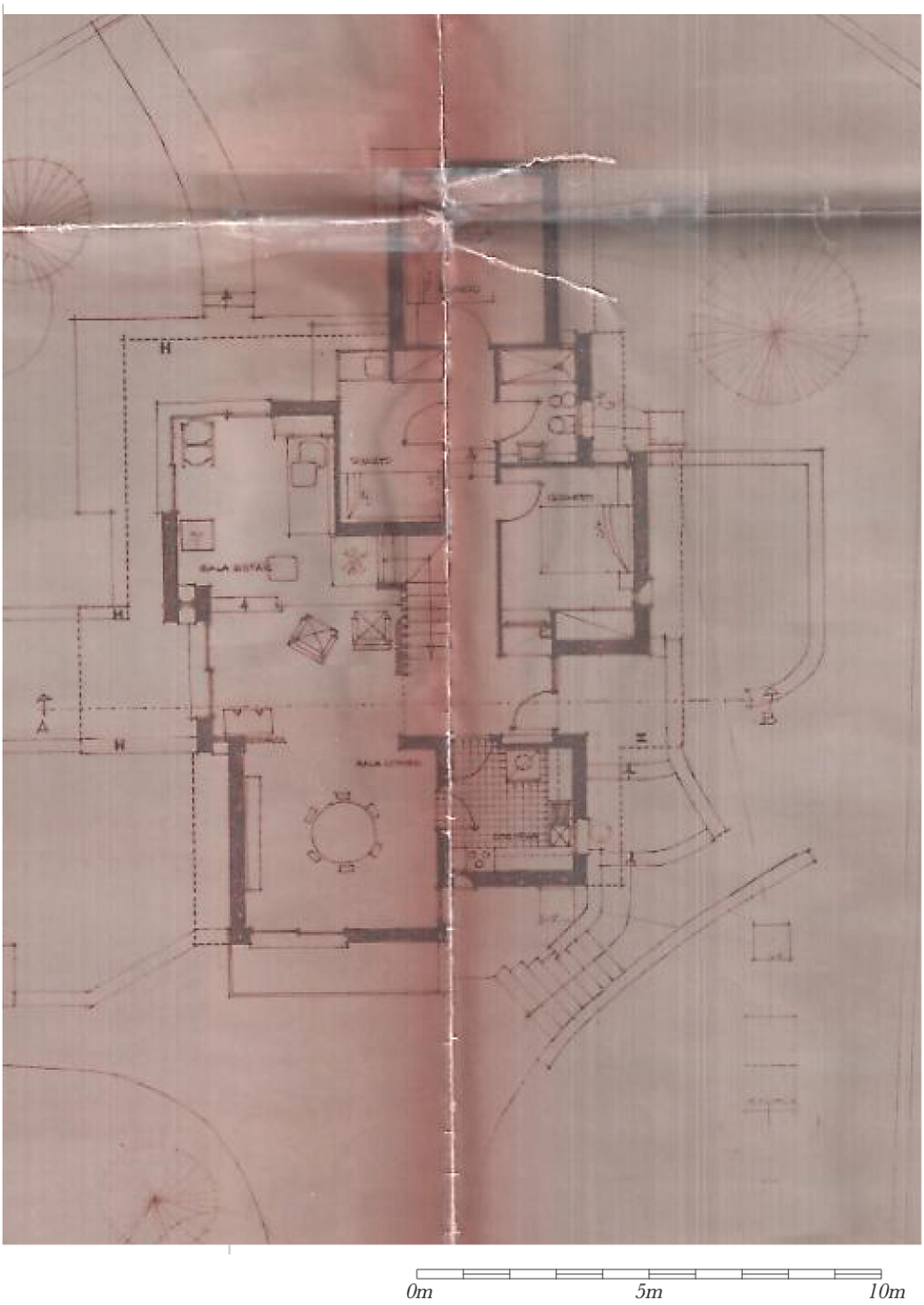
O eng. civil.

Anexo 36 - Projeto para casa no lote 4 da R. Praia Suave Mar, Eduardo Ribeiro Martins, 1965.
Anexo 36.6 - Memória Descritiva. Fonte: Processo 50/65, AME.
Anexo 36.7 Projeto completo. Fonte: Processo 50/65, AME.



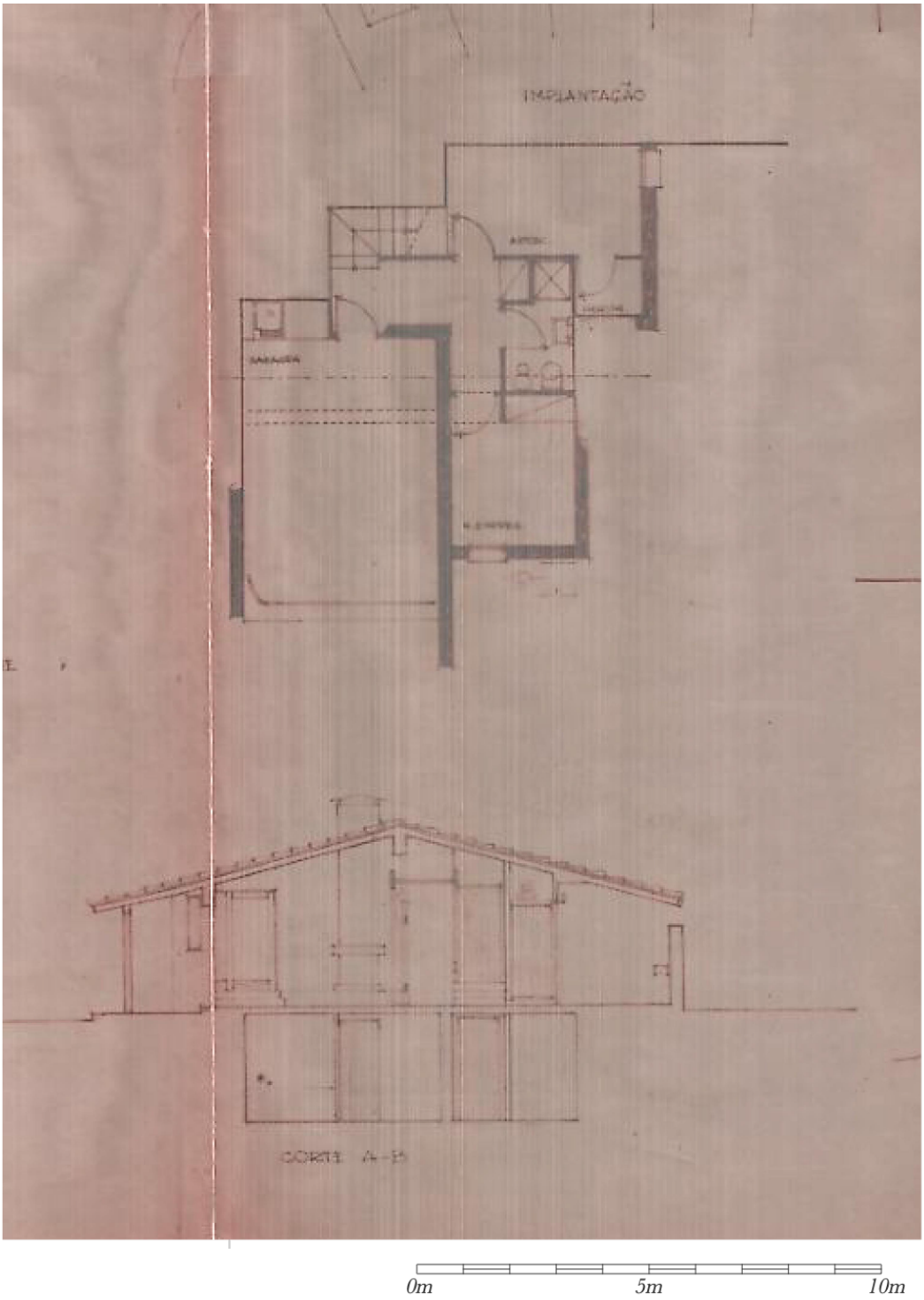
Anexo 37 - Projeto para casa no lote 15 da R. Praia Suave Mar, João Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966.

Anexo 37.1 - Planta. Fonte: Processo 323A/66, AME.



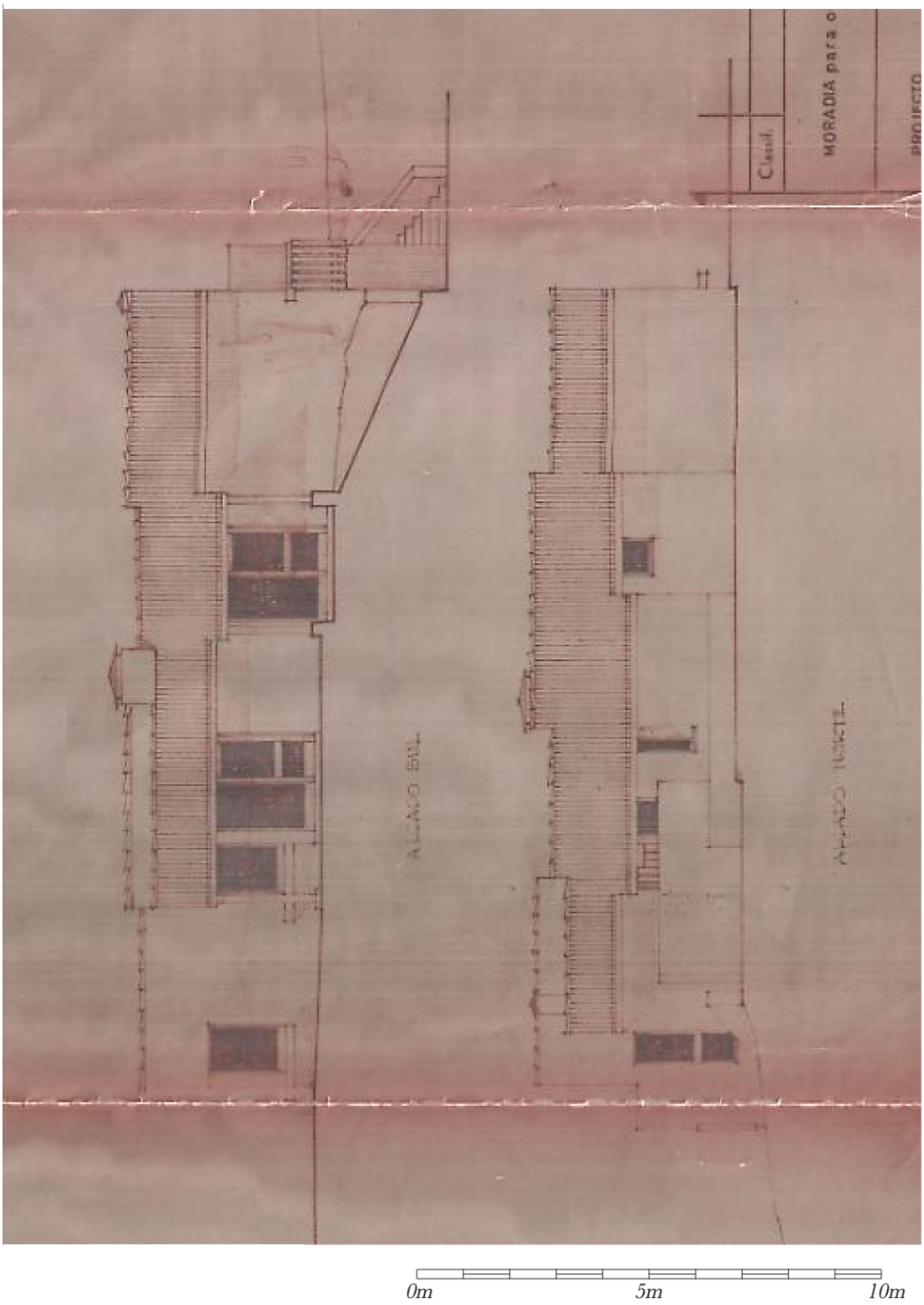
Anexo 37 - Projeto para casa no lote 15 da R. Praia Suave Mar, João Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966.

Anexo 37.2 - Planta cave e corte A-B. Fonte: Processo 323A/66, AME.



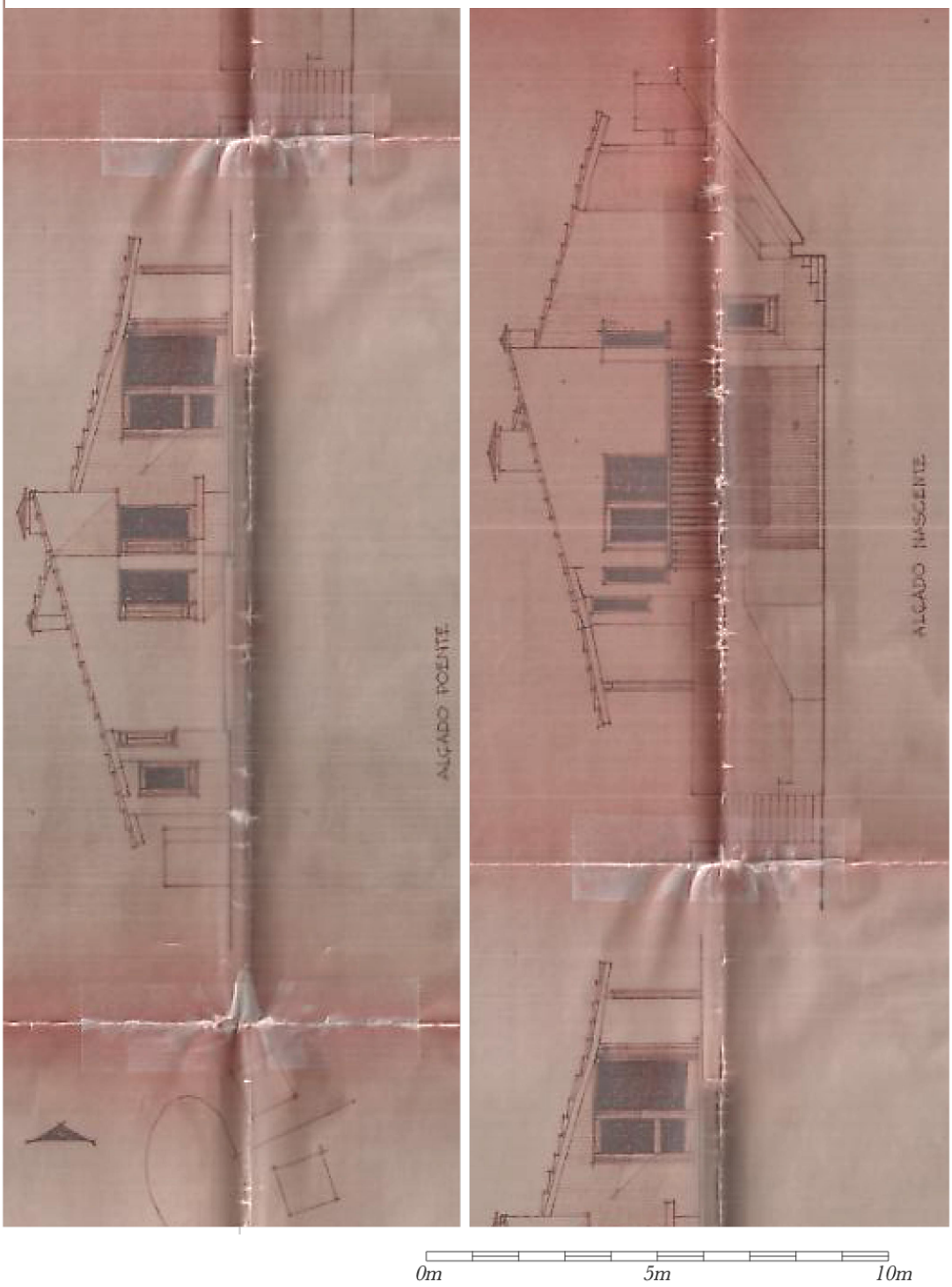
Anexo 37 - Projeto para casa no lote 15 da R. Praia Suave Mar, João Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966.

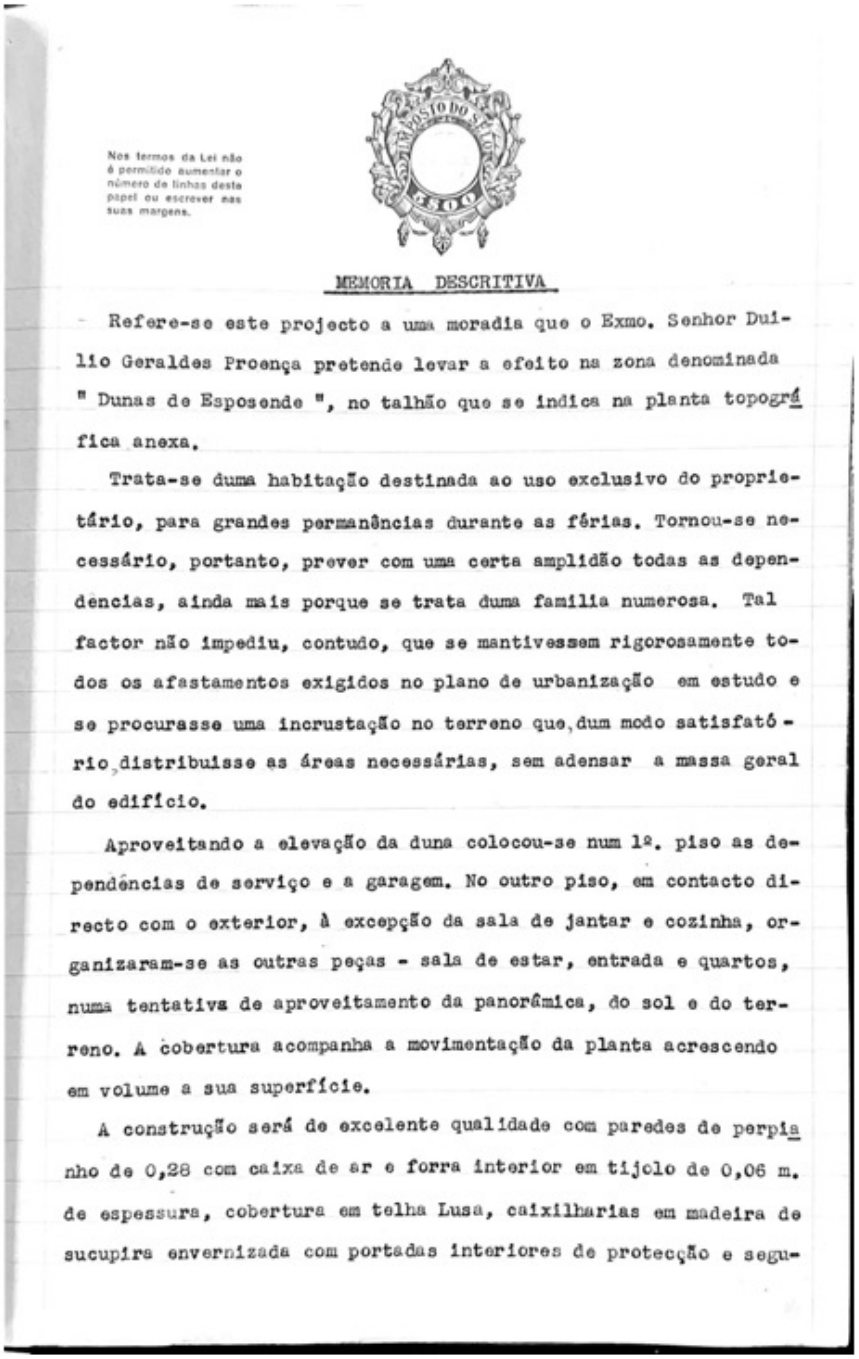
Anexo 37.3 - Planta cave e corte A-B. Fonte: Processo 323A/66, AME.



Anexo 37 - Projeto para casa no lote 15 da R. Praia Suave Mar, João Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966.

Anexo 37.4 - Alçados. Fonte: Processo 323A/66, AME.





Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

MEMORIA DESCRITIVA

Refere-se este projecto a uma moradia que o Exmo. Senhor Duilio Geraldes Proença pretende levar a efeito na zona denominada " Dunas de Esposende ", no talhão que se indica na planta topográfica anexa.

Trata-se duma habitação destinada ao uso exclusivo do proprietário, para grandes permanências durante as férias. Tornou-se necessário, portanto, prever com uma certa amplidão todas as dependências, ainda mais porque se trata duma familia numerosa. Tal factor não impediu, contudo, que se mantivessem rigorosamente todos os afastamentos exigidos no plano de urbanização em estudo e se procurasse uma incrustação no terreno que, dum modo satisfatório, distribuisse as áreas necessárias, sem adensar a massa geral do edifício.

Aproveitando a elevação da duna colocou-se num 1º. piso as dependências de serviço e a garagem. No outro piso, em contacto directo com o exterior, à excepção da sala de jantar e cozinha, organizaram-se as outras peças - sala de estar, entrada e quartos, numa tentativa de aproveitamento da panorâmica, do sol e do terreno. A cobertura acompanha a movimentação da planta acrescendo em volume a sua superfície.

A construção será de excelente qualidade com paredes de perpianho de 0,28 com caixa de ar e forra interior em tijolo de 0,06 m. de espessura, cobertura em telha Lusa, caixilharias em madeira de sucupira envernizada com portadas interiores de protecção e segu-

Anexo 37 - Projeto para casa no lote 15 da R. Praia Suave Mar, João Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966.

Anexo 37.5 - Memória Descritiva 1/2. Fonte: Processo 323A/66, AME.

rança.

Os pavimentos serão em madeira à excepção dos quartos de ba-
nho, cozinha e garagem que levarão mosaico cerâmico e cimento q
quartelado. Nas mesmas zonas à excepção da garagem as paredes s
rão revestidas de azulejo de cor até à altura das padieiras.

As louças serão vitrificadas com torneiras nacionais de boa
qualidade.

Será construida uma fossa séptica ligada a uma vala-sumidou-
ro.

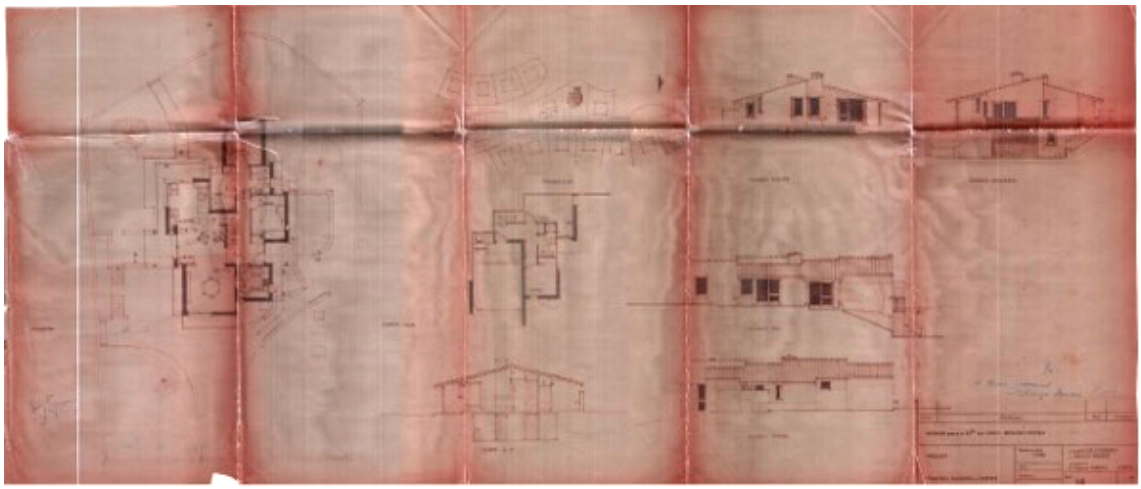
Em tudo serão respeitadas as condições dos regulamentos em
vigor.

Pôrto, 18 de Março de 1965.

O Técnico responsável

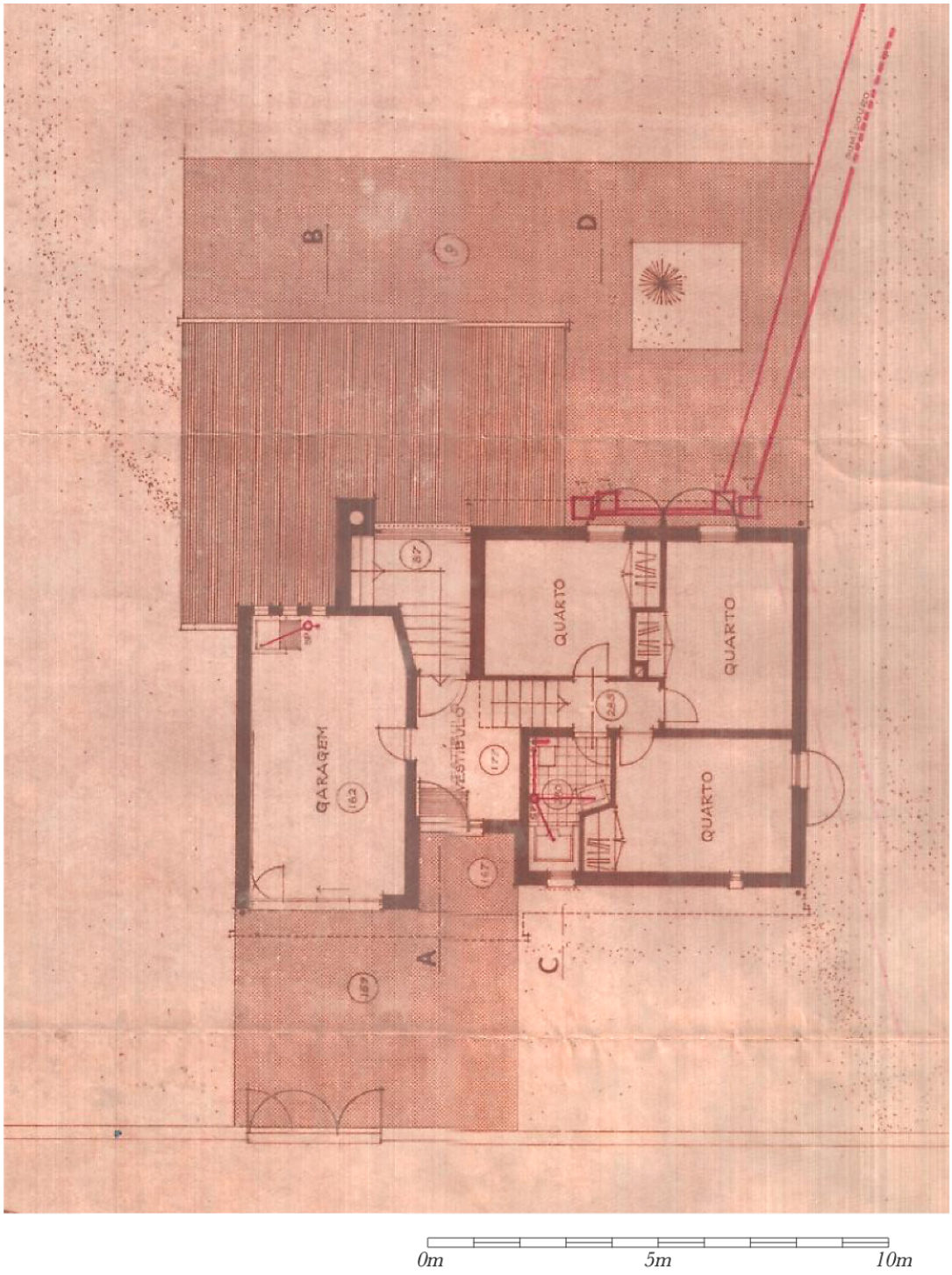
Anexo 37 - Projeto para casa no lote 15 da R. Praia Suave Mar, João Carlos Loureiro e Pádua Ramos, 1966.

Anexo 37.5.1 - Memória Descritiva 2/2. Fonte: Processo 323A/66, AME.
Anexo 37.6 Projeto completo. Fonte: Processo 323A/66, AME.



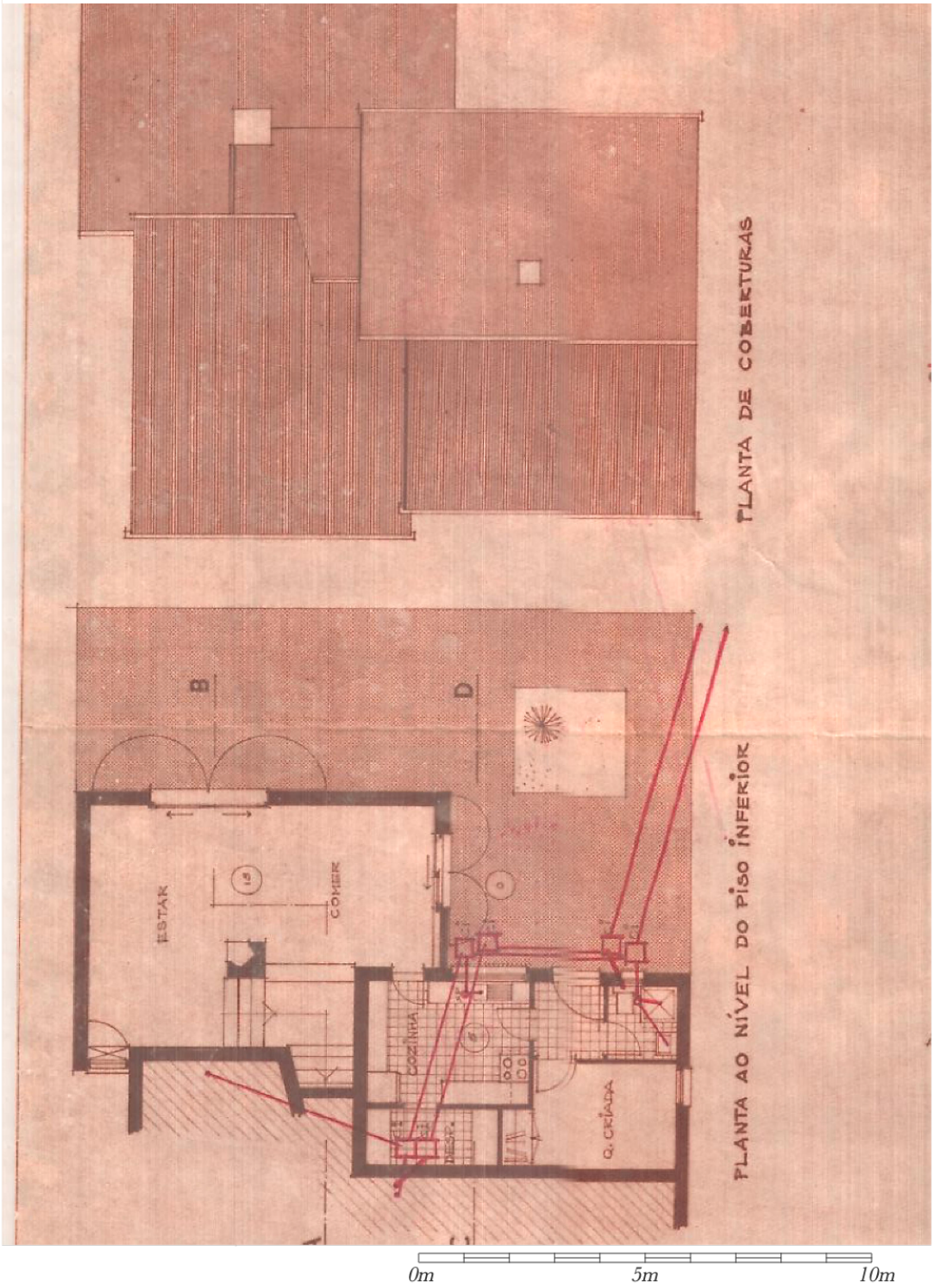
Anexo 38 - Projeto para casa no lote 23 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1967.

Anexo 38.1 - Planta do piso superior. Fonte: Processo 199/67, AME.



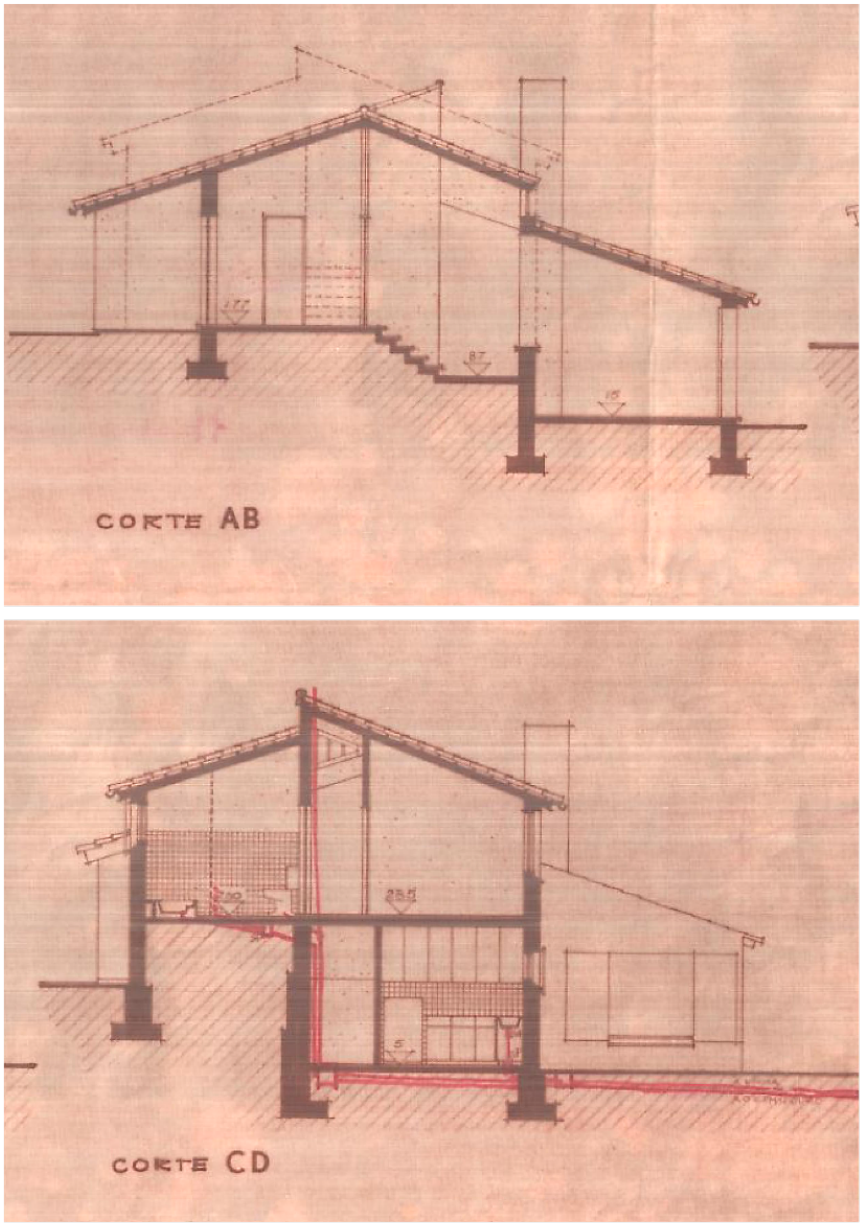
Anexo 38 - Projeto para casa no lote 23 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1967.

Anexo 38.2 - Planta de coberturas e planta do piso inferior. Fonte: Processo 199/67, AME.



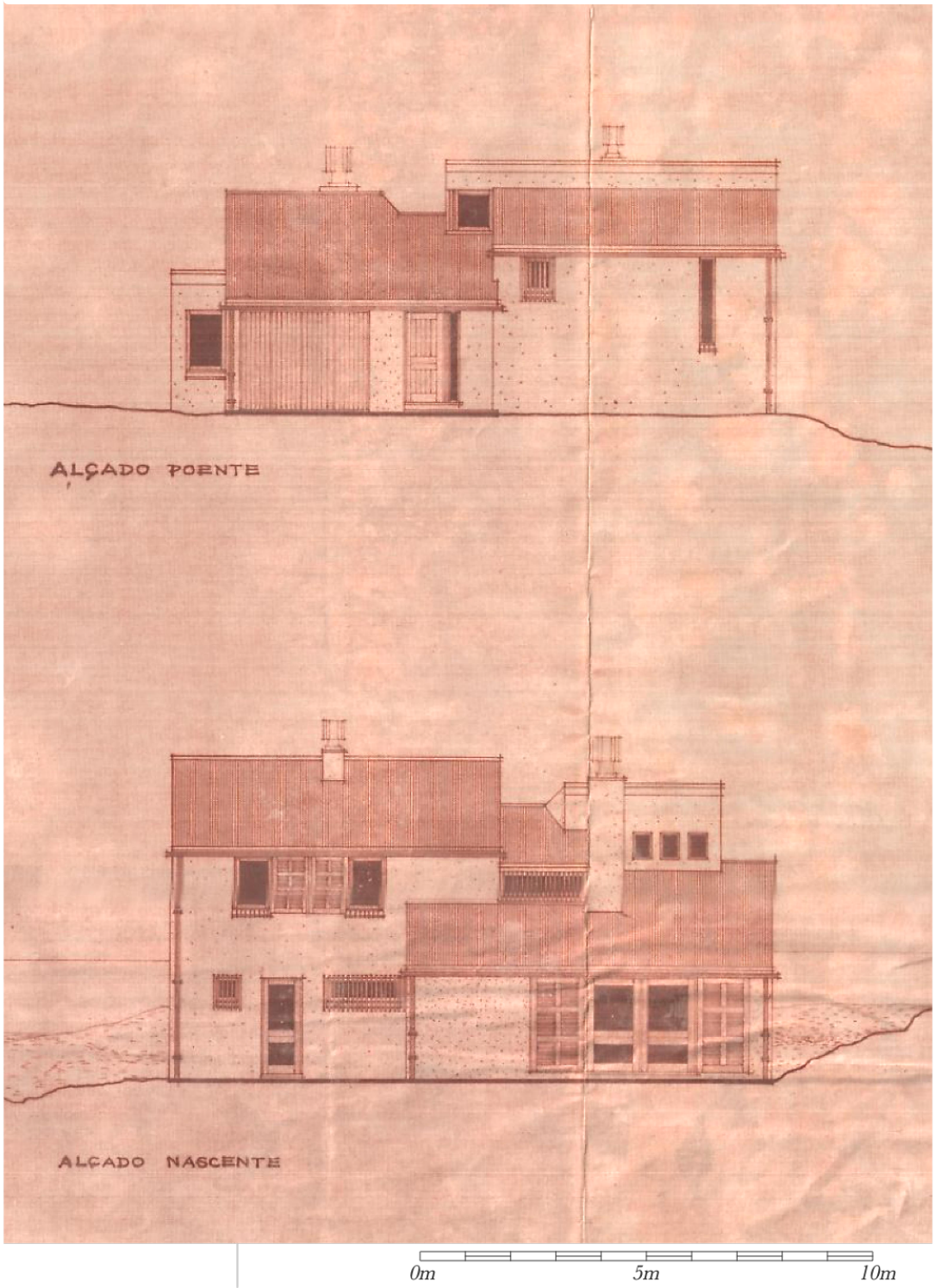
Anexo 38 - Projeto para casa no lote 23 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1967.

Anexo 38.3 - Cortes AB e CD. Fonte: Processo 199/67, AME.



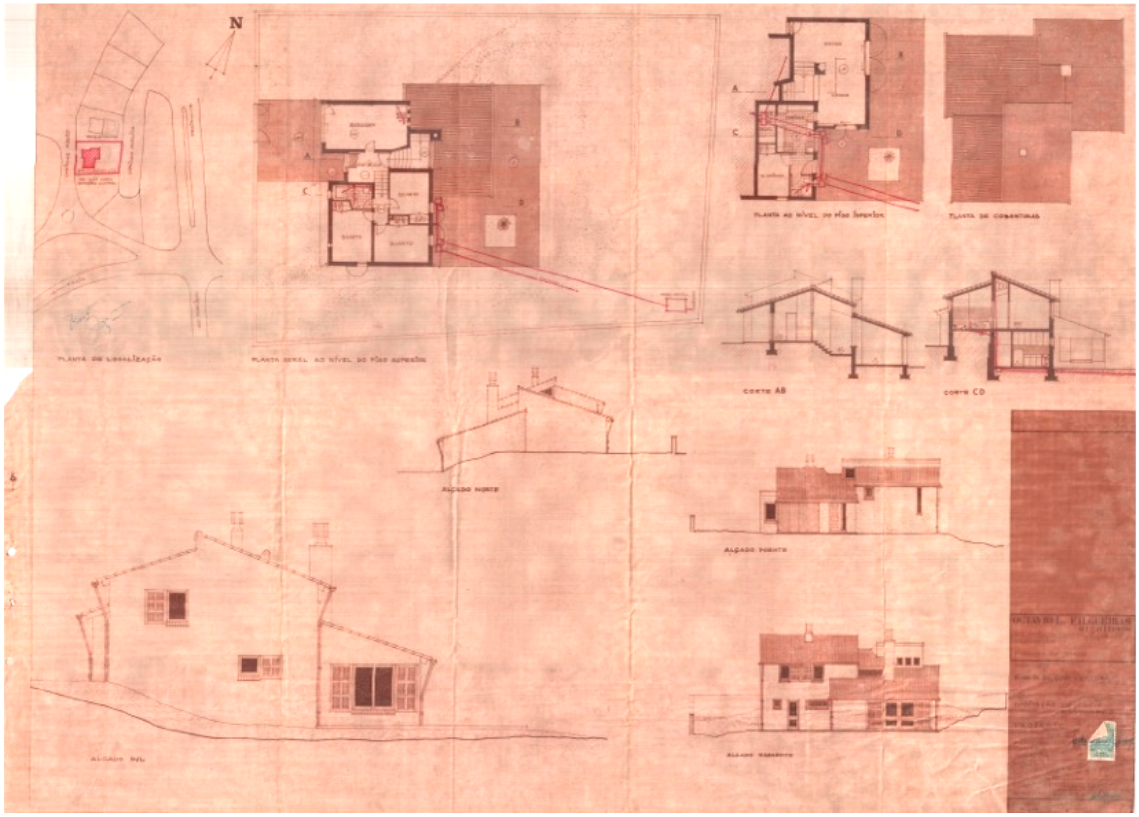
Anexo 38 - Projeto para casa no lote 23 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1967.

Anexo 38.4 - Alcados Poente e Nascente. Fonte: Processo 199/67, AME.



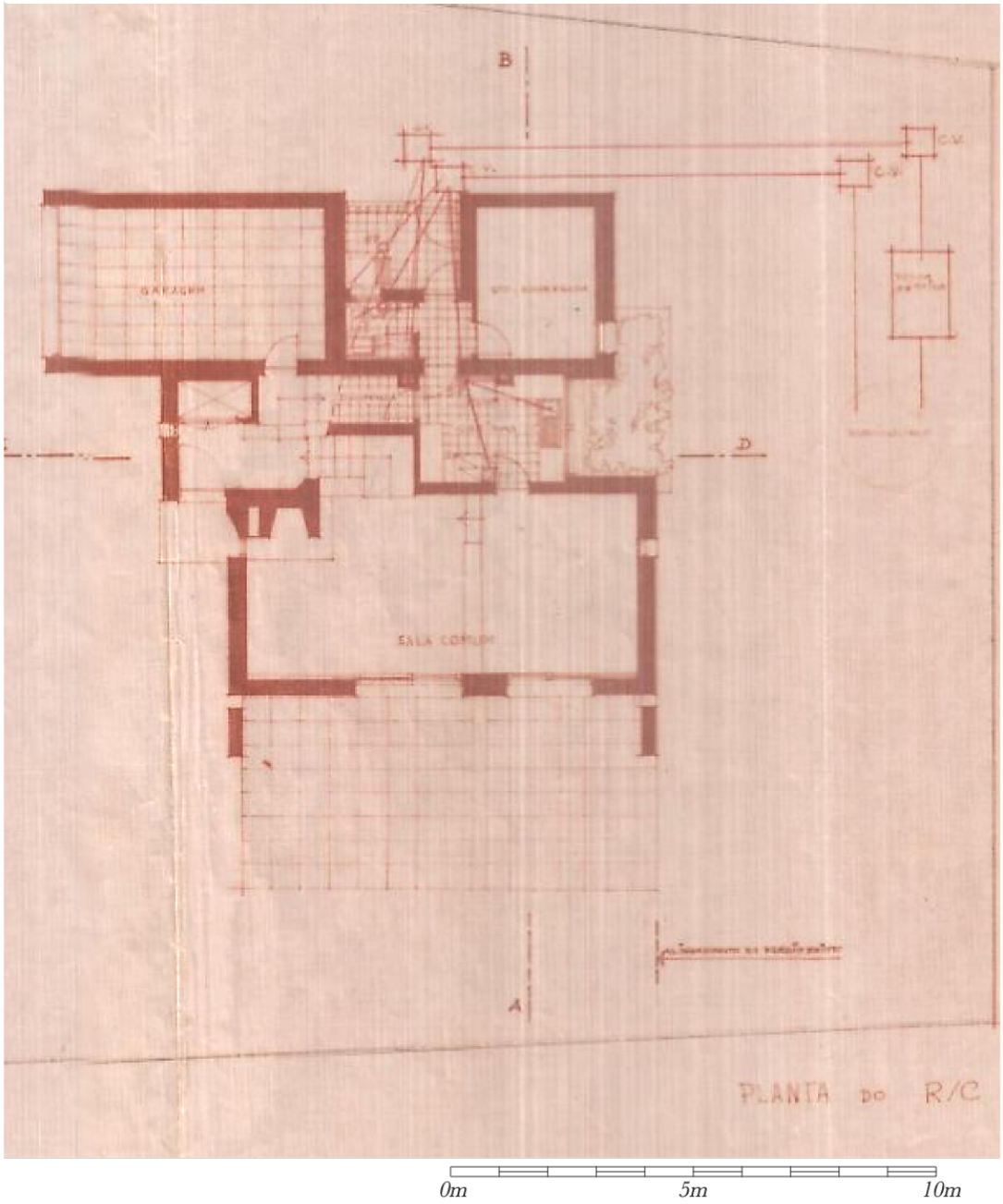
Anexo 38 - Projeto para casa no lote 23 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1967.

Anexo 38.5 - Projeto completo. Fonte: Processo 199/67, AME.



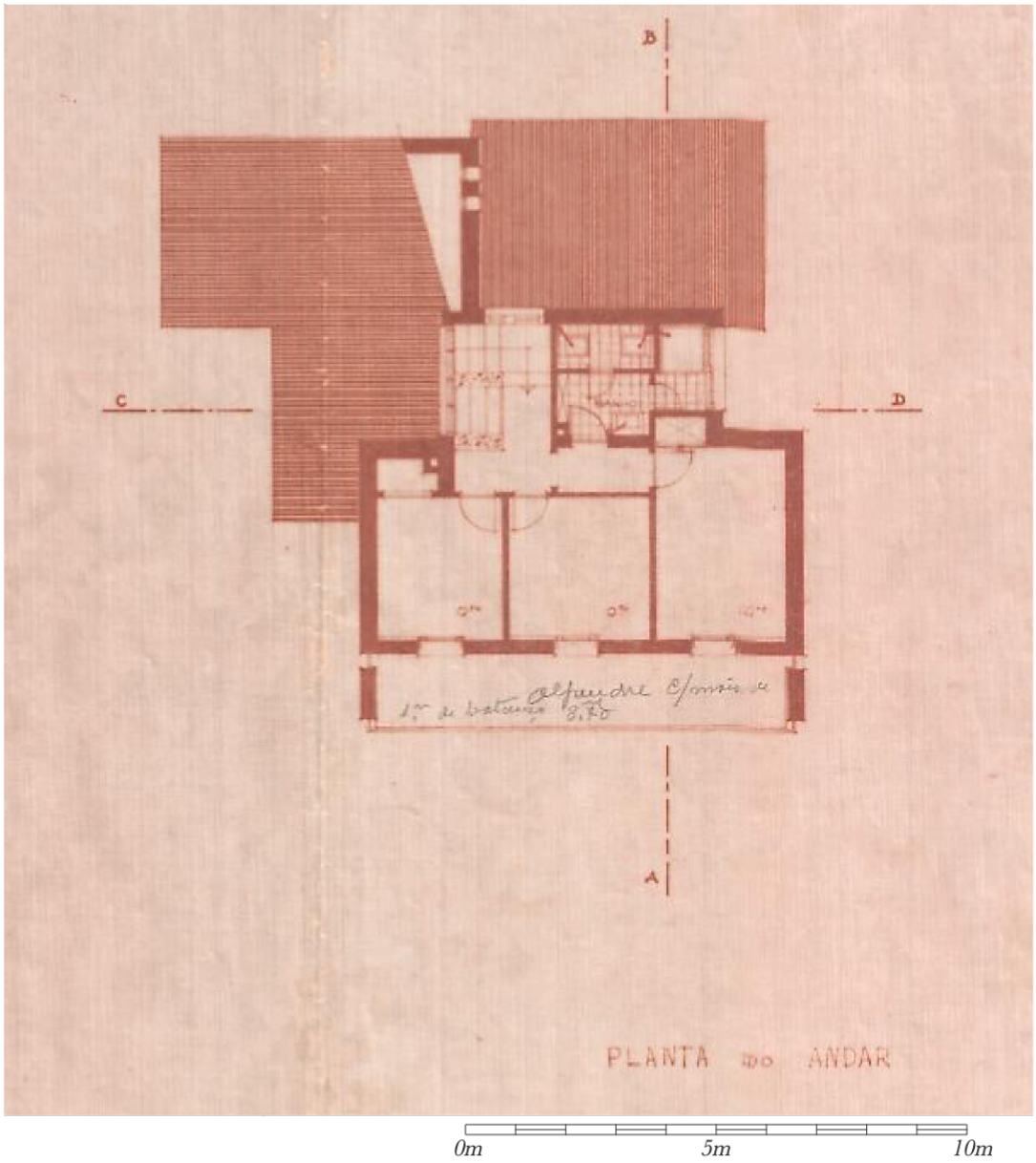
Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968.

Anexo 39.1 - Planta R/C. Fonte: Processo 387-68, AME.



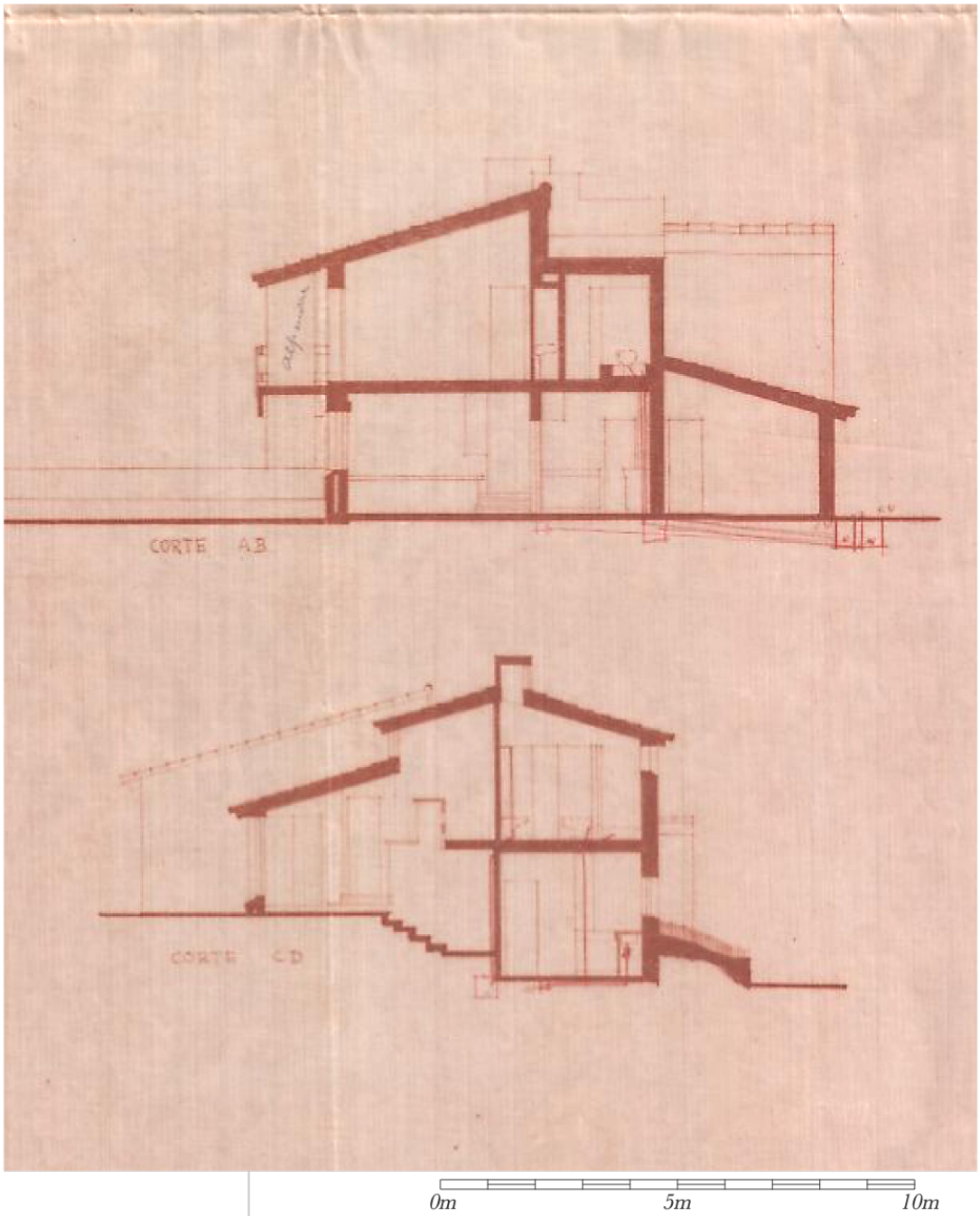
Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968.

Anexo 39.2 - Planta andar. Fonte: Processo 387-68, AME.



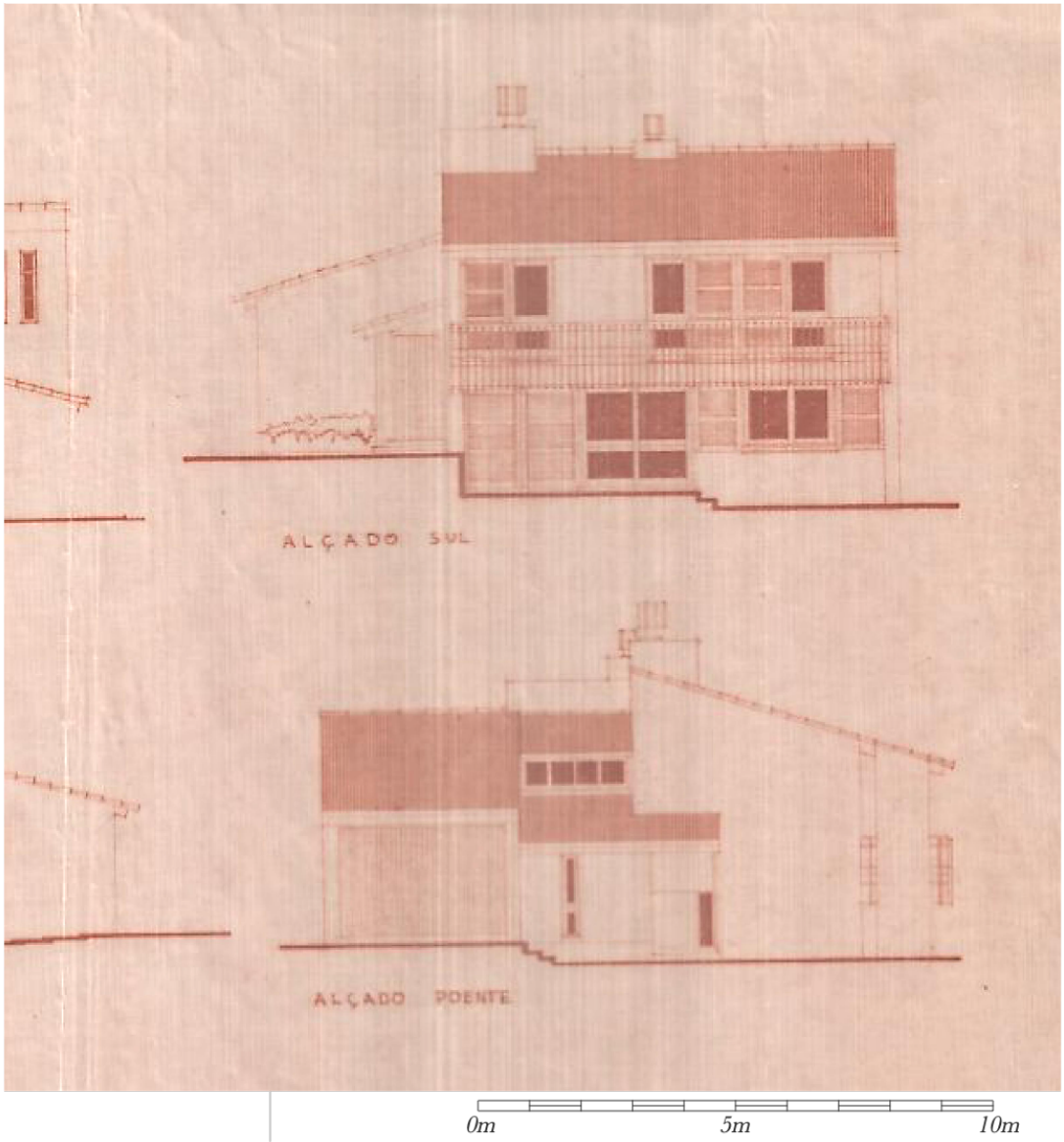
Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968.

Anexo 39.3 - Cortes AB e CD. Fonte: Processo 387-68, AME.



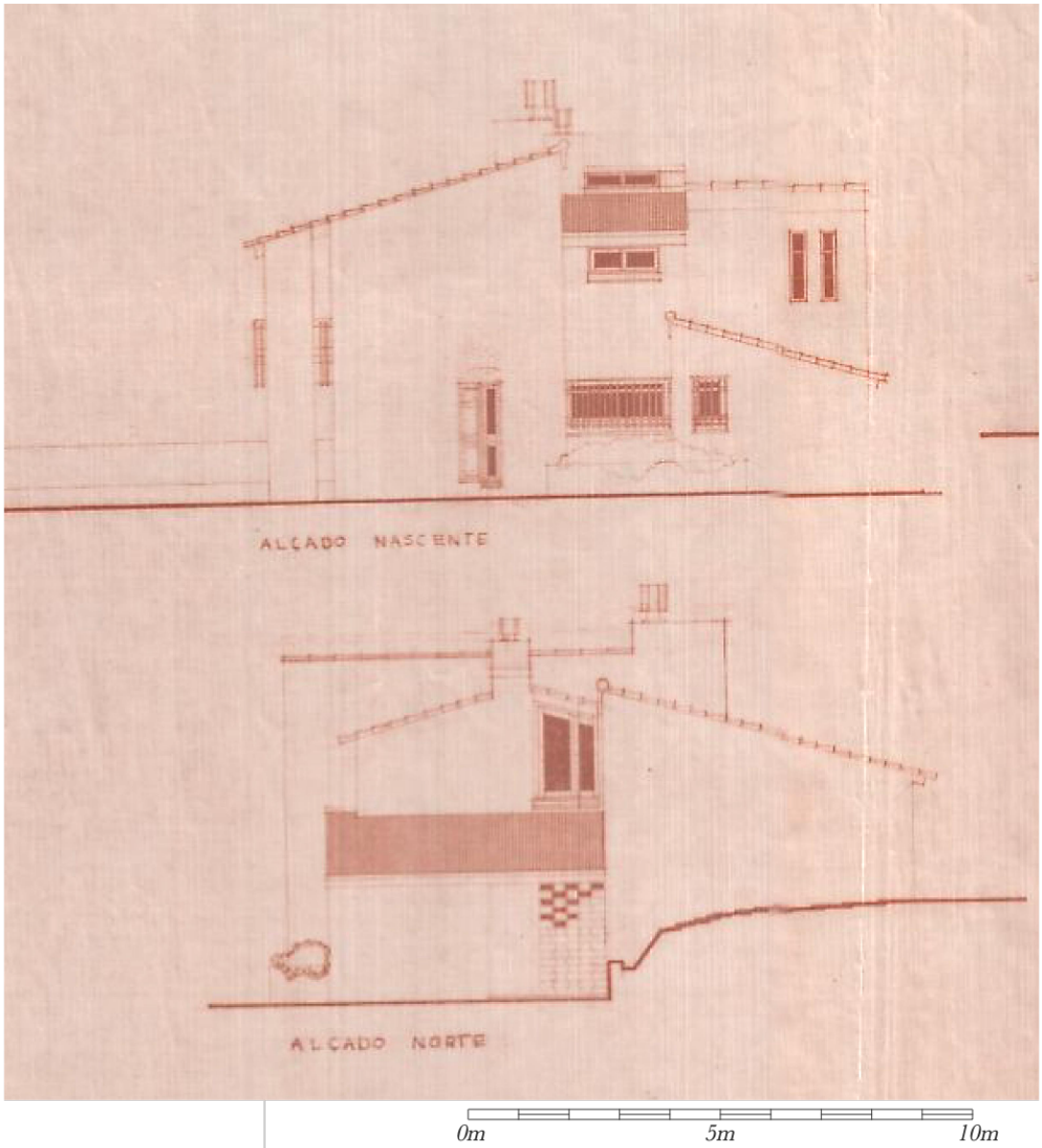
Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968.

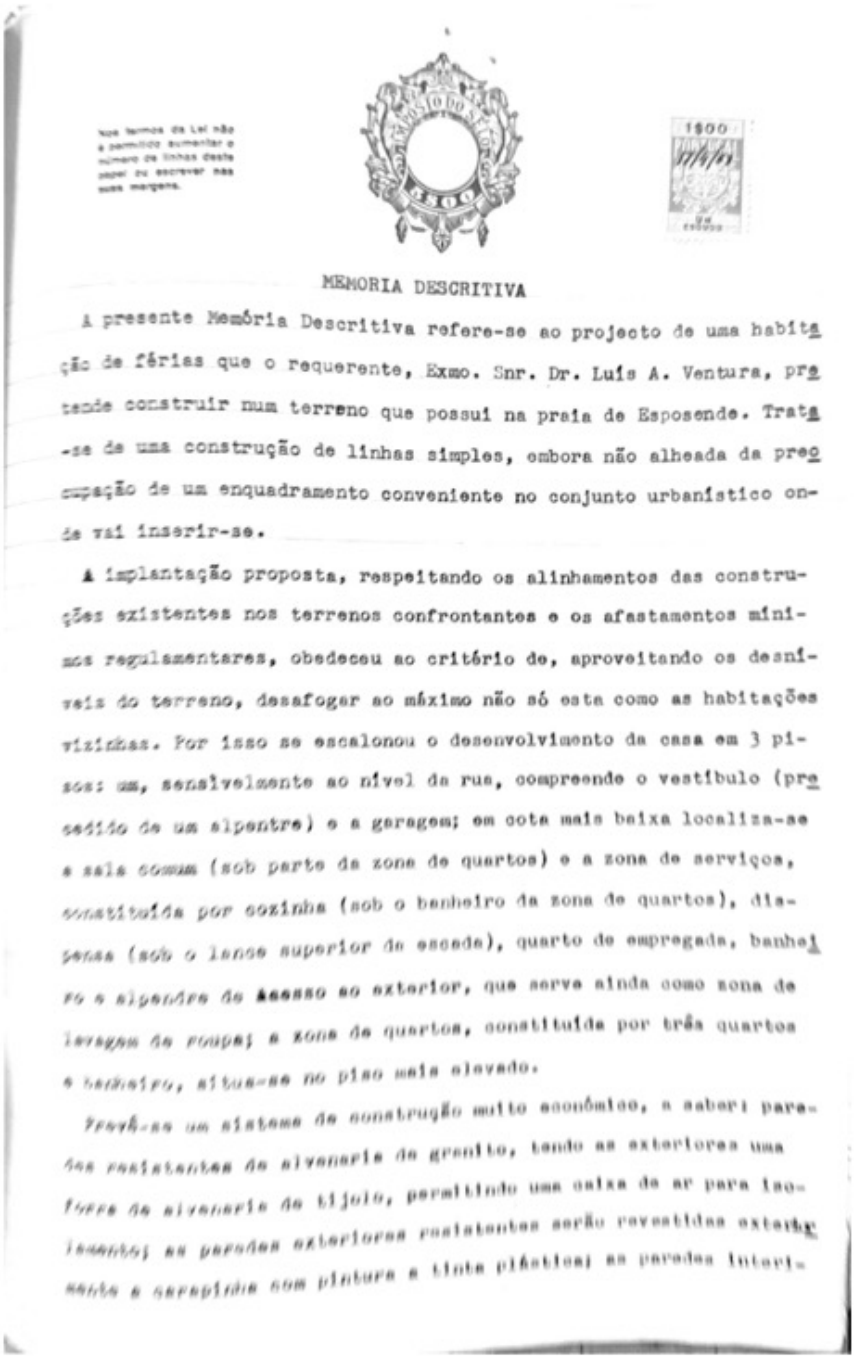
Anexo 39.4 - Alçados Sul e Poente. Fonte: Processo 387-68, AME.



Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968.

Anexo 39.5 - Alçados Nascente e Norte. Fonte: Processo 387-68, AME.





Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

1$00

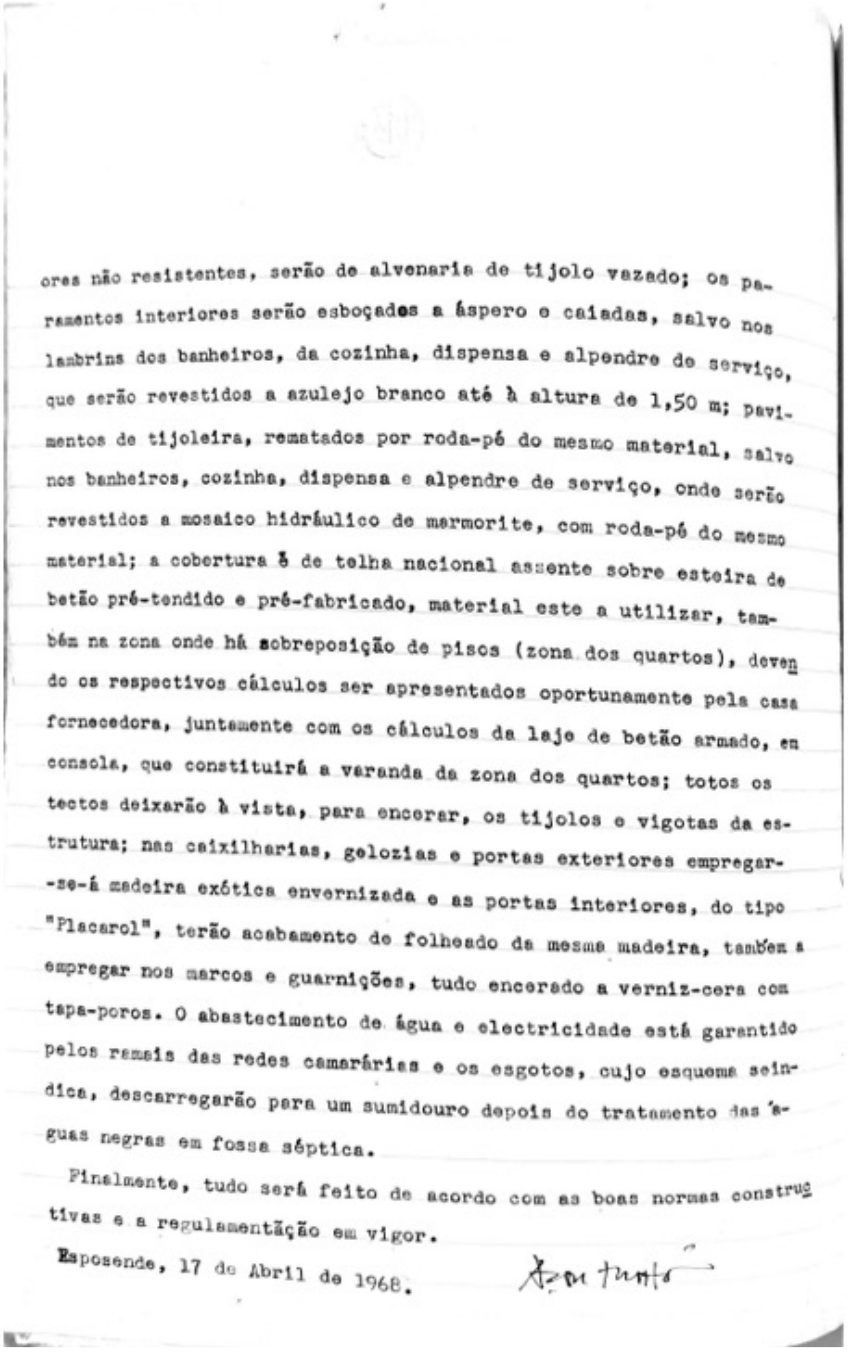
MEMORIA DESCRITIVA

A presente Memória Descritiva refere-se ao projecto de uma habitação de férias que o requerente, Exmo. Snr. Dr. Luís A. Ventura, pretende construir num terreno que possui na praia de Esposende. Trata-se de uma construção de linhas simples, embora não alheada da preocupação de um enquadramento conveniente no conjunto urbanístico onde vai inserir-se.

A implantação proposta, respeitando os alinhamentos das construções existentes nos terrenos confrontantes e os afastamentos mínimos regulamentares, obedeceu ao critério de, aproveitando os desníveis do terreno, desafogar ao máximo não só esta como as habitações vizinhas. Por isso se escalonou o desenvolvimento da casa em 3 pisos: um, sensìvelmente ao nível da rua, compreende o vestíbulo (precedido de um alpentre) e a garagem; em cota mais baixa localiza-se a sala comum (sob parte da zona de quartos) e a zona de serviços, constituída por cozinha (sob o banheiro da zona de quartos), dispensa (sob o lance superior da escada), quarto de empregada, banheiro e alpendre de acesso ao exterior, que serve ainda como zona de lavagem de roupa; a zona de quartos, constituída por três quartos e banheiro, situa-se no piso mais elevado.

Prevê-se um sistema de construção muito económico, a saber: paredes resistentes de alvenaria de granito, tendo as exteriores uma forra de alvenaria de tijolo, permitindo uma caixa de ar para isolamento; as paredes exteriores resistentes serão revestidas exteriormente a carapinha com pintura a tinta plástica; as paredes interi-

Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968.
Anexo 39.6 - Memória descritiva 1/2. Fonte: Processo 387-68, AME.



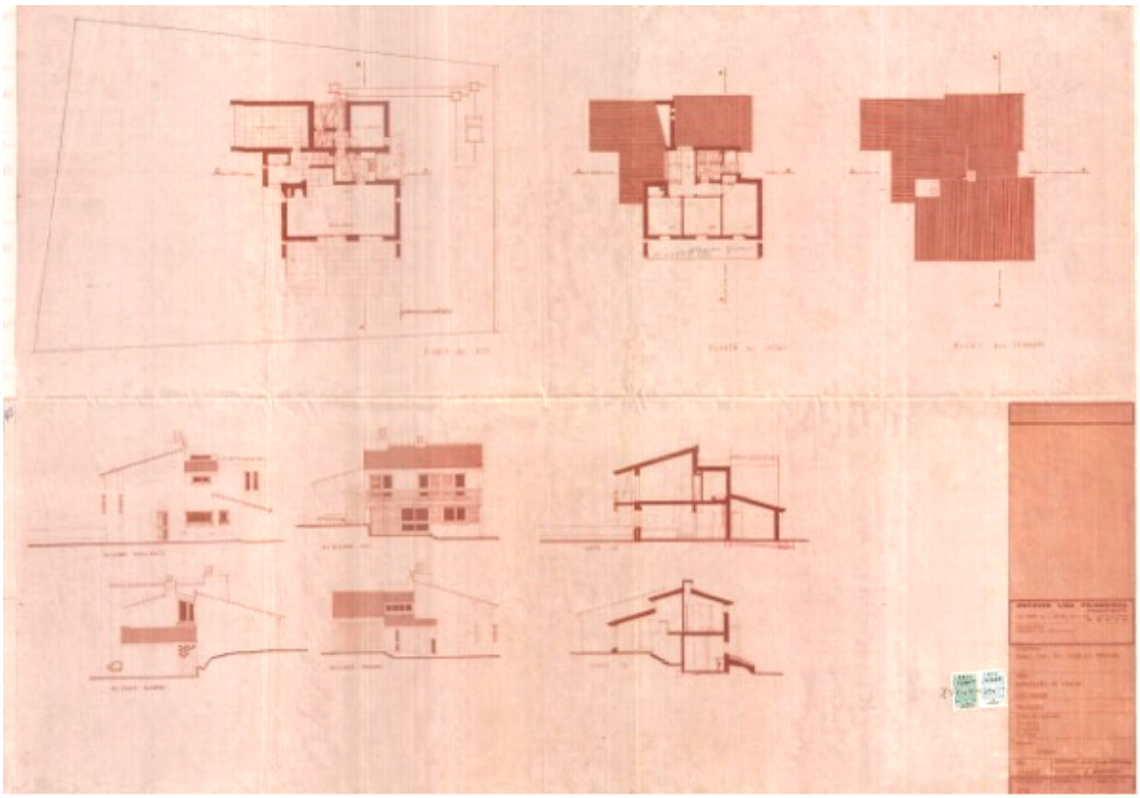
ores não resistentes, serão de alvenaria de tijolo vazado; os paramentos interiores serão esboçados a áspero e caiadas, salvo nos lambrins dos banheiros, da cozinha, dispensa e alpendre de serviço, que serão revestidos a azulejo branco até à altura de 1,50 m; pavimentos de tijoleira, rematados por roda-pé do mesmo material, salvo nos banheiros, cozinha, dispensa e alpendre de serviço, onde serão revestidos a mosaico hidráulico de marmorite, com roda-pé do mesmo material; a cobertura é de telha nacional assente sobre esteira de betão pré-tendido e pré-fabricado, material este a utilizar, também na zona onde há sobreposição de pisos (zona dos quartos), devendo os respectivos cálculos ser apresentados oportunamente pela casa fornecedora, juntamente com os cálculos da laje de betão armado, em consola, que constituirá a varanda da zona dos quartos; todos os tectos deixarão à vista, para encerar, os tijolos e vigotas da estrutura; nas caixilharias, gelozias e portas exteriores empregar-se-á madeira exótica envernizada e as portas interiores, do tipo "Placarol", terão acabamento de folheado da mesma madeira, também a empregar nos marcos e guarnições, tudo encerado a verniz-cera com tapa-poros. O abastecimento de água e electricidade está garantido pelos ramais das redes camarárias e os esgotos, cujo esquema seindica, descarregarão para um sumidouro depois do tratamento das águas negras em fossa séptica.

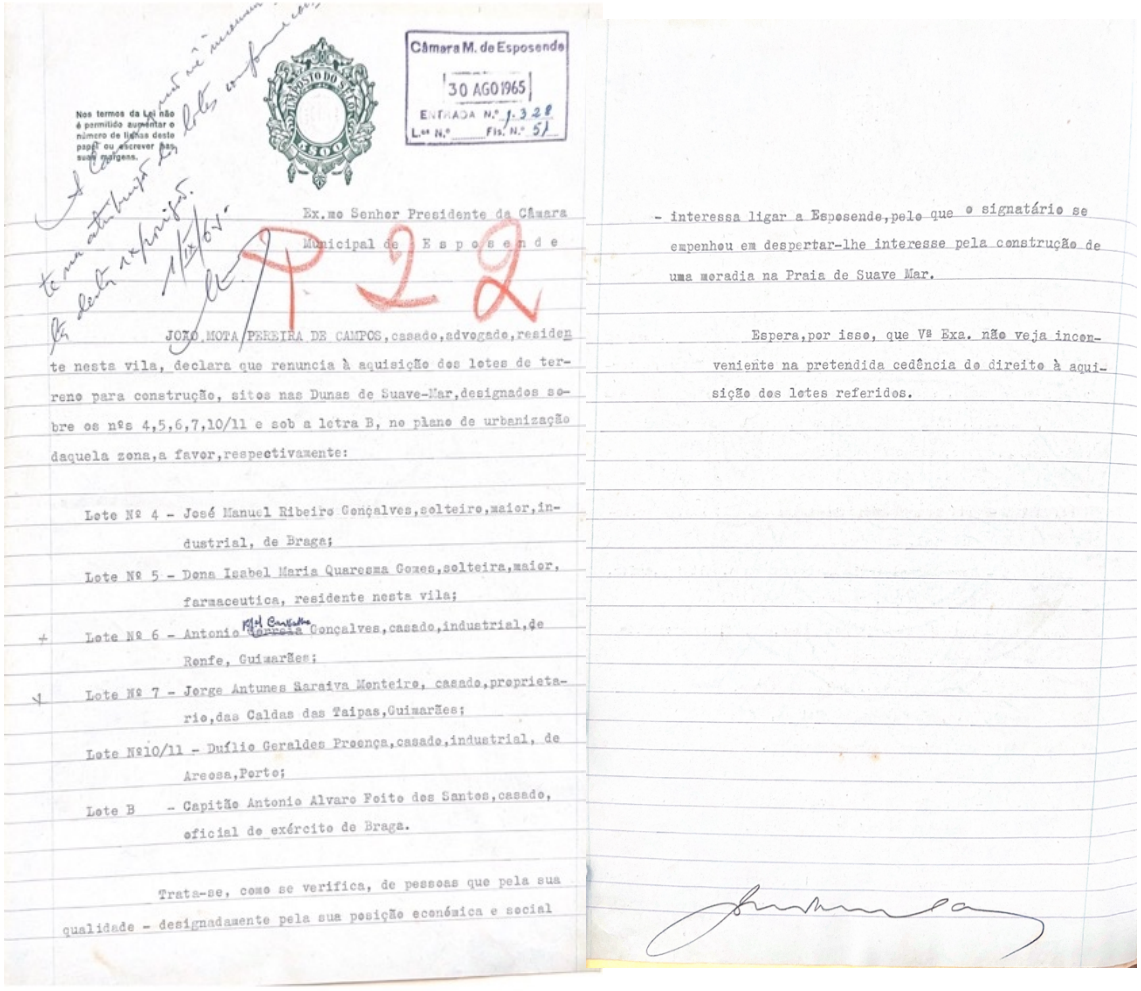
Finalmente, tudo será feito de acordo com as boas normas construtivas e a regulamentação em vigor.

Esposende, 17 de Abril de 1968.

Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968.
Anexo 39.6.1 - Memória descritiva 2/2. Fonte: Processo 387-68, AME.

Anexo 39 - Projeto para casa no lote 21 da R. Praia Suave Mar, Octávio Lixa Filgueiras, 1968.
Anexo 39.7 - Projeto completo. Fonte: Processo 387-68, AME.





Câmara M. de Esposende
30 AGO 1965
ENTRADA N.º 1.328
Liv. N.º ___ Fls. N.º 51

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara
Municipal de E s p o s e n d e

JOÃO MOTA PEREIRA DE CAMPOS, casado, advogado, residente nesta vila, declara que renuncia à aquisição dos lotes de terreno para construção, sitos nas Dunas de Suave-Mar, designados sobre os nºs 4,5,6,7,10/11 e sob a letra B, no plano de urbanização daquela zona, a favor, respectivamente:

Lote Nº 4 - José Manuel Ribeiro Gonçalves, solteiro, maior, industrial, de Braga;

Lote Nº 5 - Dona Isabel Maria Quaresma Gomes, solteira, maior, farmaceutica, residente nesta vila;

Lote Nº 6 - Antonio [illegible] Gonçalves, casado, industrial, de Renfe, Guimarães;

Lote Nº 7 - Jorge Antunes Maraiva Monteiro, casado, proprietario, das Caldas das Taipas, Guimarães;

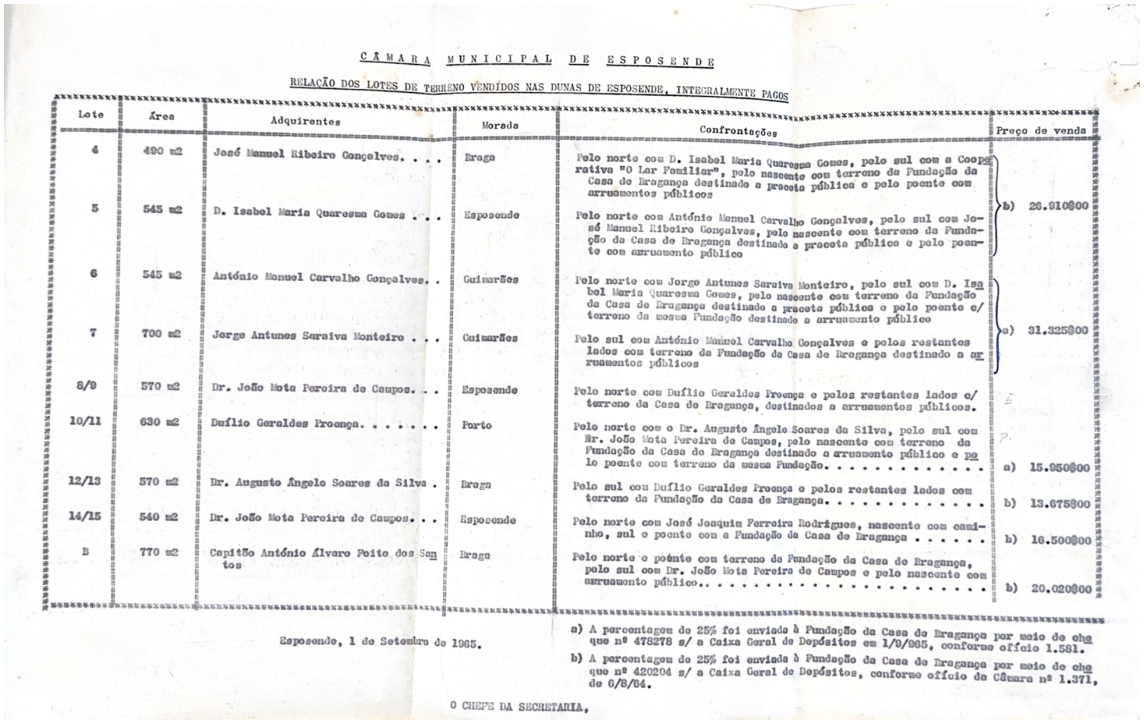
Lote Nº10/11 - Duílio Geraldes Fresnça, casado, industrial, de Areosa, Porto;

Lote B - Capitão Antonio Alvaro Feito dos Santos, casado, oficial de exército de Braga.

Trata-se, como se verifica, de pessoas que pela sua qualidade - designadamente pela sua posição económica e social - interessa ligar a Esposende, pelo que o signatário se empenhou em despertar-lhe interesse pela construção de uma moradia na Praia de Suave Mar.

Espera, por isso, que Vª Exa. não veja inconveniente na pretendida cedência do direito à aquisição dos lotes referidos.

Anexo 40 - Correspondência entre João Mota Campos e CME, 30 Agosto 1965. Fonte: 7926 (Casa de Bragança), AME.



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

RELAÇÃO DOS LOTES DE TERRENO VENDIDOS NAS DUNAS DE ESPOSENDE, INTEGRALMENTE PAGOS

Lote	Área	Adquirentes	Morada	Confrontações	Preço de venda
4	490 m2	José Manuel Ribeiro Gonçalves. . . .	Braga	Pelo norte com D. Isabel Maria Quaresma Gomes, pelo sul com a Cooperativa "O Lar Familiar", pelo nascente com terreno da Fundação da Casa de Bragança destinado a praceta pública e pelo poente com arruamentos públicos	b) 26.910$00
5	545 m2	D. Isabel Maria Quaresma Gomes . . .	Esposende	Pelo norte com António Manuel Carvalho Gonçalves, pelo sul com José Manuel Ribeiro Gonçalves, pelo nascente com terreno da Fundação da Casa de Bragança destinado a praceta pública e pelo poente com arruamento público	
6	545 m2	António Manuel Carvalho Gonçalves. .	Guimarães	Pelo norte com Jorge Antunes Saraiva Monteiro, pelo sul com D. Isabel Maria Quaresma Gomes, pelo nascente com terreno da Fundação da Casa de Bragança destinado a praceta pública e pelo poente c/ terreno da mesma Fundação destinado a arruamento público	a) 31.325$00
7	700 m2	Jorge Antunes Saraiva Monteiro . . .	Guimarães	Pelo sul com António Manuel Carvalho Gonçalves e pelos restantes lados com terreno da Fundação da Casa de Bragança destinado a arruamentos públicos	
8/9	570 m2	Dr. João Mota Pereira de Campos. . .	Esposende	Pelo norte com Duílio Geraldes Proença e pelos restantes lados c/ terreno da Casa de Bragança, destinados a arruamentos públicos.	
10/11	630 m2	Duílio Geraldes Proença.	Porto	Pelo norte com o Dr. Augusto Ângelo Soares da Silva, pelo sul com Dr. João Mota Pereira de Campos, pelo nascente com terreno da Fundação da Casa de Bragança destinado a arruamento público e pelo poente com terreno da mesma Fundação.	a) 15.050$00
12/13	570 m2	Dr. Augusto Ângelo Soares da Silva .	Braga	Pelo sul com Duílio Geraldes Proença e pelos restantes lados com terreno da Fundação da Casa de Bragança.	b) 13.675$00
14/15	540 m2	Dr. João Mota Pereira de Campos. . .	Esposende	Pelo norte com José Joaquim Ferreira Rodrigues, nascente com caminho, sul e poente com a Fundação da Casa de Bragança	b) 16.500$00
B	770 m2	Capitão António Álvaro Feito dos Santos	Braga	Pelo norte e poente com terreno da Fundação da Casa de Bragança, pelo sul com Dr. João Mota Pereira de Campos e pelo nascente com arruamento público..	b) 20.020$00

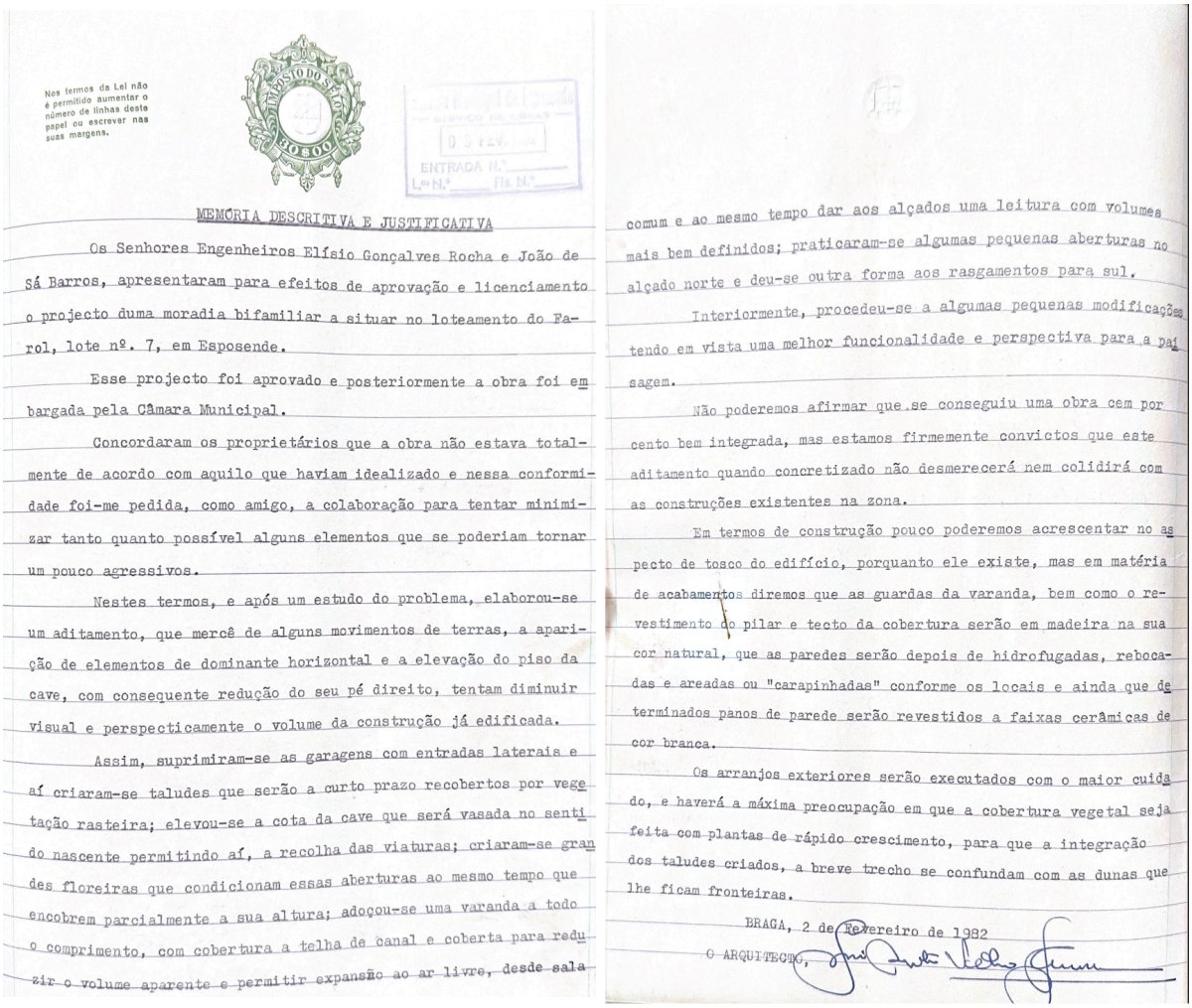
Esposende, 1 de Setembro de 1965.

a) A percentagem de 25% foi enviada à Fundação da Casa de Bragança por meio de chq que nº 478278 s/ a Caixa Geral de Depósitos em 1/9/965, conforme offcio 1.561.

b) A percentagem de 25% foi enviada à Fundação da Casa de Bragança por meio de chq que nº 420204 s/ a Caixa Geral de Depósitos, conforme offcio da CÂmara nº 1.371, de 6/8/64.

O CHEFE DA SECRETARIA,

Anexo 41 - "Relação dos lotes de terreno vendidos nas dunas de Esposende", 1 Setembro 1965. Fonte: 7926 (Casa de Bragança), AME.



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

Os Senhores Engenheiros Elísio Gonçalves Rocha e João de Sá Barros, apresentaram para efeitos de aprovação e licenciamento o projecto duma moradia bifamiliar a situar no loteamento do Farol, lote nº. 7, em Esposende.

Esse projecto foi aprovado e posteriormente a obra foi embargada pela Câmara Municipal.

Concordaram os proprietários que a obra não estava totalmente de acordo com aquilo que haviam idealizado e nessa conformidade foi-me pedida, como amigo, a colaboração para tentar minimizar tanto quanto possível alguns elementos que se poderiam tornar um pouco agressivos.

Nestes termos, e após um estudo do problema, elaborou-se um aditamento, que mercê de alguns movimentos de terras, a aparição de elementos de dominante horizontal e a elevação do piso da cave, com consequente redução do seu pé direito, tentam diminuir visual e perspecticamente o volume da construção já edificada.

Assim, suprimiram-se as garagens com entradas laterais e aí criaram-se taludes que serão a curto prazo recobertos por vegetação rasteira; elevou-se a cota da cave que será vasada no sentido nascente permitindo aí, a recolha das viaturas; criaram-se grandes floreiras que condicionam essas aberturas ao mesmo tempo que encobrem parcialmente a sua altura; adoçou-se uma varanda a todo o comprimento, com cobertura a telha de canal e coberta para reduzir o volume aparente e permitir expansão ao ar livre, desde sala comum e ao mesmo tempo dar aos alçados uma leitura com volumes mais bem definidos; praticaram-se algumas pequenas aberturas no alçado norte e deu-se outra forma aos rasgamentos para sul.

Interiormente, procedeu-se a algumas pequenas modificações tendo em vista uma melhor funcionalidade e perspectiva para a paisagem.

Não poderemos afirmar que se conseguiu uma obra cem por cento bem integrada, mas estamos firmemente convictos que este aditamento quando concretizado não desmerecerá nem colidirá com as construções existentes na zona.

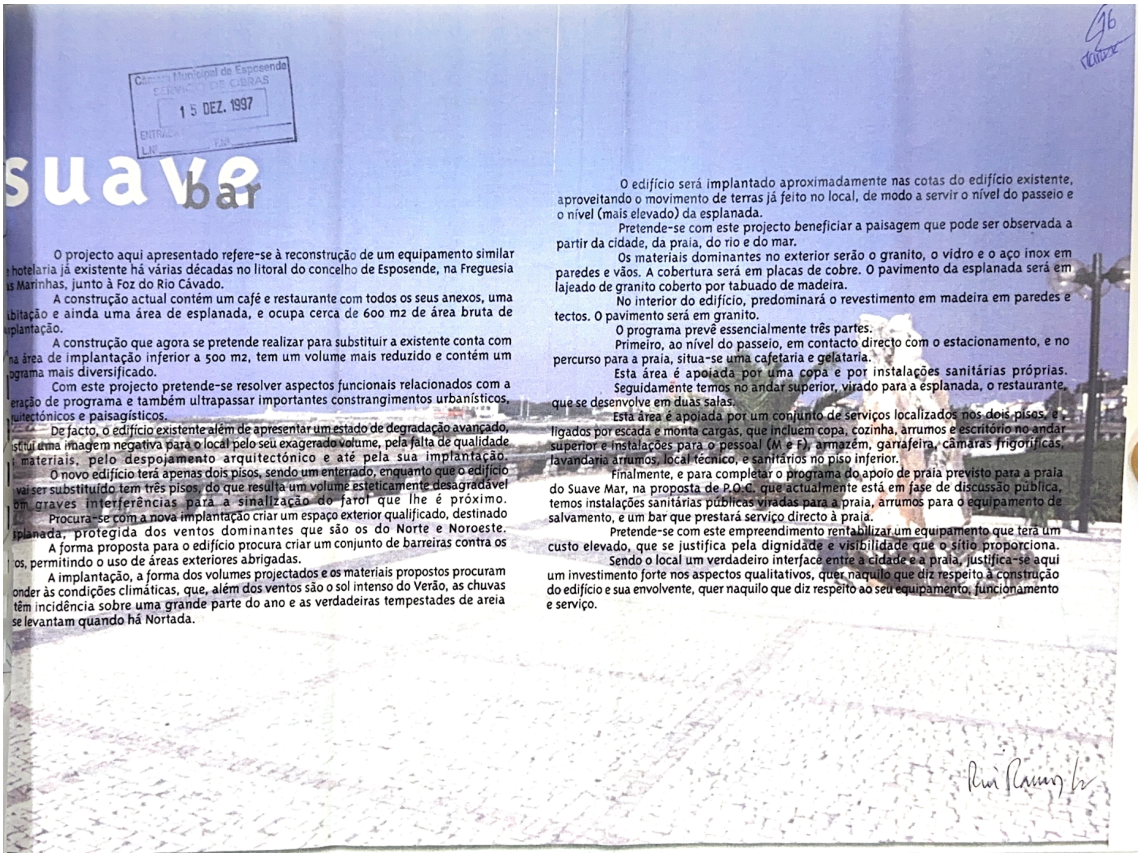
Em termos de construção pouco poderemos acrescentar no aspecto de tosco do edifício, porquanto ele existe, mas em matéria de acabamentos diremos que as guardas da varanda, bem como o revestimento do pilar e tecto da cobertura serão em madeira na sua cor natural, que as paredes serão depois de hidrofugadas, rebocadas e areadas ou "carapinhadas" conforme os locais e ainda que determinados panos de parede serão revestidos a faixas cerâmicas de cor branca.

Os arranjos exteriores serão executados com o maior cuidado, e haverá a máxima preocupação em que a cobertura vegetal seja feita com plantas de rápido crescimento, para que a integração dos taludes criados, a breve trecho se confundam com as dunas que lhe ficam fronteiras.

BRAGA, 2 de Fevereiro de 1982

O ARQUITECTO,

Anexo 42 - Memória descritiva do projeto para duas moradias geminadas no lote 7 da R. Praia do Suave Mar, Elísio Gonçalves Rocha, 2 Fevereiro 1982. Fonte: Processo 70/81, AME.



suave bar

Câmara Municipal de Esposende
SERVIÇO DE OBRAS
15 DEZ. 1997

O projecto aqui apresentado refere-se à reconstrução de um equipamento similar hotelaria já existente há várias décadas no litoral do concelho de Esposende, na Freguesia as Marinhas, junto à Foz do Rio Cávado.

A construção actual contém um café e restaurante com todos os seus anexos, uma abitação e ainda uma área de esplanada, e ocupa cerca de 600 m2 de área bruta de plantação.

A construção que agora se pretende realizar para substituir a existente conta com na área de implantação inferior a 500 m2, tem um volume mais reduzido e contém um grama mais diversificado.

Com este projecto pretende-se resolver aspectos funcionais relacionados com a eração de programa e também ultrapassar importantes constrangimentos urbanísticos, uitectónicos e paisagísticos.

De facto, o edifício existente além de apresentar um estado de degradação avançado, stitui uma imagem negativa para o local pelo seu exagerado volume, pela falta de qualidade materiais, pelo despojamento arquitectónico e até pela sua implantação.

O novo edifício terá apenas dois pisos, sendo um enterrado, enquanto que o edifício vai ser substituído tem três pisos, do que resulta um volume esteticamente desagradável om graves interferências para a sinalização do farol que lhe é próximo.

Procura-se com a nova implantação criar um espaço exterior qualificado, destinado splanada, protegida dos ventos dominantes que são os do Norte e Noroeste.

A forma proposta para o edifício procura criar um conjunto de barreiras contra os os, permitindo o uso de áreas exteriores abrigadas.

A implantação, a forma dos volumes projectados e os materiais propostos procuram onder às condições climáticas, que, além dos ventos são o sol intenso do Verão, as chuvas têm incidência sobre uma grande parte do ano e as verdadeiras tempestades de areia se levantam quando há Nortada.

O edifício será implantado aproximadamente nas cotas do edifício existente, aproveitando o movimento de terras já feito no local, de modo a servir o nível do passeio e o nível (mais elevado) da esplanada.

Pretende-se com este projecto beneficiar a paisagem que pode ser observada a partir da cidade, da praia, do rio e do mar.

Os materiais dominantes no exterior serão o granito, o vidro e o aço inox em paredes e vãos. A cobertura será em placas de cobre. O pavimento da esplanada será em lajeado de granito coberto por tabuado de madeira.

No interior do edifício, predominará o revestimento em madeira em paredes e tectos. O pavimento será em granito.

O programa prevê essencialmente três partes.

Primeiro, ao nível do passeio, em contacto directo com o estacionamento, e no percurso para a praia, situa-se uma cafetaria e gelataria.

Esta área é apoiada por uma copa e por instalações sanitárias próprias.

Seguidamente temos no andar superior, virado para a esplanada, o restaurante, que se desenvolve em duas salas.

Esta área é apoiada por um conjunto de serviços localizados nos dois pisos, e ligados por escada e monta cargas, que incluem copa, cozinha, arrumos e escritório no andar superior e instalações para o pessoal (M e F), armazém, garrafeira, câmaras frigoríficas, lavandaria arrumos, local técnico, e sanitários no piso inferior.

Finalmente, e para completar o programa do apoio de praia previsto para a praia do Suave Mar, na proposta de P.O.C. que actualmente está em fase de discussão pública, temos instalações sanitárias públicas viradas para a praia, arrumos para o equipamento de salvamento, e um bar que prestará serviço directo à praia.

Pretende-se com este empreendimento rentabilizar um equipamento que terá um custo elevado, que se justifica pela dignidade e visibilidade que o sítio proporciona.

Sendo o local um verdadeiro interface entre a cidade e a praia, justifica-se aqui um investimento forte nos aspectos qualitativos, quer naquilo que diz respeito à construção do edifício e sua envolvente, quer naquilo que diz respeito ao seu equipamento, funcionamento e serviço.

Rui Ramos Loza

Anexo 43 - Memória descritiva do projeto para o novo bar da praia, Rui Ramos Loza, 15 Dezembro 1997. Fonte: Processo 691/97, AME.